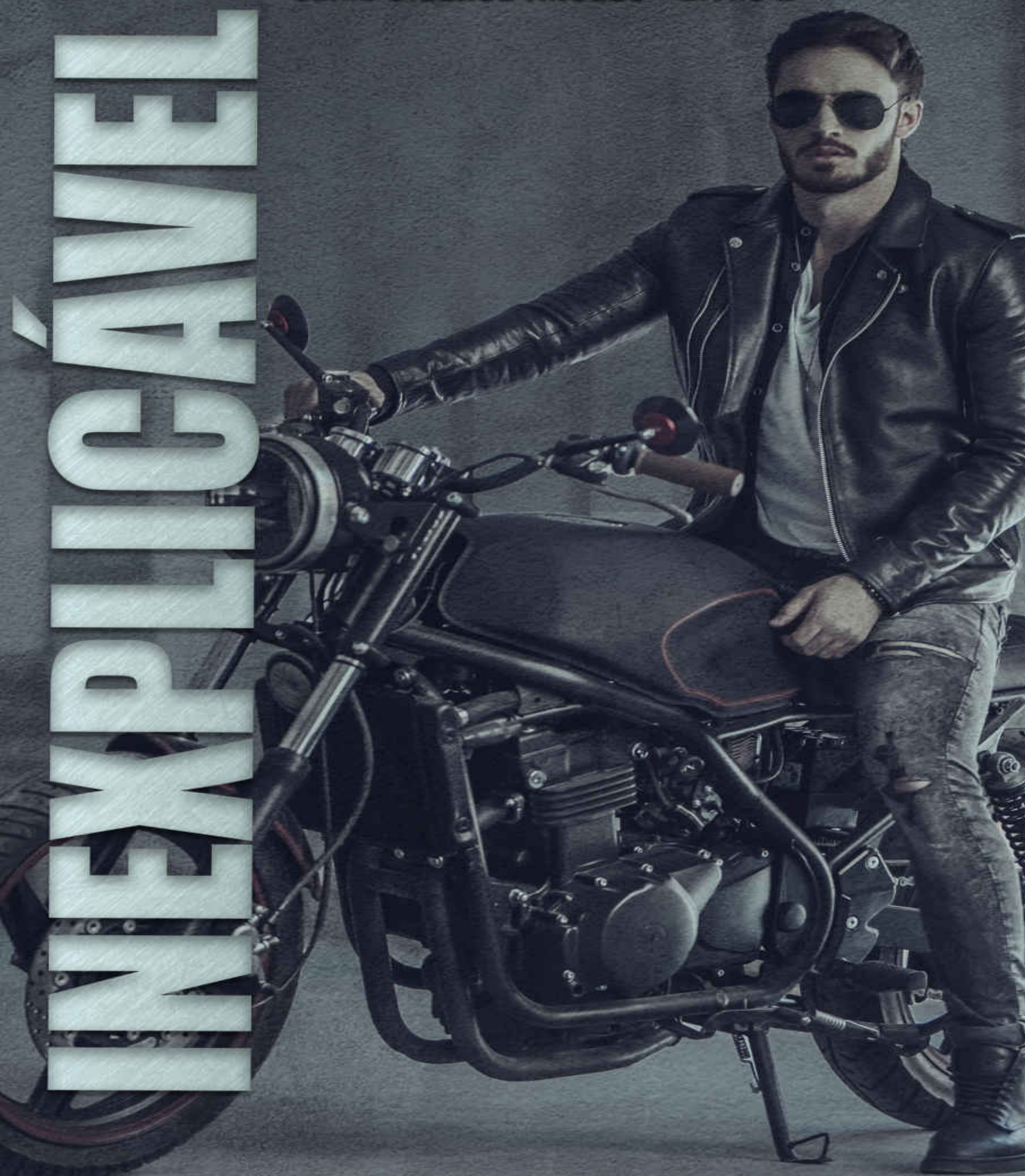


“ATÉ QUE PONTO VOCÊ PODE IR SEM QUEBRAR?”
SÉRIE SILENCE ANGELS - LIVRO 2



GLAYCIANE COSTA



INEXPLICÁVEL
GLAYCIANE COSTA

Glacyane Costa

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Lune Design

Revisão: Artemia Souza

Revisão final: BM Assessoria

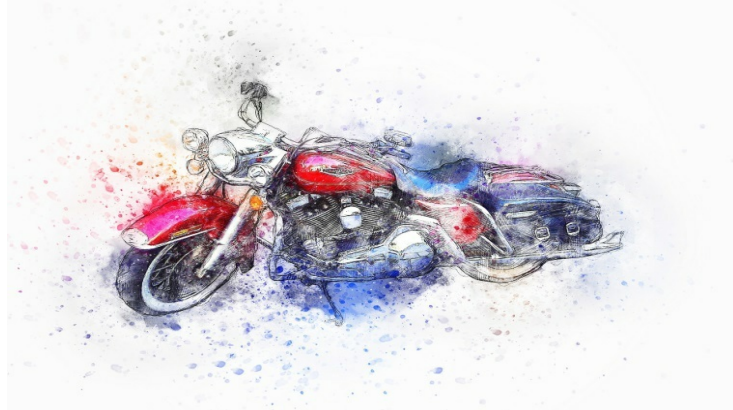
Diagramação Digital: Glacyane Costa

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Dedicatória

Dedico este livro a todas as Livie`s que escondem suas dores atrás de uma armadura. Permitam-se sentir, permitam-se sonhar. O mundo se torna menos cruel quando você se permite viver.



She Will Be Loved Maroon 5

*Procure a garota com o sorriso partido
Pergunte a ela se ela quer ficar por um tempo...*



Sumário

Prólogo

Collin

Capítulo 1

Livie

Capítulo 2

Livie

Capítulo 3

Livie

Collin

Capítulo 4

Livie

Collin

Capítulo 5

Livie
Collin
Capítulo 6
Livie
Collin
Capítulo 7
Livie
Collin
Capítulo 8
Livie
Capítulo 9
Collin
Livie
Capítulo 10
Collin
Livie
Capítulo 11
Collin
Livie
Capítulo 12
Collin
Livie
Capítulo 13
Collin
Livie
Capítulo 14
Livie
Capítulo 15
Collin
Capítulo 16
Collin
Livie
Capítulo 17
Livie
Collin
Livie

Capítulo 18

Livie

Capítulo 19

Collin

Livie

Capítulo 20

Livie

Collin

Livie

Capítulo 21

Livie

Collin

Capítulo 22

Livie

Capítulo 23

Collin

Livie

Collin

Capítulo 24

Collin

Capítulo 25

Livie

Collin

Capítulo 26

Collin

Capítulo 27

Livie

Capítulo 28

Livie

Capítulo 29

Livie

Collin

Capítulo 30

Livie

Collin

Livie

Capítulo 31

Livie

Collin

Capítulo 32

Collin

Livie

Collin

Livie

Capítulo 33

Livie

Collin

Livie

Capítulo 34

Livie

Collin

Livie

Capítulo 35

Livie

Capítulo 36

Livie

Capítulo 37

Livie

Capítulo 38

Livie

Collin

Capítulo 39

Livie

Capítulo 40

Collin

Livie

Collin

Capítulo 41

Livie

Collin

Livie

Collin

Livie

Capítulo 42

Livie

Collin

Livie

Capítulo 43

Livie

Epílogo

Livie

Collin

Livie

Em breve

Prólogo Inconsequente

Mark

Agradecimentos

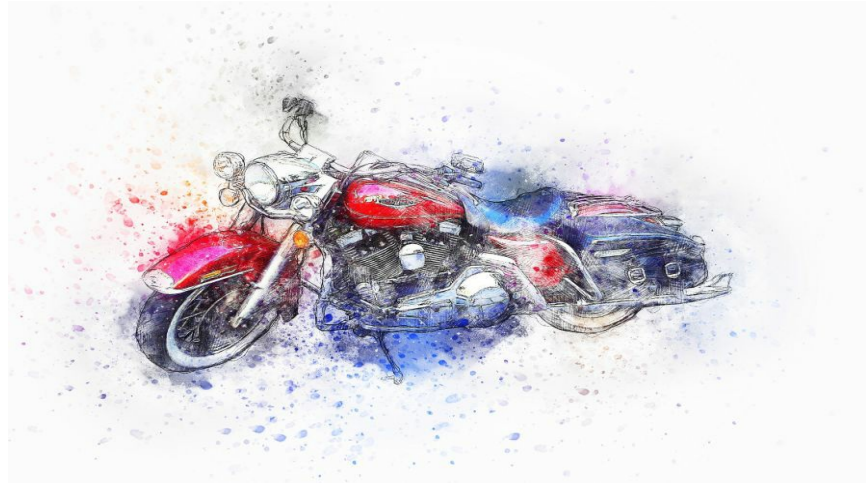


Sinopse

Até que ponto você pode ir sem quebrar? Sem se fragmentar como pequenos pedaços de vidro.

Acredito que todos possuem um ponto de ruptura, e o meu foi quando os meus bens mais preciosos foram tirados de mim. Não estou falando de bens materiais, mas das duas pessoas que eu mais amo. Quebrada em pequenos pedaços eu preciso me reerguer para ter de volta aquilo que eu amo.

Ele prometeu me amar, mas apenas me destruiu.



Prólogo

Collin

Existem momentos em que a vida te pega de surpresa. São esses momentos que te fazem viver, porque se você não suportar todas as provações, você não é forte o suficiente para estar vivo, então se você está lendo isso hoje é porque você é um guerreiro. Não importa o que digam. Você sobreviveu mais um dia e você é um vencedor por estar aqui.

Eu nasci no lado certo do trailer, minha família era de classe média até que minha mãe começou a se envolver com drogas, e tudo o que tínhamos foi se perdendo para traficantes e agiotas e todos os dias eu era um sobrevivente por conseguir minha próxima respiração. Minha mãe ficava tão transtornada e me culpava por tudo, sempre que podia deixava sua marca em mim. Até que eu fiquei mais forte e ela nunca mais se atreveu a me tocar.

Eu permaneci na mesma casa, não porque sentia algo por ela e sim pela minha vizinha Carly, a garota das mexas roxas. Ela me mostrou o que é a vida, o que é viver e não apenas sobreviver. Essa mesma garota tomou um pedaço de mim que nem eu sabia que existia. Uma parte que eu pensei que tivesse enterrado junto com seu corpo, até que eu conheci sua irmã.



Capítulo 1

Livie

Não fazia parte dos meus planos ser irmã mais velha de dois irmãos, também não fazia parte dos meus planos ter dois pais drogados ou ter uma mãe fugitiva que me deixou com a guarda de duas crianças. Uma de três anos e outra de seis meses, mas eu não me ressinto por isso. Porque na verdade eu nunca tive um plano. O momento mais feliz do dia seria sobreviver aos socos que eu recebia diariamente dos meus pais. Só que agora com meus dois bebês lindos eu tenho por quem lutar. Eu não vou deixar que vivam no mesmo ambiente em que eu vivi, ou melhor, sobrevivi. Passei os últimos quatro anos economizando o máximo de dinheiro possível para conseguir alugar um apartamento em uma pequena parte da cidade, eu não vou dizer que não é perigoso. Porém, morar com meu pai pode ser pior. Infelizmente eu não fui inteligente o suficiente para esconder esse dinheiro da minha mãe e assim que ela deu à luz a pequena Emma fugiu mais uma vez, só que levando os meus últimos centavos. Essa ação me deixou de cama por dois dias chorando por tudo que ela levou de mim, e de nós. Mas assim que o pequeno Noah se deitou ao meu lado e colocou seu pequeno punho no meu rosto, limpando as lágrimas do meu rosto, eu decidi lutar por eles. Eles são meus agora, minha vida. Não foi fácil, mas por já trabalhar com a Sra. Claire, ela me permitiu morar no andar de cima do restaurante. Quando finalmente saí de casa assumi os três turnos, e tive a benção de que os donos são maravilhosos, que acolheu a mim e os meus irmãos. Eles nos deram a chave do apartamento em cima da lanchonete para morarmos, então não precisamos continuar mais no parque de trailers, eu também não preciso pagar aluguel e mais uma vez os Williams me ajudaram em mais uma etapa da minha vida. Eu tive que desistir da universidade, apesar da minha nota no SAT^[1] ter sido elevada. Tenho outras prioridades no momento e entre elas é alimentar esses pequenos monstros que estão me olhando há 20 minutos. Noah tem a mão na boca enquanto Emma tem um sorriso babado no rosto. Noah desenha círculos na barriga de Emma que parece está realmente aproveitando. Assim que ele percebe meus olhos abertos pula por cima de Emma e joga seu pequeno corpo em cima de mim em um abraço meio atrapalhado.

— Bom dia, pequeno marinheiro — falo com uma voz alegre enquanto ele deita sua cabeça debaixo do meu queixo.

— Dia — ele responde com um pequeno suspiro. Emma começa a contrair o rosto e eu sei que em breve começará seu show. Abraço Noah por mais alguns minutos antes de me levantar e ver a surpresa que ela esconde naquela bendita fralda.

Pegando Emma em meus braços seguro a mão de Noah e os levo em direção ao banheiro, preparo a banheira de Emma e enquanto seguro ela em um braço ajudo Noah a se despir mesmo sabendo que ele já não gosta da minha ajuda.

Meu bebê está crescendo.

Depois que Noah entrou no chuveiro pego o sabonete e o shampoo e o ajudo a se ensaboar, deito Emma no balcão e começo a retirar sua fralda.

— Maaah! Feedeee — Noah gritou do outro lado do box,

Olho para a pequena bombinha à minha frente e ela me encara com um sorriso desdentado.

— Você está gostando disso, né? — Jogo a fralda no cesto. Enquanto Noah se enrola na toalha coloco Emma debaixo do chuveiro para tirar o excesso e depois a coloco na banheira, após alguns minutos finalizo o banho dela e ajudo meu irmão a se vestir. Deixo os dois brincando no chão do quarto e volto ao banheiro para o meu tão merecido banho.



— Não *quelo* o vede. — Noah enrugou seu rosto quando coloco um prato verde com ovos mexidos à sua frente. Toda semana a sua cor favorita muda, a verde foi a que durou mais tempo. Olho para ele e estreito meus olhos antes de ir para o pequeno armário e pegar o prato do Homem-Aranha preto. Troco os ovos para o novo prato e ele me dá um grande sorriso antes de começar a devorar. Depois que a maioria dos seus dentes de leite nasceram ele faz questão de mostrá-los a cada sorriso. Pego Emma do seu cadeirão e a apoio na minha perna enquanto dou a mamadeira e tento me alimentar com a

mão livre. Noah faz uma pequena bagunça com seus ovos, sem contar com as gotas de suco na sua camiseta nova, mas o olhar feliz em seu rosto por estar se alimentando sozinho é impagável.

Emma diminui o seu aperto na mamadeira e eu sei que é um sinal de que ela está satisfeita. Noah empurra o prato para a frente e me dá um sorriso.

— Vamos trocar essa camisa para que possamos descer. — Ele corre na frente em direção ao quarto e eu começo a recolher os pratos. Colocando Emma de volta no cadeirão, lavo toda a louça, assim quando chegarmos à noite eu vou poder ter mais tempo de sono. O restaurante normalmente começa a funcionar às 6h, mas como preciso levar meus irmãos o meu horário mudou para 7h30, mas em consequência eu preciso ficar até às 21h, horário em que o restaurante fecha, e como os Williams moram em uma casa afastada da cidade eu preciso fechar a lanchonete.

Enquanto trabalho, os meninos ficam no escritório com a senhora Claire. No final do expediente preciso lidar com um Noah irritado por atrapalhar seu sono e uma Emma chorosa, sorte a minha que assim que eles chegam em casa voltam a dormir imediatamente. Enquanto isso, preciso lidar com os deveres domésticos e os gastos mensais. Não está sendo fácil, as despesas estão aumentando conforme eles vão crescendo. Mas eu não posso me preocupar com isso agora, tudo vai se resolver no final, assim eu espero.

— *Ponto, Mah* — Noah grita do quarto. Pego Emma, as chaves e a bolsa dela em cima do balcão que divide a cozinha da sala.

— Vamos, baby! — chama-o e ele vem correndo com uma camisa na mão. Ajudo-o a trocar e depois jogo a roupa suja no sofá e bagunço seu cabelo quando ele passa por mim; tranco tudo antes de encontrá-lo no topo da escada. Ele segura minha mão enquanto descemos os degraus, Emma apoia a cabeça no meu ombro e brinca com a gola da minha camisa. Quando chegamos ao café ele ainda não está totalmente lotado, mas está quase. Isso significa que o dia vai ser longo. Noah passa entre as mesas e vai direto para o escritório, às vezes tropeçando em seus próprios pés. Sigo atrás dele, ignorando os olhares avaliativos que sempre recebo quando as pessoas me veem com os dois. Normalmente eles costumam murmurar palavras como perdida, puta. Alguns, em sua minoria, se recusam a ser atendidos por mim e fico feliz por isso, já que são mesas a menos para eu atender.

Passo entre as mesas com a cabeça baixa. Minha vida escolar foi bastante atormentada por garotas mesquinhas que não tinham ideia do que era a realidade. Eu aprendi isso muito nova e às vezes eu preferia ter nascido dentro de uma bolha.

Quando nos aproximamos da porta do escritório há uma mesa com um grupo de homens sentados ao redor dela. Eles estão todos bem-vestidos, o que me faz perguntar o que chamou minha atenção para eles. Normalmente eu evito o máximo olhar para homens com status social elevado. Minha experiência no ensino médio com pessoas assim não foi uma das melhores. Mas eu não consigo desviar o olhar deles, eu sei que preciso começar a me mover o quanto antes, porque ficar que nem uma estátua olhando para eles não vai ajudar muito na minha fama de esquisita. Todos sorriem abertamente para um garoto loiro extremamente empolgado falando. Com exceção de um, que tem um sorriso no rosto, mas não tão aberto, ele está vestindo uma blusa preta de manga comprida e um gorro cinza cobre sua cabeça que está levemente inclinada enquanto seus braços esticados na mesa brincam com o porta-guardanapos. Seu sorriso é lindo e um pouco hipnotizante, eu não percebi que estava encarando-o até que a senhora Claire sai do seu escritório.

— Por que você não vai falar com ele? — ela pergunta e coloca uma mão sobre o meu ombro.

Já me fiz essa pergunta um milhão de vezes, desde que eu comecei a gostar de Luke, o melhor aluno da minha turma, mas o que ele fez me marcou de diversas maneiras e nada me garante que esse estranho não vai fazer o mesmo. Dando um último olhar para a mesa volto a encarar Claire que me olha de um jeito estranho. Passando a mão pelos meus cabelos ela volta a falar:

— Um dia você estará pronta para isso, Liv. — Balanço a cabeça, mas lá no fundo não concordo com seu pensamento. Começo a segui-la, mas por instinto volto a olhar na direção do rapaz e agora ele olha diretamente para mim.

O sorriso no seu rosto sumiu.

Assustada volto a entrar no escritório para que eu possa ajeitar os meninos e assim começar meu turno.

Noah já está sentado no chão com todos os lápis espalhados ao redor, ele é um garoto fácil de lidar. A senhora Claire leva Emma dos meus braços e volto para ajudar a servir.



O café está mais lotado do que de costume, os rapazes da mesa traseira continuam bagunçando, mas até agora ninguém me chamou para atender e eu com certeza não irei lá por livre e espontânea vontade. Estou atrás do caixa organizando tudo para que a minha saída seja mais rápida.

Se o dia continuar nesse ritmo nem meus tênis Chuck Taylor vão salvar meus pés. O sino da porta toca avisando que tem cliente novo. Levanto minha cabeça só para abaixar novamente. Kristen e sua tropa atacam novamente. Meu peito aperta com a expectativa do que elas vieram fazer aqui. Olho em direção aos rapazes e não há um sinal de que eles estão saindo.

Observo as garotas se posicionarem na mesa antes de me dirigir até elas. Pego os cardápios e a caderneta, verifico se a minha blusa de mangas compridas está corretamente sobre meus pulsos para me aproximar da mesa.

— Bom dia, no que posso ajudar? — Mantenho minha cabeça baixa, evitando olhar em direção a elas. Kristen, a líder do grupo, faz um leve movimento com a mão pedindo os cardápios e em nenhum momento olha para mim. Depois que eu entrego o cardápio a todas começo a me retirar mas a voz da Kristen me para:

— Você pode continuar aí, não vamos demorar muito a pedir. — Enquanto leem o cardápio elas conversam sobre a vida perfeita e como a universidade está sendo cansativa.

Imagino como seria elas cuidando de duas crianças pequenas e trabalhando mais de 10 horas por dia.

— E você, Olivia? — Ela costuma errar o meu nome de propósito mesmo que eu já tenha explicado várias vezes que meu nome é Livie, somente.

— O que tem eu? — Ashley, seu braço direito me dá um leve sorriso

de escárnio antes de responder por sua amiga.

— Como tem ido na faculdade? — Sua sobrancelha perfeitamente desenhada levanta e eu não posso deixar de notar os risos que o resto delas tentam esconder.

— Eu não...— Minha resposta é cortada pela elevação proposital da voz de Kristen.

— Oh Deus! Sinto muito, Olivia. Esse fato fugiu da minha memória, esqueci que você não esta na faculdade. Ela precisa cuidar dos bastardos, meninas — ela fala, mas seus olhos continuam em mim. Eu posso me acostumar com suas agressões, mas uma coisa que não permito é que ofendam minha família. Sem me importar com o público ao redor, puxo seus cabelos com as mãos e a jogo no chão antes de montar em cima dela. Levanto minha mão para atingir seu rosto, mas braços fortes circulam minha cintura e me tiram de cima dela.

— Vai com Calma, Tinker Bell. — Minha respiração está ofegante e meu cabelo está em todo o meu rosto. Kristen começa a gritar com sua voz estridente. *Me debato*, mas seu aperto é tão forte que eu não consigo me mexer.

— Nunca mais ouse falar assim dos meus irmãos. *Me solta!*

— Eu não vou te soltar. — Seu hálito quente traz arrepios na minha pele.

— Livie, agora é o seu intervalo. Vá descansar! — O homem me carrega todo o caminho até o escritório, continuo me debatendo, mas só faz com que o seu aperto aumente ainda mais.

Assim que estamos dentro do escritório ele me solta e viro para encará-lo, o cara de gorro me observa. Seus olhos estão fixos no meu rosto e sua cabeça está levemente inclinada, observando-me, todo o meu corpo treme e eu estou a ponto de ter um colapso. Noah e Emma estão em um sono profundo no sofá, Noah tem uma mão sobre a barriga da Emma. Mesmo sendo tão novo ele tem um instinto protetor sobre ela.

Ainda sentindo a raiva percorrendo meu corpo empurro seu corpo até que ele sai, fecho a porta com cuidado e caminho para o canto mais

distante dos dois, sentando no chão seguro minha cabeça com as mãos enquanto tomo respirações profundas. Ainda são 9h30 e meu dia já está desabando.



Capítulo 2

Livie

— Você sabe que aquilo que aconteceu lá fora pode ter consequências? — Claire me adverte. — Você tem sorte que aqueles rapazes são policiais, e não estavam comprados pelo prefeito. — Aceno mais uma vez, tentando controlar a raiva no meu corpo. — Por que você fez aquilo? — Ela puxa a cadeira e senta na minha frente.

— Ela chamou Noah e Emma de bastardos. — Fecho meus olhos ainda sentindo a raiva me consumir. Claire suspira e pega minhas mãos nas suas.

— Você fez bem. Mas na próxima tenta fazer isso em um local sem testemunhas. — Olho para seu rosto e a encontro sorrindo. Um suspiro de alívio escapa de mim e eu assinto.



Está faltando alguns minutos para o horário do almoço e o restaurante começou a ficar deserto. Com exceção do senhor Jimmy sentado no fim do balcão com sua caneca de café e cruzadinhas nas mãos. Mas isso será por pouco tempo. Enquanto isso vou limpando as mesas e organizando as cadeiras. Fiquei mais uns 30 minutos escondida, esperei todos saírem para retomar o trabalho e Claire foi muito compreensiva. Ela assumiu o controle e ainda expulsou Kristen educadamente do estabelecimento. Não há nada que eu faça que vá pagar o que ela fez e faz por mim.

— Senhorita Livie. — Escuto a voz de Jimmy me chamando. Vou na sua direção com a jarra de café. Ele afasta só o suficiente para que eu possa despejar o café na sua caneca, quando começo a me virar sua voz me para. Normalmente ele não é muito falante, sempre se faz parecer bem ocupado para ser incomunicável com as pessoas. — Vi o que aconteceu hoje mais cedo. — Sinto meu rosto esquentar com a memória. — Elas podem até

tentar, mas nunca chegarão aos seus pés. — Ele volta a baixar a cabeça e olha para sua cruzadinha, mas antes dele se curvar eu tenho um pequeno vislumbre de um desenho. Só que não consigo identificar.

Volto para trás do balcão e começo a anotar tudo que foi gasto pela manhã, mantenho um olho no relógio porque quero estar preparada para a chegada dos clientes.

— Com licença. — Levanto meus olhos do papel e olho para a garota à minha frente, que tem um sorriso brilhante no rosto e um sotaque diferente, mas não consigo identificar de onde. — Eu sou a May. — Ela estende a mão por cima do balcão em minha direção, aperto-a com um pequeno receio que isso seja alguma brincadeira de mal gosto. Olho para atrás dela, mas o lugar ainda continua vazio. May espera meus olhos voltarem para ela antes de continuar: — Cheguei há poucos dias na cidade e, não sei se você deve saber, mas a vida na cidade grande não é muito fácil, então eu decidi sair um pouquinho mais cedo da Universidade e procurar um emprego, mas eu não encontrei nada que se encaixe no meu perfil. Então eu decidi tomar um café e vi você e pensei: "será que ela precisa de ajuda?" e eu vim aqui procurar. — Ela divaga por alguns minutos e eu fico um pouco confusa sobre o que ela está falando. — Há alguma coisa no meu queixo? — Desvio o olhar rapidamente do seu rosto porque eu tenho o péssimo hábito de não olhar as pessoas nos olhos, então sempre foco em alguma outra parte, mas dessa vez não passou despercebido.

— Não, não. — Minha voz saiu um pouco rouca, provavelmente por falta de uso. — Eu preciso falar com a senhora Claire sobre isso...

— Sobre o que você precisa falar comigo? — Claire escolhe esse momento para sair do escritório com Emma e Noah a tira colo.

— Oi, eu sou a May.

— Claire... — Normalmente Claire costuma agir desconfiada em torno das meninas da minha idade, isso explica o olhar avaliativo que ela está dando à May.

— *Mã, eu tô com fome!* — Noah corre até onde eu estou e abraça minha perna. Pego ele em meus braços antes de sussurrar em seu ouvido: — Espere um pouco, anjo.

— Seus filhos são lindos! — Claire a observa atentamente, Noah esconde seu rosto no meu pescoço completamente alheio aos olhares de Claire. — E você é tão nova. — Seu tom muda um pouco e eu não sei dizer se é de desprezo ou admiração. Claire limpa a garganta, May olha para ela:

— Eu disse alguma coisa errada? — Seus olhos azuis agora estão um pouco arregalados.

— Eles são os meus irmãos — digo.

Coloco Noah no chão e pego Emma em meus braços.

— Sinto muito! Eu só presumir....

— As pessoas costumam presumir muito por aqui — murmuro sobre minha respiração.

— Sério, me desculpe. Meu namorado sempre diz que falta um filtro no meu cérebro. — Seu nariz enruga em uma careta. — Acho que preciso ouvi-lo mais.

May é uma garota bonita, seu cabelo é loiro quase branco e está amarrado em um rabo de cavalo alto. Seus olhos são azuis esverdeados e eu acho que ela é um pouco vesga.

— Tudo bem! — Seguro a mão de Noah na minha. — Eu acho que Claire pode ajudar sobre a questão do emprego.

— Querida? — Claire me chama. — Ela está precisando de um emprego? — Balanço a cabeça em afirmação. — Você tem alguma objecção sobre eu contratá-la?

Claire sempre fez questão de me colocar a par de tudo desde o dia em que ela me acolheu. Sei que essa pergunta significa se eu fiquei incomodada com ela de alguma forma, mas May não me pareceu uma pessoa ruim, e estamos precisando de uma mão extra, as pessoas aqui na cidade não costumam precisar de empregos.

— Não — finalmente falo.

— Okay, querida. Tome seu tempo.



Dias depois...

— Oh meu Deus! — May grita do seu lugar atrás do balcão, ela tem seu celular na mão então eu sei que isso deve estar relacionado ao seu namorado. Algumas pessoas se voltam para ela e por pouco não derrubou o prato e a jarra de café da minha mão.

— Esse lugar já foi mais bem frequentado, Catherine — uma senhora da igreja fala. — Claire perdeu o juízo quando decidiu contratar uma mãe solteira, filha daqueles dois drogados. Não é de se espantar que ela levou esse caminho.

— Ouvi dizer que eles tiveram mais dois meninos antes dela fugir com outro, talvez eles sejam irmãos — a segunda senhora responde com a boca cheia.

— Oh, por favor. Não se deixe enganar por essa pecadora. Em breve ela será como sua mãe. — Volto para o balcão não suportando escutar mais aquelas palavras.

— Sua vez. — Bato a bandeja, assustando May.

— Oh, sim! — May fala. Ela gira todo seu corpo na minha direção. — Você não sabe o que aconteceu?! — Seu sorriso é enorme e contagiante e eu não posso evitar, acabo sorrindo também.

— O quê?

— Carl se mudou para a cidade! — Ela levanta seus braços na última palavra. — E ele trouxe o seu melhor amigo gato e ex-seal da marinha.

— Hum?

— E eu acho que vocês vão se dar muito bem. — Ela segura meus ombros obrigando-me a encará-la. — Você precisa se divertir um pouco.

— Eu me divirto — repondo na defensiva. Talvez brincar com *legos* nos finais de semana não seja um sinônimo de diversão.

— Você precisa de algo mais alucinante.

— Eu preciso de sono, isso sim. Talvez de mais fralda para Emma, e com certeza dinheiro para a mensalidade da creche do Noah.

— É disso que eu estou falando, você só tem 20 anos e age como se tivesse 40. — Concentro-me na planilha à minha frente, evitando o seu olhar de pena. — Você precisa começar a viver.

— Eu vivo, só que em uma realidade diferente da de vocês — minha voz sai um pouco amarga. Ela ainda tem aquele olhar no rosto que eu odeio. — Vá trabalhar.

— Eu vou fazer você mudar de ideia — ela diz minutos depois de me encarar por um bom tempo. Ela caminha em direção às mesas meio que saltitando. May está trabalhando aqui há duas semanas. Para a minha surpresa Claire a acolheu debaixo de suas asas e atualmente elas formam a dupla de complô para me atormentar. Tem sido cada vez mais difícil encontrar uma desculpa para escapar dos seus convites, por mais que eu tenha vontade eu não acho que sei me divertir como outras pessoas da minha idade. Eu sou feliz? Sim! Eu não trocaria meus irmãos por nada, por mais que às vezes eu tenha curiosidade sobre algumas coisas.

— Você está pensando demais. — Jimmy fala sentando na minha frente. — Experimentar algo na vida às vezes faz bem, tenho certeza de que trocar a fralda da *monstrinha* deve ser seu ponto alto da noite. — Sua voz muda para uma imitação barata da minha. — *Oh Deus, o que será que me aguarda hoje?* — Seus olhos voltam para mim. — A vida é muito curta, Livie. Sua vida não é fácil, eu entendo, mas por vezes temos que arriscar ou mudar a rota. Você é boa demais para isso aqui. — Ele abre os braços mostrando o estabelecimento. — Viva.

— Mas... — Ele levanta uma mão, parando-me.

— Só pense nisso. Não quero que você se arrependa depois — ele fala antes de pagar a conta sem se importar com o troco, May volta para trás do caixa.

— Quem é aquele? — Dou de ombros porque agora eu estou pensando no que ele falou. Experimentar. Arriscar. Mas como? Eu preciso assumir responsabilidades que ninguém mais vai fazer por mim.



— Você tem 20, certo? — ela pergunta horas mais tarde. Os dedos de May correm pelo teclado rapidamente enquanto olha para mim de vez em quando esperando eu responder.

— Sim, por quê?

— Collin tem 27. Isso é muito velho para você? — Sua pergunta me pega de surpresa, então eu só consigo olhá-la fixamente. Ela para de digitar e olha para mim. — Carl está esperando minha resposta. — Ela inclina a cabeça em direção ao celular. Minha boca abre e fecha algumas vezes e, infelizmente, não sai nenhuma palavra. Aponta para o celular dela ainda sem palavras.

— O-o-o que v-você está fazendo?

— Estou conversando com Carl sobre o encontro a cegas que vocês terão. — Ela dá de ombros como se não fosse grande coisa, como se isso não afetasse a Noah e a Emma. Caminho até ela e pego o celular de suas e o coloco no bolso do avental, posso dizer que ela não esperava por isso.

— Hey! Me devolva — ela grita enquanto segue atrás de mim.

— Não, você só vai ter ele de volta quando o expediente acabar. — Olho para o relógio na parede. — Daqui a seis horas quando você for para a faculdade. — Dou o meu melhor sorriso inocente antes de voltar a dá-lhe as costas.

— Você é pior do que uma mãe — ela resmunga.

— Sim, eu sou uma mãe. E é por esse motivo que não estou interessada em um encontro às cegas. Noah e Emma são minhas prioridades.

— Claire disse que você poderia falar isso, então ela mandou eu não desistir. — Seu sorriso volta novamente e ela sai em direção às mesas.

Que merd... Meleca. Eu não posso xingar.



— Por que você mandou a May ir atrás de um encontro para mim? — São 18h e a senhora Claire está se preparando para sair. Noah está correndo ao redor com seu brinquedo e eu tenho Emma em meus braços, seus dedos gordinhos estão enrolados em volta da mamadeira.

— Porque você precisa de um — ela responde sem se importar em olhar para mim.

— Eu não preciso disso.

— Todos precisam de alguém ou de estar com alguém. — Ela levanta seus olhos da caixa registradora. — Esse cara com que você vai sair, pode virar somente um amigo no final. Você precisa de um amigo.

— Eu não quero arrastar ninguém para essa confusão que é minha vida. — Para comprovar meu ponto, Noah escolhe esse exato momento para derrubar uma cadeira no chão na mesma hora em que um grupo de universitários entram. Alguns balançam a cabeça, e alguns olham para meus braços onde Emma está calmamente desfrutando de sua refeição.

— Caiu! — Noah grita quando vem até mim, ele abraça minhas pernas provavelmente incomodado com as pessoas o observando. Bagunço seu cabelo e lhe dou um pequeno sorriso.

— Eu cuido deles e você olha seus irmãos — Ela pega a caderneta do meu avental e vai atender os jovens. Emma finalmente termina a mamadeira e eu a coloco para arrotar.

— Você precisa tomar cuidado, Noah. — digo, calmamente quando me abaixo para ficar na altura dele.

— *Decupa*. — Seus lábios formam um biquinho que só aparece quando ele está realmente chateado. Não posso deixar de sorrir porque ele está muito fofo.

— Venha desenhar no balcão. — Ele pega minha mão e eu o levo

até uma cadeira alta onde ele senta. Coloco Emma no seu carrinho e volto a trabalhar. Meia hora depois Claire sai e eu fico sozinha por mais duas horas.

Normalmente, Noah e Emma estão dormindo antes das dez, mas hoje parece ser diferente. Eles estão realmente acordados, Noah está ajoelhado ao lado do carrinho de Emma com quem mantém uma conversa séria. A lanchonete está vazia, os universitários saíram logo depois de Claire e até agora nenhum cliente apareceu. Estou tentada a fechar o estabelecimento mais cedo, mas Claire confiou em mim para mantê-lo aberto até às 21h. Falta apenas mais uma hora e eu voltarei para a minha tão sonhada cama. Meus pés já estão latejando por ficar tanto tempo em pé.

Aproveito que os meninos estão distraídos e começo a limpar as mesas para preparar para fechar. Quando vejo que está tudo no seu devido local começo a recolher a bolsa e os lápis do Noah. Tirando Emma do carrinho para colocá-lo dentro do escritório. Noah está sentado no chão me esperando, ele esfrega seus olhos antes de se levantar e sorrir para mim.

— Está na hora de dormir, baby. — Coloco a bolsa sobre meu ombro e seguro a mão de Noah. Quando já estamos lá fora sinto uma sensação estranha de estar sendo observada. Olho para trás, mas tudo parece normal, termino de trancar o restaurante e começo a subir as escadas rapidamente.

Eu não gosto dessa sensação, assim que estamos na porta do apartamento coloco Noah para dentro antes de olhar para trás e é quando vejo uma sombra saindo de trás do poste. Entro rapidamente e fecho a porta, tranco e coloco Emma em uma cadeira para poder arrastar o sofá até a porta. Pego Emma e puxo Noah pelo braço e os arrasto em direção ao quarto. Graças a Deus Emma volta a dormir em meu ombro. Todo meu corpo está tremendo e tudo o que eu quero agora é chorar. Noah, não percebendo o meu estado começa a tirar seus shorts e camisa, coloco Emma suavemente no berço e pego o pijama dele que levanta os braços para eu pegá-lo no colo, é o nosso ritual, que eu sigo fielmente. Depois que eles estão dormindo saio do quarto e olho em direção a porta, o sofá continua em seu devido lugar.

Faço meu caminho em direção à cozinha onde pego duas facas e as seguro firmemente e olho em direção a porta. Um barulho me assusta e eu

deixo as facas caírem, quero chorar por ser tão fraca. O barulho começa novamente e é o toque do telefone, eu não tenho um celular, então Claire me deixa utilizar a linha do restaurante o único problema é ser acordada no meio da noite por alguém que quer fazer alguma encomenda. Caminho até ele não querendo que o toque acorde as crianças tiro o telefone do gancho e o coloco sobre minha orelha.

— Alô? — Minha voz está trêmula assim como meu corpo. O outro lado continua mudo. Quando eu estou prestes a desligar escuto o barulho de uma respiração do outro lado.

— Alô, é do restaurante CoffeBreak? — a pessoa do outro lado fala e eu me permito relaxar.

— Sim, mas o expediente já terminou, talvez você possa ligar amanhã?

— Oh sim, obrigada. Desculpa ligar a essa hora.

— Está tudo bem. — Olho para a cadeira na porta e a faca em minha mão.

O que está acontecendo comigo?



Capítulo 3

Livie

Acordo com uma luz irritante contra meus olhos. Viro para o lado, mas meu corpo não se move muito, pois estou pressionada contra a parede. Meus músculos estão bastante doloridos pela noite maldormida. Abro meus olhos e percebo a loucura que fiz quando olho para as facas em minhas mãos. Eu não posso deixar isso se repetir. Levanto lentamente sentindo os meus músculos se retraírem a cada movimento que faço, eu sei que irei me arrepender disso mais tarde. Olho para o relógio e já são 6h30. A última vez que verifiquei eram 3h40, pelo menos eu tive duas horas de sono. Coloco as facas de novo na gaveta com proteção para crianças e faço meu caminho para o quarto onde as crianças ainda estão dormindo, depois vou para o banheiro, evito olhar para o espelho porque não quero ver o meu estado. Ligo o chuveiro e começo a me despir, quando entro a água está agradável, então eu me permito relaxar. Posso sentir meus músculos tensos e doloridos e não me permito derramar nenhuma lágrima enquanto estou aqui embaixo, a noite anterior foi mais uma lembrança de que eu não consigo ter uma vida normal.

Pensei que depois desse tempo eu já tivesse conseguido aprender a lidar com meus medos, mas depois de ontem até minha sombra traz o pior de

mim.



— Hey, o que aconteceu com você? — May indaga assim que eu tomo meu lugar ao seu lado. Seus livros estão espalhados sobre o balcão enquanto ela resolve algum exercício da universidade. O café ainda está vazio, normal para uma manhã de sábado, normalmente os jovens estão sofrendo com ressaca e as senhoras ocupadas com atividades da igreja.

— Nada demais. — Ela me olha cética, provavelmente não acreditando em mim. Eu também não acreditaria, principalmente depois de ter visto como minha cara parece. Meus olhos estão vermelhos e há bolsas sobre eles. — Eu só não consegui dormir direito. — Ela balança a cabeça e eu pego a jarra de café e começo a reabastecer as xícaras dos clientes, quando passo por Jimmy ele me assusta novamente como sempre desde que começou a falar comigo.

— Ou você passou a noite chorando ou cheirou algo muito forte. — Ele toma um gole do seu café e eu decido ignorá-lo, como a senhora Claire não está aqui hoje vou ao escritório verificar Noah e Emma, ambos voltaram a dormir imediatamente assim que se deitaram no sofá. Coloquei Emma no carrinho assim Noah poderia ficar mais confortável para dormir, meu coração aperta toda vez que eu preciso acordá-los para me acompanhar ao trabalho e a minha sorte é que ambos são compreensíveis. Meus pequenos anjos já são guerreiros.

Fecho a porta novamente e vou para a cozinha preparar algumas massas para mais tarde. Coloco a babá eletrônica ao lado de May, assim ela irá me avisar se acontecer alguma coisa. O tempo passa e alguns clientes entram e saem, May os atende enquanto eu preparo os pedidos. Normalmente o senhor Williams é o responsável por isso mas aos finais de semanas eles costumam viajar. Antes de May eu costumava ficar muito sobrecarregada e a minha sorte era que sempre tinha massas congeladas. Agora com May aqui eu posso fazê-las tranquilamente, de vez em quando reversamos o atendimento.

Mas hoje parece ser um dia tranquilo e quando chega perto do meio-dia os meninos já estão muito bem acordados e eu os trago para ficar aqui. Emma fica no carrinho brincando com seu urso e Noah desenha na cadeira alta, às vezes ele me pede para descê-lo para que possa ficar perto de sua irmã.

May se deu muito bem com eles, Emma parece apaixonada por seu cabelo loiro. Eu não posso deixar de sentir ciúmes já que em poucos dias o meu cabelo dourado quase vermelho era o favorito dela. Dos três eu fui a única que nasci com esse tom de cabelo, motivo para diversas discussões entre meus pais, já Noah e Emma estão mais para o castanho-claro. Fora o nosso tom de cabelo nós nos parecemos bastante.

— Então, você não vai me contar o porquê dessa aparência? — May apoia a cabeça em suas mãos enquanto me observa.

— Eu já disse o que aconteceu. Eu não consegui dormir, acabei ultrapassando os limites da televisão.

— Ceeertooo, e você pensou sobre a gente sair no próximo domingo? — Volto minha atenção para ela, eu já sei minha resposta mas preciso convencê-la que minha resposta é a certa.

— Domingo não é um dia proibido para festas?

— Proibidos por nossos pais, essa é a graça de estar na universidade. Ninguém nos diz o que fazer. — Seu sorriso está brilhante e ela parece bastante empolgada com a ideia de

sairmos juntas. Eu me sinto mal por ela.

— Eu adoraria, mas isso não vai ser uma possibilidade. Eu não tenho com quem deixar crianças, então teremos que adiar.

— Claire disse que não teria problema nenhum em cuidar deles.

Traidora.

— Claire não fica na cidade nos finais de semanas. — Sua insistência está começando a me sufocar. Só porque eu tenho 20 anos não preciso ser obrigada a ir para festas. A minha primeira e única tentativa foi bastante desoladora.

— Ela disse que voltaria para cá mais cedo se isso significasse você saindo da sua pequena bolha. Então, na verdade ela não vai viajar porque sabia que você usaria essa desculpa. — Se olhar pudesse matar eu tenho certeza que eu já teria arrancado a cabeça dela e explodido a de Claire. — Vamos lá! Você nem precisa falar com ninguém, simplesmente tome uma bebida e dance um pouco.

— Eu posso pensar sobre isso? Eu não sei se estou pronta para conhecer alguém. — Sua expressão suaviza.

— Sem encontros às cegas, então.

Collin

— Por que parece que vocês vão se matar? — Nico entra na sala no exato momento em que eu estou seriamente tentado a tirar o sorriso idiota de Carl com meu punho.

Carl pode ser considerado meu melhor amigo desde quando estávamos no ensino médio. Estudamos juntos, servimos ao exército juntos, e agora trabalhamos no FBI. Fomos transferidos de Chicago para Boston. Na nossa pequena temporada no Texas, ele começou a namorar uma garota que agora veio estudar na Universidade de Massachusetts, ambos decidiram brincar de cupidos e estão querendo que eu saia com uma amiga de trabalho da May, a garota só tem 20 anos, provavelmente só está atrás de diversão. Apesar de estar interessado exclusivamente em foder eu não quero arriscar minha liberdade com alguma criança querendo irritar seus pais. Estou à procura de alguém mais maduro.

— Amanhã é a festa de boas-vindas de Collin e May quer que ele se encontre com uma amiga dela, mas como sempre está sendo um *cuzão* sobre isso. — Estamos aqui não faz nem uma semana e Carl já está querendo me arrastar para algum bar. Mesmo que eu tenha prometido que estaria nessa festa eu estou cada vez mais tentado a não ir e esse encontro só está adicionando mais uma razão.

Nico nem precisa falar sua opinião sobre isso, pois eu já sei exatamente a opinião dele. — Mas de qualquer forma não importa. Não esqueça de ir para lá depois das 20h, a equipe vai estar te esperando. — Ele bate no ombro de Nico quando passa por ele para ir em direção a saída.

— Huum... Isso foi estranho — Nico murmura. Ignorando seu comentário deito minha cabeça no encosto do sofá e coloco meus braços sobre meus olhos.

Posso apostar que minha mãe tem algo a ver com isso.

Depois da minha temporada servindo ao exército, e de uma missão que quase fez eu perder toda a minha tropa e que deixou algumas cicatrizes pelo meu corpo. Minha mãe faz questão de deixar claro o seu interesse por um neto. Seja nos breves jantares que nós temos ou por fotos de crianças que

ela envia constantemente para o meu telefone. Por mais que eu queira realizar o seu desejo eu ainda não estou pronto, eu vi demais e fiz demais.

O que eu mais preciso agora é de diversão e não de amarras.

Depois de descobrir há alguns dias que a minha melhor amiga desaparecida foi morta porque estava envolvida com o chefe do quartel, estou levando mais tempo para me recuperar do que eu quero admitir.



Capítulo 4

Livie

O que eu estou fazendo?

Eu não sei o que deu em mim para aceitar isso. Claire me liberou mais cedo e May me presenteou com uma maleta de maquiagem que na realidade eu não tenho a menor ideia do que fazer com ela. Os únicos itens que me senti à vontade para usar foi o rímel e um batom quase nude, tenho certeza de que não estou usando nada adequado para essa noite.

Meu vestido é preto com estampa de flores rosas, ele é todo solto com exceção de um laço na cintura na parte de trás, as mangas têm o comprimento até o ombro. O meu cabelo está solto com algumas ondas que consegui fazer enrolando-o várias vezes com os dedos. Meus pés estão cobertos por uma sapatilha preta. Claire levou os meninos para passar a noite na casa dela e eu não tive escolha a não ser concordar. Tudo o que eu mais quero agora é me arrastar para debaixo do cobertor e ter uma boa noite de sono, mas as palavras de Jimmy continuam na minha cabeça.

Eu preciso tentar.

E é isso que me faz caminhar até o ponto de ônibus. Eu tenho o endereço da casa de show em minhas mãos, May disse que não tem como errar. Inspiro e expiro diversas vezes para controlar minha respiração, o papel já está amassado em minhas mãos, meu estômago está em nós. O ônibus se aproxima do local e eu coloco minha mão ao redor do bracelete no meu pulso. O ônibus para a dois quarteirões antes do estabelecimento, andando lentamente aproveito para observar o local, os prédios ocupam o lugar das casas.

Há filas de carros nas ruas, carros em que somente o pneu deve ser mais que o meu salário. Já na entrada eu percebo que não pertenço a este lugar, e pela primeira vez isso não tem importância. Dois seguranças barram minha entrada e assim como May falou digo meu nome para eles que liberam minha entrada logo em seguida.

A música é muito alta e no primeiro instante fico pouca atordoada. O bar não está tão lotado assim, mas procurar May não é tão fácil como eu imaginava. E não ter um celular comigo não facilita as coisas. Há muitos jovens aqui, a maioria deve ter a minha idade o que me faz ficar um pouco desconfortável porque geralmente com pessoas assim, minhas experiências não são muito boas.

A única diferença é que aqui eles não me conhecem e as chances de encontrar um conhecido aqui são poucas, então, pela primeira vez vou ser alguém sem um passado, ou um futuro. Tudo o que importa é o presente. A grande maioria está dividida entre o bar e a pista de dança. E eu sei que o bar não vai ser uma das opções para mim. Desde que eu cheguei já mudaram de música duas vezes e cada passo que dou eu me perco ainda mais.

Talvez tenha sido idiotice minha não ter vindo com ela, mas no fundo eu estava seriamente tentada em desistir. Quando me aproximo da pista de dança a música *She will be loved* começa a tocar através dos altos falantes. Eu não posso explicar o sorriso que aparece no meu rosto, ou como o ritmo guia o meu corpo em uma dança meio estranha. Mas é incrível como é ótimo a sensação de liberdade que ela me traz, talvez a mudança de rotina não seja tão ruim assim.

Eu sei que já passei por muita coisa e por vezes a vontade de desistir é enorme, no entanto, eu preciso lembrar quem eu sou. E pelo que eu estou lutando. A visão dos anjinhos na minha mente traz um sorriso enorme aos meus lábios e sem que eu perceba, acabo batendo em uma parede. Quando começo a abrir meus olhos percebo que não foi exatamente em uma parede que bati.

Um corpo forte está parado na minha frente e as suas duas mãos estão na minha cintura. A sensação queima através do meu corpo e quando olho ele está sorrindo para mim. Seus olhos são castanhos e uma barba fina cobre sua mandíbula, seu cabelo é um pouco curto, ele toma alguns passos de distância antes de imitar uma reverência que eu aceito com toda graça. Dançamos pelo resto da música e ele deixou-se guiar através da minha dança feliz e o riso que sai da minha boca é inevitável.

As batidas vão diminuindo e me permito ser guiada por ele. Ele puxa meu corpo até seu peito duro e encosto minha cabeça em seu peito, com os

olhos fechados começo a imaginar diversos cenários e pior é que cada um deles termina de um único jeito.

Sozinha.

Pegando minha mão ele me puxa para mais perto dele:

— Será que eu posso saber seu nome? — Meus olhos que até então estavam no chão levantam para seu rosto.

— Livie. — Minha voz sai calma mesmo que todo meu corpo esteja tremendo.

— O meu é Collin. — Meus olhos se fecham mais uma vez, e pronuncio seu nome em silêncio. Seu nome é familiar, só que não me lembro de onde. Ele passa a ponta dos dedos no meu rosto e um pequeno tremor percorre meu corpo. — Você gostaria de sentar comigo e meus amigos? — pergunta e a minha resposta o deixa boquiaberto.

— Eu preciso ir. — Solto sua mão e caminho pela multidão. No meio do caminho eu olho para trás e lhe dou um pequeno sorriso quando percebo que tudo aquilo aconteceu. O nosso momento foi pouco, entretanto consegui sentir uma ligação que eu nunca compartilhei com mais ninguém. Esses poucos minutos ficaram gravados na minha memória por um bom tempo, hoje eu tive meu pequeno conto de fadas.

O único problema é que eu não deixei nenhum sapatinho de cristal para trás.

Collin

— Onde você estava? — Carl pergunta assim que eu entro na área VIP. Ele não viu minha pequena duende e fico aliviado por Nico não ter comentado nada.

— Por aí — digo quando sento no sofá à sua frente. — Onde está May?— Sempre quando Carl está na cidade eles se tornam inseparáveis e me admira que ela não esteja com ele agora. Mas, talvez, com eles morando juntos desde a mudança de Carl eles não se tornem um só.

— Ela foi no bar procurar sua amiga. Mas não acho que teve sucesso. — Ele olha por cima do meu ombro e quando me viro para olhar encontro May entrando na área VIP bastante chateada. — Aconteceu alguma coisa? — Carl diz, puxando-a para seus braços.

— Ela não vem. — Ela solta um suspiro cansado. — Eu só queria que ela tentasse.

— Ela vai, assim que estiver pronta. — Eu não faço a menor ideia do que eles estão falando, mas May está bastante chateada.

— Do que vocês estão falando? — Nico pergunta. Ele tem uma loira sentada em seu colo fazendo um ótimo trabalho em mostrar seu decote. Se fosse dias atrás eu não hesitaria em ter uma garota comigo, mas sempre que eu fecho os olhos os meus pensamentos voam para a pequena duende dos cabelos vermelhos. Seu pequeno corpo pressionado contra o meu foi melhor do que passar a noite fodendo. O seu perfume vai me acompanhar pelo resto da noite.

— May chamou uma amiga para festejar, no entanto ela nos deu um bolo.

— Não foi um bolo.— May revira os olhos. — Ela só não é uma garota qualquer. Liv já passou por muita coisa e isso afeta sua vida mais do que ela se deixa perceber. — Inclino-me para frente intrigado com essa garoa.

— Ela é da sua turma?

— Não, ela...

— Mayre! — uma voz estridente grita interrompendo-a. Olho na direção de onde a voz veio e encontro um trio de garotas caminhando em nossa direção. A garota do meio tem seu braço ligado ao de outra garota a sua direita e ambas parecem ter dificuldade para caminhar. Quando chegam próximo de nós, May resmunga algo inaudível antes de enfeitar seu rosto com o sorriso mais falso conhecido pelo homem.

— Sky! — Elas se abraçam rapidamente antes que a loira peituda me note.

— Quem é seu amigo gostoso? — ela diz num sussurro alto, eu não sei se proposital ou se o álcool já a fez perder qualquer tipo de sutileza. May olha para mim por cima do ombro e me encara com os olhos cerrados, normalmente ela faz isso quando me desafia a desmenti-la.

— Ele tem namorada. — Um riso sai da minha garganta e eu disfarço com uma tosse.

— Oh! — Sky parece bastante decepcionada.

— Foi bom encontrar vocês, garotas. Mas já estamos de saída, vamos Collin. — Ela me puxa pelo braço ignorando Carl e Nico, olho para trás e vejo Carl nos seguindo, seu corpo tremendo em um ataque de risos. Eu sou um cara grande, quase o dobro do tamanho de May, mas não nego que essa garota me dá medo.

— Por que você fez isso?

— Você está comprometido, só não sabe disso ainda. — Ela para e inclina a cabeça um pouco. — E nem ela.

— Baby, você está assustando-o — Carl fala.

— A última vez que verifiquei eu estava completamente solteiro. — Tiro meu braço do seu aperto. — E eu posso ficar com quem eu quiser. — E para provar meu ponto, caminho até o bar onde há várias garotas esperando uma boa noite de foda.

— Eu só estou querendo facilitar as coisas para você — ela grita, mas eu a ignoro.



Capítulo 5

Livie

May entra no restaurante pouco depois das 8h. Não é nenhuma surpresa ela me evitar completamente, tento não ligar para isso e procuro uma forma de falar com ela sobre o que aconteceu ontem. As crianças chegam logo depois e abrem um sorriso quando me veem e Noah não consegue controlar a euforia sobre como foi a noite passada.

Claire olha para mim com o cenho franzido e posso apostar que May já deve ter lhe contado. O que me resta agora é saber explicar o que aconteceu sem contar sobre ele. Ainda posso sentir seu toque na minha pele, a sensação de estar em um bom lugar. Percebo que eu devo estar viajando há algum tempo quando vejo May me encarando com uma carranca.

Okay, isso não vai ser fácil.

Pessoas entram e saem do restaurante e hoje o dia parece ainda mais agitado do que antes. Isso só adia a conversa que eu preciso ter com May, a senhora Claire levou as crianças para o supermercado, deixando-me sozinha com May que nas poucas vezes em que olhou para mim lançou dardos na minha direção.

— Precisamos conversar — Aproximo de May assim que continua digitando no celular. Espero ela olhar para mim, mas ela não faz. — May... eu...

— O quê? — ela grita e eu me retraio. Meus olhos estão arregalados e eu engulo em seco, ela deve perceber minha expressão já que seu rosto suaviza. — *Me desculpa*, eu não queria gritar com você, só que eu... eu... Esquece. O que você queria falar?

Olho ao redor para saber se tem alguém nos observando, mas o café está quase vazio com apenas um casal de adolescentes sentados nas últimas cadeiras.

— Eu não consegui te encontrar ontem.

— Como assim?

— Ontem na festa, eu não te encontrei e resolvi ir embora — murmuro sem olhar diretamente em seus olhos. Eu me permito omitir a parte em que fugi.

— Você foi? — ela indaga espantada. Aceno que sim e ela desvia o olhar. — Eu te procurei em toda a boate, te esperei, pensei que você tivesse nos dado um bolo.

— Na verdade, eu pensei, mas resolvi arriscar. — Sorrio, sentindo-me um pouco mais leve.

— Bom, isso é mais uma prova que você precisa de tecnologia na sua vida. — Ela sorri e aponta para o celular. — Collin quer te conhecer — ela fala com um pequeno sorriso no rosto.

— Ele quer? — O rosto do homem de ontem a noite retorna e a lembrança do seu toque faz meu corpo esquentar de uma forma única. Será que é o meu Collin? — May, você... — Antes que eu tenha a chance de perguntar May grita passando por mim e correndo em direção a porta, onde três grandes homens acabaram de entrar.

Ela se joga para o primeiro que é alto e com os cabelos loiros me parece levemente familiar, até que May se solta dele e eu posso ver seu rosto completo. Oh Deus, me agacho atrás do balcão. O homem que May está abraçando é o mesmo que estava aqui dias atrás com o cara da touca, e o cara

de touca é o Collin, o mesmo cara com quem eu estava ontem. Comprimo meus olhos segurando o desejo de bater minha testa contra a madeira à minha frente, agora eu sei porque ele parecia familiar. Sem a touca ele parece completamente diferente, e com a escuridão da boate nem me dei conta de que poderiam ser a mesma pessoa.

— Livie, você precisa conhecer os... Livie? — ela chama e eu já posso imaginar sua expressão de dúvida quando não me encontra no local onde ela me deixou. — Vocês podem ir se sentando que eu vou trazer a Livie para conhecer vocês. — Escuto eles falando mais um pouco antes de escutar os passos de May, finjo que estou procurando algo no chão quando ela para na minha frente. — O que você está fazendo aqui?

— Eu perdi...eu perdi... — Olho para ela, e do meu ponto de vista ela parece bem assustadora. Com as mãos na cintura ela me encara com o cenho franzido. — Eu perdi meu brinco.

— Você não usa brinco. — Okay, ela tem um ponto.

— Porque eu os perdi — minto e ela suspira antes de se ajoelhar na minha frente.

— Você tem cinco segundos para sair desse seu estado deplorável e ir atender meus amigos como a pessoa decente que eu sei que você é, ou eu irei chamar a senhora Claire e farei você se sentar com eles pelos próximos 30 minutos por causa do bolo que você nos deu. — Ela levanta e limpa a poeira imaginária dos seus joelhos. — Aliás, Collin é o cara com a touca — ela fala e sai em direção a cozinha para ajudar o senhor Williams.

Reunindo o resto de dignidade que me resta, levanto e solto meu cabelo do coque, deixando-o cair no meu rosto. Pego a jarra de café e ando até a mesa que poderá ser a minha morte.

— Bom... bom dia. No que posso ajudar? — sussurro, implorando mentalmente para que eles possam me ouvir, olho rapidamente para Collin que mantém sua cabeça baixa como da última vez.

— Oh, você é a Livie? — o cara loiro, Carl, namorado da May, pergunta com um sorriso no rosto. Aceno e lanço mais um olhar para Collin que também está me encarando. Desvio o olhar usando meu cabelo para cobrir meu rosto.

— Café? — pergunto para ninguém em especial.

— Claro! — Carl fala e eu aposto como ele está sentindo meu desconforto. Na última vez que estive aqui ele presenciou o meu ataque à Kristen, May também tentou marcar um encontro às cegas. Eu não posso imaginar o que ele está pensando de mim agora. — Eu vou querer dois omeletes e uma porção de bacon, e café para acompanhar.

— Eu também — Um cara ao lado de Carl fala. — E seu telefone, por favor. — Ele sorri para mim, um sorriso que eu aposto que já derreteu muitas calcinhas. Sinto meu rosto corar, mas franzo meu cenho para ele.

— Foda-se, Nico. — Essa voz. — Deixe-a em paz. — Agradeço mentalmente e começo a fazer meu caminho até a cozinha. — Eu ainda não pedi. —

Certo, Livie. Muito bem. No que você está pensando?

— Desculpa — falo ainda sem olhar em seus olhos.

— Eu vou querer waffles, omelete e uma porção de bacon. Sem café. — Sua voz está fria e ele nem parece me reconhecer. A jovem em mim se sente ignorada por não ter marcado a memória dele, mas a mãe dentro me diz que foi o melhor.

— Trago em dez minutos. — Saio sem olhar para nenhum deles e vou para a cozinha. May está sentada na pia enquanto William sova uma massa, olho para o relógio e falta poucos minutos para as dez e nenhum sinal da senhora Claire.

— Como foi? — May pergunta sem esconder a excitação na voz, senhor Williams tenta parecer concentrado na massa à sua frente, mas ele falha.

— O quê? — pergunto arrumando meu cabelo em um coque para começar a preparar os alimentos. — Você pode me ajudar com os ovos? — pergunto tentando distraí-la.

— Você vai jogar assim? — Ainda sem responder começo a preparar os waffles. — Okay, então vamos jogar. — Minutos se passam e eu retorno para a mesa deles. Minhas mãos tremem, mas por algum milagre eu consigo servi-los sem derrubar nada.

— Obrigado — Carl fala. Retorno para a bancada, mas sou atingida no meio do caminho por um pequeno furacão que se choca contra minhas pernas. Sorrio aliviada por eles retornarem sãos e salvos.

— Mãe! — Noah grita e me mostra sua mais nova aquisição, um caminhão de bombeiros. O brinquedo custa a metade do meu salário, algo que eu nunca seria capaz de dar para ele sem que morrêssemos de fome. — *Oia!* — Desvio minha atenção de Noah para a senhora Claire que apenas sorri antes de me entregar Emma e pegar a bandeja de minhas mãos.

— Você precisa alimentar esses monstros, não consegui fazer com que comessem. — Ela esfrega o cabelo de Noah que continua sorrindo, admirando seu brinquedo.

— Como você conseguiu isso? — pergunto enquanto os levo em direção a cozinha, Noah começa a divagar. Sem me conter acabo levantando a cabeça e meus olhos encaram os de Collin que apenas eleva a sobrancelha quando olha entre mim e as crianças. Ele balança a cabeça e depois volta sua atenção para seu prato.

Carl continua encarando a mim e as crianças. Eu nunca me incomodei por Noah me chamar de mãe, ou mah, o seu jeito carinhoso de me chamar, então quando ele gritou a plenos pulmões no meio da cafeteria eu não me importei. Mas Collin parece que sim. Saio em direção a cozinha não suportando o julgamento nos olhos dele.



Noah está em uma cadeira na parte de trás da cozinha e apoio Emma no meu quadril enquanto começo a distribuir o resto de omelete em seus pratos, a mistura de Emma está esfriando ao lado de Noah que até agora não desviou sua atenção do caminhão em suas mãos. Quando me sento na sua frente com Emma no meu joelho ele ainda continua admirando o objeto.

— Você vai comer sozinho ou quer que eu te ajude? — Como resposta ele apenas abre a boca ainda sem olhar para mim. Começo a alimentá-lo enquanto Emma agarra sua mamadeira com força, não demora muito para que estejam alimentados e com sono. Então faço o nosso caminho

para o escritório, e levo tudo de mim para não olhar o grupo. Ajeito Noah no sofá que finalmente me entrega o caminhão para que eu possa guardar e deito uma Emma adormecida no seu carrinho, ligo a babá eletrônica e coloco no meu avental. Tranco a porta e retorno para trás do balcão.

May está conversando com Carl que lança alguns olhares para mim. *Me recuso* a encará-los e foco minha atenção no bloco de notas à minha frente, por mais que eu economize, as dívidas estão aumentando e está cada vez mais difícil de continuar tendo alguns gastos. Deixo a cabeça cair em minhas mãos tentando pensar em uma saída.

— Então você mantém uma vida dupla, Tinker Bell? — Levanto minha cabeça e o movimento rápido faz com que uma leve pontada atinja minha têmpora. Levo minha mão até ela e pressiono levemente. — Você está bem? — Aceno que sim antes de voltar a encará-lo.

— Eu não tenho uma vida dupla. — Evitando olhar para o seu rosto começo a limpar o balcão, tentando me distrair.

— Uma hora você ataca um garota inocente e na outra você parece uma pequena duende encantando todos ao seu redor. — Suas palavras chamam a minha atenção e eu olho para ele. Eu estava encantando? Disfarçadamente eu olho para minha calça jeans que tem um rasgo acima do joelho e meus tênis Chuck Taylor vermelho, minha camiseta preta de manga comprida e o avental da lanchonete.

— Bem-vindo ao mundo da Livie. — Ergo uma sobrancelha e ele sorri antes de me entregar alguns dólares.

Collin

— É ela? — Carl pergunta quando me encontra em frente ao meu carro.

— Em carne e osso. — Olho para o restaurante e através da porta de vidro eu consigo ver Livie andando ao redor. Como uma pessoa tão pequena consegue esconder tantos segredos?

— Ela não parece com a Carly — Nico fala entrando na conversa.

— E nem parece se importar com a morte dela. — Entro dentro do carro e eles me acompanham.



Capítulo 6

Livie

— Eu já estou indo — May fala quando passa por mim e deposita beijos molhados em Noah e Emma que estão sentados no tapete ao meu lado atrás do balcão. Noah brinca com *legos* enquanto Emma... Emma apenas derruba o que Noah começou. Sorrio com a interação entre eles enquanto organizo o caixa.

Senhora Claire saiu poucos minutos depois do almoço com o senhor Williams. Agora cinco horas depois, May também termina seu expediente sobrando apenas nós três. Meus pés agradecem pelo período de provas nas universidades, o que garante poucas pessoas na cafeteria. Assim, eu posso dar mais atenção aos meus pequenos.

— Você tem certeza que vai ficar bem? — May pergunta e eu aceno. Ela me puxa para um abraço e eu fico tensa, não sou acostumada com demonstrações de afeto e é por isso que demoro a responder. Não sei se ela percebe, mas se sim, não questiona. — Eu já estou indo. Se cuida, está bem?

— Fica tranquila, nada vai acontecer. — Ela sorri e caminha em

direção a porta. *Me joelho* e pego Emma em meus braços, afastando-a de Noah que está prestes a ter uma crise de choro quando ela derrubou sua construção pela centésima vez, ele pode ser uma criança paciente, mas até eu teria minha paciência testada com Emma também. Sento no banco e a coloco na minha frente.

— Você estava atormentando seu irmão de propósito? — Ela sorri em resposta e tenta puxar o meu cabelo, alguns fios soltaram do coque que está pendurado na minha cabeça.

— Agu... — ela balbucia e franzo minha testa com essa nova "palavra".

— De onde você tirou essa? — pergunto e ela continua balbuciando palavras em seu próprio idioma.

— Uruuu — ela responde e eu espero. Mesmo que seja impressão minha eu não posso deixar de sorrir. O sino da porta chama a minha atenção e eu levanto o olhar apenas para ver Collin entrando. Vestindo a mesma roupa de hoje de manhã ele caminha até onde estou sentada com Emma e nos observa. Minha irmã, percebendo que perdeu minha atenção, inclina seu corpo para trás a procura algo que possa ter me distraído, seguro sua cabeça antes que ela bata contra a superfície de madeira.

— Posso ajudar em alguma coisa? — pergunto colocando Emma em meu quadril.

— Café! — Aceno e coloco Emma no chão, eu não imaginaria que ela iria derrubar as peças de Noah e ele começaria a chorar, e logo depois se juntaria a ele em uma competição de gritos. Ainda segurando a jarra de café e a xícara na minha mão olho para os dois, ambos vermelhos pelos gritos saindo dos seus pequenos corpos. Alguns dos clientes apenas olham e balançam a cabeça com o olhar de desprezo no rosto.

Collin me encara com uma expressão vazia. Sentindo meu rosto corar, bato a xícara na sua frente e me abaixo em frente aos meninos, com um braço nino Emma e com outro faço círculos nas costas de Noah tentando acalmá-los. Eu também quero me juntar a eles nesse show de lágrimas, a humilhação é muito grande, mas agora eu preciso ser a adulta responsável.

— Por favor, eu preciso que vocês se acalmem — suplico em vão

para eles. Emma se joga para trás em seu momento de birra e eu preciso soltar Noah para segurá-la.

— Mamãe! — Noah grita levantando os braços para que eu o pegue.

— Shh, baby. Por favor.

— Mais café aqui, garçonne! — Escuto um homem gritando sobre o choro das crianças que só parece piorar.

— Ela está ocupada. — Escuto Collin responder.

— Essa puta não serve *pra* nada — o outro homem responde.

De repente as pessoas começam a gritar e escuto um barulho de vidro contra o chão que assusta a mim e as crianças que apenas continuam a chorar. Um murmúrio de vozes do outro lado do balcão, mas eu não consigo escutar por causa do choro de Emma que está perto do meu ouvido.

— Dirija outra palavra a ela, e eu vou fazer você nunca mais servir para nada.

— Vem aqui, pequeno homem. — Collin aparece na minha frente depois que a confusão se acalma e pega Noah nos braços que continua chorando, mas Collin sussurra algumas palavras para ele e logo o choro cessa, mas seu corpo ainda treme pelos soluços, ele esfrega os olhos molhados e deita sua cabeça no ombro de Collin.

Emma ainda chora, mas eu consigo acalmá-la já que seu companheiro da disputa desistiu. Estico meu braço livre para receber Noah, mas Collin apenas estende sua mão e pega a xícara de café e passa por mim.

— Eii, onde você pensa que vai? — Viro meu corpo em direção a ele, meu coração acelerado por está segurando Noah, ainda sem me responder ele volta para o banco onde estava e se senta com Noah na perna e lhe entrega seu celular. Ele parece distraído com algum jogo no seu telefone. — Devolva meu filho — falo, apertando Emma contra mim.

— Acredito que ele está mais seguro aqui — Collin fala levando a xícara até a boca. Noah parece bastante entretido em seu colo. A única prova que ele estava chorando é o rastro de lágrimas no seu rosto.

— Quem você pensa que é para me dizer como cuidar dos meus

filhos? — Estou a poucos segundos de pular sobre o balcão e pegar Noah em meus braços. Emma balbucia algumas palavras e aponta para o irmão.

— Você não parecia ser uma mãe exemplar minutos atrás. — Ele ergue uma sobrancelha. Suas palavras me atingem e eu recuo, coloco Emma em sua cadeira e lhe entrego seu urso e ando até Collin que me observa com seus olhos frios.

— Você pode ir embora. — Coloco minhas mãos na cintura.

— Eu prefiro ficar mais um pouco, o mundo da Livie parece muito divertido. — Endureço minha coluna começando a vestir minha armadura. Olho para Emma que está encarando-o, como ela faz quando está fascinada por algo, eu também estaria. O antebraço tatuado de Collin é um contraste contra a pele de bebê do Noah. — Volte a trabalhar, quando tudo estiver seguro eu saio. Eu não vou machucá-los.

Seus olhos parecem sinceros, mas meu instinto materno me tem com um pé atrás.

— Eu prometo! — Duas palavras. Apenas duas palavras me fazem querer correr para as montanhas

Confiar?

Eu nunca confiei em ninguém, como posso fazer isso com um estranho? Ainda relutante me lembro das palavras de Carl e May e decido lhe dá uma chance.

— O que você fez com aquele homem?

— Ele te chamou com aquela palavra p na frente dos seus filhos. — Engulo em seco sentindo algo derreter dentro de mim quando evitou dizer o palavrão na frente das crianças. O tempo passa e logo Noah desce de volta para montar seus legos e Emma toma seu lugar nos braços de Collin. Algumas senhoras ficam fascinadas por eles, e algumas adolescentes chegam a tirar fotos, no entanto ele parece totalmente alheio.

— Ele é seu namorado? — uma garota pergunta quando Collin se levanta e começa a andar com Emma em seu colo. Olho para eles e me pergunto como seria ter alguém para dividir todas as tarefas. Anoto apenas o pedido da garota sem respondê-la.

Collin

Não sei no que eu estava pensando quando peguei Noah no meu colo para acalmá-lo. Livie parecia tão frágil enquanto dividia sua atenção aos dois. Subo no meu carro e dirijo em direção ao escritório, enquanto invento desculpas para as minhas ações mesmo que nenhuma delas me convença. A imagem dela segurando a pequena Emma fica gravada na minha memória todo o caminho, entro na sala de Carl que está quase sendo engolido pelos papéis em sua mesa, é por essas e outras razões que eu prefiro ser um agente do campo.

— Descobriu alguma coisa? — Sento na cadeira à sua frente e pego o porta-retrato com sua foto e a de May.

— Não muita coisa, mas o que eu posso garantir é que os pais de Livie e Carly se casaram. Poucos tempo depois que a mãe da Carly morreu de overdose, ela fugiu sem deixar rastros. Desde então é apenas Livie e os pequenos.

— *Você já pensou em como deve ser lá fora?— Carly está sentada na minha frente, enquanto tento reparar minha nova aquisição, uma Indian Scout 1942. Trabalhar em um ferro velho tem suas regalias quando você pode trocar seus honorários por grandes relíquias como essa.*

— *Cruel e assombroso. — Carly joga uma pedra em mim e eu desvio sorrindo.*

— *Esse já é nosso mundo.*

— Você não acha que precisa esquecê-la? — A voz de Carl me chama de volta à realidade.

— Carly merecia muito mais do que ser morta em um clube de stripper.

— E o que pretende fazer agora?

— Livie é a nossa única resposta. O bilhete no quarto de hospital era bem claro quando falava sobre ela. — Jogo meu corpo para trás e cubro meus olhos com o braço. — Eu só queria ter chegado mais cedo.

— O que Carly era para você? Lembro de ter visto você com várias garotas ao longo do ensino médio, mas nunca com ela. — Demoro para responder considerando sua pergunta.

Carly e eu nunca fomos nada mais do que amigos, eramos praticamente irmãos, apenas nascemos de mães diferentes. Durante muito tempo me perguntei o que realmente poderia ter acontecido com ela, mas após o alistamento no exército minha vida mudou de curso e com ela minhas prioridades, e Carly já não era mais meu primeiro pensamento.

— Minha responsabilidade — respondo por fim. O mundo pode ter falhado com ela, mas eu os farei pagar por isso.



Capítulo 7

Livie

— Boa noite, mamãe. — Noah fala entre bocejos com sua doce voz de criança. Emma dorme tranquilamente ao seu lado. Chegamos em casa há poucos minutos. Depois que Collin saiu do restaurante o clima continuou um pouco pesado apesar de que Noah pareceu ter perdoado Emma facilmente e logo continuaram a brincar sem se estressarem. Pude terminar de trabalhar sem mais estresse mesmo que algumas pessoas continuassem me olhando, mas não tinha apenas julgamento. Tinha algo mais que eu não consegui identificar. Mas eu deixei de me importar.

Sorrio para o rosto sonolento de Noah e beijo sua testa.

— Durma bem, meu pequeno homem. — Ajeito a coberta sobre nossos corpos.

Quando meus olhos finalmente fecham o telefone começa a tocar. Meu primeiro instinto é ignorar, mas se eu demorar a atender logo as crianças irão acordar e eu ficarei sem dormir do mesmo jeito. Levanto e meu corpo

estremece quando meus pés tocam o chão frio, ando até a sala onde o telefone grita. — Alô? — Sinto meus olhos fecharem e me apoio contra a parede começando a sentir o meu corpo falhando. — Alô? — falo novamente, mas não há nenhuma resposta.

Se eu estivesse mais atenta teria prestado atenção. Eu teria notado a respiração do outro lado da linha, a janela aberta, os sinais estavam por toda a parte, mas eu me distrai, eu fracassei. Eu atendi ao telefone.

— Olá, pequena Livie. Eu senti sua falta — Meu corpo enrijece, minhas mãos tremem e eu desperto. — As pestinhas estão dormindo tão bem. — Corro para o quarto, mas tudo parece tranquilo, as janelas fechadas e as cortinas no seu devido lugar. — Oh, não precisa fazer essa cara, garota. Eu não estou no seu apartamento, pelo menos não mais. — sua voz rouca pelos longos anos usando nicotina causam arrepios no meu corpo fazendo meu coração acelerar e minha pele queimar.

— Onde você está? — pergunto reunindo o último fio de coragem dentro de mim, ando pela casa conferindo portas e janelas.

— Querida, você sabe que não é assim que o jogo funciona, — Ele estala a língua. — Você nunca aprende, não é mesmo?

— O que você quer? — Aperto meu pulso, sentindo a cicatriz ao redor.

— Sem perguntas idiotas, Livie. Você sabe do que eu preciso, o prazo está acabando. Acho melhor você cumpri-lo se não quiser que eu tome essas duas pestinhas de volta.

— Eu já te dei tudo o que eu tinha — minha voz sai estridente e meu desespero é notável. Ele sorri do outro lado linha se divertindo com o meu desespero.

— Aquilo foi uma esmola, eu preciso de mais.

— Eu não tenho mais! As crianças precisam...

— Duas semanas. Você sabe do que eu sou capaz, não envolva ninguém nisso. — A linha fica muda e eu caio no chão segurando o telefone contra o peito, sentindo o mundo desmoronar ao meu redor.

Ele está de volta.



— Isso é muito dinheiro, querida. — Senhora Claire me olha através da armação de seu óculos, desvio o olhar não tendo coragem o suficiente para encará-la. Noah e Emma estão distraídos brincando no escritório nem um pouco conscientes da confusão que os rodeia.

— Eu.. eu sei, mas eu prometo pagar. Cada centavo, eu trabalho, horas extras. Você...vo...você pode até descontar do meu salário, eu não ligo — minha voz sai estridente e trêmula. Tomo algumas respirações profundas tentando recuperar meu controle.

— O que está acontecendo, Livie?

— Nada! — Dou de ombros. — Preciso pagar um empréstimo que fiz ao banco, é isso.

— Eu não posso. — Olho para ela assustada. Claire nunca negou nada para mim, mesmo que a quantia seja um pouco exagerada, eu não imaginava que ela negaria.

— Eu posso... — Levanto da cadeira sentindo o pânico começar a surgir.

— Livie, não! — Claire corta minhas divagações.— Eu não posso ajudar você enquanto continuar mentindo para mim. Quando você tiver preparada para me contar, eu irei te ajudar. Até lá eu não posso fazer nada. — Ela posiciona os óculos no seu rosto e volta sua atenção aos papéis à sua frente, dispensando-me. Posso sentir as lágrimas queimando meus olhos, por mais que eu queira me jogar no seu colo e contar tudo, eu não posso. A vida dos meus pequenos está em jogo e envolver mais pessoas nisso não ajudaria.

— Claire...

— Não. — Mordo meu lábio e saio do escritório sentindo uma dor de cabeça se formando. Vou para trás do balcão reorganizar o caixa enquanto May serve as pessoas ao redor, continuo distraída em pensamentos tentando

encontrar uma saída.

— Bom dia! — May fala quando passa por mim e me dá um abraço desajeitado.

— Olá — minha voz sai fraca e sem ânimo.

— O que está acontecendo?

— Nada. — Fecho a caixa registradora e vou para a cozinha ajudar o senhor Williams com as tortas.

Collin

O som estridente do meu celular me acorda e levo alguns minutos para me situar. Sentindo meu corpo dolorido levanto e noto que acabei adormecendo no sofá enquanto estudava o caso de Carly. Ainda sem explicação. Nem mesmo Carl consegue entender o que está acontecendo. Seis anos da vida de Carly é um segredo, até que sua história se liga com a de Livie, mas não há nenhum motivo sobre saída repentina depois de seis meses morando com eles.

Junto os papéis ao redor e as embalagens vazias de comida e café espelhados sobre a mesa, tentando encontrar o causador da minha falência cerebral, ele para de tocar por alguns instantes e eu paro de procurá-lo equilibrando a papelada e copos nas minhas mãos. Solto a respiração imaginando que finalmente vou poder voltar a dormir, mas ele volta a tocar.

— Foda-se — murmuro quando finalmente o encontro. O rosto sorridente do meu sobrinho mais novo, Jake, encara-me e eu já posso imaginar que minhas irmãs tiraram o dia para me atormentar. — O que é, Rachel?

— Olá *pra* você também — Rachel fala nem um pouco incomodada com o meu ataque. — Mamãe quer saber quando você vai vir nos visitar?

— Eu estou a trabalho...

— Jake, desça do armário! — Rachel grita cortando minha explicação. — Estamos esperando você para o aniversário do Rick. Beijos! — Ela desliga antes que eu possa terminar. Rachel é uma pessoa totalmente imperativa, ela consegue cuidar do seu filho sendo uma mãe solteira em tempo integral, estudante universitária e ainda arruma tempo para auxiliar a nossa irmã mais velha, Katy, e a nossa mãe. Que está me ligando neste momento.

— Bom dia, mãe — falo ao telefone assim que aceito a ligação.

— Collin querido. Estamos esperando você para o almoço de domingo. — Suspiro e começo a andar em direção a cozinha. Eu não posso aguentar sem uma xícara de café, ou talvez duas. — Rachel já falou com você

sobre o aniversário de Rick.

— Sim, ela pode ter comentado isso entre seus gritos com o Jake. — Coloco o pó na cafeteira e apoio o celular no ombro.

— Oh, doce Rachel. Ela merecia algo melhor do que aquele traste.

— Eu ainda estou disponível para fazê-lo engolir suas bolas. — O ódio que eu sinto pelo cafajeste que engravidou Rachel ainda consome minha alma, ele trocou uma bela garota e seu filho pela sua carreira de futebol americano. Ele apenas deixou uma garota de 18 anos grávida.

— Collin Adam Simons, o que eu lhe ensinei sobre palavrões na presença de damas. — Sorrio com a bronca. Mesmo que ela tenha me adotado há seis anos, Mary age como se eu tivesse o seu próprio sangue, não só ela, mas também minhas irmãs que me acolheram debaixo de suas asas. O garoto fodido e sem família, finalmente encontrou um lar. Mesmo com o meu jeito introvertido elas nunca desistiram de mim.

— Desculpa, mãe.

— Eu posso pensar nisso se você prometer que vai estar aqui para o aniversário do Rick. Nós sentimos sua falta — ela sussurra a última frase e eu sei o quanto é difícil ela confessar isso. Apesar de ter um coração enorme, Mary tem uma armadura grossa. Criada por militares, ela aprendeu a ser mais ação do que emoção, principalmente depois que seu marido morreu na guerra, deixando-a sozinha com duas filhas para criar.

— Eu vou... fazer o possível para tentar ir.

— Obrigada. Isso significa muito para mim. — Ela desliga o telefone sem se despedir. A última vez que ela fez isso foi semanas antes de seu marido falecer, então o hábito ficou porque assim as pessoas saberiam que ela não está pronta para despedidas. As únicas despedidas são através de abraços.



O choro de crianças e conversas aleatórias preenchem o ambiente, o

sino toca acima da minha cabeça anunciando a minha entrada. Algumas pessoas giram a cabeça para me olhar, mas ninguém que chame a minha atenção, reposiciono o gorro na minha cabeça e ando até o balcão onde um senhor está sentado lendo um jornal. O lugar parece muito mais movimentado do que da última vez que eu estive aqui, olho ao redor à procura dos pequenos, mas eles não parecem estar por perto. Tiro meu celular do bolso enquanto espero Livie aparecer.

— Livie! — o grito de May e o barulho de vidro quebrando chama a minha atenção, meus olhos encontram o rosto assustado de Livie, ela desvia o olhar enquanto murmura algumas palavras para May. Ambas tentam minimizar o estrago causado, cacos de vidros se misturam com restos de comida, May levanta e anda até a porta traseira. Livie continua de joelhos tentando juntar os cacos, suas mãos tremem e se ela não tomar cuidado poderia até se cortar.

— Você pode se machucar — falo quando paro à sua frente segurando suas mãos trêmulas nas minhas, ela tenta tirá-las, mas meu aperto está firme. Seu cabelo vermelho está escondido em um gorro cinza, uma camisa preta de manga comprida cobre toda a extensão dos seus braços.

— Eu não preciso da sua ajuda — ela tenta ser firme, mas sua voz vacila.

— Eu sei, mas eu vou continuar aqui. — Ela finalmente me encara e estreita os olhos para mim, eles descem pelo meu rosto e pescoço e encara por alguns segundos o meu antebraço. Apesar de ser um agente do FBI, tenho algumas tatuagens que cobrem a extensão do meu braço e torso. As tatuagens fazem o meu disfarce ficar mais fácil, além de fazerem um ótimo trabalho cobrindo as cicatrizes. Depois que alguns artefatos atingiram meu corpo após as explosões no campo de guerra.

— Levantem que eu preciso cuidar disso aqui. — A voz de May nos tira do nosso breve momento, Livie parece despertar e levanta tomando alguns passos de distância.

— Eu vou voltar para a cozinha. — May a observa por alguns minutos e seus ombros caem quando ela suspira.

— O que está acontecendo? — pergunto tirando a vassoura e pá das

suas mãos e recolho o lixo no chão.

— Ela não está bem. Hoje ela quase não falou nenhuma palavra e eu a encontrei chorando no banheiro poucos minutos antes desse desastre. — May coloca o cesto de lixo na minha frente. — Livie não chora, mas ela não vai me contar o que está acontecendo.

— Você tem alguma ideia do que pode ser?

— Acho que ela está precisando de dinheiro. — Ela torce a cabeça e aponta para um caderno ao lado da caixa registradora. É a única coisa que ela fala antes de Livie voltar carregando mais pratos em uma bandeja. Ela mantém sua cabeça baixa quando passa por mim, levantando apenas para servir os clientes.



Capítulo 8

Livie

O que está ruim sempre pode piorar.

Eu não sei o que está acontecendo comigo. É como se eu estivesse em transe. As pessoas falam, gritam, sorriem, mas eu não consigo expressar nenhuma reação. Tudo está passando ao meu redor e eu me sinto apenas uma telespectadora. O único momento em que eu senti algo foi quando derrubei a bandeja de café da manhã de cinco pessoas, prejuízo que vai levar um terço do meu salário. Se já não bastasse as teias de aranha na minha conta ainda tenho que lidar com isso.

Collin estava parecendo bem confortável sentado no balcão enquanto mexia no celular. Mas ele não foi o motivo por eu ter derrubado a bandeja, e sim o homem atrás do vidro me observando, eu não sei o que aconteceu depois, mas Collin de repente estava na minha frente segurando minhas mãos, evitando que o estrago que eu fiz se tornasse ainda maior. Quando saí do meu transe, eu fiz a única coisa que eu sou boa em fazer. Eu

fugi.

O seu olhar era muito intenso como se ele soubesse todos os meus segredos, no momento em que May retornou eu voltei para a cozinha e deixei ambos sozinhos. A minha vontade era continuar escondida, mas eu precisava recuperar o estrago feito. Quando passo por eles, Collin está ajudando May a limpar o resto de comida e vidro. Sirvo os clientes da melhor maneira que eu posso mesmo que eu sinta que possa entrar em um colapso a qualquer momento, tentando ignorar toda confusão de minutos atrás. Quando volto para a cozinha não posso evitar e acabo olhando em direção a entrada novamente para garantir que ninguém está me vigiando.

Uma mão segura meu braço. Levanto a cabeça assustada, mas os olhos de Collin me encaram.

— Você pode me soltar? — pergunto depois da minha tentativa falha de tirar meu braço do seu agarre.

— O que está acontecendo?— ele pergunta e olha na mesma direção que eu estava encarando.

— Nada. — Olho ao redor, menos para ele.

— Então por que você está olhando para a porta a cada cinco minutos? Olhe nos meus olhos, Liv. — Mordo o interior da minha bochecha, tentada a ignorar sua ordem e sair daqui, mas o aperto no meu braço se intensifica e eu acabo por encará-lo.

— Eu já disse que não está acontecendo nada. — Quando puxo meu braço ele finalmente o solta.

— Se você me disser o que está acontecendo posso te ajudar.

— Ninguém pode me ajudar. — Passo por May que me encara com o cenho franzido, mas eu não dou a chance de falar e passo por ela rapidamente.

Um pouco depois do meio-dia o movimento começa a diminuir, apesar das gorjetas também, eu ainda me sinto aliviada já que May encerrou seu turno mais cedo. Emma e Noah aceitaram ser alimentados por Claire, então, eu pude ter quinze minutos livres na parte de trás do restaurante enquanto comia alguns biscoitos no almoço. Olho para o céu nublado e me

pergunto o que eu preciso fazer para ter uma vida de verdade. Em que eu apenas não passe dias tentando sobreviver a cada empurrão que a vida me dar.

Onde eu possa realmente viver.

Assim que termina o meu horário de almoço volto para a entrada onde o senhor Williams está me substituindo, ele sorri quando passa por mim e toca meu ombro. Eu tento sorri de volta, mas ele some do meu rosto quando noto Collin sentado no mesmo lugar. Ando a passos largos em sua direção, mas desvio de última hora e vou para o meu lugar atrás da caixa registradora.

— Você vai me ignorar agora?

— Eu não tenho o hábito de falar com clientes. — Um pequeno sorriso nasce no canto da sua boca, ele balança a cabeça antes de voltar a comer um pedaço de bife. Meu estômago resmunga e eu preciso desviar o olhar para não atacar seu prato.

— Você não parecia se preocupar com isso nos últimos dias. — Franzo a testa para o seu comentário.

— As coisas mudam.

— Eu já tive você em meus braços por uma noite. — Minha boca se abre, mas nenhuma palavra sai, sinto meu rosto corar e se meu corpo esboçasse alguma reação eu teria me jogado ao chão e cavado um buraco. — E eu gostei. — Olho ao redor com medo de que alguém possa estar escutando, mas para a minha sorte eles parecem bem entretidos com suas comidas. — Na verdade, eu gostaria que se repetisse. Só que agora você teria que usar menos roupas. — Ele eleva a sobrancelha sugestivamente e eu avanço na sua direção.

— Você ficou louco? — sussurro meio gritando. Ele dar de ombros e volta a sua atenção para o prato. — Você sabe que não foi assim que aconteceu.

— O que eu sei é que eu senti você contra mim, eu quero isso de novo. — Seus olhos queimam a minha pele, falando muito mais do que sua boca.

— Isso nunca vai se repetir e pode tirar essa sujeira da sua mente, ou

eu serei obrigada a chamar a polícia.

— E qual seria a acusação? — Ele deixa os talheres ao lado do prato antes de cruzar os braços sobre o peito.

— Assédio. Você está me assediando no meu local de trabalho. — Um riso sai da sua garganta atraindo a atenção de algumas pessoas para nós. — Shh... — O seu show está começando a atrair olhares para nós, deixando-me ainda mais envergonhada. — Você pode parar? — Olho a nossa volta começando a me sentir incomodada com os olhares em nós.

— Bem, você pode ter razão. No entanto, eles mandariam o policial mais próximo, que no caso seria eu. — O sorriso no seu rosto me distrai do recém comentário. — Eu não poderia completar a acusação, porque eu não vejo problema nenhum em um cara conversar com o seu último encontro.

— Não tivemos um encontro.

— Tenho testemunhas que desmentem.

Começo a sentir uma dor de cabeça se formando por seus comentários.

— Que seja! — Faço meu caminho de volta para a caixa registradora, ignorando seu sorriso.

— Você parecia um pouco assustada hoje de manhã, há algo que eu precise saber? — Por um momento desvio minha atenção das cobranças à minha frente, por um momento considero falar sobre as ameaças que eu tenho sofrido. Apenas por um momento, eu me deixo ter esperança, mas logo ela se vai quando a realidade me atinge. Não me deixando arriscar, eu não tenho garantia de que o que ele fala é verdade ou se apenas está brincando comigo. Por via das dúvidas eu prefiro ignorar seu comentário e volto minha atenção para os talões de luz, água, gás, entre outros.

— Não há nada para contar.

— Tem certeza? Eu...

— Sim! — Corto-o. Seus olhos me encaram por alguns minutos, antes de ele balançar a cabeça e pegar sua carteira. Tirando algumas notas ele coloca sobre o balcão.

— Esse aqui é o meu cartão, caso um dia você precise. — Olho para o papel entre seus dedos avaliando e acabo aceitando.

Departamento investigativo.

Agente especial Adam Simons

— Adam?

— Você não é a única com segredos. — E sai do estabelecimento sem olhar para trás.

— Quem era? — A voz de Claire me assusta e eu pulo na minha cadeira e aperto o cartão contra meu peito antes de finalmente encará-la.

— É... é apenas um cliente. — Guardo o cartão no bolso da minha calça jeans e recolho as notas do balcão.

— Noah está desenhando e Emma está dormindo. Eu a achei meio molinha hoje.

— Como assim? — A preocupação me atinge e a ideia de que algo possa acontecer com um deles me aterroriza.

— Acredito que não deva ser nada de mais, apenas alguns dentes nascendo. Fique tranquila e a observe, se precisar pode até mesmo fechar o restaurante mais cedo, aliás você pode começar a fechar o restaurante uma hora mais cedo, duas se não tiver ninguém. — Quando passa por mim ela aperta meu ombro e anda até a cozinha. Aperto meus dedos contra o balcão de mármore sentido todo o estresse deixar sua marca em mim.

— Garota! Você está surda? — A voz de uma mulher me tira do meu momento de autopiedade, trazendo-me de volta para a realidade. Depois da saída de Collin, meu dia foi preenchido por servir cafés e milk-shakes de jovens universitários. Claire saiu mais cedo me deixando sozinha com as crianças e o restaurante, uma parte de mim agradeceu a sua saída antecipada já que eu ainda não conseguia olhar para seu rosto depois do momento humilhante de hoje cedo. Emma estava mesmo um pouco febril e quase não comeu nada, apenas algumas colheres de sua sopa. Noah também estava um pouco quieto, meu pequeno menino sempre costuma sentir quando tem algo errado com sua irmã. Está ajoelhado em frente a cadeira de sua irmã enquanto mostra um dos seus bonecos a ela.

— Foda-se. Você tinha que ter visto os peitos dela, eram enormes. Não caberia na palma da minha mão. — Risos masculinos preenchem o ambiente e eu sinto o desconforto subir pela minha espinha. Mesmo depois de dois anos ele ainda conseguia me transformar na casca de uma garota que um dia eu fui, olho por cima do ombro em direção aos três universitários que acabaram de entrar. Vestidos com roupas de frio, e apenas um deles está usando o casaco com a logo do time de futebol.

— *Você não achou que aquilo significou alguma coisa, não é? — Seus olhos estudam meu rosto molhado pelas lágrimas e humilhação. — Porra, Livie! Você achou? — Seus olhos brilham em diversão enquanto olha as pessoas em volta, um público surgiu para presenciar minha humilhação. Abraço meu corpo tentando encontrar uma saída, mas é impossível passar pela muralha que eles montaram ao redor. — A nossa pequena Livie é tão inocente — o seu tom zombeteiro me acompanha quando finalmente consigo escapar daquele círculo, mas os risos me acompanham por todo o corredor, até a sala, para o resto do ensino médio.*



Capítulo 9

Collin

— Pensei que licença significasse que você deveria se ausentar do trabalho. — Carl fala quando para em frente a porta da minha sala, segurando uma caneca e alguns papéis ele apoia seu ombro no batente da porta e me observa.

— A minha licença é estar afastado do clube, não do escritório — respondo sem desviar o olhar do computador à minha frente.

— Você não deveria deixar essa garota descansar em paz? — Ele senta na cadeira à minha frente e a apoia a caneca na mesa.

— Ela precisa de um encerramento.

— Ela ou você? — Suas palavras me fazem desviar a atenção, e eu olho para seu rosto.

— Carly foi espancada até a morte, eu preciso descobrir o que a levou a isso. Ela precisa saber que tem alguém lutando por ela, já que sua família desistiu.

—Livie não desistiu, talvez ela nem saiba. Carly desapareceu há anos, Livie vem lutando sozinha todos esses anos sem nenhum apoio. Por que

você não tira Carly do seu pedestal e foca em Livie, ela pelo menos está viva.
— Ele sai da sala, deixando-me a remoer com as questões que ele apontou.

Foda—se, ele pode estar certo.

Livie

— Você mudou. — Luke está parado em frente ao balcão segurando algumas notas na sua mão, seus amigos estão do lado de fora, fumando, alheios ao que seu amigo está fazendo.

— Eu não posso dizer o mesmo de você. — Estico minha mão querendo receber logo o dinheiro para que eu possa dispensá-lo, mas ele não está cooperando. Com o tom cortante da minha voz ele tem a coragem de parecer envergonhado enquanto me entrega o dinheiro. Ele abre a boca para responder, mas eu o corto. — Nada que sai da sua boca me interessa, você sabia muito bem o que tinha acontecido e deixou que a escola inteira acreditasse nas mentiras da Kristen. Então pouco me importa o que você tem para falar.

Luke foi o meu primeiro amor da adolescência, éramos melhores amigos e vivíamos disputando prêmios para a nossa bolsa de estudo. Mas depois do verão, quando iniciou nossas aulas do ensino médio, ele mudou completamente. O garoto doce e gentil que me acolheu quando ninguém mais fez, me renegou e me chutou como se eu fosse um cachorro sarnento depois do nosso baile de formatura. Para alguns isso pode não significar nada, mas quando você cresce em um lar desestruturado, inexplicavelmente você começa a ansiar por um conto de fadas, e Luke era o meu príncipe encantado, até que ele fez do momento mais importante da minha vida, um show de horrores e humilhação para todos que quisessem ver. Não foi só a mim que ele expôs, mas a minha família e minhas cicatrizes mais escuras que eu confiei apenas a ele.

— Eu te vejo por aí. — Ele abaixa a cabeça e eu não respondo. Antes de sair ele dar uma breve olhada para as crianças ao meu lado. O sino anuncia sua saída e eu me permito respirar, ainda falta meia hora para as nove, mas como não tem ninguém no estabelecimento eu decido cumprir as ordens de Claire e fechar mais cedo.

Ando com os pequenos até o apartamento, Noah esfrega os olhos algumas vezes e Emma encosta sua cabeça no meu ombro enquanto ressoa levemente.

— Estamos chegando. — Ele aperta a minha mão, mas não responde. Fecho a porta da frente e peço para que ele vá para o banheiro. — Eu vou já ajudar você — falo depois que o entrego a toalha . Tiro Emma da banheira e a visto com uma fralda nova, e depois ajudo Noah a escovar os dentes. Eles estão tão cansados que logo desmaiam.

Aproveito essas horas de silêncio para assistir um pouco de televisão e calcular os gastos do mês. Minha única saída vai ser tirar um empréstimo, já que a Sra. Claire não pode me ajudar, mas eu não posso imaginar como vou conseguir esse crédito com eles. Deito minha cabeça contra o encosto do sofá quando a dor entre meus olhos se torna insuportável. Olho para a televisão, onde algum filme de ação está passando e permito que minha mente voe para qualquer lugar que ela deseje.

Um aperto estranho começa no meu peito e eu sinto lágrimas formando nos meus olhos, respiro fundo várias vezes para evitar que elas caiam. Mas eu não consigo segurá-las por muito tempo. Um soluço escapa da minha boca e logo as lágrimas se libertam, abraço minhas pernas, sentindo todo o peso do mundo nas minhas costas. É em momento como esses que eu queria alguém do meu lado, alguém para segurar minha mão e dizer que tudo vai ficar bem.

Uma batida na porta corta meu choro e eu ando até ela. Levanto na ponta dos pés para olhar no olho mágico e me surpreendo ao ver Collin do outro lado. Enxugo o meu rosto da melhor maneira possível antes de abrir a porta.

— O que você faz aqui? — Ele vira de frente para mim e o canto da sua boca levanta em um breve sorriso.

— Eu perdi minhas chaves. — Estreito os olhos para ele considerando suas palavras.

— Hum?

— Não consigo encontrar minhas chaves. — Antes que eu possa reagir, ele consegue empurrar a porta e entrar.

— Obrigado. — Ele fecha a porta atrás dele. — Eu... — As palavras somem quando seus olhos percorrem meu corpo, e de repente eu me sinto extremamente exposta. Ele demora um tempo significativo olhando para as

minhas pernas antes de mudar para o meu rosto. — Por que você está chorando?

— Eu estava assistindo a um filme.

— Filme de ação?— Ele começa a tirar o casaco e joga no sofá. — O que está acontecendo?

— O que você está fazendo aqui?

— Eu preciso de um lugar para ficar — ele fala e seus olhos continuam me analisando antes olhar ao redor. Quando não encontra o que está procurando, ele se aproxima de mim e eu me afasto até que minhas costas encontrem a parede.

— Você não pode ficar aqui.

— Eu não tenho para onde ir, já disse que perdi minhas chaves.

— No FBI não ensinam como arrombar uma porta?

— Eu dormi nessa aula. — Reviro os olhos para seu comentário infantil.

— E na casa do Carl? Você deve ter família por aqui.

— May mora com ele, normalmente eles costumam ser parecidos com coelhos, nem as paredes grossas são capazes de abafar toda a cerimônia. — Sinto minhas bochechas queimarem pelo seu comentário.

— Eu não posso deixar você ficar aqui. — Olho para os meus pés e me pergunto quando a foi a última vez que fiz minhas unhas.

— Baby? — Sua mão inclina minha cabeça para que eu encontre seus olhos, mas eu me afasto do seu toque.

— Não...

— Eu estou aqui. — E essas três palavras são suficientes para que eu desmorone, meu corpo começa a cair, antes que chegue ao chão os braços de Collin me sustentam.

— Eu estou cansada. Eu estou tão cansada. — Choro em seus braços. E a cada soluço que escapa do meu corpo é um peso que eu não consigo mais carregar. Collin me pega nos braços e me leva até o sofá, onde

me abraça até que a exaustão me leve.



Capítulo 10

Collin

Ela solta um suspiro trêmulo e enxuga seu rosto. — Eu estou apenas... Eu estou tão cansada, Collin. Estou tão cansada.

Balanço Livie em meus braços até que ela relaxa e o sono a consome. Livie é uma sobrevivente, assim como May disse. Eu não tinha a menor intenção de invadir sua casa desse jeito, mas depois que Carl saiu do meu escritório eu precisava de um pouco de ar e por incrível que pareça essa busca pela paz me trouxe até aqui. Quando estacionei em frente ao restaurante, eu deixei o carro em ponto morto enquanto observava a movimentação lá dentro.

Tudo parecia tranquilo até que a figura de um homem com capuz me chamou a atenção, pelo visto eu não era o único observando-os. Assim que eles saíram em direção as escadas o homem começou a segui-los, então eu não pensei duas vezes antes de sair do carro e ir em direção a eles, o que fez com que o homem recuasse e ficasse escondido entre os becos. Sua atitude só fez com que o meu instinto aumentasse ainda mais, por isso que eu me encontrei batendo na sua porta essa hora da noite.

Quando ela atendeu a porta e seu rosto estava vermelho pelas as lágrimas, eu entendi o que Carl falou.

Pela primeira vez, eu penso no que deve ter sido para ela. Ter que fazer uma centena de diferentes modalidades, cuidar de duas crianças.

Colocando suas necessidades em segundo plano.

Olho ao redor e noto o quanto o apartamento é pequeno, é quase do tamanho da minha cozinha, e essa percepção faz meu estômago afundar por ter que assistir os três morando em um local tão pequeno. E antes que eu possa parar, pego-me pensando em como seria se os três morassem comigo. Balanço a cabeça afastando essa ideia. Deito no sofá e trago o pequeno corpo de Livie junto ao meu, afago os seu cabelo enquanto tento entender o que a levou a isso.

Livie

Acordo sentindo minha cabeça pesada. Meu corpo está dolorido por ter dormido em um sofá. O barulho da água escorrendo me faz correr até o banheiro e quando abro a porta encontro Collin dando banho em Emma e Noah.

— Bom dia, estranha. — Collin está ajoelhado no chão na altura de Noah enquanto equilibra Emma na banheira, ele desvia seu olhar para mim por alguns segundos antes de voltar sua atenção para Emma que bate seus punhos na banheira.

— *Me deixa* te ajudar. — Passo por ele e entro no box e Noah começa a sorrir quando me ver.

— Como você consegue fazer isso todos os dias? — Collin pergunta depois que começo a tirar o shampoo do cabelo de Noah.

— Anos de prática. — Sorrio lembrando da primeira vez que dei banho no Noah.

— Tenho muito o que aprender. — Seu comentário me para e quando olho na sua direção ele está entretido com Emma. — Vamos lá, princesa. Onde está a roupa dela? — Ele a enrola em uma toalha felpuda e beija o pescoço dela fazendo-a rir.

— Segunda gaveta, — Ele acena antes de sair do banheiro. Olho para Noah que está calado, observando-me. — Vamos terminar aqui.

Depois que deixei Noah devidamente vestido, levei-o para a cozinha onde Collin estava preparando o café da manhã. Corri para o banheiro, onde tomei um banho rápido e quando retornei para a cozinha, com certeza, nunca iria estar preparada para ver a cena à minha frente. Collin está sentado com Emma em sua perna enquanto ele a alimenta, Noah está ao seu lado observando-o atentamente sem piscar, ao mesmo tempo em que tenta comer.

— Eu posso cuidar daqui — digo e tento pegar Emma dos seus braços mas ambos me ignoram.

— Você pode cuidar em tomar o seu café antes de descermos. — Ele

limpa o canto da boca de Emma e lhe dar outra colherada da sua mistura. — Há ovos e bacon no fogão. — Quando não faço nenhum movimento para me mover ele olha para mim. — Café da manhã, Liv. Você só tem quinze minutos.

De alguma forma eu consigo me mover, mas é como se eu tivesse vivendo uma experiência fora do corpo. E sinceramente, não sei como eu devo me sentir.



— Até mais tarde, pequenos. — Collin me entrega a bolsa de fralda de Emma quando chegamos em frente ao restaurante. Noah corre para cumprimentar a Sra. Claire, e nos deixa sozinhos. Collin beija a cabeça de Emma antes de começar a se afastar. Antes que ele possa ir mais longe seguro seu braço fazendo malabarismo para manter a bolsa e Emma no lugar. Ele olha para a minha mão em seu braço antes de levantar seus olhos para os meus.

— O que você está fazendo?

— Não é feio precisar de ajuda, Liv — responde. Posso sentir meu rosto esquentando, mas tomo algumas respirações profundas para controlar minhas emoções.

— Você precisa esquecer o que aconteceu.

— Vê uma pessoa chorando até a exaustão não é algo que você supera facilmente. — Sem mais nenhuma palavra ele volta a andar em direção ao seu carro no outro lado rua. deixando-me sozinha na calçada com uma criança que está fazendo sua missão de vida comer minha blusa, a bolsa pende do meu ombro me despertando para o mundo real. Olho mais uma vez para ele antes de entrar no restaurante.

O cheiro de café e massa me atinge assim que abro a porta. Ainda faltam poucos minutos para as oito, mas as mesas já estão quase todas lotadas. Olho ao redor à procura de Noah e me assusto quando encontro May e Claire atrás do balcão, ambas com sorrisos idênticos no rosto. Quando

chego até elas coloco a bolsa sobre o balcão e ajeito Emma no meu colo.

— Onde está Noah? — pergunto quando não o encontro em nenhum lugar por perto.

— Will o levou para a cozinha para experimentar sua nova sobremesa.

— Ele acabou de tomar café — murmuro olhando em direção a cozinha.

— Eles não vão exagerar. Uma colherzinha não faz mal. Agora me dê essa pequena bolinha. — Claire tira Emma dos meus braços, que finalmente perde o interesse pela minha blusa. — Will quer chamar a atenção das crianças para o café, se Noah gostar do visual de suas novas tortas ele começa a investir.

— Uhum... — Olho para a minha blusa que tem uma mancha molhada com a baba de Emma, pego alguns guardanapos para começar a limpar quando noto os olhos de May e Claire em mim. — O que está acontecendo? — pergunto e já posso sentir meu cenho franzir.

— Noah nos disse que o *Tio Olli* estava na casa de vocês hoje — Claire fala enquanto balança Emma em seus braços. Sinto meus olhos aumentarem quando olho para May que me encara com os olhos cerrados.

— E pelo o que eu pude ver o carro de Collin estava estacionado do outro lado da rua. — Ela cruza os braços sobre o peito e arqueia a sobrancelha. — Ele também beijou a cabeça de Emma antes de sair.

Minha cabeça voa em direção a porta e é minha vez de cerrar os olhos.

— Como vocês conseguiram ver tudo isso daqui? — Aponto meu polegar para a porta transparente, onde eu não consigo distinguir uma imagem nítida.

— Não mude de assunto, sua pequena safada. — May bate no meu braço e eu recuo alguns passos, esfregando meu braço atingido.

— Você não pode falar essas palavras na frente das crianças. — Inclino minha cabeça em direção a Emma que está fazendo dos braços de

Claire um playground. Jogando seu pequeno corpo para trás e para frente. — Collin ficou preso do lado de fora e precisou de um lugar para ficar.

— E esse lugar foi a sua casa? — Claire pergunta.

— Parece que sim. — Dou de ombros e começo a vestir o avental. Beijo Emma antes de ir em direção às mesas.

— Isso ainda não terminou! — May fala quando passo por ela. Balanço a cabeça e começo a anotar os pedidos dos novos clientes.



Capítulo 11

Collin

— Você dormiu com a Livie?! — Meu braço para no meio do caminho antes da caneca chegar aos meus lábios. Desvio o olhar do computador para a porta, onde Carl me olha com seu rosto fumegante. Suspiro e coloco a caneca com o meu precioso líquido milagroso sobre a mesa.

— Você trouxe o que eu pedi? — Cruzo minhas mãos sobre a mesa e espero ele se sentar.

— Responde. — Carl joga o pacote em cima da mesa e eu começo a abrir antes de responder.

— Eu dormi na casa dela, mas não com ela. — Pelo menos não figurativamente.

— E a desculpa das chaves funcionou?

— Como uma luva — murmuro. — Você tem certeza de que esse é o melhor?

— O cara da loja disse que é o da primeira remessa. Por que você quer outro celular?

— Não é para mim. Livie não tem um. — Quando ele não fala nenhuma palavra olho para ele, só para encontrá-lo me encarando com um

olhar cético. — Ontem à noite depois que o turno dela terminou, notei um cara estranho os vigiando. Então, saí do carro e os segui. Foi quando esse maníaco se escondeu atrás de um beco. E a partir daí eu decidi dormir na casa deles, só para garantir.

— E ela aceitou de boa?

— Não dei muita escolha. — Termino de configurar o celular e volto a guardá-lo na caixa.

— Você comentou algo sobre a Carly?

— Ainda não estou pronto.

— E por que o celular?

— Livie mora com duas crianças em uma quitinete em cima do restaurante que ela trabalha. Uma tragédia anunciada. O celular vai garantir uma proteção ilusória.

— Ela não vai aceitar. — Carl sorri enquanto relaxa contra o encosto da cadeira.

— Vamos ver.



— Você pode enfiar esse celular no seu... — Arqueio a sobrancelha e observo seu rosto corar quando ela percebe que ganhou um pequeno público. Ela bufa e começa a andar em direção a cozinha. Eu a sigo fielmente.

— Não é uma futilidade, é algo útil. Bom dia, Sr. Williams.

— Bom dia, capitão. — Williams sorri para mim quando acena em direção à Livie que está fazendo um bom trabalho assassinando a louça enquanto as enxagua.

— Não sou seu caso de caridade.

— Nunca disse que era — rebato.

— Ainda não vou aceitar, é desnecessário.

— E se acontece alguma coisa com as crianças na madrugada? Como você vai se virar?

— Nós temos um telefone.

— Não sabia que telefones fixos pudessem ser usados sem a conexão dos fios. — Revirando os olhos ela termina de enxaguar a louça e começa guardá-los.

— Ele são bons o suficiente para chamar a emergência. Se necessário.

— Mas você não pode avisar a ninguém...

— Nós não temos ninguém! — seu grito mais o som da sua mão batendo contra a mesa me para. Sua respiração está ofegante e seu rosto corado como se tivesse corrido uma maratona. E por um momento a sua confissão fez eu me sentir mal.

— Por pouco tempo. — Com essa última jogada, deixo-a sozinha sem olhar para trás, mas antes coloco o celular ao seu lado.

Livie

Minhas mãos apertam a borda da mesa ao mesmo tempo em que tento controlar a respiração.

— Acho que eu nunca disse o quanto te admiro. — Levanto a cabeça até que meus olhos encontram Sr. Williams. Ele está tão concentrado sovando a massa que me questiono se ele falou mesmo comigo. Até que ele volta a falar. — Muitos supõem o que aconteceu com você, mas poucos procuram saber a verdadeira história. Assumir o papel que você assumiu em uma idade tão jovem, não é fácil. Você deveria estar como a May, curtindo as regalias que a universidade traz. Porém, você está aqui sendo mãe de duas crianças. E Livie, você faz isso muito bem — seus olhos encontram os meus, — mas você precisa saber que não machuca aceitar ajuda. Às vezes é importante ter alguém para te amparar quando você quebrar, e se o Capitão está te oferecendo uma mão. Não machuca aceitar.

Sinto as lágrimas caindo pelo meu rosto e mordo meus lábios para impedir os soluços. Sr. Williams para na minha frente e beija minha testa.

— Vou deixar você sozinha por alguns minutos, pequena guerreira. — Suas palavras são suficientes para desencadear novas lágrimas. Meu corpo treme com os soluços que chega a doer. Aos poucos vou escorregando para o chão, apoio os cotovelos contra o joelho e tento abafar o som com minhas mãos. A ameaça do meu pai ainda está bem clara e eu tenho medo de não conseguir ser tão forte quanto pensam.

Têm momentos em que apenas tentar não é mais suficiente.

— Livie, você viu o... saleiro? — a voz da May some quando me ver no chão. — O que aconteceu? Você está machucada? — Ela corre até o meu lado e começa a analisar meu corpo em busca de alguma ferida.

— Eu...eu estou bem — soluço. Limpo as lágrimas do meu rosto e tento me levantar, mas antes que eu consiga fazer algum progresso, May me puxa pelo braço até que eu volte para o meu lugar.

— Por favor, Livie. O que está acontecendo? — Obrigando-me a olhar para seus olhos, mais quando faço, é quase impossível segurar as

lágrimas, meu lábio inferior treme e me jogo contra seu corpo abraçando-a.

— Só preciso de um minuto.



— Uma vez na vida, Livie. Faça o que eu digo. Eu sei que por muito tempo precisávamos só de você, mas agora temos May e você precisa de uma folga. Você pode negar o quanto quiser mas não vai me enganar. Agora leve suas crianças para casa. — Sem me dá uma chance de responder ela vira de costas e sai em direção ao seu escritório.

— Eu...

— Sra. Claire parece ser bem convincente. — May inclina a cabeça enquanto a observa se afastar. Sra. Claire é uma mulher de 59 anos, que não tem mais de 1,53 de altura, casada com Sr. Williams de 63. Apesar de várias tentativas eles nunca engravidaram, e por mais que tentassem eles também não conseguiram o cadastro de adoção. Eu os conheci por acaso, pouco tempo depois de terminar o colegial. E por mais que me tire do sério sua atitude mandona, eu não deixo de agradecer por tê-los encontrado.

— Sim, com certeza. — Passo as mãos pelo meu rosto e começo a tirar o avental.

— Sobre o que aconteceu...

— Não foi nada demais.

— Ninguém reage daquele jeito por um nada demais, Livie.

— Só deixa rolar. Agora tenho que levar os pequenos para casa e aprender a mexer em um celular. — Levanto a caixa do balcão e balanço.

— Você não sabe como funciona? — pergunta, cética.

— Tecnologia não é o meu forte.

— Aqui estão, agora saiam daqui. — Claire nos interrompe trazendo as crianças mais a bolsa de fraldas.

— Ainda tá cedo. — Noah me encara segurando o seu caminhão em

uma mão. Posiciono Emma no meu quadril e a bolsa no meu ombro.

— Dia de *waffles* — sussurro e ele sorri, abraça minhas pernas antes de correr em direção à porta. — Espere por nós.

— Se cuida, garota. — Claire bate no meu ombro me dispensando antes de começar a ladrar ordens para May. Alcanço Noah ainda na porta que segura minha mão para subirmos até o apartamento.

Depois da minha crise de ansiedade onde chorei feito uma criança nos braços de May, Claire nos encontrou naquela situação, depois de tentar nos persuadir a falar ela finalmente desistiu. Mas como penitência me deu a tarde de folga, eu não sou uma viciada em trabalho, apenas tenho em mente que trabalho traz dinheiro, e dinheiro paga minhas dívidas. E tirar um de folga não vai tirar meu pai do meu pé, no entanto, faz com que eu aproveite mais meus irmãos.

Ambos estão sentados no chão jogando com alguns brinquedos que espalhei sobre uma toalha. Depois que troquei minha roupa por um short de dormir e uma blusa sem manga, sentei no sofá com a caixa que Collin me deu ao meu lado, observando-a com o canto do olho como se fosse uma bomba. Se eu levar em conta alguns programas de TV que mostram o que eles são capazes eu até poderia estar certa. Faz muito tempo que eu não mexo em um aparelho digital, a última vez o teclado deles ainda era externo. Mas olhando para o modelo da tela, ele parece frágil até para tocar, é um pouco parecido com o da May só que maior. Tomo mais algumas respirações e volto a olhar para as crianças, certificando-me de que elas estão bem.

Estico minha mão até a caixa e a trago para o meu colo o mais suave possível. Assim que ela está perfeitamente posicionada começo a abrir, o que não é um trabalho fácil dado aos tremores. Tento me concentrar nas vozes que vêm da televisão e não na nave espacial em minhas mãos.

Assim como imaginei, o celular é bem delicado. Fino e leve. Passo meus dedos sobre ele, sentindo a textura suave, a sua cor dourada reluz sobre a luz do sol. E eu não posso deixar de sorrir por ter algo tão delicado assim para mim. Olho ao redor dele e de repente ele começa a vibrar uma música que me assusta, eu o jogo no sofá e levo minhas mãos à boca.

O som irritante continua tocando e eu não me importo em desligá-lo

até que vejo Noah esticando a cabeça em direção ao som, antes de olhar para mim com seu pequeno rosto franzido em dúvida. Sorrio para ele que corresponde antes de voltar a montar seus legos. Avanço em direção ao celular e meu coração pula uma batida quando leio o nome de Collin no visor. *Me atrapalho* um pouco na hora de deslizar na tela, mas logo consigo fazer com que a música infernal pare.

— Então, você decidiu aceitar... — É quase impossível não notar uma nota de divertimento em sua voz.

— Eu... Eu... Ele *tava* tocando e eu não sabia como fazê-lo parar — minto.

— Ok, eu acredito em você. Com certeza você não estava segurando-o, tentando entender como fazê-lo funcionar.

— Não, não estava. — Mordo meu polegar me sentindo constrangida.

— Você pode me agradecer no jantar de hoje à noite.

— Que jantar?

— Hoje, às 20h, espero que você e as crianças gostem de comida italiana.

— Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não?

— Porque...

— Você está com medo do novo — ele completa e eu suspiro. Passo minhas mãos pelo cabelo, as crianças parecem estar se divertindo. Nossa rotina no restaurante é tão pesada que quase não ficamos em casa.

— Pode ser.

— Então vamos enfrentá-lo juntos. — A linha fica muda e eu abaixo o celular no meu colo.

— Dah Bah. — Emma grita e joga seu ursinho para cima. Sorrio e me sento com eles no chão.



Capítulo 12

Collin

— Licença, Agente Adams. Você consegue desestruturar carteis de drogas, mas não consegue entender o que significa a palavra licença?

— Chefe, eu...

— Não, Collin. Eu apostei 50 dólares que você voltaria no terceiro dia após a licença, mas hoje eu descobri que você nem tirou a licença! — Chefe Walker cruza os braços sobre o peito e me observa com o seu olhar superior, enquanto fico sentado atrás da minha mesa em meu escritório sendo repreendido. Se já não bastasse essa humilhação ainda tenho que lidar com a plateia que formou ao redor. O riso e as provocações são irritantes, e o olhar irônico de Carl é insuportável.

— Vocês apostaram? — E como resposta Walker levanta apenas uma sobrancelha.

— Passem *pra cá*, pessoal. — Nico começa a recolher o dinheiro e os caras gemem.

— Não esquece a minha parte — Carl fala quando se afasta da sala.

— Pode deixar, *Bro*.

— Não acredito que vocês fizeram apostas sobre mim.

— Ganhar dinheiro fácil nunca é demais.

— Mas ganhar dinheiro sobre mim é, Nico. — Ele não se importa de parecer ofendido e sai da sala fazendo um leque com o dinheiro.

— Quero ficar sozinho com ele! — o general grita e a sala começa a esvaziar. — Eu sei bem como é perder alguém...

— Não, você não sabe — corto-o.

— Sim, eu sei. Você não é o primeiro e nem o último a passar por essa dor. — Aperto meus punhos, voltando a sentir a dor no meu peito.

— Eu já perdi dezenas de colegas no campo, mas ela era a única pessoa que eu tive durante anos e eu não estava lá.

— Eu sei...

— Então, você entende como é difícil para mim? — Walker fica em silêncio me encarando e eu odeio ver a pena em seus olhos.

— Você ainda precisa das duas semanas de licença ou te tiro do caso. — Suas palavras me deixam paralisado até que ele sai da sala e eu choco meu punho contra a mesa.



— O que aconteceu com seu punho? — Livie pergunta logo depois de atender a porta, seu rosto está franzido enquanto balança Emma no quadril. Minha mão está coberta por gases depois que eu consegui uma luxação ao partir a mesa em duas.

— Uma mesa se chocou no meu punho. — Empurro ela levemente para trás e entro no apartamento fechando a porta atrás de mim.

— O quê? Por quê?

— Temos reservas às 20h, acho melhor partimos. Cadê o Noah? — Olho ao redor procurando pelo pequeno homem mas não o encontro.

— Ele está no banho, quer dizer, nós estávamos no banho. Eu não sabia se você vinha. — Abaixa a cabeça para esconder seu rubor. Só depois de suas palavras que eu fui notar o roupão de banho da Emma, que está nos assistindo com seu punho na boca e a camisa molhada de Livie.

— Eu sou um homem de palavra, Tinker Bell. — Aproximo meu corpo do seu e beijo a curva entre seu pescoço e ombro. Quando sinto seu corpo tremer passo um braço ao redor de Emma para mantê-la firme.

— O que você está....

— Eu cuido dessa aqui. — Tiro Emma de seus braços que vem de bom grado para os meus, balbuciando em sua voz de bebê. — Temos 30 minutos, Liv.

Sem esperar por sua resposta avanço em direção ao quarto, onde começo a vestir Emma.

— Dah buh! — Seus pequenos punhos se chocam antes dela tentar tocar meu rosto. Emma é muito mais colaborativa do que Jake na mesma idade.

— Tem algo aqui que a senhora queira?

— Bah!

— Uma mulher de atitude. Gostei! — Termino de colocar sua fralda antes de vesti-la com uma calça preta e uma blusa de manga comprida. Sorrio quando percebo o quanto ela está parecida com Livie.

— Tio Olli? — Pego Emma nos braços e viro em direção a Noah que está me observando.

— Pequeno homem, precisa de ajuda para se trocar? — Ele balança a cabeça, mas não faz a menor intenção de se mover. — Tem certeza? — Ele volta a balançar a cabeça e me encara com seus grandes olhos castanhos. — Então venha aqui para escolhermos uma roupa, — Quando acho que ele vai continuar parado dá pequenos passos na minha direção.

Livie

— Droga, Droga, Droga. — Aperto minha mão contra meu peito e a outra apoio contra a parede. Collin está menos de dez passos de distância cuidando dos meus irmãos enquanto eu estou presa tendo um ataque de ansiedade. Tudo estava muito bem até ele me tocar pela terceira vez e causar tremores estranhos no meu corpo. Agora eu estou aqui, arrumando-me para ir a um encontro com ele, onde não tenho a mínima ideia se posso chamar isso de encontro.

Desligo a água do chuveiro e meu queixo começa a bater de frio, enrolo-me em uma toalha e enquanto tento fazer algo para meu cabelo ficar decente. Sem secador ou escova eu o deixo secar naturalmente. Olho para a minha escolha de roupa e mordo meu polegar querendo causar alguma dor que direcione o meu nervosismo para algum lugar.

Collin é um cara bonito, e pelo que May diz, bem sucedido. Acontece que agora esse cara está querendo sair comigo e meus irmãos e eu não tenho a menor ideia do que vestir. Confesso que fiquei tentada a pedir ajuda a May, mas preferi escolher uma blusa preta com detalhe em V na frente e uma calça jeans nova. Espero que seja adequado para um restaurante italiano. Termino de calçar minha sapatilha e passo um pouco de rímel e batom antes de ir para a sala.

Ele está sentado na sala com Emma em seu colo e Noah ao seu lado esquerdo. Todos bem concentrados assistindo algum programa de música na TV. Por mais que eu tente evitar, essa imagem deixou uma marca em mim. Assim como a presença de Collin vem deixando.

— Eu estou pronta. — Cruzo os braços sobre o peito, de repente sentindo uma brisa fria quando Collin me olha da cabeça aos pés antes de sorrir.

— Você está linda. — Sinto meu rosto corar e desvio o olhar para a bolsa das crianças. Ele levanta com Emma ainda em seu colo e pega na mão do Noah. Antes que ele possa falar mais alguma coisa, pego a bolsa das crianças e começo a sair do apartamento.

— Eles não têm cadeirinhas — falo, descendo as escadas e carregando apenas a bolsa, enquanto Collin cuida das crianças.

— Eu já cuidei disso.

— Como assim?

— Eu as comprei.

— Você está brincando... Não, você não está. — Collin abre a porta e mostra duas cadeirinhas para crianças. — Por que fez isso? — pergunto e começo a sentir um desconforto no meu peito.

— Eu chamei vocês para jantar.

— E?

— E todos precisam de um lugar no carro. Agora eu preciso que você me ajude a colocar Noah no outro acento para que possamos entrar no carro e eu possa te levar para jantar. Onde você vai poder relaxar por pelo menos uma noite, okay? — Não estou pronta para isso, mas decido acenar.

— Okay.

— Você não está relaxando. — Aperto minhas unhas contra a palma da minha mão, sentindo a picada calmante. Olho pela janela e a escuridão me assusta. Noah e Emma estão muito mais relaxados que eu. Emma morde seu urso e Noah desmonta o Capitão América e volta a montá-lo novamente. Collin ligou o rádio em alguma rádio de música dos anos 80, mas não consigo me concentrar em nada. Apenas nas batidas rápidas do meu coração. — É só um jantar.

— Uhum...

— Então por que parece que você vai saltar do carro a qualquer momento?— Sua voz consegue atravessar minha névoa, mas meu nervosismo impede que eu crie uma resposta. — Livie? — Sinto sua mão enfaixada tocando a minha e me obrigo a olhar em seus olhos. O carro para no sinal algumas ruas antes do nosso destino.

— As crianças podem ficar um pouco difíceis em certas situações — sussurro.

— E você acha que isso me incomoda? — A ponta dos seus dedos percorrem meu rosto suavemente e me perco nessa sensação. — Eu sabia muito bem o que me esperava quando entrei naquele restaurante pela segunda vez.



Capítulo 13

Collin

Chegamos ao restaurante depois das 20h e o estacionamento ainda está cheio, o que não é uma surpresa. Giacomo's é o lugar para família. Desligando a caminhonete, eu pulo para fora e a contorno, enquanto Livie em uma tentativa falha tenta sair sozinha. Ajudo-a a sair, envolvendo meu braço em sua cintura e a deixo em terra firme. Começamos a tirar Emma e Noah de suas cadeirinhas, e Liv insiste em carregar Emma nos braços, alegando que minha mão não está boa o suficiente para isso.

Noah nos encara e quando estico minha mão para ele, recebe-a sem relutância. Caminhamos até a entrada e diminuo meus passos quando noto Noah tropeçando em seus próprios pés para nos alcançar. Em uma ação ousada coloco minha mão nas costas de Livie como se fôssemos um casal e estivéssemos em um jantar de família. Ela se retrai um pouco, mas não comenta nada.

— Reserva para Simons — digo ao *maître*, segurando Livie um pouco mais apertado quando seus olhos varrem para minha menina e descansam um pouco demais em sua boca, e depois no seu peito. Livie continua alheia aos seus olhares, já que ela parece bem mais entretida olhando a decoração ao redor, ignorando as pessoas a sua volta.

— Acompanhem-me, por favor — ele diz, pegando dois menus e

conduzindo-nos através do restaurante. Colocando minha mão nas costas de Livie passamos pelas mesas e paramos em uma das cabines na parte de trás onde duas cadeiras altas estão posicionadas para as crianças, assim que todos estão devidamente acomodados a garçonete chega e fazemos o nosso pedido.

Livie

Um peixe fora d'água. É assim que eu estou me sentindo. Eu não posso ignorar os olhares avaliativos e de julgamentos, a tensão de ter que escutar algum insulto na frente de Collin faz com que relaxar se torne impossível. As crianças parecem bem confortáveis, tirando Noah que continua encarando Collin a cada movimento.

Ele não estava tentando tocar sua comida, ele estava mais interessado em assistir Collin. Estava na metade da minha refeição antes de Collin começar a comer. Assim que Noah notou isso, ele começou a comer também. Quando Collin colocou o garfo sobre o prato e tomou um gole de sua água, Noah colocou o garfo também e pegou o copo de suco.

Que estranho.

Quando Collin começou a comer de novo, Noah fez o mesmo. Continuo observando-os até que Emma bate com que seus pequenos punhos sobre o bandeirão fazendo a maior bagunça ao seu redor.

— Gah!

Meu primeiro instinto é levantar e levá-los para casa, mas a mão de Collin me para.

— Sente-se! — Seus olhos estão sérios como se dissesse para não o contrariar. Deixo meu olhar percorrer o local e noto algumas pessoas nos encarando.

— Mas as pessoas...

— Eles podem lidar com uma criança se alimentando sozinha enquanto seus pais tentam manter uma refeição saudável e merecida. Caso eles fiquem incomodados farei questão de mostrá-los a saída. — Com suas palavras relaxo contra a cadeira, mas não foi sua ameaça de expulsar as pessoas do restaurante que me fez recuar, e sim quando ele nos chamou de pais das crianças. — Há quanto tempo você cuida delas? — Sua mudança repentina me faz respirar fundo. Contar sobre minha vida e dos meus irmãos não fazia parte dos meus planos para hoje à noite, principalmente na frente

das crianças.

— Bem... Eu... Faz muito tempo. — Dou de ombros e volto minha atenção para o meu prato.

— Quanto tempo? — Suas mãos apoiam seu queixo e ele me analisa como se estivéssemos em um interrogatório.

— Desde que Noah nasceu. Meus pais não eram os melhores, então para que ele pudesse sobreviver eu o assumi como meu.

— Ninguém nunca te ajudou?

— *Precisamos sair daqui — Carly sussurra enquanto me ajuda a fazer o curativo no meu rosto.*

— *Isso é impossível — sussurro.*

— *Não, não é. — Ela olha nos meus olhos e o brilho nele me faz tremer. — Eu tenho um plano.*

— *Eu vou buscar vocês. Não se preocupe.*

— Sempre estive sozinha.

— Mama, quero ir no banheiro. — Noah corta nossa conversa e eu de bom grado me levanto, mas Collin vai mais rápido pegando-o no colo.

— Banheiro masculino é comigo. — Eles saem e me deixam com a senhora devoradora de pera.

— Tudo tranquilo por aí, pequena senhora?

— Dah! Buh! Ah! — Ela me encara com uma expressão séria e segura um pedaço de ervilha na minha frente.

— Oh, não...

— Olha o que temos aqui. — A voz de Kristen me coloca em alerta, desvio minha atenção de Emma para ela. — Você sabia que este é um estabelecimento familiar? — Sua postura superior e roupas de grife me lembram do porquê eu evito locais como este.

— Eu estou com a minha família — respondo com o sorriso mais falso que eu posso reunir. Ela apoia suas mãos sobre a mesa e inclina-se na minha direção.

— Querida, dois bastardos e uma prostituta suicida não fazem de vocês uma família. — Palavras. Palavras machucam muito mais do que pontapés e socos, eu acreditava que estava imune ao seu veneno, mas o que mais machuca é ser julgada por algo que eu não fiz. Só que é difícil de acreditar quando as cicatrizes no meu pulso gritam. — Você não pertence a este lugar, você nunca vai pertencer a nada. — Antes que eu possa prever, sua mão esbarra no meu prato com o resto de molho que cai sobre meu colo, levanto e meu movimento rápido faz com que a cadeira caia e assuste Emma que começa a gritar. As pessoas viram na nossa direção, observando o nosso espetáculo. Emma continua gritando a plenos pulmões e eu não tenho muita escolha a não ser pegá-la no colo mesmo suja com molho. Já posso sentir as lágrimas de humilhação queimando meus olhos, mas não permito que elas caiam.

— O que está acontecendo aqui? — Collin pergunta quando chega perto da mesa carregando Noah no colo, ele o coloca no chão e vem na minha direção mas dou um passo para trás. Noah observa a situação com seu olhar amedrontado.

— Estava cumprimentando Livie, e como ela sempre foi atrapalhada acabou derrubando o molho no seu colo. — Kristen mente, mas não me importo em contrariá-la, apenas reúno a bolsa das crianças e o resto de dignidade que eu tenho. Pego a mão de Noah e o arrasto até a saída, Emma não para de chorar e eu juro que posso me juntar a ela a qualquer momento.

— *Você não pensou que eu estava apaixonado por você, pensou?* — *Luke ironiza e puxa Kristen para seus braços.* — *Eu tenho pena de você.*

— Livie! Livie, espera! — Ignoro os seus gritos e continuo andando em direção ao ponto de ônibus.

— Tio Olli — Noah fala olhando para trás. Tento acelerar os passos mais é difícil quando ele fica olhando para trás.

— Livie, você está me assustando. — Collin entra na minha frente.

— Estou indo para casa. — Passo por ele, mas Collin segura meus braços me parando no lugar.

— Você não pode andar sozinha esta hora da noite com as crianças.

— Eu sei como cuidar dos meus filhos, eu não preciso que você me diga o que fazer, eu não preciso que você saia do seu mundo e venha querer atrapalhar minha vida. Eu e meus filhos estávamos muito bem antes de você chegar. Eu não sou seu caso de caridade!— grito a última parte o que causa mais gritos e lágrimas em Emma. Balanço seu corpo, mas nada que eu faça faz ela se acalmar.

— *Me deixa* ficar com ela. — Collin estica os braços, mas eu a tiro do seu alcance. Mas o que me quebra é ver Emma inclinando na sua direção desesperada para sair do meu colo. E é quando eu noto que eu estou um desastre. Noah está escondido atrás de Collin e me olha assustado, então a ficha me cai de quão mal eu estou fazendo a eles. Meus joelhos falham e caio em lágrimas, sentada no chão pressionando a palma das mãos contra os meus olhos, eu desmorono na frente deles. Meu peito dói pelos soluços. Uma pequena mão toca meu ombro, antes de Noah com relutância afastar as minhas do meu rosto e sentar no meu colo. E como alguns anos atrás, ele volta a limpar minhas lágrimas como o pequeno homem que ele é.

Depois de alguns minutos Collin senta ao nosso lado e passa seu braço sobre meu ombro me puxando para seu peito enquanto segura Emma. E ficamos assim, os quatro sentados em uma calçada qualquer.

— O que aquela garota fez para você?

— Ela está viva.

— Eu vou levar vocês para casa — Collin fala momentos depois, seguro Noah mais apertado quando começo a me levantar. Olho para Emma respirando calmamente contra Collin, seus olhos estão em mim e ela me analisa com seus grandes olhos de bebê.

— Ela está bem? — Mordo meu lábio para impedir que novas lágrimas desçam.

— Bebês podem sentir quando algo está errado, não precisa se preocupar. Minha irmã costumava ter ataques de ciúmes sempre que seu filho estava por perto, você não é a primeira. — Sua comparação me faz sentir uma louca desequilibrada, e eu me sinto ainda pior pelo que eu fiz. A nossa trajetória até em casa é silenciosa, quando chegamos Noah e Emma já estão dormindo. Collin me ajuda a acordá-los para que eu possa banhá-los e tirar o

resto de molho deles.

— Você pega a toalha e eu começo a limpar eles no banheiro. — Collin oferece e eu aceno em resposta, antes de fazer meu caminho até o quarto um envelope em cima do telefone chama minha atenção.

TIC-TAC

O tempo está passando. Mantenha distância desse maldito policial.

A frase está escrita atrás de uma foto. Uma foto de um Collin muito mais novo com minha meia-irmã Carly. A garota que me abandonou depois de mostrar o gosto da liberdade.

Olho ao redor à procura de algo que a presença dele possa ter deixado no apartamento, mas há apenas essa nota. Ele sabe sobre o Collin, e isso me assusta mais do que eu esperava porque ele está mais próximo do que eu pensava. O tempo está passando e eu não tenho nem a metade do que ele pediu, sinto meu coração acelerar, e meu peito arder. Massageio levemente com as mãos tentando tornar minha respiração frequente.

— Livie? — Collin chama e eu seco algumas lágrimas que caíram com a palma da minha mão e vou até eles com a toalha, tentando controlar minhas emoções na frente das crianças. — Está tudo bem? — ele pergunta quando chegamos no quarto e colocamos as crianças para dormir.

Assim que saímos do quarto e Collin anda até a cozinha, jogo a foto no balcão, ignorando completamente a ameaça atrás dela. Ainda segurando uma garrafa de água, ele analisa a foto antes de olhar para mim. Seus olhos respondem todas as minhas perguntas silenciosas.



Capítulo 14

Livie

— Eu posso explicar.

— Isso tudo foi por ela? — Minha voz é dura. Cravo minhas unhas na palma da minha mão sentindo a dor relaxante.

— Sim, não...quer dizer . Eu precisava entender o que aconteceu com ela.

— Eu confiei em você, eu confiei os meus filhos a você. Ela saiu da cidade sem olhar duas vezes, *me deixando* sozinha com um mundo para carregar nas minhas costas. Eu só tinha dezessete anos, eu também queria viver, mas eu a entendo. Nós não éramos responsáveis dela. Assim como ela não era minha responsabilidade a partir do momento em que me pediu para considerá-la morta! — Meu corpo treme pela raiva e dor que o atinge. Lembranças nunca são bons sentimentos, principalmente quando você não tem do que lembrar.

— Carly faleceu há algumas semanas.

— Carly morreu? — interrompo-o com minha voz embargada, sentindo um aperto estranho no meu peito, uma sensação de impotência.

— O marido a matou depois de ter descoberto sua traição. Quando a conheci ela não tinha irmãos, ou parentes próximos, apenas sua mãe. Eu precisava entender, eu precisava saber o que estava acontecendo e você era a minha única resposta. Quando encontrei vocês foi impossível não notar que precisavam de ajuda...

— Então eu sou seu caso de caridade? Tudo o que você não fez por Carly agora quer fazer por mim? Alguma forma de limpar sua consciência? Você achou que a melhor ideia seria se aproximar de mim e das crianças como se fosse alguém que quisesse fazer parte da nossa vida, quando na verdade só estava nos usando? Se ela era tão importante para você, por que não a procurou antes? — Minha voz está crua pelas lágrimas não derramadas, seu rosto está retorcido de dor, mas eu duvido que ele possa estar sentindo tanta dor quanto eu.

— Eu não podia fazer nada estando a quilômetros de distância tentando sobreviver a bombardeios no Afeganistão! — seu grito torturado me faz recuar um pouco, acho que ele percebe, pois passa a mãos nos cabelos e puxa algumas respirações antes de voltar a falar. — Eu a procurei todos dias, incansavelmente. O maior motivo para ter aceitado entrar no FBI foi porque eu precisava encontrá-la, mas foi uma busca impossível. Carly e sua mãe eram como uma nômade sem nunca colocar raízes em qualquer lugar, você foi a minha resposta além do clube do Stripper onde ela quase foi morta. Você nunca foi meu caso de caridade, eu realmente me importo com você e as crianças.

— Você pode sair agora. — Dou as costas para ele e ando até a porta da frente.

— Livie...

— Nunca mais quero saber de você.

Desde que Carly fugiu, a situação em casa tem piorado. Ontem nosso pai tentou atacar Noah, mas eu acabei entrando na frente. Seu soco foi tão forte que me fez desequilibrar e cair em cima da mesa de centro da sala. Alguns pedaços de vidro atingiram minha perna, deixando uma cicatriz

irregular e profunda. Eu não consegui ir até o médico e tive de cuidar sozinha dos ferimentos depois que ele saiu para o bar atrás de bebida. A dor era sufocante, mas Noah estava chorando e eu precisei acalmá-lo. O meu conforto era que em breve tudo isso ia passar e Carly voltaria por nós.

Eu só não esperava receber um telefonema na sala da direção direcionado a mim. O barulho no fundo era muito alto, como se tivessem em uma festa ou algo assim. O riso feminino de Carly me fez sorrir, e eu me peguei ansiando por nossa fuga.

— Carly, você conseguiu? Podemos sair? — pergunto tentando conter a emoção na minha voz para que a diretora não perceba.

— Sim, Liv. Eu consegui, eu disse que faria. Mas eu não preciso mais de vocês, encontrei algo melhor e vocês são algo que eu prefiro não lembrar. Então, finjam que eu morri. Porque a velha Carly que você conheceu não existe mais. — A linha fica muda, mas eu continuo segurando o telefone. Carly não mentiria para mim. Ela voltaria, ela prometeu. Só que isso não aconteceu.

Ela desapareceu das nossas vidas como fumaça. Carly passou apenas seis meses comigo, mas me deu um gostinho de como minha vida poderia ser se ela tivesse continuado comigo. Após dois anos do desaparecimento de Carly minha mãe decidiu retornar trazendo Emma consigo, naquele momento me permiti criar esperanças que ela iria permanecer, mas antes que Emma completasse um mês de vida ela desapareceu levando todo meu o dinheiro com ela, abandonando Emma e Noah comigo, e deixando meu pai tão transtornado ao ponto de agredir Noah. Quando tentei denunciá-lo a polícia fui praticamente expulsa da delegacia, eu precisava sair daquela casa, no momento que Claire ofereceu o andar de cima para que eu pudesse morar com as crianças foi o momento mais feliz da minha vida porque estava ganhando minha liberdade.

Mas a presença de Collin hoje foi como se uma nuvem de escuridão voltasse para a minha vida.



Você não pode quebrar duas vezes. É permitido apenas uma, e todo resto é apenas uma ilusão. Não é fácil descobrir que você está quebrada, os sinais são os mesmos, mas a dor é agonizante. É como se seu coração estivesse sendo partido ao meio, lento e dolorosamente. Uma dor sem fim, uma dor que nem as pequenas picadas das minhas unhas contra minha pele são capazes de ultrapassar.

Collin saiu do meu apartamento sem olhar no meus olhos, no fundo sou grata por isso. A perspectiva dele me ver quebrar não é a das melhores. A duas pessoas que viram o pior de mim foram as mesmas que me abandonaram, o engraçado é que elas estavam ligadas uma à outra.

Sento no chão com minhas costas contra a porta me sentindo fraca, nenhuma lágrima cai dos meus olhos. Nenhum soluço escapa da minha boca, meus olhos não se fecham quando a dor me atinge, minha respiração não acelera ou para, ela continua regular.

Não é errado viver, não é errado se apaixonar, não é errado sentir.

Todos dizem que eu sou muito velha para a minha idade, que eu não vivo ou não me permito sentir. Mas no final do dia, eu sou apenas uma garota de vinte anos que se apaixona pelo o mais belo sorriso que recebe. A garota que sonha e planeja como seria sua vida com o carinho da última mesa do restaurante, a garota que espera e anseia por um sorriso, a garota que sabe se iludir como ninguém. No final, eu sou apenas mais uma garota.

Uma garota que espera ser salva por seu príncipe encantado. Mas no final de tudo ela será apenas mais uma garota.

Capítulo 15

Collin

Dias depois

— Eu conheci uma pessoa — começo a falar depois que Liam e Ally saem da academia. Ally foi uma das razões que me fez aproximar do clube quando ela chegou aqui com sua pequena estatura inocente. Eu cogitei por momento ter algum sentimento por ela, mas eu nunca seria capaz de disputar isso com Liam. Ally é apenas a Ally. Eu nunca me envolvi emocionalmente com ninguém desde Carly.

Apesar de termos sido apenas amigos, ela tinha um pedaço de mim. Mas depois de tudo o que descobri sobre o cartel de drogas eu nem sei mais o que pensar. Mas eu não posso esquecer o olhar ferido que Livie me deu quando eu contei a razão que eu me aproximei dela, não é cem por cento verdade. A minha pequena Tinker Bell com cabelos de fogo fez do meu coração sua casa. Só que depois de tudo o que aconteceu nas nossas vidas o melhor para ambos é a distância, então quando May me telefonou eu me peguei várias vezes tentando a retornar, mas preferi ignorar. Assim como fiz com as ligações de Carl e Nico, eu estou infiltrado e preciso cortar qualquer tipo de contato.

— Sim, e você quer que eu te ensine como usar o preservativo? — Mark pergunta um tempo depois. — Normalmente essa é a função dos pais.

— Meu pai foi assassinado depois de doar o esperma — rebato. Mark me encara e de alguma forma ele sabe que eu não estou mentindo. Todos aqui no clube somos fodidos de alguma forma, e sempre os nossos pais estão por trás disso. A nossa sorte é que nossas infâncias fodidas não nos afetaram tanto.

— Então eu terei que buscar uma banana — sua resposta quebra o clima e é por essa razão que Mark é uma das melhores pessoas que eu conheci aqui. O meu pré-julgamento sobre eles me faz querer atirar na minha bunda hoje em dia. Balanço a cabeça por seu comentário idiota e jogo meu corpo contra o encosto do banco, olhando para um ponto qualquer.

— É a meia-irmã de Carly. — Suspiro e espero ele fazer algum comentário.

— Por acaso é a garota que Ally falou que você estava stalkeando?

— Eu não stalkeio ninguém.

— Bem... não foi isso que Ally disse. Ela viu a foto de uma garota no telefone, e não parecia como se a garota soubesse que a foto estava sendo tirada. — A única foto que eu tirei de Livie foi dias antes de ela descobrir sobre Carly. Ela estava tão feliz e leve que eu acabei não resistindo e salvei no seu contato.

— Eu não stalkeei, mas é ela, sim. — Passo a mão pelo meu rosto sentindo toda essa confusão me afetar. — Carly e Livie são irmãs adotivas.

— Foi por isso que você encheu a cara. — Mark levanta e começa a organizar os pesos da academia. — Pensei que fosse pela morte da Carly.

Eu queria que fosse.

— Eu sonho com ela todo dia.

— Com a garota morta?

— Com Livie — minha resposta parece ter chamado a sua atenção, e ele me olha com os cenho franzido.

— Você tá ferrado.

— Eu sei disso. E eu fiz uma merda muito grande com ela.

— Então, vá lá conserte. — Ele dar de ombros como se fosse a coisa mais fácil do mundo. — Não faça como Liam.

— Não é bem assim. Eu a usei para chegar perto do segredo de Carly. Eu duvido que ela me perdoe. — Meu telefone toca novamente, e mais uma vez eu não faço a menor menção de atender. Ao contrário de Mark que vai ao suporte de peso e o atende.

— Mark falando, o outro idiota está sensível.— Ignoro seu comentário e fecho meus olhos, pensando no último mês. A última vez que vi Livie foi quando a deixei sozinha no seu apartamento, eu saí da cidade no mesmo dia em direção ao clube. Doeui aceitar o que Carly fez, mas o pior é

tê-la magoado de uma maneira que eu sei que não vai ter volta. Eu só queria voltar no tempo e escolher o motivo certo para conhecê-la. Ela poderia ser a linda garota que eu vi dançando.

— Eu vou avisar a ele — o tom de voz mais calmo do Mark chama a minha atenção. Seu olhar se transforma em... *Pena? Me mantenho* em alerta quando ele se aproxima de mim quase inseguro.

— Era o Carl. — Balanço a cabeça incentivando-o a falar. — Livie foi internada em estado grave. Vítima de uma agressão.... — Eu não escuto as próximas palavras, a cena do nosso primeiro encontro se repete várias vezes. O seu riso leve enquanto ela dançava no meio da multidão, e cada momento desde esse dia se passa na minha mente.

A cena se repete, e novamente eu estou recebendo a notícia de que uma garota foi seriamente espancada. Eu não choro, eu não grito, eu não sinto. Ainda em transe eu saio do banco e estendo a mão para o celular. Mark não diz uma palavra, apenas me observa.

— Nico vai participar do casamento, coloque ele em algum lugar que não chame atenção.

— Aonde você vai?

— Eu vou tentar não enterrar mais uma garota que amo.— Saio da academia em direção ao meu quarto onde arrumo minhas roupas e finalmente me despeço do clube. A minha missão ainda não terminou com o clube, mas com Josh de volta ao FBI eles não precisam de um peso extra. E nem eu vou ser de muita ajuda nos próximos dias, guardo todos os meus pertences e saio em direção a garagem sem fazer contato visual com ninguém. Eles não estranham, afinal desde o momento em que pisei no clube o meu papel era observar, e não falar. E eu venho fazendo isso muito bem. Quando chego no meu carro faço uma ligação para que Nico venha ao clube e me cubra até que eu oficialize a minha saída com a corporação.

Nico é um cara legal, ele não é muito de falar. Apenas observa a situação antes de falar, e se ele lhe disser algo pode ter certeza que o que ele disse é verdade.

Quando começo a sair do clube o meu celular vibra com uma ligação do Nico.

— Então você já sabe? — sua voz está recheada com pesar e eu odeio isso.

— Sim, eu preciso ir até ela, mas preciso de alguém que fique de olho na Ally.

— A garota de óculos?

— Você vai saber quando a encontrar.

— Okay, eu sinto muito pelo o que aconteceu com Livie.

— Eu também — meu tom de voz é frio, assim como o meu coração. Tudo em meu corpo está dormente, a viagem de carro de volta para Boston é silenciosa e angustiante, o medo do que eu posso encontrar lá é perturbador. Faço o caminho o rápido que posso, a viagem que duraria 16 horas, eu consegui fazer em 10 horas.

Entro no hospital e vou direto para a sala de espera, o mesmo lugar que passei os últimos dias de vida da Carly. May e Carl estão sentados no último banco e ela está quase sentada em seu colo. As crianças e Claire não estão presentes.

— O que aconteceu? — pergunto assim que me aproximo deles. Tomo algumas respirações profundas tentando recuperar o fôlego, o clima lá fora está cada vez mais frio. A neve está começando a cair. May me olha assustada antes de voltar a esconder o rosto no peito de Carl.

— Eu não sei. — May chora agarrada a Carl. — Ela andava diferente, mais triste. Mas eu estava tão ocupada com a universidade que eu não notei. Então, hoje ela disse que tinha esquecido algo e subiu para o apartamento e pediu para Claire cuidar dos pequenos, mas não desceu. Quando foi no almoço a Claire pediu para chamá-la e eu a encontrei.... — suas palavras se perdem no ar e ela aperta Carl ainda mais.

— Livie foi espancada gravemente, costelas quebradas, a perna direita foi quebrada em dois lugares. Tinha sinais de luta no apartamento, estão cogitando a ideia de uma tentativa de assalto, mas sem certeza — Carl fala. Sua mão massageia as costas de May.

— Onde estão as crianças?

— Collin, eu preciso falar com você. — Ele se desvencilha do agarro de May e andamos até o fim do corredor. — Livie perdeu a guarda das crianças. — Suas palavras me colocam em transe, e as únicas palavras que saem da minha boca quando ele termina de falar é:

— Ela está acordada?

— Em coma induzido até o inchaço diminuir. — Balanço a cabeça e volto a colocar o gorro.

— Não saia deste hospital por nenhum segundo, caso ela tenha alguma evolução me mantenha informado.

— Aonde você vai?

— Vou pegá-los de volta. — Saio do hospital em direção ao meu carro antes de ligar para a única pessoa que pode me salvar.

— Alô, Mark? Eu preciso da sua ajuda.·.



Capítulo 16

Collin

— Você virou o Liam agora? — Mark resmunga me olhando por trás da xícara de café.

— É mais do que você pode entender. — Bato meus dedos contra a superfície da mesa esperando sua reação. Eu sei que tirar as crianças de Livie é cruel, porém necessário. Ela provavelmente vai me odiar depois da minha proposta, se é que ela já não faz.

— Então me explique. — Olho diretamente em seus olhos, Mark inclina seu corpo e coloca seus braços no tampo da mesa.

— Ela vai perdê-los se eu não fizer. A denunciaram para o Conselho Tutelar, eles a consideram incapaz de cuidar dos dois e agora com ela no hospital a situação de perigo é maior. Livie não tem as melhores condições financeiras e não precisa ser profissional no assunto para entender isso.

— Você acha que isso é o melhor para ela nesse momento? — Sua pergunta só me faz questionar ainda mais se eu estou tomando o caminho certo. Mas não posso ignorar essa sensação de que eu preciso dela, tanto

quanto ela precisa de mim.

— Eu fiz isso. Eu a abandonei e isso aconteceu. Se eu.. se eu tivesse...

— Os "E ses" nunca nos trarão respostas, você pode passar o resto da sua vida se questionando o que poderia ter feito para ajudar aquela garota, ou ir lá e salvar a sua garota. Nossa vida é feita de escolhas e de momentos, e nós só precisamos saber em que momentos devemos fazer nossas escolhas.

Livie

Você já teve a sensação de estar vivendo a vida fora do corpo? De ver a vida passar diante dos seus olhos, mas você está ocupada demais para prestar atenção nela? Então você simplesmente ignora como se ela fosse voltar para você. Mas ela não volta. E depois de um tempo você começa a perceber que não está vivendo, e sim sobrevivendo. Fatidicamente.

Em 20 anos eu não tenho certeza se em algum deles eu vivi. Se eu fiz algo que eu queria, não só pelas vontades dos outros. Eu sempre quis ir para a universidade, minhas notas eram tão boas que minha conselheira disse que eu poderia escolher a vaga para a bolsa que eu quisesse, eu tracei um plano.

Aos dezessete anos eu sairia de casa, as economias que eu vinha juntando durante os últimos três anos eram suficientes para os primeiros meses em uma cidade diferente. E eu poderia pagar o resto com empréstimos estudantis, mas então, Noah foi jogado em meus braços e de uma hora para outra nenhum dos meus sonhos importavam mais. Eu só precisava saber se ele estaria respirando no final do dia.

Quando acordei em uma cama de hospital com vários fios presos ao meu corpo, eu senti que algo estava errado comigo. Memórias daquele homem no meu apartamento me atormentam. Assim que Collin segurou minha mão para impedir que eu tirasse os fios foi outro sinal que algo ruim estava por vir. Mas nada me preparou para a chegada de um homem de cabelos castanhos quase loiros trajado em um terno sob medida. Em uma de suas mãos estava uma pasta e a outra estava escondida atrás da suas costas. Eu tentei prestar atenção nos detalhes, mas apenas um olho estava aberto, o outro estava tão inchado que abrir era doloroso.

— O...o que es...tá acontecendo? — minha voz falhou algumas vezes. Tentei olhar para Collin, mas ele estava no lado do meu olho ruim.

— Você lembra o que aconteceu quando subiu de volta ao apartamento? — Collin dar a volta na cama e fica do meu outro lado. Flashes do momento em que fui agredida retornam, o momento em que entrei no apartamento e o encontrei todo revirado e eu sabia que tinha algo errado.

No dia anterior eu tinha marcado com meu pai de encontrá-lo e dar o resto do dinheiro que ele precisava. Mas ele não ficou muito feliz. Ele gritou, xingou, mas não me bateu como normalmente fazia. Quando cheguei no apartamento eu senti que ele tinha passado por lá. Eu só não esperava que ele ainda estaria lá.

— Seu apartamento foi invadido, estão cogitando a hipótese de assalto já que alguns dos seus pertences foram levados — Collin fala. Seu tom de voz é duro e eu me sinto desconfortável. Tento mudar de posição, mas sou atingida por uma dor forte. Um gemido de dor escapa dos meus lábios, e nesse momento até respirar é doloroso.

— Me... meus filhos...

— Eles estão no meu apartamento. — Observo seu rosto e várias perguntas vem em mente.

— Por quê?

— Eu não acho uma boa ideia falarmos sobre isso agora — o cara de terno fala e olha com uma carranca para Collin. — Eu vou chamar uma enfermeira.

— Na.. não, eu quero... saber. — Collin olha para mim e seu olhar me assusta.

— Nós precisamos conversar. — Palavras nunca foram tão dolorosas quanto as de Collin, cada palavra que saía da sua boca era como se uma faca atingisse meu coração. Repetidas vezes, sem misericórdia.

— Não! — A dor na minha voz é palpável. Eu sabia que esse dia poderia acontecer, eu só tenho 20 anos e só posso adotá-los legalmente quando completar 21, e é por essa razão que eu convivia com as ameaças constante do John. Eu não poderia perdê-los. Se isso acontecer eu preciso mudar de cidade, porque ninguém neste lugar me ajudaria a tê-los de volta.

— A situação é complicada, Livie. — Afasto minha mão da sua, sentindo todo o meu corpo dolorido.

— Ei, você acordou. Como está se sentindo? — Uma enfermeira entra na sala e começa a examinar as máquinas ao meu lado. Ela me faz algumas perguntas e eu me mantenho olhando para a frente. — Você teve um

corte de três centímetros na testa e alguns hematomas no rosto, mas nada tão grave como a perna. — Olho para meu corpo e vejo minha perna imobilizada. Eu não lembro das suas palavras, apenas do seu rosto distorcido cada vez que seu punho atingia meu corpo.

— Você pode sentir um certo desconforto nos próximos dias, mas a medicação vai aliviar... Eu vou deixar vocês sozinhos, Sr. e Sra Simons.

Ela me chamou de Sra. Simons?

Quando estamos sozinhos novamente Collin senta na cadeira ao meu lado e me observa.

— Pode ser difícil para você aceitar no início, mas você precisa entender que foi o melhor.

— Eu não posso acreditar — minha voz sai crua e dolorida. Apesar de todo meu rosto está doendo eu ainda tenho forças para falar com ele. Collin pega um papel na mesa ao lado e me entrega. Minha mão presa ao IV treme enquanto eu leio cada linha, um soluço escapa da minha boca e as lágrimas caem livremente pelo meu rosto.

— Fizeram uma denúncia sobre o estado ilegal de adoção que você tinha, se investigarem mais a fundo pode ser presa por falsificação.

— Nã...o era... falso. — Eu lembro quando eu, meu pai e irmãos fomos até o cartório e oficializamos a custódia. Era temporário, não falso.

— Livie....

— Não! Eu preciso da Sra. Claire. Eu quero vê-los. Eee...u preciso deles — soluço. As lágrimas caem em desespero pela perspectiva de perdê-los. Noah e Emma são a minha vida, eu não consigo sem eles. — Eu não posso sem eles. — Choro copiosamente odiando demonstrar fraqueza na sua frente dele nesse momento. — Você não pode tirá-los de mim!

— Baby...

— Sai daqui! Eu não quero você aqui, eu não preciso de você! — Meu corpo começa a tremer com soluços, e mesmo que a cada membro do meu corpo reclame eu não paro de chorar. Porque no fundo as lágrimas são pelas dores.

— Mark e eu conseguimos uma forma de você conseguir a guarda de novo. — Ele aproxima seu rosto do meu e afasta alguns fios de cabelo. Seu toque é delicado, e não causa nenhum incômodo no meu rosto machucado. Mas meu corpo está inerte, sentindo nada além do vazio. Suas palavras ganham minha atenção e eu mantenho o olhar no seu rosto.

— E o que... seria?

— Casar comigo.



Capítulo 17

Livie

— Isso de alguma forma está ligado a Carly?

— Isso não tem nada relacionado a Carly, você precisa de ajuda e eu estou aqui por você. — Meu cérebro ainda não captou todas as informações, é como se uma bola de neve tivesse grudado em mim e me levasse com ela em uma destruição em massa.

— Eu não posso... Eu não vou me casar com você. — Minha cabeça parece pesada, é como se meu cérebro tivesse processando diversas informações ao mesmo tempo e não soubesse diferenciar. É como se o início de um ataque de pânico estivesse comprimindo meu corpo, e nem mesmo minha própria respiração é o suficiente.

— Livie....

— Eu já disse que não! — grito e todo meu corpo contrai pela dor que o atinge. — Sai do meu quarto! Eu não...

— Você não tem escolha! Você não tem a porra de uma escolha, Livie. — Meu corpo estremece em reação ao seu grito, assim que nossos olhos se encontram ele desvia o olhar e passa duas mãos pelos cabelos.

— O... o... que você não está me contando?

— Exatamente aquilo que você não pode saber. — Sua voz é dura. Olho para o cara de terno, seu cabelo está preso em um coque, e seus olhos brilham com vida. Como se ele não tivesse medo de nada e tudo para ele fosse um grande jogo. — Para manter a guarda das crianças precisei forjar alguns documentos, eu e você somos casados, mas não acredito que vão convencê-los por muito tempo. Preciso que você case comigo para oficializar os documentos e continuarmos com as crianças — sua resposta me pega de surpresa e começo a sentir uma leve tontura, tudo o que quero neste momento é dormir, dormir e acordar em um universo paralelo.

— Eu sei que nós não nos conhecemos, Liv. Essa situação é difícil, mas você precisa escutar aquele belo menino. — Ele estende sua mão para mim, mas ignoro. — Você pode pegar a metade do patrimônio dele depois do casamento. — Sua expressão é animada ao contrário da minha, como se alguém tivesse morrido, e eu acho que morri.

— Precisa ter outras formas de resolver isso — sussurro, observando os homens à minha frente.

— Sim, você tem. Mas demoraria no mínimo de 2 a 6 anos para recorrer a guarda legal. E você ainda tem a chance de perdê-los se algum casal entrar com recursos. — O medo e a dúvida batem em cheio. Em um momento eu estava acordando com Emma e Noah, no outro estava acordando em um hospital tendo meus dois irmãos tirados de mim e sendo pedida em casamento por um estranho. — Você pode tê-los nesse momento ou esperar semanas para quando sair deste hospital e perceber que só está adiando o inevitável. Você está colocando a segurança deles em risco. —

Escolhas? São nossas escolhas que define quem somos? Foram as minhas escolhas que me trouxeram até aqui? Escolhas, será que algum dia eu tive uma escolha? Suas palavras ecoam no quarto, e foi através delas que decidi traçar o meu destino.

— Eu vou tê-los de volta?

— Sim.

— Você vai mantê-los seguros?

— Como se fossem meus filhos. — Seus olhos são sinceros e eu decido confiar nele e em suas palavras. Aceno com a cabeça confirmando e desvio o olhar para a janela quando o grande cara, Mark, começa a se apresentar e falar sobre os requisitos legais. Eu apenas escuto como se estivesse vivendo uma experiência fora do corpo.

— Acho que isso pertence a você. — Mark coloca um buquê de flores na minha frente. — Toda noiva precisa de um desses. — Tento sorrir, mas não é fácil, abaixo a cabeça. — Sabe, você sempre pode explorar o meu corpo sensual quando abusar do seu marido — ele sussurra no meu ouvido e volta a se afastar.

Mark começa a recitar as ladainhas do casamento e tudo passa voando até que a hora de assinar os papéis chega. Eu sinto um pouco de dificuldade, mas Mark me auxilia. Collin apenas nos observa com a expressão neutra. — Acredito que a noiva não vai querer beijar o noivo, então é isso. — Collin se aproxima do meu rosto e um flash da câmera me faz estremecer. — Usem proteção. — Essas são suas palavras antes de sair do quarto.

— Eu odeio todo mundo neste momento. — Olho para Collin que tira o buquê das minhas mãos e coloca na mesa ao meu lado.

— Um dia você vai precisar me explicar tudo o que aconteceu — sua voz é suave e eu posso dizer que até um pouco arrependida.

— Eu nasci do lado errado dos trilhos — essas são as minhas últimas palavras antes da exaustão chegar. Talvez quando acordar, eu perceba que deveria ter esperado um pouco mais.

Collin

— Você acha que vão acreditar nisso? — pergunto assim que fecho a porta do quarto e encontro Mark no corredor.

— Eu sou o melhor no que eu faço. Pode ficar tranquilo que Livie e as crianças estão em segurança. — Ele bate no meu ombro e se afasta. Passo a mão pelo meu rosto e sento no chão, de repente sentindo o peso do mundo. O casamento não é só uma forma de garantir que Livie mantenha a guarda das crianças, mas é também a única maneira de os manter em segurança.

Livie

— Por que os tiraram de mim? — pergunto chorando enquanto a Sra. Claire me conforta em um abraço.

— Eu não sei — sua voz sai trêmula pelas suas próprias lágrimas. Depois do meu casamento, eu me senti tão esgotada que acabei dormindo. Quando acordei a Sra. Claire estava ao meu lado segurando minha mão boa enquanto eu dormia. Sem me conter eu comecei a chorar assim que nossos olhos se encontraram. — Você só tinha dezessete anos quando conseguiu a guarda deles, isso é ilegal, baby. Mas o lado bom é que você pode mantê-los com Collin, se fosse com outra família você não teria essa sorte.

Por mais que ela tente me convencer de que o que eu fiz foi o melhor, é impossível esquecer o meu último encontro com Collin. A forma como eu descobri o motivo por ele se aproximar de mim. Eu ainda não consigo acreditar como cheguei nessa situação, tudo parece como um sonho em que eu vou acordar a qualquer momento.

— Como eles estão?

— Collin os levou para seu apartamento. May passou os últimos dias cuidando deles. — Aceno levemente.

— Eles estavam com você quando... aconteceu?

— Uma mulher chegou acompanhada de um policial informado a ilegalidade da guarda. — Ela balança a cabeça e volta a falar. — Ela apresentou os papéis de guarda, no momento eu questionei e até ameacei contratar um advogada. Já não tinha muito o que fazer, mas agora terão alguém para cuidar de vocês, ninguém sabe onde aquele psicopata pode estar agora.

Ouçó uma batida na porta e Collin entra acompanhado de dois policiais, o meu corpo entra em alerta quando os olhos deles encontram os meus e eu sei que logo o meu depoimento vai ser esquecido.

— *Vamos, garotinha. Por que você não para de inventar história sobre seu pai? Ninguém se importa com o que acontece do outro lado da*

cidade. — O seu parceiro rir e enfia um pedaço de rosquinha na boca. Meu corpo está tremendo de frio e dor, depois de ter passado algumas horas nas mãos do meu pai. Eu sei que ele é um homem odiado na cidade, mas eu não entendo até que ponto eles podem me odiar para que permitam que ele faça as atrocidades que faz comigo.

Essa não é a primeira vez que tento denunciar as agressões, com o sumiço de Carly e o ódio agora destinado a Emma e Noah eu sinto que preciso ser forte por nós três. A visita do prefeito hoje deixou alguns hematomas no meu corpo e uma marca de dedos no antebraço de Noah. Quando cheguei aqui com duas crianças pequenas, sendo que uma delas estava com hematomas parecidos com os meus eu imaginei que eles acreditariam em mim e não me acusariam de ter algum transtorno mental. Mas eles apenas sorriram de mim e dos meus irmãos.

— Livie, eu vou falar mais uma vez. Desapareça dessas delegacias com essas crianças órfãs e nunca mais ouse pisar aqui. Eu não quero saber o que se passa na sua cabeça doentia, mas se você retornar com essas acusações eu vou telefonar para ele e dar uma verdadeira razão para isso. Você não cansa de ser o centro das atenções? Principalmente com um pai inútil daqueles e uma mãe vagabunda.

— Livie. — A voz de Claire me traz de volta das minhas divagações. O rosto deles continuam os mesmos, apenas o cara da rosquinha que engordou enquanto o outro ganhou rugas de expressão.

— O que aconteceu, garota? — Eu não sei até que ponto Claire pode estar certa sobre Collin me proteger, mas eu prefiro não arriscar.

— Eu não lembro de muita coisa, apenas de encontrar o apartamento destruído e depois tudo ficou escuro — minto.

— Livie! — Claire grita quando percebe que acabei de mentir para os policiais, ela sabe que eu vi e presenciei mais do que admiti. Mas eu imploro com o olhar que ela entre na minha mentira. Não é a primeira vez que encontro esses dois, e depois de três tentativas de denunciar minha família por agressão eu desisti. Sem querer meus olhos desviam para Collin que observa a cena atentamente com os braços cruzados sobre o peito.

O mais gordo me olha por cima do óculos e balança a cabeça quando

começa a fazer anotações em um bloco.

— Maluca — escuto-o sussurrar, mas abaixo a cabeça. Essa é uma palavra que eu aprendi a ser chamada durante toda a minha adolescência.

— O que você disse? — escuto Collin perguntar e sua postura na defensiva faz com que os policiais recuem.

— Eu disse coitada, o cara fez um estrago no rosto dela. — Por instinto eu levo minha mão para meu rosto mas Claire me para.

— O que... — Balançando a cabeça ela sorri um sorriso amigável e gentil.

— Fora! — a voz de Collin está assustadoramente calma — ou na próxima vez que encontrar vocês na rua vou mostrar o que é um verdadeiro estrago. — Ambos os homens saem do quarto o mais rápido que podem. Sem olhar para trás e murmurando um rápido pedido de desculpas.

— Eu quero um espelho. — Olho para Claire, mas ela não encontra meus olhos e olha para Collin como se estivesse pedindo permissão.

— Não dê ouvidos a eles. Seu rosto está normal, apenas um pouco inchado, não há nada para se preocupar.

— Sra. Claire... — Tento novamente, mas ela muda de assunto.

— Por que você omitiu a identidade do seu agressor?

— Você sabe quem foi? — Collin pergunta do seu lugar ao pé da cama. E eu fuzilo Claire com o olhar.

— Esta cidade não dar a mínima para os Smiths.

— Por que não? — Collin pergunta e sua expressão parece um pouco surpresa.

— Eu não quero falar sobre isso. — Olho para a janela do outro lado da sala evitando o julgamento em seus olhos, alguns minutos se passam antes de escutar a porta se fechar. Suspiro aliviada esperando encontrar a Sra. Claire, mas me surpreendo quando encontro Collin ao meu lado.

— Não se preocupe. Eu nunca mais vou deixar que ele te toque novamente.

—Oh, sim. Dizem os grandes mocinhos antes de os psicopatas sequestrarem as garotas. — Tento revirar os olhos, mas eles estão inchados demais para isso. Meu esforço inútil para levantar só faz com que minhas costelas reclamem.

— Eu nunca disse que era um mocinho. — Ele se joga na cadeira ao lado e começa a mexer no celular. Aos poucos meus olhos vão fechando e a exaustão me consome. Novamente.



Capítulo 18

Livie

Uma semana se passou desde que dei entrada no hospital, descobri que perdi a guarda dos meus irmãos, casei-me, agora eu preciso aceitar a ideia de que eles são de outra pessoa. A minha vida está na mão de outra pessoa e eu não sei como recuperá-la. É como se tudo o que eu fiz fosse camuflado pelas minhas falhas, falhas que eu nem sei quais são. Respirar é tão difícil quanto a perspectiva de que um dia Collin poderia os tirar de mim em um piscar de olhos, e eu seria jogada para trás como uma imagem rasgada do álbum. É uma sensação inexplicável, e é o único motivo que me mantém de pé.

— Você está pronta? — Collin pergunta quando entra com uma cadeira de rodas. Seus olhos fazem uma análise rápida pelo meu corpo, assim como todas as vezes que entra no quarto.

— Sim. — Ele se aproxima e me ajuda a descer da cama. — Isso dói. — Collin diminui seu aperto na minha cintura e me guia até a cadeira. — Para onde vamos?

— Para o meu apartamento. Noah e Emma estão esperando por você. — Um pequeno sorriso cresce em meus lábios pela expectativa de encontrá-los novamente.

— Eles estão bem?

— Perfeitamente bem. — Essas são as nossas últimas palavras antes de seguirmos nosso caminho até o apartamento. Collin passou os últimos dias comigo no hospital, inclusive até dormiu comigo no quarto. Em nenhum momento ele me deixou sozinha. Seu comportamento me assustou a princípio, mas com o tempo eu passei a sentir falta quando ele sumia durante o dia, mas ele retornava à noite sem dizer uma palavra. Apenas se encolhia no sofá e eu voltava a respirar com tranquilidade.

Collin entra no estacionamento e dar a volta no carro para me ajudar, ele entrega a muleta e segura o cotovelo do meu braço machucado.

— Eu consigo sozinha. — Tento me desvencilhar do seu aperto mas ele apenas se aproxima mais de mim.

— Você está com a perna quebrada, sua costela fraturada e um dos seus olhos não está abrindo direito. Eu tenho duas crianças lá em cima chorando e perguntando por vocês durante os últimos dias, quando eu saí hoje prometi te trazer de volta. E eu vou, então aceite que você precisa de ajuda e facilite nossa jornada. — Olho rapidamente para seus olhos antes de desviar a atenção para o chão na minha frente.

Ele tem razão, eu não tenho muito controle sobre meu corpo principalmente com o peso do gesso em minha perna. Quando finalmente chegamos ao elevador, eu estou exausta e talvez seja por isso que as palavras saem da minha boca antes que eu possa controlar:

— Quando você tem dezessete anos e vive em um pesadelo... você não pensa na legalidade, apenas no quão perto sua felicidade pode estar. Em fugir da situação. Então você acredita, aceita e anseia por tudo que te oferecem. Mesmo que seja uma falsificação de guarda ilegal. — Meus olhos ficam fixos no painel do elevador, evitando seu olhar. — Eu fui ingênua em

acreditar que a lei poderia estar a meu favor, mas eu quero que você saiba que eu não vou desistir de lutar por eles. Eu vou tê-los de volta e você será apenas mais uma lembrança desagradável em nossas vidas.

— Eu não esperava nada menos, mas posso mostrar a você que serei muito mais que isso. — Como um time perfeito as portas do elevador se abrem e Collin me ajuda a caminhar até a porta. Assim que a porta é aberta eu sou surpreendida com gritos e um pequeno furacão Noah corre até mim, mas é interceptado por Carl. Uma grande faixa com o nome "Bem-vinda de volta" está presa no teto, e há balões por toda parte. Doces e salgados espalhados em todas as superfícies planas, a sala está cheia de rostos desconhecidos. Meus olhos rodam a sala atrás de Emma e ela está sendo carregada por uma senhora perto dos sessenta anos.

— Mamãe! — escuto o grito de Noah e meu coração parte por não ter condição de carrega-lo. Ele estica seu corpo para a frente para que eu o pegue, mas não é algo que eu possa fazer sem que um de nós se machuque. Collin o pega no colo e o trás para mim. Seu pequeno rosto está sério e ele parece preocupado. Ele nos pega de surpresa quando aproxima seu nariz do meu e suas mãozinhas seguram cada lado do meu rosto. E nesse momento eu não me importo que meu rosto esteja dolorido ou que tenhamos uma plateia. Eu simplesmente me entrego ao seu toque e permito que as lágrimas caiam enquanto estamos na nossa pequena bolha. — Te amo, mamãe — seu sussurro alto faz um coro de "*Own*" se espalharem pelo ambiente.

— Eu senti sua falta, baby.

— Vovó fez Ookies — ele diz com um lindo sorriso e sua declaração me assusta, olho para Collin, mas ele tem o olhar fixo à sua frente. Especialmente na senhora que está segurando Emma, ela sorri e vem na nossa direção.

— Prazer, sou Mary Simons. Mãe desse rapazinho. — Meu olhar volta a Collin, e ele a encara com uma sobrelanceira arqueada. — Fico feliz que esteja de volta, eles não pararam de chamar por você durante essa semana. A única forma de distrai-los foi fazendo Cookies

— Obrigada por tudo. — Me aproximo dela e beijo a cabeça de Emma que sorri.

— Dah! Bah!

— Senti sua falta, garota. — Assim como Noah, ela tenta vir para o meu colo, mas Mary a impede.

— Agora não, princesa. Sua mãe precisa sentar primeiro. Carl! Leve Livie até o sofá.

— Não precisa... — Ela me dispensa com mão.

— Emma quer sua mãe — ela diz e se afasta dando passagem para Carl. *Me deixo* ser guiada até o sofá com Collin atrás de mim.

— Cuidado com suas costelas, Carl — Collin avisa e ele parece genuinamente preocupado.

— Sim, senhor — Carl zomba. May afasta as almofadas e eu a noto pela primeira vez.

— May... — Seus olhos se enchem de lágrimas quando me ver antes de sair correndo em direção à cozinha. Sento no sofá e Carl vai atrás dela.

— Ela vai ficar bem. — Mary me consola e coloca Emma sentada no meu colo, e se retira. E é quando eu percebo que não vou conseguir segurá-la, olho para Collin em desespero.

— Por que não vai buscar seus desenhos. — Collin coloca Noah no chão que sai correndo e vem ao meu socorro. Com uma mão ele ajuda a equilibrar o corpo de Emma, como um apoio.

— Obrigada. — Emma estica sua mão e tenta ficar em pé, o movimento repentino traz dores no meu lado.

— Vem cá, pequena. — Collin a retira do meu colo e ela se afasta de bom grado com um punho na boca. — Coloque seu pé na mesa de centro. — Ele afasta uma bandeja de doces no mesmo momento que em Noah volta correndo. — Cuidado para não machucar sua mãe. — Collin bagunça os cabelos de Noah quando passa por ele.

— Aqui. — Noah me mostra um papel com uma confusão de cores, eu olho para seu rosto orgulho e eu não posso deixar de sorrir. Aponto para um ponto no papel para que ele me explique o desenho. — Mama, Tio Olli, Emm e eu. — Ele sorri para mim antes de sair correndo. O que eu mais temia

aconteceu, Collin tem um papel na vida deles. Olho para ele, mas está distraído com Emma, seu lábio está contraído com um sorriso enquanto Emma balbucia uma conversa com ele.

Uma ponta de ciúmes nasce em meu coração. Por muito tempo foi apenas nós três, e eu ainda não me decidi sobre como reagir a essas pessoas cuidando de nós.

— Acredito que você deve estar com fome. Comida de hospital nunca é boa. — Mary coloca um travesseiro e um prato de sopa no meu colo.

— Obrigada, Sra. Simo...

— Mary. Você pode me chamar de Mary.

— Eles já comeram? — Aponto para Emma.

— May está cuidando de Noah, a pequena Emma prefere que Collin a alimente.

— Você precisa de ajuda, querida? — ela pergunta quando nota que eu não me mexi.

— Não, eu me viro. — Olho com o canto do olho para Collin.

— Tudo bem. Vou trazer a cadeira alta de Emma para ela ficar aqui com você.

— Obrigada por... cuidar deles.

— Sou eu que preciso te agradecer. — Seu olhar desvia para Collin brincando com Emma. Eu só fui descobrir o significado das suas palavras muito tempo depois.



Capítulo 19

Collin

— Nico observou uma movimentação estranha enquanto estava lá. Ally, a garota, estava bêbada atrás do balcão quando ele saiu de lá.

— Ally estava bêbada? — Ele acena concordando. — Puta merda!

— Acho que tinha algo relacionado a ex do Liam.

— Isso está muito estranho. Você falou com Josh?

— Ele está rondando o lugar. Quando você vai contar a ela? — Ele muda de assunto de repente, deixando-me desconfortável.

— Não é um assunto tão fácil assim. — Deito minha cabeça no apoio do sofá me sentindo mentalmente exausto e desgastado. As últimas semanas foram um verdadeiro inferno, depois do susto de quase perder Livie e as crianças, foi como se meu mundo tivesse parado. Eu não sabia que eles eram tão importantes até que eu quase os perdi.

— Mas ela precisa saber, é um direito dela.

— O prefeito Davison é o pai da Livie. — Suspiro e olho para Carl que está com o rosto fumegante.

— E que porra ela estava fazendo morando naquela merda de apartamento?

— Ela não sabe que ele é seu verdadeiro pai. Sua mãe engravidou enquanto trabalhava na casa dele, e logo depois se casou com o pai do Noah e Emma. — Esfrego minhas mãos contra meu rosto, sentindo-me exausto de repente. — Ela se casou com um idiota bêbado que fazia da sua vida um inferno. Depois que ela finalmente cansou de viver na miséria fugiu, deixando os filhos com John. Ele e Davison estão fazendo de tudo para tirarem Livie da cidade, eu só não sei por quê.

— Eu não posso acreditar que essa garota passou por tudo isso. — Carl murmura. Quando aceno ele passa as mãos pelos cabelos, e tem a mesma expressão no rosto que eu tinha quando Claire me contou essa história no hospital.

— O prefeito que fez a denúncia. Livie não teria muitos motivos para continuar na cidade. Sua cartada final. Assim como ele fez questão de deixar a cidade contra Livie. Essa não foi a primeira agressão que ela sofreu.

— Você vai contar a ela?

— Essa história vai destruí-la, como contar para uma filha que seu pai pagava para mantê-la infeliz? Sinceramente, eu prefiro que ela me odeie do que ter que destruir seu coração.

— Quem vai destruir o coração de quem? — A voz da May nos deixa alertas. Levantamos do sofá e encaramos May do outro lado da sala.

— Você já está pronta, baby? — Carl começa a recolher seus pertences evitando a pergunta de May.

— Você não respondeu minha pergunta. — May pode ser ingênua em algumas situações, mas quando precisamos da sua ingenuidade ela não aparece.

— Shakespeare. Collin estava recitando Shakespeare. — Ele dar de ombros quando olha para mim e depois foca sua atenção em May que tem um olhar pensativo.

— Sério? Eu ainda não li nada sobre isso.

— Você provavelmente vai ver muito sobre isso no decorrer da universidade, querida. — Ele coloca o braço sobre seu ombro e começa a levá-la em direção à porta.

—Shakespeare? — sussurro quando ele olha para mim.

— Shakespeare é o nosso melhor álibi — ele responde com outro sussurro. Sorrio para eles, mas antes de fechar a porta, May sai do abraço e segura a porta. Seu olhar está preso no meu enquanto fala.

— Há uma grande possibilidade de você achar que eu sou apenas uma caipira da menor região do Texas, e eu não te culpo por isso, porque realmente sou. Também não me importo com sua opinião, mas preciso que você me prometa que vai fazer de tudo para fazer o mundo da Livie mais colorido. Ela precisa ver o sol nascer mais vezes, Livie precisa sentir o vento no rosto e os pingos da chuva, também precisa sorrir ao menos três vezes ao dia e... ela precisa viver. Você não pode deixá-la morrer... por dentro. Não deixa a luz em seus olhos apagar. — Assim como chegou, May foi embora antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Fecho a porta antes de olhar para meu apartamento. Antes das crianças fazerem seu caminho por ele, ele era um lugar calmo e estéril. Agora tem brinquedos e travesseiros espalhados por toda parte, mas isso me reconforta.

Você não pode deixa-la morrer.

Pego o urso de Emma no chão e caminho para meu quarto, onde eles estão.

— Você fez muito bem cuidando da sua irmã, pequeno homem. — A voz de Livie me cumprimenta quando chego na porta do quarto. Ela está encostada contra a cama e uma boa parte dos travesseiros estão sob seu pé mantendo-o elevado.

— Está na hora de dormir. — Livie me olha assustada e Noah corre até mim. — Vamos deixar sua mãe descansar? — Ele acena avidamente.

— Mamãe, dormir.

— Vai *pro* seu quarto que eu vou levar Emma. — Ele corre para Livie para dar um beijo meio atrapalhado em sua perna e sai do quarto. Emma está ao lado de Livie, seus olhos fechados e seus cílios grossos contra a sua bochecha de bebê.

— Ela não...

— Ela precisa dormir no seu berço. — Livie parece relutante em

deixá-la ir e se sua perna estivesse boa ela já estaria em uma luta corporal comigo. Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas, mas ela permite que eu tire Emma do seu aperto.

Livie

— Por quanto tempo você vai continuar assim? — Olho para May que se move de um lado para o outro enquanto ajuda Noah e Emma a se vestirem. Pouco depois do almoço de recepção, Mary insistiu que eu fosse para o meu novo quarto para que pudesse descansar alguns minutos, e só posso dizer que agradeço eternamente. Collin tem sorte de tê-la por perto, uma mãe como essa não se encontra em qualquer lugar. Ela e May me ajudaram com as crianças durante todo o dia, enquanto eu descansava.

Depois que Mary saiu, May se tornou responsável por ser minha mão extra, o único problema é sua insistência em não olhar em meus olhos. Foi impossível não perceber o estado que ela saiu após a minha chegada, apesar de não querer me importar, essa situação está me incomodando cada vez mais.

— Eu... eu não sei do que você está falando. Noah e Emma se comportaram muito bem durante esses dias. Collin se dar superbém com eles, mas já falei com você sobre isso. Ah, parece que o primeiro dentinho de Emma está nascendo. — May começa a divagar enquanto penteia os cabelos de Noah. Emma está apoiada no meu lado bom com ajuda de vários travesseiros.

— Você está me evitando.

— Se estivesse te evitando, não estaria aqui. — May tira Noah de cima da penteadeira e o coloca no chão antes de colocar o cabelo dele levemente para o lado. — Eu sou muito boa nisso! Será que é muito cedo para engravidar de Carl? — Se fosse qualquer outra pessoa eu não me importaria com esse comentário, mas acontece que estamos falando da May. E ela costuma ter ideias assustadoras sobre certos assuntos.

— Existem muitas formas de evitar uma pessoa estando no mesmo ambiente, acredite. Eu faço isso. — Sua boca se abre para formar alguma palavra, mas por um simples minuto seus olhos encontram meu rosto e eles enchem de lágrimas.

— Eu não prestei atenção. — Inclino a cabeça para o lado. — Eu

não prestei atenção em você. Eu sabia que tinha alguma coisa errada, mas apenas ignorei. Sempre adiava para o amanhã. "Amanhã nós íamos conversar, amanhã colocaria você contra a parede, amanhã eu poderia ajudar, amanhã... — sua voz se perde entre soluços. — Eu esperei... e você quase morreu. — Ela cobre seu rosto com as mãos, enquanto seu corpo treme pelos soluços. Noah, que ainda estava em pé na sua frente, levanta a cabeça antes de puxar a barra da camisa de May, assim que ele ganhou sua atenção, Noah estica a mão para pegar a de May puxando-a até que ela esteja sentada ao seu lado na cama. Sorrio com o canto da boca para Noah pelo seu ótimo trabalho.

— Você não tem culpa. Eu fiz isso, é a única coisa no qual sou boa, então — respiro fundo —, ninguém nunca saberia o que estava acontecendo se isso não tivesse acontecido. Não precisa se preocupar, não é a primeira vez e muito menos será a última. — Dou de ombros e sorrio, mesmo que as lágrimas queimem em meus olhos quando noto Noah me observando. Emma dormiu ao meu lado, coloco minha mão sobre seu abdômen sentindo a elevação causada por sua respiração que me acalma.

— Livie, você não pode agir como se fosse normal...

— E sou! Eu nasci no meio disso, toda a minha vida foi isso, mas consegui fazer com que os dois tivessem uma vida melhor... e... e estou conseguindo. Só preciso aguentar por mais alguns...

— Dezoito anos? Até que Noah esteja adulto e você mort...

— Não! — grito e a minha reação faz com que ela se cale. — Você já pode ir.

— Livie...

— Conversamos depois, por favor. — Ela acena uma vez sem contestar e se levanta.

— *Se cuida.* — Antes de sair ela beija o topo da minha cabeça e faz o mesmo com as crianças. Assim que a porta bate chamo Noah para que ele se sente ao meu lado, e ficamos assim até que Collin aparece e os afasta de mim.

Não sei se posso me acostumar com todas essas mudanças. Eu estou

em uma casa estranha com uma perna quebrada e costelas doloridas. Meus filhos parecem felizes com o novo ambiente, mas eu me sinto desconfortável. Collin assumiu um papel na vida deles que antes só eu fazia e isso me faz querer odiá-lo, mas como se odeia um homem que dar o céu para seus filhos?

Depois que Collin desaparece com Emma eu tento me levantar da cama, mas percebo que estou vestindo uma de suas camisas já que nenhuma calça de moletom quis entrar depois que retirei a que Collin me deu no hospital. Sentindo meu rosto esquentar volto a deitar e cubro minhas pernas com o edredom.

Depois de vinte minutos, de acordo com o despertador ao lado da cama, Collin retorna ao quarto fechando a porta atrás dele. Ele anda até uma poltrona ao lado da janela e começa a tirar sua roupa. Minha boca se abre, mas nenhum som sai quando ele fica apenas vestindo nada além de um par de boxers Calvin Klein preta, apertada e enfatizando sua ereção. Seu corpo todo musculoso parecendo aço. Tentador e suave, com exceção de três cicatrizes correndo de seu estômago para o peito, do ombro para seu bíceps, e uma menor perto de sua garganta. Um trevo foi tatuado em seu peito, em seu coração, desgastado pelo tempo e desbotado. Mas quando ele vira de costas, várias cicatrizes percorrem seus ombros e costas. Algumas cobertas pelas tatuagens e outras em exposição na coxa e tornozelo.

— Obrigada — falo mesmo que outras palavras estejam querendo sair da minha boca, ele olha para mim pela primeira vez e acena.

— Como você está se sentindo? — Collin vai ao banheiro e se aproxima da cama com um kit de primeiros socorros e senta ao meu lado com cuidado.

— Bem... O que você está fazendo? — pergunto quando seguro suas mãos depois dele começar a tentar tirar minha camisa.

— Eu preciso trocar os curativos e olhar como suas costelas estão curando.

— Você virou médico agora? — Tento empurrar sua mão, mas ele mantém seu aperto firme.

— Não, mas eu tenho experiência nisso. Lido com costelas

quebradas desde que eu tinha doze anos. — Um sorriso divertido aparece em seu rosto, e ele parece bem relaxado.

— Você era um garoto selvagem? — Meu aperto perde força e ele aproveita para levantar a minha camisa.

— Na verdade, foi na época em que a mulher que me colocou no mundo começou a perceber que as pessoas não estavam acreditando que meus hematomas nos braços não eram mais brincadeiras de criança. — A ponta dos seus dedos movem ao redor da área lesionada, ele parece satisfeito com o que sente porque logo volta a baixar a camisa. Pega um chumaço de algodão e molha com uma substância antisséptica, e pressionando contra meu lábio machucado.

— Isso dói. — Afasto sua mão, e ele recua sorrindo.

— Quer que eu beije para passar? — ele disse, aproximando seu rosto do meu e eu fico sem reação.

— Você não pode fazer isso. — Na verdade eu quero que ele faça, Collin pode ter feito as minhas últimas semanas um inferno mas tem algo que me atrai para ele.

— É só se afastar se não gostar. — Tomo uma respiração tremula quando ele pressiona os lábios levemente no canto da minha boca que não está machucado. — *Me desculpa* pela forma como te tratei. — Seus lábios percorrem todo o caminho até meu pescoço e meu corpo treme. — Eu menti. Carly não foi a única razão pelo qual eu me aproximei de você. — Olho em seus olhos me perdendo por alguns segundos na escuridão que eles trazem.

— Eu não consigo me concentrar. — Seu corpo começa a tremer. Quando se afasta ele está sorrindo.

— Vou guardar isso aqui para podermos dormir.

— Você vai dormir aqui?

— Eu transformei meu quarto de hóspede e escritório em um quarto para as crianças, e eu não estou a fim de dormir na academia. — Com isso ele deita ao meu lado e puxa o cobertor sobre nossos corpos. Tomo algumas respirações profundas tentando acalmar meu corpo.

— O que você quer de mim? — minha voz é um sussurro perdido no meio da escuridão.

— Você.



Capítulo 20

Livie

Quando acordo o quarto está vazio e tem um copo de água ao lado das pílulas prescritas pelo médico. Sentindo as dores aliviando começo a me levantar da cama, evitando fazer força contra o abdômen. Pego a muleta e ando em direção ao banheiro. O piso é de mármore e as cores cinza e branco se misturam, é tudo tão organizado e enorme que eu tenho medo de quebrar alguma coisa. Ando com cuidado para não, tiro meus itens de higiene pessoal da bolsa que May me mostrou ontem e começo a me preparar para o banho.

A troca de roupa é a mais dolorosa, o que eu levaria cinco minutos para fazer precisei fazer em dez. As pausas para respirar eram necessárias principalmente quando a dor se tornava insuportável. Sentada na cama eu lutei para colocar um vestido mesmo contra o meu gosto. Depois que estava devidamente coberta ignorei meu rosto e cabelo e saí do quarto. A sala estava vazia, mas um barulho vindo da cozinha me leva até lá.

Collin está de costas para mim vestindo uma blusa e calça social. A

blusa branca adere ao seu corpo, escondendo suas tatuagens e deixando apenas a do seu pescoço à mostra. Seus músculos estão definidos, músculos que estavam a poucos centímetros de mim ontem à noite.

— Por que você não me chamou? — Collin pergunta quando deixa um prato na frente de Emma e Noah e caminha na minha direção, onde eu estou parada na porta da cozinha.

— Eu não achei necessário. — Meu rosto queima quando suas mãos tocam meu rosto afastando os fios de cabelos embaraçados. As mesmas mãos que estavam me tocando ontem.

— Você precisa de ajuda para penteá-los? — ele pergunta quando enrola um fio em seu dedo. Meus batimentos cardíacos estão a mil e meu rosto está quente até no toque.

— É doloroso quando levanto os braços.

— Eu sei, estou quase terminando o café e te ajudo com isso. — Seus lábios descem para os meus e antes que eu possa reagir ele começa a me arrastar em direção à mesa. Noah sorri para mim e Emma bate palmas quando me ver.

— Bom dia, crianças. — Beijo a cabeça deles e sento ao lado do cadeirão de Emma.

— Você tomou os medicamentos? — Aceno concordando. — Eu tenho uma reunião agora, mas meu amigo vai ficar aqui com vocês. Assim você não precisa pegar peso, ou se movimentar muito. — Ele coloca uma xícara de café e um prato com ovos e bacon na minha frente. Antes que eu possa discordar ele desaparece e retorna segundos depois e começa a escovar meu cabelo.

— Mamãe bonita. — Noah diz com a boca cheia enquanto nos observa.

— Você está certo, Noah. — Collin mantém a voz baixa enquanto passa a escova suavemente pelos meus fios de cabelo. — Eu nunca fiz isso antes, mas não deve ser tão difícil.

— Você está indo bem.

— Sujo — Noah interrompe nosso momento, olho para sua roupa recém molhada com suco de laranja.

— Como você conseguiu isso, rapaz? — Collin pergunta quando se afasta de mim e vai até ele.

— Eu não sei. — Um bico nasce em seu rosto, o mesmo bico que ele faz quando está tentando decidir entre caminhões e super-heróis.

— Vamos deixar as damas aqui e nos trocar. — Carregando-o no colo desaparecem no corredor deixando apenas Emma e eu.

— Tah.. ma.. pah..

— Você aprendeu essa onde? — Emma continua balbuciando, mas é interrompida pelo barulho da campainha. Fazendo o meu melhor eu começo a andar em direção a porta e me surpreende que Collin não tenha aparecido. Apoio meu corpo contra as muletas para ficar nas pontas dos pés e olho no olho mágico.

Collin disse que um amigo ficaria comigo e com as crianças, mas eu não imaginava que seria o homem que nos casou. Abro a porta com relutância e sou surpreendida com seu sorriso.

— Nanny McPhee, ao seu dispor. — Ele estica sua mão para mim, e eu a aperto.

— Você é uma babá? — Inclino a cabeça para o lado analisando o homem corpulento à minha frente.

— Em carne e osso. — Ele sorri e olha por cima do meu ombro. — Alguém está mal-humorado hoje. — Sua boca chega perto do meu ouvido quando ele sussurra. Olho para trás e vejo Collin com Noah nos braços, a carranca em seu rosto faz com que eu me distancie de Mark assustada. Eu não deveria ter aberto a porta para um desconhecido, se Mark fosse o tal amigo de Collin ele não estaria fuzilando com os olhos.

— Você está tentando correr? — Mark pergunta quando nota minha fuga. — Quer ajuda?

— Eu pensei que ele fosse o amigo que você tinha falado — ignoro Mark e me concentro em Collin.

— Ele é, mas não tenho mais certeza. — Collin continua fitando Mark e eu tenho medo do que possa acontecer. — Vá ficar com sua irmã, Noah. — Assim que Noah sai da sala Mark volta a falar.

— Eu não transo com mulheres casadas, até agora.

— Você vai transar comigo? — pergunto sem conseguir me conter.

— Vou fazer tudo o que você quiser, querida. — Seu sorriso galanteador me tem sorrindo com ele. Mas Collin parece irritado com isso.

— Você não vai tocar nela, e você — ele aponta para mim —, é minha esposa, eu não divido o que é meu.

Collin

Eu sabia que trazer Mark para minha casa foi uma medida desesperada, mas posso considerar como um erro agora. Eu não conheço o perfil de John e nem do Davison para saber com que tipo de pessoa eu estou lidando. Livie não parece muito confortável em falar também, então desde que Mark é o único livre que possui uma arma, eu preciso confiar que ele não vai tentar usar a arma errada na minha garota.

— Você está bem? — A voz de Nico me puxa de volta para a sala de reunião.

— Claro. — A reunião acaba e eu não escutei nada do que foi dito. Eu mando uma mensagem para Mark que responde apenas com a foto de Noah e Emma vestidos com um chapéu estranho de cozinheiro e a legenda era: "O mundo precisa de *Ookies*"

Minha mãe conseguiu fazer com que Noah se viciasse em Cookies, Mary tem um talento para cozinha e Noah foi sua vítima. Agora me admira que Mark esteja se submetendo a isso.

Collin: Liv?

Mark: Está com Vin Diesel.

Collin: Quem?

Mark: O careca gostoso.

Reviro os olhos antes de digitar a frase mais importante.

Collin: Cuida deles!

Mark: É o que Vin Diesel sabe fazer de melhor.

Não respondo de volta e guardo o celular no bolso.

— Okay, vamos começar. — Nico e Carl se voltam para mim e começamos a trabalhar na nossa última missão no Clube Silence Angels.

Livie

— Você não precisava ter feito isso. — Mark entra na sala carregando Emma e um prato de Cookies. Noah vem atrás dele dando pequenos passos para não derramar seu leite. Ele coloca Emma aos meus pés e Noah a segue. Ambos ficam ao lado do meu pé imobilizado em cima da mesa de centro.

— Eu sou um homem de muitos talentos. Você quer leite?

— Não, eu estou bem assim.

— Bom, eles são bons de garfos. — Ele senta ao meu lado e aponta para Emma e Noah sentados no chão devorando os cookies. Emma apenas chupa os biscoitos e depois oferece para Mark que os aceita.

— Ela gostou de você.

— Ela tem um bom gosto. — Sua sobrancelha arqueia e ele coloca um cookies inteiro na boca.

— Eu não vou transar com você — sussurro sorrindo e desvio o olhar para a televisão. Minha mão vai para o meu pulso, onde esfrego a cicatriz.

— Essa frase normalmente é minha. — Ele coloca a cabeça no meu ombro como se fôssemos velhos amigos enquanto assistimos um musical infantil.



Capítulo 21

Livie

Pouco depois da meia-noite Collin retornou para casa, as crianças já estavam dormindo há um bom tempo. Mas como eu não queria deixar Mark sozinho, insisti em fazer companhia a ele, o único contratempo foi a sonolência causada pelos comprimidos para dor, que fez com que eu dormisse com a cabeça no seu colo, uma situação desconfortável, principalmente se eu considerar a carranca que se formou no rosto de Collin.

Quando ele nos pegou nessa situação as luzes estavam apagadas e apenas a luz que vinha da televisão iluminava o ambiente. Mal levantei a cabeça e Collin jogou uma pasta com alguns papéis no colo de Mark. Um sorriso nasce no rosto dele quando olha para Collin que apenas me encara. Autoconsciente começo a abaixar o volume do meu cabelo com as mãos em uma tentativa falha de desviar sua atenção.

— Ela não é minha irmã dessa vez, Collin.

— Eu sei disso. — Seu olhar finalmente desvia para Mark quando ele volta a falar. — Mas ela é a minha mulher. — Mark levanta e se despede

com um beijo no topo da minha cabeça e eu quase não acredito quando escuto Collin rosnar.

— Sonhe comigo, Baby. — Eu não respondo porque não quero irritar Collin ainda mais. Ele ainda tem a guarda dos pequenos, e se ele quiser me expulsar da vida deles nada o impede.

— Vocês não têm muito tempo até a carga chegar, então ajam com cuidado, e tentem não fazer estragos — Collin fala quando leva Mark até a porta, eles continuam falando, mas eu não tenho o mínimo interesse em continuar aqui. Então levanto e começo a me arrastar em direção ao quarto o mais rápido que posso.

— Como estão suas costelas? — a voz de Collin me para e viro na sua direção. Seu olhar não está escuro, e parece genuinamente preocupado. — Você já consegue respirar sem dor? Posso tocar? — Prendo a respiração antes de acenar levemente. Suas mãos contra minha cintura são suaves, mas marcantes. — Você se importa se eu levantar seu vestido para ver a coloração? — A ideia da sua pele contra a minha parece ser mais íntimo do que estou acostumada.

— Sim — suspiro. Meu corpo trava em expectativas do seu toque e meu coração quase entra em colapso quando suas mãos fazem caminho até a barra do meu vestido e começa a subir lentamente, sua mão faz contato com a minha calcinha, mas ela não demora muito lá. Suas mãos continuam subindo até que param sobre minhas costelas machucadas, elas são ásperas contra minha pele macia causando arrepios sobre meu corpo.

— Você está indo bem. — Sorrio e ele corresponde, então afasta meus cabelos expondo meus ombros.

— Você se sente atraída por Mark? — Meu sorriso cai e com ajuda das muletas dou um passo para trás e engulo em seco antes de começar a falar.

— Por que você está perguntando isso? — Começo a mancar de volta para o quarto e ele me segue falando.

— Vocês pareciam bem próximos. — Ele me ajuda a abrir a porta do quarto quando me atrapalho com as muletas. Seu corpo se aproxima do meu e seu perfume invade meus sentidos.

— Eu... nós... ele me ajudou muito durante o dia e... eu acabei adormecendo. Não sei por que você está fazendo isso. — Tiro as cobertas da cama antes de me deitar, mordo meu lábio quando começo a sentir minhas costelas reclamando.

— Porque a minha mulher estava toda feliz pela perspectiva de transar com meu melhor amigo no momento em que ele chegou aqui.

— Eu não sou sua mulher! Esse casamento é apenas uma farsa, e não tente me convencer do contrário, porque não sou sua família e amigos que acreditam nesse seu joguinho de bom moço. — Aponto os meus dedos para mim e grito a última parte. — E eu não fiquei feliz com a ideia de transar com ele, e sim pelo fato de alguém querer transar comigo. Alguém que não me conhece ou está ligado com o meu passado.

— Quando você vai perceber que o que fiz foi por vocês?! Eu quero você, tanto que dói lembrar que você estava naquela situação...

— A minha vida estava muito boa antes de você chegar! — corto-o. Ele corre as mãos pelos cabelos e anda de um lado para o outro no quarto, antes de socar a parede.

— Você acha que trabalhar dez horas seguidas por dias sem nenhuma folga é estar bem? Então há algo muito errado com você.

— Ter algo para comer e um lugar quente para dormir é a melhor coisa que tive em anos. Eu nunca tive alguém para cuidar de mim, ou de nós...

— Mas você me tem agora! — Ele bate uma mão contra seu peito arfante. — Eu não sou o suficiente para você? O que eu preciso fazer para você me querer como parte de sua família?

Collin

Olho para o rosto vermelho de Livie, sentindo meu peito apertar quando noto as lágrimas descendo pelo seu rosto. Minha mão começa a latejar e aperto meus dedos para aliviar a dor enquanto espero ela responder, sua boca abre algumas vezes, mas nenhum som sai. Aceno levemente e ando até o banheiro, sinto seu olhar sobre mim, que ignora até que estou no banheiro. A água quente do chuveiro faz os músculos do meu corpo relaxarem, enquanto luto contra as memórias que insistem em me assombrar.

— Por que você precisa usar isso, mãe? — Olho para ela do outro lado do sofá, enquanto a observo colocar uma agulha no seu braço. Odeio agulhas, elas são desconfortáveis. O único lado bom era quando a moça do hospital me dava doces depois de tirar meu sangue com elas, mas hoje já sou bem grandinho para recebê-los. No entanto, elas continuam me assustando, só que minha mãe não compartilha o mesmo pensamento. Seu rosto se forma em uma careta quando retira a agulha e esfrega o local, antes de se recostar contra o sofá e sorrir de olhos fechados.

— Porque você não é suficiente para me fazer feliz.

Talvez esse seja o meu erro. Eu nunca vou ser suficiente para as pessoas que eu amo.

Desligo o chuveiro e me enrolo em uma toalha. Livie está dormindo quando entro no quarto, ando com cuidado pelo local para não a acordar. Assim que visto minha calça de moletom volto para a cozinha atrás de uma bolsa de gelo para pressionar contra minha mão. Olho para meu celular enquanto considero ligar para Mary, mas não quero atormentá-la com meus problemas infantis. Quando meus dedos começam a adormecer jogo a bolsa de gelo na pia e vou para a sala onde me jogo no sofá. Meus olhos começam pesar assim que meu corpo atinge a superfície plana, ainda confuso pela nevoa de sono, escuto os sons da muleta da Livie a distância contra o chão, mas logo tudo volta a ficar em silêncio.

— Eu só tenho medo de confiar nas pessoas, me perdoa. — Escuto sua voz e logo depois algo quente é colocado contra meu corpo. Quando acordo no dia seguinte a única prova que aquilo realmente aconteceu é o

cobertor sobre meu corpo, o aperto no meu peito diminui e volto a respirar tranquilamente.



Capítulo 22

Livie

Duas semanas se passaram desde a minha briga com Collin, o clima ficou cada vez mais pesado e trocávamos apenas algumas palavras, ocasionalmente. Ele passou a chegar cada vez mais tarde em casa e saía tão cedo que a única prova que ele realmente dormia em casa era o café da manhã que ele deixava pronto. As crianças pareceram não notar, mas em compensação recebia olhares avaliativos de Mary sempre que vinha me visitar.

Mark se tornou cada vez mais próximo de mim, mas depois de uma semana ele parou de aparecer e o seu substituto era Nico ou Carl. Algumas vezes Claire, May ou Mary passavam para ajudar com as refeições e afazeres domésticos. Porém, meu corpo tem cicatrizado bem, as minhas costelas quase não doem mais, e eu passei a dispensar elas. A visita dos meninos foi diminuindo, mas sempre tinha um carro parado na porta do prédio.

A sensação de estar sendo vigiada é horrível, mas eu não posso

deixar transparecer para as crianças, então sempre ignoro as minhas paranoias. Talvez seja a sensação de estar em cárcere privado. Eu sempre fui uma pessoa ativa, mas desde que sofri o "acidente" eu tenho ficado reclusa dentro de casa. Apenas ansiando o momento em que poderei retornar ao trabalho. Hoje, se tudo ocorrer bem eu irei trocar o gesso na minha perna por uma bota ortopédica.

Collin mandou uma mensagem, a primeira em décadas, dizendo que passaria para me levar ao hospital. Eu não neguei e nem respondi. Termino de vestir Emma e a pego nos braços e ando de volta para a sala da melhor maneira que posso.

— Você está pesada. — Tento equilibrar Emma e a muleta da melhor maneira possível. Quando chego na sala Noah continua sentado com seu giz e livros de pintar na mesa de centro, deixo Emma sentada ao seu lado no chão com travesseiros ao seu redor. Sento no sofá tomando respirações profundas. Minhas costelas reclamam um pouco, mas a dor não é tão intensa quanto antes.

O barulho da fechadura chama a nossa atenção e meu coração acelera em expectativa, mas logo ele afunda no chão quando Collin entra acompanhado de Kristen. Todo meu corpo congela, e é preciso que a dor causada pelas minhas unhas na palma da mão me acordem.

— Olá, crianças! — Sua voz está recheada de falsidade quando ela anda em direção a eles. Quando estou prestes a me levantar a voz de Collin me para.

— Livie, não. — Kristen olha para mim com o seu sorriso, *eu venci*, antes de colocar sua máscara novamente. Meu peito arde com o sentimento mais horrível do mundo. O de ser incapaz. E pela primeira vez a ficha cai. Eu não sou capaz de proteger meus filhos de todos os monstros do mundo. Olho para Collin que me repreende com um olhar e anda em direção aos meninos que estão desconfortáveis com a presença de Kristen.

Olhando a cena eu me sinto uma intrusa olhando a família perfeita. Kristen com seus longos cabelos loiros ao lado da perfeição de Collin e seus dois filhos. E eu apenas a garota estranha do parque de trailer. Olho para a aliança no meu dedo e a minha única vontade é de fazê-lo engolir, mas antes

eu iria bater em Kristen com minha muleta. Mas isso só iria fazer com que eu ficasse mais longe dos meus filhos.

— *Não fica triste, Olivia. Eu também tentaria me matar se fosse você.*

— *É Livie. — Luke conserta meu nome o que causa mais raiva em Kristen.*

— *Você quer ficar com o lixo? — Levanto minha cabeça pela primeira vez e olho para Luke na esperança de encontrar o meu melhor amigo. O amigo no qual eu confidenciei as minhas maiores vergonhas, o amigo e a única pessoa que eu falei sobre a tentativa de homicídio que eu sofri quando tinha doze anos. Um crime que meus pais queriam que fosse considerado suicídio quando cortaram meus pulsos e me jogaram na banheira. Me afogando na poça do meu próprio sangue. A minha sorte foi a nossa vizinha ter me encontrado a tempo.*

Quando eu contei a história para a polícia, eles me taxaram como louca e ameaçaram me internar se eu não parasse de mentir.

Eu nunca contei essa história para ninguém, apenas para Luke que fez questão de expor para toda a escola só para sair com a rainha do baile.

— Você já está pronta? — Engulo minha raiva e aceno. Kristen continua próximo a Noah que apenas a ignora e Emma tem uma cara de choro, eles não gostam dela. É verdade sobre o que dizem que crianças sentem quando alguém é ruim.

— Você... você pode tirá-los de lá? — falar é difícil quando minha voz está embargada de emoção. Ele olha para onde eu aponte e acena, mas antes ele faz algo que me pega totalmente de surpresa. Ele puxa meu braço na sua direção e afasta a pulseira que cobre a cicatriz, ele repete o mesmo com o outro e seu aperto é tão forte que eu não consigo me desvencilhar. E quando nossos olhos se encontram, Collin me olha com repulsa. Ele solta meus braços como se tivesse contaminado e a voz de Kristen me tem em alerta.

— Eu disse. — Collin não responde, apenas caminha até as crianças e pega Emma no braço e puxa Noah para cima. Eles andam até a porta e é quando eu saio do meu estado atônito e percebo que ele vai tirá-los de mim.

— *Pra onde você vai?* — Levanto, ignorando a dor e as muletas, utilizando apenas o sofá como apoio.

— Não saia daí — sua voz está séria e meu peito começa a apertar. Kristen sai primeiro puxando Noah pelo braço.

— Collin...— minha voz quebra mas não tira nenhuma reação dele. — Collin, por favor.

— Fique onde está. — Emma começa a chorar pelo seu grito e ele bate à porta fechando—a. Manco até a ela, mas quando tento abri-la ela está trancada. Olho ao redor em busca de uma chave reserva mas não encontro nada. Eu nunca pedi uma.

Respirar se torna cada vez mais difícil, as lágrimas vão descendo junto com grandes soluços. Bato meus punhos contra a porta, quando a sensação de que Collin tirou da minha vida as pessoas mais valiosas se torna sufocante.



Um barulho me tem em alerta e eu me levanto ignorando meu pé dolorido. Quando vejo Collin entrando sozinho eu pego o enfeite de mesa e jogo contra ele, mas por um centímetro ele desvia, com um olhar atordoado ele olha para o local em que a parede foi atingida. E depois de volta para mim. Manco até ele quando começo a gritar.

— Você nunca mais ouse gritar comigo na frente da Kristen. Você nunca mais ouse tirar meus filhos de mim. — Empurro seu peito, mas me desequilíbrio quando tento subir na parte elevada e caio contra seu corpo. Ele segura meus cotovelos me equilibrando.

— Por que você tentou se matar? — A acusação na sua voz me faz recuar. — Eu perdi muitas pessoas que dariam suas almas para ter mais um dia perto da sua família, e desde esse dia eu percebi o quanto nossa vida é importante. Quando eu vi as cicatrizes eu perdi a razão, isso não justifica o que eu fiz, mas eu só via os corpos deles ensanguentados e mutilados, agonizando por um último suspiro e eu não podia fazer nada.

— Não fui eu. — A minha voz está rouca pelas lágrimas de mais cedo. — Eu não fiz isso.

— O que você quer dizer com isso? As cicatrizes falam bem alto. Eu perdi amigos na guerra, enquanto você tentou se matar.

— Eu tinha doze anos — tomo algumas respirações profundas —, meu pai chegou bêbado e falando algo sobre ele não ser pago o suficiente para cuidar de mim. Eu estava na cozinha quando ele me atingiu com algo na cabeça, tudo ficou escuro. Então acordei horas mais tarde com a nossa vizinha gritando por ajuda, eu estava tonta e tudo girava. Quando olhei para baixo tudo estava vermelho, ela continuava gritando, mas eu não entendia. Os paramédicos chegaram e eu apaguei. Quando eu acordei os policiais e o serviço social estavam no quarto, e quando falei a verdade eles ameaçaram me internar. Assim que eles saíram o prefeito deu uma quantia exorbitante para o meu pai, e minha mãe olhava para mim sem nenhuma emoção no rosto. Naquele dia meu coração quase parou. Eu nunca faria isso, eu não gosto de sentir meu coração parar, mas você me fez sentir isso hoje. Você os levou para longe de mim. — Collin senta e apoia a cabeça em suas mãos.

— Eu não sou um monstro.

— Então por que está agindo como um? — Limpo uma lágrima que escorreu e saio em direção ao quarto das crianças.



Capítulo 23

Collin

—Tem alguém querendo te ver. — Carl aparece na frente do meu escritório com uma carranca no rosto.

— Quem é? —Esfrego as mãos em meu rosto tentando afastar o sono e o cansaço.

— O prefeito. — Tudo o que eu não precisava nesse momento era dessa conversa. A última pessoa que eu preciso ver é esse homem. — Ele disse que é relacionado a Livie. — Suspiro e olho para Carl ainda sem falar nada. — Você quer eu o mande ir embora?

—Não, avisa que eu vou encontra-lo no café lá embaixo.

—Certo. —Carl me deixa sozinho e volto a minha atenção para o relatório na minha frente. Até que as dúvidas e questionamentos começam a aumentar e eu me levanto e vou em direção ao café.

Quando entro no estabelecimento encontro Davison sentado em uma das mesas mexendo no celular.

— O que você quer? — Ele coloca o celular sobre a mesa e ajeita o guardanapo no colo.

— Temos assuntos de família para tratar. — Puxo uma cadeira e sento. O pior que eu poderia fazer é causar uma cena. A garçonete se

aproxima, mas eu a dispensei com a mão.

— Nós não somos uma família. — O sorriso em seu rosto aumenta o que me causa mais nojo.

— Sua mãe é boa em contar histórias.

— Assim como usar a fivela do cinto. — Seu sorriso desaparece e sua postura muda.

— Eu sei que sua mãe pode ter sido um pouco ausente, mas ela mudou e eu a quero feliz e em paz consigo mesma. Então é o seguinte: faça sua mãe feliz e eu deixo os pequenos órfãos em paz. — Chamá-la de ausente é um eufemismo. Olho para seus olhos escuros e encontro apenas o vazio sem nenhum resquício de alma.

— Você acha que pode me chantagear?

— Eu posso não mexer com você, mas Livie pode sofrer em dobro. Não preciso lembrar a você que um simples telefonema resolve tudo, certo?

— Você não pode mais atingi-la. — Mantenho minha forma enquanto observo seus sinais corporais.

— Collin, meu filho. Você chegou tão longe depois que saiu daquele buraco, mas acho que me enganei com você. Eu tenho essa cidade na minha mão, e você é apenas um filhote que posso esmagar a qualquer momento. — Não reajo aos seus insultos, porque convivo diariamente com pessoas como ele. Davison está sobre a mira do FBI, seu reinado está acabando, mas não sei até que ponto ele pode envolver Livie.

— Como alguém como você pode se afundar em um buraco tão baixo?

— Todo mundo tem esqueletos no armário. Você não é o único. — Ele toma um gole do líquido no seu copo e volta a me encarar.

— O que você quer dizer com isso? — Um sorriso petulante volta ao seu rosto quando ele se levanta.

— Sua mãe vai ser minha esposa em poucos meses, você já me decepcionou ao fingir se casar com a pequena órfã e adotar aqueles bastardos. Eu governo esta cidade, assim como os passos dela. — Aperto

minhas mãos em punhos enquanto olho fixamente para o relógio em cima do balcão. Davison não tem nenhum controle sobre minha vida, mas ele parece traçar cada passo da vida de Livie como uma marionete.

Envio mensagem para Livie e vou em direção ao meu carro, no meio caminho noto um carro parado na beira da estrada. Diminuo a velocidade até parar ao seu lado, o cabelo loiro da motorista chama a minha atenção e assim que nossos olhos se encontram me xingo mentalmente quando Kristen sorrir para mim.

— Maninho. — Ela tira seus óculos escuros e se apoia na porta do meu carro.

— Você já chamou o reboque? — Mantenho meu olhar para a frente, sentindo a tensão se alastrar pelo meu corpo.

— Sim, mas eu preciso estar em casa agora para escolher os preparativos do casamento dos nossos pais. Você poderia me deixar em casa? Por favor? — Sua boca forma um biquinho, e me pergunto se isso realmente funciona.

— Não. Tenho que levar Livie ao médico, vou ligar para um amigo buscar seu carro.

— Você se casou com a suicida? — Suas palavras são como gelo em minha corrente sanguínea. Imagens de corpos desfigurados, gritos de agonia, o cheiro da carne queimada me atinge. Eu pensei que estivesse melhor quando recusei a terapia, mas só adiei o inevitável.



Entro no quarto de Noah e encontro Livie deitada em sua cama abraçando o ursinho da Emma. Depois da minha conversa com o prefeito fiquei completamente transtornado e não ajudou ter encontrado Kristen com o seu carro quebrado. Ofereci uma carona e ela começou a se oferecer em uma bandeja de prata para mim, eu não sei se ela sabe que Livie é sua irmã, mas quando falei que estava casado com Livie ela começou a contar histórias sobre sua infância perturbada, eu não sei por que e nem vou justificar a minha

reação idiota, mas quando vi as cicatrizes no seu pulso algo tomou conta de mim.

As lembranças dos meus amigos mortos na guerra e a falta que o marido de Mary faz para sua família fez com que eu tomasse uma atitude impensável. Em vez de levá-la ao hospital eu tirei as crianças de casa e levei até Mary, onde eu já os deixaria antes de ir para a consulta só que eu acabei saindo com Kristen em vez de Livie, assim como o prometido eu a deixei em casa e toda vez que ela abria a boca para falar algo sobre Livie meu coração afundava. Ela só se calou quando eu gritei para que o fizesse, e minha reação intensificou o estresse das crianças no banco de trás. Emma e Noah continuaram chorando e só se acalmaram quando viram Mary, e depois disso eles não quiseram mais me ver.

Voltei para casa e encontrei Liv que tentou me matar com o enfeite de mesa. Até o momento eu já estava me odiando por dentro, mas no momento que ela explicou sua história eu não poderia mais me olhar no espelho e muito menos em seus olhos.

— Eu nunca mais vou fazer isso. — Sento no chão ao lado da cama, apoiando meus cotovelos no joelho. — Alguns assuntos são difíceis para mim. Vou entender se você nunca mais me perdoar, mas eu sou novo nessa questão de sentimentos, e me odeio por isso. Kristen precisava de uma carona, e Mary queria ficar com as crianças, só foi por isso que eu saí com ela. — Livie continua em silêncio e eu me pergunto se está acordada. Começo a sair do quarto quando sua voz me atinge.

— Você não tinha o direito.

— Eu sei...

— Não, você não sabe! — seu grito me corta. — Ninguém sabe o que é viver às sombras de uma cicatriz, ser julgado e difamado por algo que eu não fiz. Então, não me venha com seu pedido de desculpas. Confiei em você com aquilo que mais amo e você me decepcionou...

— Eu não queria que eles presenciassem nossa discussão, não quero que nossos filhos...

— Meus filhos.

— ... sejam obrigados a lidar com isso em uma idade tão jovem.

— Então você decide tirá-los da mãe? — O sarcasmo em sua voz é gritante.

— Nunca fui bom em pensar. — O meu comentário a faz rir e uma pontada de esperança renasce. — Eu vou procurar ajuda, vou voltar para a terapia. Não quero mais lidar com isso, não vou poder conviver comigo se eu machucar vocês novamente.

— Eu não posso te odiar quando você já se odeia. — Livie se senta na cama e abraça os joelhos junto ao peito. O quarto está um breu, com apenas a luz do lado de fora iluminando o lugar e acentuando a cor dos seus cabelos. A primeira coisa que me chamou a atenção quando a vi naquela boate.

— Como você conseguiu? — pergunto depois de alguns minutos em silêncio.

— O quê?

— Sobreviver a tudo?

— Algumas coisas são inexplicáveis.

Livie

Algo macio toca meu rosto, o toque é tão suave que eu acredito que seja imaginação até que começa a contornar meu rosto, abro os olhos e pisco algumas vezes até me adaptar com a luz e encontrar os olhos de Noah me encarando. Ele traça o contorno do meu rosto e para quando chega no meu nariz.

— Dia, mamãe. — Sua voz doce causa um alívio no meu coração, sento na cama e o aperto em um abraço. Ele corresponde e mexe nos fios do meu cabelo.

—Você está bem? — Ele acena que sim e enrola fios de cabelos em seu dedo gorducho. — Onde está sua irmã?

— Com o Tio Olli. — Suspiro de alívio e começo a levantar da cama com ele, mas minha perna não vai deixar que cheguemos muito longe. Então o coloco no chão, seguro sua mão e andamos em direção à cozinha. Ele começa a falar sobre a noite de acampamento que a Vovó *Maly* fez com ele e Emma, assim que chegamos na cozinha Collin tem Emma no seu quadril, enquanto cozinha algo no fogão. Ele conversa algo com ela, e Emma apenas o observa com sua cara séria de bebê.

— ... prometo ser um bom rapaz. — Quando me aproximo pego apenas o final da conversa.

— Collin? — Ele vira em minha direção e corre seus olhos sobre meu corpo.

— Noah fez um bom trabalho em te acordar. — Ele se aproxima de mim com Emma quando pergunta: — Suas costelas ainda doem? — Nego e ele me entrega Emma que sorri quando eu a pego no colo. — Eu acho que isso te pertence. Noah você me ajuda a amassar as batatas? — Quando Noah concorda ele o pega nos braços e o coloca sobre o balcão da cozinha com um vasilhame de batatas cozidas.

— Goo, goo, gah. — Emma me dá um *soquinho* e aperta seus punhos em meu cabelo, puxando-o com força contra minha nuca. Dou um grande sorriso, mesmo que eu ainda queira chorar e retorno minha atenção

para Collin que apenas me olha por debaixo dos cílios, enquanto orienta Noah com as batatas.

Eu preciso de um advogado.

Collin

— Eu te adotei como um filho, mas eu juro que se você fizer isso de novo, eu te renego e adoto a Livie. Pelo menos ela me dar netos. — Minha mãe fala assim que abro a porta, ela joga a bolsa de Emma nos meus braços quando passa por mim. Noah passou por mim sem me reconhecer e começou a procurar por algo nos cômodos do apartamento até que foi em direção aos quartos. Tento pegar Emma dos seus braços, mas ela balança a cabeça e se esconde em Mary. Minha mãe observa meu olhar atônito e coloca Emma no seu cercado na sala com seus brinquedos e me puxa pelo braço até a cozinha. — As crianças não paravam de chorar perguntando por Livie, eu precisei chamar Rachel e Jake para acampar na sala com eles porque não paravam de chamar por sua mãe. Você entende o que fez? — Abaixo a cabeça sentindo vergonha de mim mesmo, mas sou surpreendido pelo tapa que Mary dá no meu braço. — Responda quando eu estiver falando com você, Collin!

— Wow. Isso dói! — Massageio meu braço, para uma senhora ela ainda consegue deixar marcas.

— De onde veio esse tem muito mais, agora eu preciso saber o que aconteceu para que você agisse assim. — Ela puxa um dos bancos e se senta, sinal de que a conversa vai ser longa.

— Bem, *pra* resumir... a Stephanie está de volta, ela vai se casar com o prefeito, a garota do outro lado do corredor é filha dele e ele não dá a mínima para ela. Ontem... — pondero se essa informação pode ser passada a minha mãe, eu não sei como Livie se sente sobre isso.

— Eu não vou contar para ninguém, Collin. Eu ainda sou a mesma mulher que trocava cartas com você, é apenas nós dois. — Ela cobre minha mão com a dela e quando olho para seu rosto, seus olhos estão vermelhos pelas lágrimas derramadas. Corro minha mão pelo cabelo e respiro fundo.

— *Me disseram* que a Livie tentou se matar.

— Oh não, querido. — Mary conhece a minha história, ela sabe o quanto fui e sou afetado por essa situação.

— Fiquei cego na hora. Só via sangue, o cheiro de carne queimada me atordoou e eu só precisava sair de lá. Eu vi os olhos de Matt com o pescoço em volta daquela corda quando olhei para ela. Ma.. Mãe, eu não via a Livie. Eu só enxergava eles e seus corpos. Eeee... eu a abandonei. E... e eu estou me transformando em um monstro.

— Você não é um monstro, você só está aprendendo a sentir, e não sabe como lidar com isso. Nós somos humanos e cometemos erros, mas o que nos define é se vamos continuar errando ou não.

— Eu preciso de ajuda. — Seus olhos transmitem nada além de amor e carinho.

— Sim, querido. E vou estar segurando sua mão durante todo o caminho. — Nesse momento minha mãe já estava aos prantos e me puxou para um abraço, e por mais que não queira admitir, eu chorei em seus braços.

Depois de um tempo, ela se despediu e eu fiquei sozinho com Emma na sala que continuava me ignorando. Noah ainda continuava deitado ao lado de Livie. Quando voltei para a sala e chamei Emma pela terceira vez e ela apenas virava o rosto eu decidi ter uma conversa com ela.

— Será que podemos conversar? — Ela nega com a cabeça e morde a orelha do seu coelho de pelúcia. — Okay, então eu vou falar sozinho. Eu preciso que você e sua mãe sejam muito pacientes comigo, eu passei um bom tempo sozinho e é difícil lidar com emoções quando você não as conhece. Você não acha? — Ela não me responde e eu volto a falar. — Vocês fazem parte da minha vida agora, e eu não sei o que fazer com vocês. Mas eu prometo fazer de tudo ao meu alcance para fazê-los felizes. Eu não percebi isso, mas os três roubaram meu coração quando eu os encontrei sentados atrás do balcão e vou fazer de tudo ao meu alcance para melhorar. — Emma tira o coelho da boca e entrega para mim. — Você me perdoa? — Ela nega novamente, mas desta vez estica os braços para que eu a pegue. — Okay, eu entendo. Mulheres precisam de mais tempo para parar de guardar rancor. — Ela grita e seu pequeno punho se choca contra meu rosto antes de sorrir.

— Certo. Vou me manter calado. — levo-a para cozinha onde começamos a fazer o almoço.



Capítulo 24

Collin

Livie está sentada na cama do hospital segurando suas mãos desajeitadamente em seu colo. Seus olhos percorrem o ambiente e o seu desconforto é claro. Depois que terminamos de almoçar, em silêncio, eu trouxe-os ao hospital para que ela pudesse fazer a mudança do gesso para uma bota imobilizadora que facilitaria a sua locomoção sem as muletas. Noah está sentado no sofá jogando no meu celular e Emma está no meu braço observando cada detalhe do lugar, em alguns momentos ela joga seu corpo para trás para olhar algo que o seu ponto de visão não permite. Livie olha para mim, mas depois desvia o olhar com uma carranca.

— Você tem que ser gentil com sua mãe — digo a ela quando dá um bote em direção a Livie. Deixo-a sentar-se ao lado dela na cama, onde ela prontamente se arrasta em seu colo. Livie a pega e beija sua cabeça.

— Senhora, Simons? — Uma enfermeira enfia a cabeça para dentro do quarto. — Eu estou pronta para levá-la para tirar o seu gesso agora. — As sobrancelhas de Livie franzem pelo seu sobrenome de casada. Nas duas primeiras vezes ela tentou consertá-la, mas acho que desistiu quando a mulher não prestou muita atenção.

— Certo — diz Livie, então ela se vira para mim. — Você pode levá-los ao refeitório para comer alguma coisa?

— Absolutamente sim. Quer lancha, baby? — pergunto, levantando Emma em meus braços. Emma olha para Livie, que faz o sinal para comer, então, ela solta um grito.

Ok, então. Está resolvido. Eu tenho um encontro com uma garota de sete meses de idade. Chamo Noah que pela primeira vez olha por cima do celular e os levo em direção ao refeitório.

Quando chegamos lá as enfermeiras e alguns parentes de pacientes olham para nós e distribuem sorrisos. Emma fica distraída em colocar pedaços de melancia em sua boca que nem nota a movimentação das mulheres a nossa volta, ao contrário de Noah que distribui sorrisos.

— Será que eu posso alugar um deles enquanto vou ao supermercado? — Nico aparece por detrás de Noah e tampa seu ouvido. — Eu preciso transar.

— Você pode começar por cortar o cabelo.

— As garotas amam puxá-lo. — Ele pisca e eu reviro os olhos e foco minha atenção em Emma, quando ela me oferece um pedaço de fruta. Noah morde seu pedaço de bolo de chocolate e eu espero que Livie não me mate por isso.

— O que você está fazendo aqui?

— Bem, eu... Por ela. — Levanto a cabeça e olho para onde ele está apontando.

— Ally? — Ally anda abraçada com Mark em direção ao caixa. Sua cabeça está baixa e seu corpo curvado.

— O que aconteceu?

— Liam foi baleado ontem à noite, depois do roubo no quartel. O chefe me mandou aqui para fazer os procedimentos legais e livrá-lo da cadeia. — Nos últimos dias eu andei tão ocupado com minha vida pessoal que esqueci completamente os assuntos sobre o clube. Nico levanta a mão chamando a atenção de Mark que vem até nossa direção.

— Hey, Ally. — Ela olha para mim. Seu rosto está inchado e

vermelho, ela olha Emma e sua mão vai para seu abdômen. Não é preciso ser muito inteligente para perceber.

— Você sumiu. — Sua voz é pequena quando ela fala com seus olhos ainda focados em Emma.

— Andei ocupado. — Balanço Emma no meu joelho e aponto para Noah que tem seu rosto coberto de chocolate, ele está tão concentrado em seu bolo que quase não nota nós o encarando. Quando ele sente nossos olhos nele, levanta a cabeça e sorri com a boca suja de chocolate.

A sua inocência faz Ally sorrir um sorriso verdadeiro pela primeira vez desde que chegou aqui.

— Eu te amo, garoto — Mark fala para Noah e beija a cabeça de Ally.

— Eu te conheço... — Ally inclina a cabeça enquanto analisa Nico sentado na cadeira ao lado de Noah.

— Pequena alcoólatra — Nico responde e um pequeno vinco aparece entre as sobrancelhas de Ally. Nos poucos meses em que passei ao seu lado, passei a ler cada sinal. Enquanto Livie enruga o nariz quando não gosta de algo, Ally franze as sobrancelhas.

— Eu não sou alcoólatra.

— Você quase esgotou meu estoque de bebidas, princesa.

— Você deu bebida alcoólica para ela?

— Ela precisava de algo para encarar a vadia que estava dando em cima do homem dela.

— Nico, eu disse que era para você cuidar dela, não a embebedar.

— Vocês se conhecem? — ela pergunta e pelo seu rosto eu posso dizer que está além de confusa.

— Quando eu não pude ir ao casamento de Mandy porque precisava cuidar deles — aponto para as crianças —, eu pedi para o Nico manter um olho em você.

— Ôôô... — Seus olhos aumentam de tamanho e ela sai do lado de

Mark e sussurra no meu ouvido. — Ele é um agente do FBI. — Quando aceno ela coloca a mão na boca e dar um passo para trás. — Eu ainda posso ser presa por ter ingerido bebida alcoólica?

— Eu iria te prender na minha cama se você não estivesse com Liam. — O rosto de Ally fica em todos os tons de vermelho quando ela olha para Nico. Mark sorri quando tira Emma dos meus braços e morde seu pequeno punho quando ela oferece outro pedaço de fruta.

— Eu preciso dela para evitar que eu soque sua cara — Mark diz para Nico.

— Eu não gosto de ser presa — Ally fala, inquieta em seus pés.

— Ele não pode te prender, assim como o FBI não pode prender ninguém do MC pelos próximos 10 anos. — Jogo um guardanapo em Nico que pega e começa a limpar o rosto de Noah. — Como Liam está?

— Ele está se recuperando bem. — Um brilho surge nos olhos de Ally quando o nome de Liam é citado. É incrível como o começo nada comum entre os dois trouxe uma reviravolta na vida deles.

Emma torceu nos braços de Mark e estava bombeando os punhos empolgada. Ela gritou novamente, bombeando os braços, então Emma deu uma risadinha quando avistou Livie mancando em nossa direção. Livie nos observa desconfiada, e seus olhos se estreitam quando caem sobre Ally. Como uma verdadeira mãe protetora, ela olha de cima a baixo Noah e Emma antes de suspirar. Ela olha para o prato de Noah antes de se virar para mim:

— Chocolate?

— Nós estávamos dividindo, não é, garoto? — Nico mente por mim e Noah afirma balançando a cabeça distraído com a calda de chocolate que sobrou no prato.

— Bah, mah! — Emma solta um gritinho e Livie levanta os braços para pegá-la do colo de Mark. Ela balbucia alguma história para Livie, provavelmente nos dedurando. Olho para Ally que entrou no seu modo estranho de encarar, ela encara Livie por vários segundos sem piscar e não responde nem quando Mark a chama. Livie desvia sua atenção de Emma quando o nome Ally é dito e quando ela percebe que está sendo observada,

olha para mim com o cenho franzido.

— Stalker. — Ally volta sua atenção para mim e sorri. Agora é minha vez de sentir meu rosto esquentar, caso Ally abra a boca e fale sobre a foto no meu celular eu não tenho nenhuma história válida para escapar. — Prazer, eu sou Ally. — Ela estende a mão para Livie que relutantemente aceita.

— Cadê aquela garota que se escondia atrás de Mandy quando eu te conheci? — Ally assim que chegou ao MC após Liam sequestrá-la estava em todos os níveis de timidez, e vê-la toda amigável com Livie me traz uma certa dúvida do que pode ter acontecido.

— Mandy não está aqui. — Ela sorri com o canto da boca e ajeita os óculos sobre o nariz. Livie observa toda a comoção em silêncio, ela tem uma conversa baixa com Noah que concorda com o que ela falou e levanta. Emma continua empoeirada no seu quadril brincando a com as mexas do seu cabelo.

— Eu preciso limpá-los. — Livie fala com a voz baixa e eu me sinto mal por ter sido tão descuidado com eles.

— Eu vou com você... — Começo a me levantar, mas ela balança a cabeça.

— Você pode ficar com seus amigos. — Ela sai mancando em direção ao banheiro o mais rápido que sua perna permite. Caio de volta na cadeira me sentindo frustrado.

— O que você fez com a pequena sereia? — Mark pergunta puxando uma cadeira para Ally se sentar e expulsando Nico para a cadeira que Noah estava.

— Provavelmente merda — Nico responde pegando uma uva do prato de Emma. Ally me olha com atenção como se quisesse pegar uma parte da minha vida e transformar em um dos seus livros de romances.

— Eu a machuquei e não sei como consertar.

— Você não deveria tê-la machucado, só para iniciar. — Olho com uma carranca para Nico que apenas dar de ombros e volta a mexer no prato.

— Eu pensei que você fosse mais esperto que Liam — Ally diz e seu tom decepcionado me deixa mal.

— Homens só costumam pensar com uma cabeça, querida.

— Será que você pode calar a boca, Nico?

— Por quê? Ele está falando tudo o que eu estou pensando — Mark rebate e eu reviro os olhos antes de me levantar.

— Eu vou ajudá-la e depois passo no quarto de Liam. — Beijo a cabeça de Ally e antes que eu possa sair ela me puxa e fala no meu ouvido.

— Ela é a sua segunda chance.

— Na verdade, ela é a minha primeira e única. — Um sorriso satisfeito aparece em seu rosto, antes dela me liberar.



Capítulo 25

Livie

— Como você conseguiu que o chocolate chegasse até aí? — pergunto a Noah enquanto tento limpar as suas pernas. Quando cheguei à mesa Nico estava limpando o rosto de Noah, mas esqueceu de apagar a prova em suas mãos e pernas. O seu short tem marcas de dedos, mas nada muito gritante. Emma tem os dedos grudentos, provavelmente de alguma fruta, já que no prato à frente de Collin tinha algumas frutas cortadas. Noah continua balançando as pernas em cima da pia tornando o meu trabalho de limpá-lo cada vez mais difícil principalmente segurando Emma no meu quadril e minha perna gritando. Ouço uma batida na porta antes de Collin colocar a cabeça para dentro. Olho para ele, mas continuo calada.

— Deixa que eu faço. — Ele pega o lenço umedecido das minhas mãos e continua limpando Noah que sorri toda vez que Collin atinge um ponto sensível do seu corpo. Mesmo não querendo admitir sua ajuda foi bem-vinda, coloco Emma sobre a tábua de trocar fralda e começo o trabalho. Passo o peso do meu corpo para a minha perna boa enquanto descanso a

outra. — Agora eu sei por que Rachel evita dar chocolate a Jake. — Collin murmura quando o riso de Noah fica mais alto.

— Quem é Rachel? — pergunto, olho para a aliança em meu dedo me perguntando onde eu estava com a cabeça quando casei com um cara que nem sequer conheço a família.

— Minha irmã mais nova, ela tem uma filho com quase a idade de Noah. O namorado a largou depois que saíram do ensino médio.

— Que monstro.

— Ele trocou uma bela garota e seu filho pelo estrelato do futebol. — Collin bufa como se essa ideia fosse ridícula para ele. Sem querer acabo sorrindo por seu pensamento ser tão diferente dos garotos que já conheci. Mesmo que eu não tenha tido nenhum filho com Luke, eu posso imaginar como Rachel se sentiu ao ser largada por um título de poder. — Estamos prontos. — Collin segura Noah no colo que deita a cabeça no seu ombro sorrindo para mim. Fraldário de hospitais não costumam ser enormes, e Collin com sua grande estatura ocupa uma boa parte do lugar. — O que temos aí? — ele pergunta quando fica atrás de mim e olha por cima do meu ombro.

— Um belo estrago. — Sorrio para Emma que levanta as mãozinhas para cima. Collin estica seu braço sobre meu ombro e pega sua mão, ela balança os pés e as mãozinhas em comemoração. Depois que tiro a fralda suja e troco por uma nova, pego Emma no colo e coloco a bolsa no ombro, mas logo Collin tira de mim e a coloca no seu.

— Eu preciso visitar um amigo, você se importar de esperar? — Aceno que não e tento passar por ele, mas sua mão segura meu braço e me puxa para ele. — Eu sinto muito. O que preciso fazer para que você nos veja como uma família? — ele diz e então inclina a cabeça e beija suavemente meus lábios, *me perco* na sensação até que sinto alguém puxar meus cabelos.

— Ma ma! — Emma grita com sua cara séria de bebê. Olho para Collin que compartilha a mesma expressão atordoada que a minha.

— Ela me chamou de mãe? — pergunto, sentindo as lágrimas queimarem meus olhos. Emma continua puxando meu cabelo, tentando colocá-lo na boca.

— Sim, baby. Ela fez. — Collin sorri e com o polegar limpa uma lágrima que escapou.

— Oh Deus, eu sou sua mãe — falo sorrindo ao mesmo tempo que as lágrimas insistem em descer.

— Eu nunca duvidei que você era. — Collin me puxa para seu corpo com o seu braço livre e me abraça. Noah, assim como Collin, usa suas pequenas mãozinhas para tocar meu rosto. Então permanecemos os quatro abraçados em um fraldário de hospital depois que Emma me chamou de mãe pela primeira vez. E pela primeira vez o mundo não parecia ser tão ruim, e eu não me sentia mais sozinha.



Fico sentada do lado de fora do quarto esperando Collin terminar de falar com seu amigo. São quase quatro horas da tarde e Emma e Noah dormem tranquilamente. Noah tem sua cabeça encostada na minha perna, enquanto Emma está no meu colo. O local é estéril e vazio e apenas algumas enfermeiras passam de um lado para o outro.

— Posso me sentar com vocês? Meu nome é Ally. — A garota que estava na mesa com Collin mais cedo pergunta apontando para o espaço vazio ao meu lado. Massageio o cabelo de Noah para que ele continue dormindo e aceno suavemente para ela. Ela suspira e fica olhando para a frente.

— Livie. — Sorrio e volto a encarar a parede.

— Eu odeio hospitais — ela diz e inclina a cabeça para trás fechando os olhos. Seu cabelo castanho está amarrado em um coque frouxo na cabeça, e seus óculos de graus estão empoeirados sobre seu nariz. Eles parecem meio frouxos, como se tivesse caído algumas vezes. Ela é tão magra quanto eu, e não parece ser muito mais alta. Se não fosse pelo meu cabelo ruivo, nós seríamos muito parecidas.

— Como é ser mãe? — ela pergunta de repentel, pegando-me de surpresa. Olho para os pequenos dormindo e sorrio, porque eu não sei como

descrever.

— Você só sabe quando se torna uma — respondo honestamente, porque não há palavras para descrever.

— Você sente medo? — Seus olhos percorrem Emma observando cada detalhe, antes de voltar sua atenção para Noah deitado com a cabeça na minha perna.

— Todo santo dia, mas quando chega no final do dia e eles estão dormindo tranquilamente sem nenhuma interferência, você percebe que tudo aquilo que sofreu valeu a pena. Cada lágrima, cada gota de suor foi por eles, e no momento em que eles te olham como se você a melhor coisa da vida deles, todas as dores desaparecem e só fica a certeza de que você faria qualquer coisa para tê-los sorrindo. — Ally me olha e eu noto quando as primeiras lágrimas escorrem pelo seu rosto.

— Eles têm sorte em ter você. — Ela massageia sua barriga e olha para Emma. — Vai ser uma menina — ela diz sorrindo.

— Ela vai ter sorte em ter você — repito suas palavras.

— Como você pode saber? — Seus olhos estão cheios de lágrimas não derramadas.

— Você se importa o suficiente com ela para se preocupar. Boas mães fazem isso.

Collin

Liam está deitado na cama de um hospital e mesmo depois de quase perder a vida quando levou um tiro no peito ele continua sendo o mesmo cara que governa um dos maiores clubes de motoqueiros dos Estados Unidos. Seus olhos voam para a porta a cada cinco minutos desde que Ally saiu pela porta. Mark está sentado em uma das poltronas folheando alguma revista de fofoca.

— Você quer que eu vá buscá-la? — Seus olhos dizem que sim, mas ele acaba negando.

— Ela precisa desse momento sozinha. — Ele se mexe na cama e seu rosto se transforma em uma carranca de dor. Ele leva sua mão ao peito e geme. — Porra, isso dói. — Mark olha por cima da revista com um olhar preocupado, mas continua calado.

— Pelo menos agora vocês estão livres — falo assim que ele volta a relaxar.

— Michael fugiu. Eu não posso me acalmar até tê-lo preso ou morto. — Liam diz entre dentes.

— Nós vamos encontrá-lo. Ele estava praticamente falido, não tem como ter ido muito longe. — Liam olha para a porta mais uma vez antes de voltar sua atenção para mim.

— Isso não é o suficiente, ele é um cara esperto.

— Nós também somos. O FBI vai estar na cola dele, eu te prometo. — Liam acena uma vez antes de olhar para a porta mais uma vez.

— Eu não acredito que vou ser pai. Minha mãe estaria orgulhosa agora, mas antes ela tentaria me matar por não ter casado com Ally.

— Eu teria te matado por tê-la sequestrado antes — digo.

— Não sei como Mary não te matou por ter casado com Livie naquelas situações. — Mark zomba sem desviar os olhos da revista.

— Mary quer netos, o resto é resto. — Cruzo os braços sobre meu

peito de repente me sentindo arrependido por não ter dado um casamento maior a Livie. Ela merece muito mais do que uns papéis assinados na cama de um hospital.

— Você se casou? — Liam pergunta e o olhar no seu rosto é cético...
— Ela sabe que vocês estão casados?

— Ela precisou assinar os papéis, idiota. — A expressão no meu rosto deve ter sido hilário, já que seu corpo é atingido por uma crise risos.

— Eu não acredito que você se casou, cara. Ally vai surtar. — Liam fala segurando o abdômen com a mão.

— Na verdade, elas já se conheceram. — Coloco meus pés ao seu lado na cama.

— Por que você não a leva ao clube qualquer dia desses?

— Acontece que eu também tenho dois filhos agora, para leva-los ao clube alguns dos integrantes devem sair.

— Você? Com filhos? Eles são gêmeos? — Seu cenho está franzido tentando entender uma equação que para ele não parece ter muito sentido.

— Livie veio com dois pacotes de alegria, e os peguei para mim. — Cruzo as mãos sobre o abdômen e olho para Mark que parece extremamente quieto. — O que você está lendo, Mark?

— *Channing Tatum* e Jenna Dewan se divorciaram — ele responde ainda sem desviar os olhos da revista. Liam e eu nos entre olhamos antes de balançar a cabeça.

— Então, você não vai me contar mais sobre essa Livie?

— Ela é a irmã adotiva de Carly, a garota que foi morta no clube. Eu a procurei para investigar mais sobre o assassinato, mas Livie roubou o meu coração antes que eu pudesse raciocinar.

— Ela deve ter algo bom se te faz sorrir desse jeito. — Passo a mão pela minha barba quando noto que estou sorrindo feito um idiota.

— Livie não é uma garota comum, sabe? Ela sacrificou sua vida para cuidar de seus irmãos e faz isso todos os dias sem reclamar, ela se casou comigo porque a ideia de se manter longe deles era insuportável. Você

conhece alguma garota que trocaria festas e a oportunidade de ter uma carreira de sucesso só para trocar fraldas e trabalhar dez horas por dia em uma lanchonete? — Liam nega antes de falar.

— Eu quero conhecê-la.

— Ela é das boas — Mark fala pela primeira vez. Aceno concordando.

— Agora eu só preciso encontrar uma maneira de ela ficar comigo, sem ser pelo medo de perder os filhos.

— Eu também tinha esse medo quando sequestrei Ally, que toda nossa conexão fosse um mecanismo de defesa dela. Ainda sinto esse receio e acho que vai durar por muito tempo, mas vou fazer de tudo para mantê-la feliz. Então, eu acredito que você precise fazer o mesmo. Apenas a faça te querer por aquilo que tem a oferecer, faça-a perceber que ela pode ter muito mais ao seu lado. Livie precisa acreditar que você é o seu porto seguro ao lado das crianças.



Capítulo 26

Collin

Saio do quarto de Liam só para encontrar Livie e Ally conversando. Eu não diria que ela está muito confortável, mas Livie parece mais feliz e relaxada agora do que quando saiu do hospital semanas atrás. *Me aproximo* delas, e Ally sorri quando me ver.

— Liam está chamado por você. — Seus olhos brilham e ela levanta, mas antes beija a cabeça de Emma e bagunça os cabelos de Noah.

— Fico feliz em te conhecer — ela diz para Livie, que responde com um sorriso. Quando ela passa por mim, Ally soca meu braço. Uma mania dela desde que eu a ensinei a lutar. Assim que estamos sozinho pego Noah no colo, ele esfrega seu olhos mas logo volta a dormir com a cabeça no meu ombro.

— Eles estão dormindo há muito tempo? — pergunto e seguro o braço de Livie como um apoio para ela se levantar com Emma no colo.

— Alguns minutos. — Começamos a andar em direção ao elevador. Observo o rosto de Livie em busca de algum sinal de desconforto por estar carregando Emma.

— Você quer que eu a carregue?

— Você já está com Noah.

— Eu sou um menino grande. — Pisco para ela, mas Livie apenas revira os olhos e sorri. Não demoramos muito e chegamos ao carro, depois que colocamos as crianças nas cadeirinhas, ajudo Livie a subir e dou a volta no carro. Ela mantém seu olhar para a janela mordendo suavemente seu polegar. Fico calado, enquanto ela está distraída em pensamentos, dando a ela seu próprio tempo com o que quer que ela esteja pensando. Ela precisa assimilar toda a situação que vem ocorrendo em sua vida. Assim que chegamos na rua da casa de Mary, ela começa a falar:

— Vou voltar a trabalhar.

— Como?

— Eu já consigo andar e nem sinto mais tanta dor, a Sra. Claire e May precisam de ajuda. Em breve a creche de Noah vai começar, e depois que dei todo o dinheiro da minha conta para o...

— Quem? — Ela não responde. Cava as unhas em sua mão. — Para quem você deu o dinheiro, Liv?

— Para ninguém. — Seus olhos fogem dos meus. E o aperto da sua mão se intensifica, seu corpo está totalmente rígido, pego sua mão na minha e a coloco sobre minha coxa.

— Quanto mais cedo você contar a verdade, mais rápido o responsável vai pagar por isso. — Ela tenta tirar sua mão, mas eu a mantenho firme.

— Isso não vai acontecer — ela diz, incrédula e volta a olhar para a janela, sem pensar corro meus dedos por debaixo das pulseiras que ela usa quando não está de manga comprida e toco sua cicatriz. Ela ofega e me olha assustada. Paro o carro e me viro para ela.

— Eu já perdi muitas pessoas na minha vida, e eu não gosto de perder aqueles que eu amo. Então é bom você se acostumar comigo ao seu lado, porque eu não vou sair. — Meu polegar corre suavemente por sua bochecha e ela fecha os olhos ao sentir meu toque.

— Uma promessa arriscada a se fazer.

— Depois do risco sempre vem uma recompensa. — Aproximo meus lábios do dela, mas um barulho ao lado da sua janela faz com que ela

jogue seu corpo no meu e cubra sua cabeça com as mãos. Olho para janela e minha mãe me olha com os olhos arregalados pela reação de Livie, seu corpo está tremendo e eu massajeio suas costas. Aos poucos ela vai descobrindo seu rosto e quando nossos olhos se encontram, meu coração quebra, e nesse momento eu sei que vou fazer tudo ao meu alcance para protegê-la.



Abraço o corpo de Livie até que sua respiração volte ao normal e minha mãe começa a tirar as crianças do carro e os leva para a festa de aniversário do meu sobrinho mais velho.

— *Me desculpe* — ela repete e eu apenas a abraço mais apertado. — Sua mãe deve achar que eu sou uma louca.

— Ela me adotou, com certeza sua escala de loucura está com defeito. — Livie tira seu rosto do meu pescoço e me olha nos olhos.

— Você é adotado?

— Sim, meu nome na verdade é Adam, mas adotei Collin, assim como o sobrenome Simons. Quando eu estava no exército Mary costumava mandar cartas para os jovens recrutas depois que seu marido morreu na guerra. E eu acabei por receber uma, nossa ligação aumentou e uma vez ela me fez prometer que eu retornaria para casa para comer sua lasanha, então eu prometi. Semanas depois o meu batalhão foi atacado, três sobreviventes. Meu corpo foi atingindo por estilhaços, por isso as cicatrizes. Meu corpo estava tão ferido que os médicos não sabiam minhas chances de sobrevivência, mas acontece que eu tinha uma promessa a cumprir. Eu precisava experimentar uma lasanha, então superando todas as expectativas médicas, eu voltei a vida. E quando eu bati na porta de Mary cobrando meu pedaço, ela caiu no chão e chorou pela minha vida. — Olho para o rosto de Livie que me observa atentamente. — Ninguém nunca chorou por mim, então quando ela perguntou se poderia me adotar, mesmo eu sendo maior de idade. Eu aceitei.

— Como uma verdadeira mãe. — Livie volta a deitar a cabeça no meu ombro e ela me pega de surpresa quando começa a falar. — Eu dei o dinheiro para o meu pai, ele ameaçou tomar Emma e Noah se eu não desse

quinze mil para ele. Ele está fugindo de algo ilegal, quando não consegui reunir toda a quantia, ele invadiu o meu apartamento e você sabe o resto. — Que tipo de pai deixa sua filha ser criada por um monstro?



Capítulo 27

Livie

— Vou fazê-los pagar por isso, baby. — Collin beija minha cabeça e fecho os olhos, aproveitando a sensação de conforto e segurança que nunca senti. É estranho admitir isso, mas é tão bom falar e saber que alguém se importa o suficiente com você.

— Quando Mary bateu na janela, meu primeiro pensamento foi nele. — Fecho meus olhos e tomo algumas respirações profundas quando as lembranças do meu ataque retornam. — Meu pai sempre deixava algo cair minutos antes de atacar, era sua marca registrada. No dia que entrei no apartamento, o som do caminhão de Noah contra o chão foi o que me alertou, eu tentei correr, eu juro que tentei, mas antes que meu corpo chegasse as escadas ele me derrubou. Meu rosto bateu contra o degrau da escada, a dor foi tão forte que meu corpo paralisou na hora, eu não conseguia mais lutar. — Minha voz e as lágrimas continuam escorrendo. O aperto de Collin se torna mais forte, porém é reconfortante, um sinal de que ele ainda continua comigo. — Ele arrastou meu corpo até a sala, o primeiro chute foi na minha costela antes de ele gritar algo sobre terminar o serviço. Ele continuava falando

coisas sem sentido e minha cabeça girava tanto que não conseguia interpretar, lembro que ele se afastou de mim por alguns minutos, então eu me arrastei em direção a cozinha. Mas antes que eu chegasse lá, ele jogou um dos bancos de ferro contra minha perna, duas vezes, e eu ouvi o osso quebrar. — Olho para Collin que tem os olhos vidrados na sua frente e brilhando por lágrimas não derramadas, todo o seu rosto está tenso como se ele estivesse com dor. — Desculpe, eu não...

— Shhh, baby. Você não precisa se desculpar, quero ouvir tudo o que esse bastardo fez para você, se você estiver confortável para falar. Eu quero saber tudo sobre você, quero conhecer você e todas as marcas que estão em seu corpo, porque quero fazer parte da sua vida, minha Tinker Bell. — Aperto meus olhos fechados quando uma sensação sufocante atinge meu corpo.

— Essa não foi a primeira vez — confesso. — Mas foi a primeira vez que fui parar no hospital, porque meu corpo não conseguia respirar sozinho. Eu não sei por que ele faz isso, na maioria das vezes só queria descobrir o porquê para que eu pudesse consertar, entende? Tudo o que fiz foi para que as agressões parassem, mas só pioravam. Elas amenizaram quando Noah nasceu, mas depois de um tempo as agressões retornaram e agora o alvo era Noah, tentei procurar ajuda várias vezes, mas nunca adiantava. Os policiais não acreditavam em mim mesmo vendo as marcas sobre nossas peles. A última deixou hematomas no braço de Noah durante três dias, eu parei de procurar ajuda quando ameaçaram chamar o serviço social. *Me culpo* todos os dias por essa decisão, mas eu não poderia viver longe deles, o serviço pode ser cruel para algumas crianças e não poderia deixar isso se repetir com eles. Então eu apenas sobrevivía todos os dias, quando a mãe de Carly estava viva tudo parecia mais calmo, ele parecia mais calmo, no entanto, as coisas voltaram a piorar quando ela foi vítima de uma overdose, Carly fugiu e tudo voltou a ser o mesmo, até que juntei dinheiro o suficiente para sair de casa e essa foi a primeira vez que o paguei. Ele me prometeu a guarda dos pequenos se eu o ajudasse a sair do país, como uma idiota eu caí na sua armadilha, e não demorou um ano antes de novas ameaças e extorsão chegasse. Eu fui tão burra. — Tento sair do seu colo, mas ele me aprisiona em seus braços.

— Nunca repita isso, Liv. Tudo o que tinha ao seu alcance você fez para proteger sua família e continua fazendo mesmo que isso te machuque. Você tem noção de que salvou a vida dos seus irmãos? Nenhuma garota com dezessete anos assumiria uma carga emocional tão grande, nenhuma garota sacrificaria sua vida pela a felicidade do outro, não existe algo mais lindo do que você faz por eles.

— Então por que eu nunca acho que fiz o suficiente? Por que eu continuo me culpando por não ter tentado o suficiente?

— Quando meu batalhão foi atingido, minutos antes meu companheiro de equipe se enforcou, ele traiu nossa equipe e quando descobriu que iam nos atacar ele não aguentou, ou o medo de ser pego era maior. Por muito tempo eu me questioneei se poderia ter feito alguma coisa, se eu tivesse descoberto mais cedo, ou se não tivesse descoberto, se em vez de tentar ajudá-lo a desistir dessa ideia eu poderia ter avisado ao meu batalhão com mais antecedência, ou se... ou se eu apenas tivesse cedido aos apelos da minha mãe biológica e tivesse começado a traficar drogas. Eu revivi aquele dia por cinco anos, várias possibilidades, mas tudo terminava da mesma forma, acredito que essa nossa incapacidade de explicar algumas situações nos tornam humanos. Mas eu quero que saiba que você não está mais sozinha, Liv. Você não precisa mais cair porque o peso do mundo em suas costas é demais para você. Eu estou aqui, Liv. E não pretendo sair, porque eu me apaixonei por você, no momento em que nossos olhos se encontraram naquela pista de dança e você sorriu para mim. Desculpa se eu fui idiota demais para perceber, mas não pretendo sair do seu lado e nem que eu passe a vida toda tentando fazer você me amar. — Seus olhos estão fixos nos meus observando cada reação.

Não sabia o que era amor até conhecer Emma e Noah, uma emoção estranha que não pode ser descrita em palavras, e para cada pessoa há uma dose de intensidade diferente. Depois de Luke tudo o que parecia sentir por ele desapareceu como se nunca tivesse existido, não acho que aquilo tenha sido amor, porque com Collin tudo foi mais intenso e voraz sem ao menos ter tido a chance de pensar sobre isso. A forma como mexe comigo e me faz sentir viva, algo que nunca imaginei experimentar, então quando olho em seus olhos e sinto uma certa paz, ao mesmo tempo que satisfação porque não

preciso mudar para fazê-lo ficar ao meu lado, então acredito que isso é amor.

— Eu já te amo, mas não sei como reagir a isso — confesso, sentindo medo dessas novas emoções.

— Então vamos aprender juntos. — Um sorriso nasce em seus lábios antes dele me beijar, um beijo calmo que transmitiu mais emoção do que nossas palavras podem fazer. No final de tudo éramos apenas duas almas aprendendo a sentir o verdadeiro amor, aquele que cura, liberta e junta todos os pedaços. Collin era como meu quebra-cabeça, ele era um peça que nunca senti falta até que o conheci. Aos poucos fui aprendendo que não precisa estar inteiro para ser feliz.



Capítulo 28

Livie

Depois que confessei sobre meus sentimentos para Collin, ficamos em silêncio dentro do seu carro até que sua irmã, Rachel, nos chamou para dentro. Normalmente não me sinto confortável na presença de outras mulheres, mas com Rachel eu senti uma conexão diferente. Tínhamos quase a mesma idade, e ao contrário de outras garotas, ela era completamente madura, apesar de sua aparência a fazer parecer mais nova. Seu cabelo era tão preto, que me fazia querer tocar só para saber a consistência, sua pele era branca e por alguns momentos ela me lembrou a branca de neve. Mas ao contrário do conto de fadas dos livros, seu único príncipe era seu filho Jake de quase dois anos de idade. E agora tenho certeza que Collin tinha razão quando disse que o seu ex-namorado era um idiota por trocar eles apenas pelo título de ser um jogador de futebol americano.

Quando chegamos dentro de casa, Rachel me arrastou para conhecer sua outra irmã, Katy, e suas amigas. Katy era mais distante, apenas me observava analisando tudo o que fazia, seu olhar questionador só me fez

ainda mais desconfortável, assim como o olhar avaliativo de suas amigas sobre meu corpo, os machucados ainda não curaram facilmente, ainda tinha hematomas para exibir e a bota no meu pé deixava claro que algo de errado aconteceu comigo, o que enfatizou ainda mais os seus interesses e conversas sussurradas sobre mim. Tentei não me importar, afinal tudo o que elas estavam fazendo não era muito diferente do que aconteceu no ensino médio.

Rachel notou o jeito estranho de sua irmã e uma pequena discussão começou, enquanto isso eu ficava na companhia de suas amigas e palavras como: "caçadora de ouro" ou "golpista" podem ter sido sussurradas por elas sempre que eu passava.

Incomodada pela presença delas, volto para a sala e encontro Collin quando ele entrega uma grande caixa embrulhada com papel de presente para Rick, que parece ter ganhado o mundo pelo simples presente do seu tio. Collin senta no chão com as crianças e começam a brincar com o jogo de encaixa. Emma permanece sentada em seu colo, e em alguns momentos Collin permite que ela derrube algumas peças. Olhando para esse seu lado eu me pergunto o que ele trouxe para o meu mundo.

— Ele é um bom garoto. — Mary me entrega um copo de refrigerante e cruza os braços sobre o peito quando fica ao meu lado para observá-los. — Obrigado por ter dado essa nova chance para o meu menino. Ele pode parecer ser um homem, mas é apenas um grande garoto. — Ela sorri e me abraça, no início fico um pouco rígida, mas logo relaxo. — Como as crianças estão?

— Elas estão ótimas, Emma me chamou de mãe pela primeira vez. — Sorrio orgulhosa, olho para onde as crianças estão no mesmo momento em que Collin está me encarando. Seu olhar é tão intenso que sou obrigada a abaixar a cabeça antes de voltar a falar com Mary.

— Essa palavra nunca deixa de ser especial. — Mary toca o colar em seu pescoço com um olhar sereno no rosto. — Nunca imaginei que Collin me chamaria de mãe, mas quando o fez, foi tão espontâneo que acredito que ele nunca percebeu. Foi tão simples, foi apenas uma palavra, mas naquele momento ele completou meu mundo.

Palavras.

São apenas algumas junções de letras, mas possuem o poder de transformar tantas vidas. Elas podem destruir e ao mesmo tempo salvar, elas só precisam ser ditas.

— Collin nunca foi para ser meu, nunca imaginei criar um filho homem, ao contrário do meu marido. Assim que ele faleceu, eu me senti perdida, ao mesmo tempo que recebia uma responsabilidade por cuidar das minhas filhas. Quando comecei a enviar cartas para o batalhão foi como se tivesse me libertado, naquele lugar eu perdi meu marido, mas também ganhei meu filho. Andrew sempre foi bom em fazer surpresas.

— Eu... eu nem sei o que falar.

— Você não precisa, querida. Você está vendo aquela cena? — Mary aponta para Collin que está sorrindo para Emma, enquanto beija seu pescoço. — Eu nunca pensei que o veria assim, Collin sempre foi um garoto fechado, seu corpo transmitia uma mensagem, mas seus olhos procuravam por ajuda. Era como se tivesse preso em si mesmo, ele nunca me contou de verdade o que aconteceu na sua infância, apenas sobre seu tempo no Afeganistão, e posso dizer que me protegeu de muitas coisas, porque ele é assim, guarda o pior para si mesmo que o mate. Sempre que o questionava sobre algo, seu corpo entrava em pânico e um novo surto começava, muitas vezes ele abria a boca querendo falar, mas apenas um grande soluço começava. Então eu sempre dizia que não precisávamos falar sobre isso, e era quando ele se permitia relaxar. — Limpo uma lágrima que escapou pelo meu rosto, antes de voltar para a minha posição. — Não precisa se esconder de mim também, querida. Porque eu já te encontrei, vocês tem a mim agora. — Ela bate levemente no meu braço antes de se afastar, Rachel vem logo depois dela e me encontra enxugando algumas lágrimas que escaparam.

— Minha mãe precisa se manter longe das pessoas. — Ela brinca antes de me puxar para um abraço. — Vamos sair daqui antes que meu irmão fuja com você.

— A festa está linda — falo e meu rosto esquenta pela tentativa falha de começar uma conversa.

— Tenho muitos talentos além de fazer lindos bebês com dezoito anos. — Rachel pisca e começa a me arrastar pelo resto da casa até o quintal,

onde um pequeno churrasco está acontecendo. Saio mancando atrás dela, mantendo meus olhos no chão. Ela me apresenta a todos os seus amigos, tios, coloco meu melhor sorriso no rosto, o que não é mais que uma contração no canto da boca, mesmo sabendo que em menos de dois minutos todos os rostos e nomes seriam esquecidos. O que eu não imaginava era que quando Rachel me puxasse pelo braço para ir em direção ao seu primo, seu rosto ficaria marcado na minha memória. Minha boca fica seca, meu coração acelera, meu sangue começa a arder em minhas veias e tudo ao meu redor parece congelar, menos aquele sorriso no seu rosto, aquele maldito sorriso.

— Livie, eu quero que você conheça meu primo.... — sua voz desaparece quando as palavras saem da minha boca.

— Luke.



Capítulo 29

Livie

— Por que um cravo e não uma rosa? — Meu rosto enruga quando pego o cravo da mão de Luke, antes de voltar a deitar em seus braços.

— Você é delicada por dentro e valente por fora, assim como o cravo você cria espinho do lado de fora para proteger aquilo que é mais valioso. — Escondo o sorriso atrás da flor em minhas mãos. São em momentos como esses, escondidos atrás das arquibancadas depois das aulas, que eu me permito relaxar. Em poucos meses o ensino médio vai terminar e Luke e eu iniciaremos uma nova fase em nossas vidas. Juntos e longe de todos. — Você vai ao baile, certo? — Afasto meu braço do seu toque quando sua mão alcança meus pulsos, levanto e limpo a poeira da minha calça desgastada.

— Não é tão fácil assim. — Pego minha mochila do chão e começo a me afastar, mas Luke me pega no colo e volta a sentar comigo no chão.

— Livie, não importa a roupa que vai estar, você sempre será a

minha doce fadinha. — Um riso escapa da minha boca quando sua barba atinge meu pescoço.

— Esse é o apelido mais idiota que eu já ouvi.



— Você já se conhecem? — Rachel fala empolgada o que só faz com que a minha ânsia de vômito aumente ainda mais.

— Fadinha, quanto tempo. — Luke tenta me abraçar, mas consigo sair do meu estado inerte a tempo de gritar.

— Não! Não me toque, você nunca mais ouse colocar suas mãos em mim. — Ele me olha transtornado antes de olhar ao redor, provavelmente preocupado com o que as pessoas vão pensar. Luke dar um passo na minha direção, mas Rachel o impede de se aproximar. — Livie, vamos conver... — Ando o mais rápido que posso de volta para a casa, ignorando o meu nome sendo chamado. Subo as escadas e assim que fecho a porta do banheiro meu corpo desaba no chão e alguns soluços escapam da minha boca.

— Quero te mostrar uma coisa, Baby. — Luke me puxa em direção a uma sala de aula vazia, tudo está escuro com exceção das luzes no corredor. Ele está vestindo um smoking preto sem gravata, olhando—o assim ele parece tão diferente do garoto que conheci. Luke me coloca em cima da mesa antes de tentar tirar meu moletom

— Luke, o que você... Para com isso! — Meu grito faz com que ele se afaste, mas ele continua nervoso, suas mãos correm por seus cabelos enquanto seus olhos ficam fixos nos meus braços.

— Me desculpa. — Demoro um pouco para entender sua reação até que ele avança contra mim e arranca as pulseiras que cobrem meus pulsos.

— Mas que merda... — minhas palavras são perdidas quando a luz acende e noto mais algumas pessoas na sala.

— Olha o que temos aqui, nossa pequena Olivia. — Kristen sorri e se aproxima de onde eu estou, desço da mesa e puxo a manga do meu

moletom até minhas mãos.

— É Livie — Luke a corrige e ela o olha com desprezo, antes de retornar sua atenção para mim.

— Luke não estava mentindo quando disse sobre suas cicatrizes. — Olho para Luke que tem os olhos fixos no chão. Meu coração acelera, e todo meu corpo parece que vai entrar em chamas. — Rapazes!— ela grita e quando noto sua intenção já é tarde demais. Dois garotos seguram meus braços, enquanto tento me desvencilhar do seu aperto Kristen expõe minhas cicatrizes para todos na sala, ao mesmo tempo em que uma de suas amigas grava. — Oh, que coisa horrível! — Ela solta meu braço como se estivesse contaminada por alguma doença contagiosa, e os olhares das pessoas ao redor é de nojo e repulsa.

As cicatrizes não são bonitas, não são pequenas ou delicadas, são apenas uma linha. São três cicatrizes grossas em cada pulso de tamanhos e formatos diferentes, quando fizeram isso, queriam ter certeza de que o trabalho seria bem feito, mas de alguma forma consegui escapar. Puxo meu braço com mais força e acabo caindo no chão no momento que soltam meus braços. Olho para as diferentes expressões em seus rostos, de repulsa a pena, de nojo a deboche, mas apenas uma fica comigo. O olhar arrependido de Luke nunca desapareceu da minha memória.

Collin

— Collin! — Levanto em alerta segurando Emma nos braços e puxando Rick e Noah para mais perto de mim, olhando ao redor em busca de algum perigo iminente quando escuto a movimentação no lado de fora da casa. — Collin, você precisa ir atrás da Livie — Rachel fala ofegante antes de colocar um sorriso doce no rosto quando nota que Noah está bastante interessado na conversa.

— Eu vou falar com ela — Luke diz atrás de Rachel e tenta subir as escadas, ao mesmo tempo que Rachel o puxa pela camisa.

— Você não ouse chegar perto dela, se não quiser ter suas bolas arrancadas!

— Rachel! — Aponto para as crianças e ela murmura um pedido de desculpas.

— O que está acontecendo aqui? — Entrego Emma para Rachel e mando Rick e Noah procurarem Katy.

— Livie é o meu problema para resolver — Luke fala e tenta subir as escadas, mas dessa vez quem o para sou eu.

— Por que minha mulher seria problema seu? — Luke é uns dez centímetros menor e recua quando me aproximo.

— Sua mulher? Livie se casou? — Quando aceno concordando sua expressão muda. — Então, eu a perdi. — Ele cai sentado na escada e olho para Rachel.

— Livie precisa de você. — Subo as escadas correndo, procurando em todos os quartos até encontrá-la sentada no chão do banheiro com a cabeça entre as mãos enquanto seu corpo treme em soluços. *Me ajoelho* na sua frente e toco seu braço com cuidado para não assustá-la.

— Hey, Tinker Bell. — Livie levanta a cabeça assustada ao ouvir minha voz e assim que nossos olhos se encontram ela se joga nos meus braços, enquanto sussurra pedindo repetidas vezes para que eu não a abandone. Aos poucos Livie vai se acalmando e contando toda a sua história

com o Luke. O pequeno bastardo ainda tem coragem de se fazer de bom moço para a família depois de toda dor e sofrimento que causou a Livie.

Luke é o sobrinho mais novo de Mary, ele sempre me pareceu ser apenas mais um playboy inofensivo com sua ambição para ser escalado para um grande time de futebol, mas depois que Livie me contou sobre a traição eu nem sei mais se pode ser considerado um ser humano.

Olho para baixo quando a respiração de Livie começa a se tornar regular, minha camisa está molhada por suas lágrimas e o desconforto é evidente no seu rosto por causa de sua perna, levanto com ela no colo e a coloco sobre a pia antes de me ajoelhar na sua frente.

— *Me desculpe* por atrapalhar a festa. — Começo a tirar a bota imobilizadora notando que sua perna está começando a inchar.

— Se alguém precisa se desculpar é aquele idiota por ainda estar andando sobre duas pernas. — Molho uma toalha com água quente e pressiono sobre sua perna, um gemido escapa da sua boca e ela morde o lábio para esconder, repito o processo mais duas vezes antes de levantar e me colocar entre suas pernas. Pego um prendedor em uma das gavetas e amarro seu cabelo em um coque deixando seu rosto livre, suas mãos traçam meu abdômen por cima da minha camisa sem nenhum apelo sexual. — O que você precisa?

— Que você substitua as lembranças ruins. — Seus olhos se fecham e algumas lágrimas escapam. Meus dedos pegam algumas lágrimas, eles correm sobre seu rosto para pescoço e para seus braços. Com cuidado para não assustá-la traço com cuidado as pulseiras que cobrem seus pulsos, assim que começo a tirá-las seus olhos se abrem e ela me olha assustada. Livie tenta puxá-los para longe do meu alcance, mas consigo segurá-los e leva-los até minha boca, beijo cada cicatriz com cuidado, mantendo meus olhos nos seus. — Eu deveria ter feito isso na primeira vez que as vi. — Livie sorri ao mesmo tempo que um soluço escapa dos seus lábios, ela me puxa para um abraço e eu a trago para mais perto de mim, querendo que nossos corpos se unam em um só para que toda dor que ela esteja sentindo seja compartilhada comigo e ela não precise machucar tanto.

Um abraço que não precisa de palavras para compartilhar, um abraço

que deixa todas as nossas dores subtendidas.

Ao mesmo tempo que tenho Livie em meus braços, uma sensação de ódio se instala pelo meu corpo e minha mente só está à procura de uma única coisa: Vingança.



Capítulo 30

Livie

Collin volta a colocar a bota na minha perna e me ajuda a descer da pia, seus gestos são carinhosos, mas seu rosto está totalmente inexpressivo e fechado, como se estivesse em outro lugar.

— Vo... você está chateado? — Seguro sua camisa para que ele pare de andar e me olhe nos olhos. Não conheço realmente sua família ou sua relação com eles. Do pouco tempo que tive contato, eles me pareceram ser bem unidos e eu não quero ser a lacuna na relação deles. Collin inclina a cabeça para trás, mais um sinal de que ele está incomodado. Todos os sinais corporais demonstram que ele está tenso. Assim que começo a distanciar, Collin me puxa pelo ombro e encosta a cabeça no meu pescoço em um abraço apertado, aos poucos começo a envolver meus braços ao redor do seu torço até que seu corpo volta a relaxar.

— Eu quero matá-lo. — O som sai abafado por causa da sua posição, meu corpo enrijece por sua confissão. Acaricio suas costas por alguns segundos procurando algo que possa fazê-lo mudar de ideia.

— Se... se fizer isso, você vai ser preso e vai nos deixar. Você prometeu que nunca ia fazer isso. — Collin levanta a cabeça antes de segurar meu rosto em suas mãos sorrindo.

— Amo você. — Seus lábios tocam os meus em um beijo profundo me deixando completamente sem ar.

Collin

Ajudo Livie a descer as escadas mesmo que ela tenha repetido que pode fazer isso sozinha. Ficar perto dela não é apenas assegurar que sua perna está curando, e sim, para que Luke não ouse chegar perto dela. Eu conheço pessoas como ele, garotos ricos que se acham donos do mundo e que podem ter tudo o que desejarem. Eles são presos constantemente traficando drogas, e até mesmo abusando de garotas indefesas. São pessoas que preciso lidar constantemente ao ser escalado para uma missão.

Assim que chegamos no térreo olho ao redor à procura das crianças, mas todo o local está vazio. A mão de Livie aperta meu braço quando chegamos na parte traseira da casa, olho ao redor em busca de algo que possa tê-la afetado e meus olhos encontram Luke nos encarando. Ele está perto da sanduicheira com o marido de Katy. Beijo o topo da cabeça de Livie, que olha para mim e sorri antes de baixar a cabeça e voltar a andar na direção oposta à de Luke.

— Olha quem voltou! — a voz alegre de Rachel nos cumprimenta, ela está balançando Emma que começa a bater palmas assim que nos vê. — Alguém sentiu saudade. — Rachel entrega Emma para Livie que vem de bom grado para os braços da mãe.

— Onde Noah está? — Olho ao redor em busca do pequeno homem, mas não o encontro em lugar algum.

— Mamãe levou ele e Rick para uma volta no supermercado — minha irmã responde e mexe nos cabelos de Emma.

— É muito longe? — a voz de Livie está encoberta por um tom de preocupação.

— Não, em poucos minutos estão de volta. Acho que preciso de outro bebê. — Rachel faz caretas para Emma que sorri antes de esconder o rosto no pescoço de Livie.

—Você nem ao menos consegue cuidar de Jake e quer outro bebê? Para quê? — Katy zomba fazendo todos virarem na sua direção, o rosto de Rachel contorce em desconforto, mas logo coloca sua máscara de sorridente.

— Talvez porque eu estou ocupada demais cuidando do seu filho...

— Você não precisa responder a isso, Rachel. Katy ainda não foi afetada por nenhuma doença degenerativa, certo? — Katy me fuzila com os olhos antes de sair em direção ao marido. Minha relação com ela nunca foi das melhores, mesmo me aceitando como seu irmão, minha entrada na família quebrou sua obsessão pela perfeição. Toda sua vida foi seguida metodicamente, do ensino médio ao casamento, filho, emprego como corretora de imóveis e marido advogado. Tudo perfeitamente calculado. Mary costuma dizer que esse seu fascínio começou após a morte do pai, Rachel nunca tocou no assunto, até porque as trocas de farpas entre as duas a machuca mais do que ela quer admitir.

Livie

Katy nos chama para cantar os parabéns e o resto do dia se passa em uma correria de crianças e gritos de mães desesperadas para conter a bagunça. Para a minha sorte Collin faz esse papel por mim quando começo a sentir minha perna inchar e a minha única saída é sentar. Luke tentou se aproximar de mim algumas vezes, mas Rachel se manteve ao meu lado, e até chegou em ameaçá-lo com uma faca. Rachel fez todo o papel de segurança sem nunca perguntar o porquê, Mary me questionou algumas vezes, mas desconversei o máximo que pude. Katy apenas observava tudo a distância, mesmo com sua personalidade espinhosa ela não me parece ser uma má pessoa. Talvez ela esteja escondendo apenas a sua verdadeira face.

Fico distraída por alguns minutos até que Noah corre na minha direção e estica o braço para mim e começa a me puxar em direção ao cercadinho onde as outras crianças estão. Começo a mancar seguindo seus pequenos passos infantis e assim que chego mais perto encontro Collin carregando uma trave junto com outro pai. Noah aponta para Emma que está tranquilamente aconchegada nos braços da sua avó enquanto saboreia um picolé, a cena esquenta meu coração trazendo um conforto que não sentia a muito tempo. Depois que tudo está no seu devido lugar, os adultos começam a chamar as crianças e organizar o time, os pais ficam ao lado dos seus filhos observando e dando instruções e Collin começa a olhar a redor, Noah continua me puxando até que estamos no meio do campinho organizado e aponta para mim.

— Papa. — As crianças estranham quando olham para Noah me chamando de pai, antes que alguém possa fazer algum comentário Collin se ajoelha na sua frente e segura a mãozinha dele na sua, mas Noah continua segurando a minha com sua outra mão.

— Hey, homenzinho. — Noah continua apontando para mim e me chamando de pai. — Kelvin pediu para que as crianças chamassem seus pais para o nosso jogo de futebol, acho que foi por isso que ele trouxe você — Collin explica ainda sem soltar Noah que parece bastante entretido olhando ao redor. Sinto as lágrimas queimando meu olhos, mas consigo segurá-las,

ignorando toda a dor do meu corpo. Pego Noah nos braços que enrola suas perninhas ao redor da minha cintura. — Pensei que ele fosse querer jogar comigo — Collin parece meio tímido com sua confissão.

— Você quer que eu jogue com você? — Noah acena e aperta suas mãozinhas na minha bochecha, olho ao redor e noto que sou a única mulher no campinho de futebol e todas as crianças estão acompanhadas por seus pais. — Minha perna está dodói, você não quer jogar com Collin? — Ele inclina seu corpo para a frente para olhar a minha perna e olha para mim novamente, seus olhinhos estão sérios antes de olhar Collin.

- Papai? — Noah questiona e Collin acena esticando os braços para recebê-lo, ele vai sem relutância e sorri para mim nos braços de Collin.

- Vou estar ali torcendo pelos meus meninos. — Aponto para onde Emma está e ambos acenam. Respiro fundo algumas vezes engolindo as lágrimas e caminho até a Mary que sorri e me entrega Emma. A partida de futebol é rápida e barulhenta, Noah é o menor jogado, mas em compensação Collin é o maior. Após algumas gritarias temos um campeão e Noah fica extremamente orgulhoso por sua vitória com Collin, sorrio para eles que correm até nós para nos abraçar. Emma que já estava dormindo acorda pela confusão, mas logo volta a deitar contra meu peito, o sorriso de Collin e Noah está tão grande como o meu.

Assim que chega a hora de irmos embora Noah e Emma estão esgotados, algo bom se eles não tivessem imundos. O que significa que quando chegarmos em casa eles vão estar irritados para a hora do banho. Mas o trabalho se torna mais fácil com Collin ao meu lado, a divisão de tarefas se torna mais fácil e logo todos estarão na cama. Enquanto fico com a tarefa de vestir, Collin dá banho neles e no final toda sua roupa está ensopada pela pequena birra das crianças, tento segurar o riso mas assim que nossos olhos se encontram, eu não posso mais segurar. Seu rosto está inconsolável, tenho certeza que sua expressão se comparara a birra das crianças.

— Eu gostava dessa camisa. — Ele morde meu pescoço quando passa por mim segurando uma Emma de toalha.

— Você ainda pode secá-la. — Sorrio, seguro a mão de Noah e saio andando em direção ao quarto.

— Nunca mais vou olhá-la com os mesmos olhos. — Ele aponta para uma mancha de golfo quando vira na minha direção. Riso escapa da minha boca, até que noto Noah olhando para mim com o cenho franzido, sei que ele deve estar estranhado toda essa comoção.

— Hora de dormir, baby. — Entro com ele no seu quarto, e Collin entra no quarto da Emma. — Você foi um bom rapaz hoje. — Um sorriso aparece em seu rosto, antes dos seus olhos se fecharem e se perder no mundo dos sonhos. Cubro seu corpo com o cobertor, confiro se as janelas estão devidamente fechadas antes de apagar a luz e fechar a porta. Collin ainda está no quarto de Emma, assim que entro o encontro ninando-a em seus braços, ao mesmo tempo que murmura alguma música. Observo a interação deles por alguns segundos, tentando substituir as imagens ruins por essa.

— Noah dormiu? — ele pergunta sem olhar para trás, inclino minha cabeça ainda sem entender como notou minha presença.

— Foi nocauteado. — Collin vira para mim, seus olhos percorrendo toda a extensão do meu corpo, ele olha para Emma dormindo antes de voltar a falar.

— Você precisa de ajuda com o banho? — Engulo em seco quando os piores tipos de pensamento passam na minha cabeça. — Se não, acho melhor você já ter terminado quando eu estiver no quarto. — Sem esperar por uma resposta, ele volta a se virar, no mesmo momento que ando de volta para o nosso quarto para o banho mais rápido da minha vida.



Em algum momento da noite acabo envolta nos braços de Collin, e a primeira coisa que sinto ao acordar é sua mão debaixo da minha camisa agarrando meu seio. Sua outra mão está no meu quadril, e sua respiração é quente contra minha pele, meu coração acelera porque não tenho a mínima ideia de como sair daqui sem acordá-lo.

— Seu coração está batendo rápido. — Sua voz rouca de sono me cumprimenta.

— Você pode tirar sua mão?

— Por quê? — Seu polegar pressiona meu mamilo enviando choques para o meu corpo. — Minha mão gosta daqui. — Seu lábio deixa um rastro de beijos pelo meu pescoço, e sua mão que estava no meu quadril começa a entrar na minha calcinha. — Eu gosto quando você usa minha camisa. Ela me dar livre acesso. — Para provar seu ponto, o seu indicador pressiona meu clitóris e um gemido escapa da minha boca.

— Collin...

— O quê, baby? Você gosta quando eu faço isso? — Ele faz pequenos círculos com o polegar fazendo uma umidade escorrer do meu centro. — Ou isso? — Seu dedo entra dentro de mim sem aviso e apesar do desconforto inicial meu corpo entra em combustão. — Você é tão apertada. — Ele morde minha orelha e começa a estocar seu dedo dentro de mim. Ele vira meu corpo e minhas mãos vão para seu ombro e minhas unhas deixam marca pela sua pele.

— Por favor... — Balanço meu corpo para que a sensação se torne mais intensa e aos poucos eu chego no meu ponto de ruptura.

— Você quer gozar, pequena? — Balanço a cabeça não confiando mais na minha voz, então ele começa a estocar com mais frequência. Seu polegar brinca com meu clitóris e sua boca chupa meu mamilo, e logo eu me perco na doce sensação do orgasmo. Quando finalmente abro meus olhos, Collin me encara com um sorriso em seus lábios, seus dedos ainda estão dentro de mim e cada vez que ele os mexe arrepios percorrem meu corpo.

— Isso é bom. — Minha respiração está acelerada e ele se inclina para me beijar.

— De onde esse veio tem muito mais. — O barulho na babá eletrônica chama nossa atenção e sem pestanejar Collin vai até o banheiro onde ele lava as mãos e volta para me beijar. — Tome seu tempo, eu cuido deles. — Então ele sai do quarto e me deixa sozinha em pensamentos.

Foda-se!



Capítulo 31

Livie

— Ele o quê?! — May grita chamando a atenção dos clientes para nós. Olho ao redor e cubro meu rosto com o meu cabelo. Depois que Collin me deu meu primeiro orgasmo eu demorei um pouco mais de dez minutos para sair da cama e enfrenta-lo. Enrolei o máximo que eu podia no banho, mas logo a minha consciência pesou e a ideia que ele poderia precisar de ajudar infiltrou na minha mente. Então eu saí e quando cheguei na cozinha ele estava preparando o café da manhã sem camisa e com a calça de moletom pendendo na cintura, eu me arrastei até onde as crianças estavam, sentindo o meu rosto esquentar cada vez mais.

Quando ele me viu, sorriu. Um sorriso cúmplice que eu me peguei correspondendo. Mandeí ele se arrumar para o trabalho que eu terminaria o resto, ele beijou meu pescoço quando passou por mim, lembrando o meu corpo o que ele fez mais cedo. Assim que ele estava prestes a sair para o trabalho eu perguntei se ele poderia me deixar no restaurante de Claire. Ele negou no início, mas depois que me fez prometer que eu não sairia de lá até nos buscar, ele aceitou.

Quase pulei de alegria porque precisava contar a alguém o que aconteceu, também precisava garantir meu emprego de volta. Assim que perguntei se poderia voltar ao trabalho, Claire me dispensou com a mão e pegou os meninos de mim e os levou até o escritório. Quando fui atrás dela, ela disse que quando eu voltasse a andar com os dois pés novamente nós poderíamos conversar. Discutir com ela é uma batalha perdida, então fui atrás de May que quase deu piruetas quando falei o que aconteceu.

— Você não precisa gritar.

— Como não? Minha melhor amiga está casada com o melhor amigo do meu namorado e agora eles estão fazendo sexo. — Ela bate palmas e sorri.

Sim, ela bateu palmas.

— Nós não estamos fazendo sexo — sussurro, olhando ao redor para garantir que ninguém escutou.

— Collin é o sexo em duas pernas. Ele vai transar com você. — Ela coloca sua mão na cintura e pisca tranquilamente. Bato minha testa contra o balcão.

— Eu não sei fazer isso.

— Fazer o quê?

— Essa coisa com S. — Ela inclina a cabeça, ponderando minhas palavras antes de olhar debaixo do balcão, ela me entrega um livro de capa preta com o sapato da mesma cor. — Leia.

— Como isso vai me ajudar? — pergunto depois que leio o título.

— Pelo menos você não vai querer correr quando ele quiser enfiar o pênis em você, acredite, eu corri quando Carl tirou a roupa na nossa primeira vez. — Sua cara está séria e de repente eu me sinto ainda mais assustada.

Pode parecer estranho uma garota de vinte anos ser virgem, mas entre a escola, as crianças e o trabalho eu não tive muito tempo para pensar nisso. Na verdade, eu tive, quando Luke me chamou para o baile de primavera na escola, ele foi o meu primeiro beijo e me pediu em namoro, estávamos com quase seis meses de namoro e nunca tínhamos passado da

primeira fase. Mas depois de assistir um filme de madrugada, eu me perguntei se poderíamos fazer isso. Afinal, nós nos amávamos, então quando ele me chamou para o baile eu pensei que seria nossa primeira prova de amor.

Eu não tinha vestido, e quando disse a ele, Luke apenas me beijou e disse que amava meus jeans e moletom. Acreditei nele, uma garota de quinze anos acredita quando é amada, mas quando cheguei ao baile ele estava com Kristen e contou tudo o que sabia de mim para ela, que fez questão de me humilhar. O porquê disso tudo? Ele queria entrar para o time de hóquei da escola e não poderia ser visto com uma perdedora.

Então, eu coloquei um cadeado na minha colega aqui embaixo e segui sobrevivendo o ensino médio com o único foco de salvar e alimentar minha família, mas com Collin no jogo agora parece que meu foco está mudando. Abro o livro e começo a folhear as primeiras páginas.

— Tem certeza de que isso vai me ajudar? — Olho em seus olhos e ela sorri como um gato.

— Sempre estou certa. — Balanço a cabeça e continuo lendo, ele não parece um livro ruim. Estou tão entretida no livro que grito quando May puxa o livro da minha mão de um vez, olho para ela só para encontrá-la com um sorriso brilhante no rosto. Viro minha cabeça em direção onde seus olhos estão focados no mesmo momento que Carl e Collin entram. Volto a olhar para May e murmuro um *obrigada*.

— O que minha garota está aprontando? — Carl dá a volta no balcão e puxa o corpo de May para seus braços. Collin beija minha cabeça antes de sentar ao meu lado, seus olhos analisam o meu corpo antes de sua boca se contrair em um sorriso.

— Por que estaria aprontando algo? — May questiona.

— Você está com aquele olhar...

— O que você está fazendo aqui?

— Pensei em ver como vocês estavam no meu horário de almoço. — Collin gira meu banco e o puxa até que estou no meio da suas pernas. Seus dedos percorrem minha perna até a barra do vestido. — O que você vai fazer hoje à noite?

— Hum... dormir? — Seu rosto abre em um sorriso antes de balançar a cabeça e me olhar.

— Você se lembra da Ally e Liam? — Aceno concordando para que ele volte a falar. — Hoje é a festa de noivado deles, e nos convidaram. Você não precisa ir se não quiser, é só...

— E as crianças?

— Mary não se importaria em ficar com elas. — A ponta dos seus dedos traçam a parte interna da minha coxa causando arrepios no meu corpo.

— Okay, eu vou com você, mas precisa parar de fazer isso — falo sem fôlego e tento afastar sua mão. Seus olhos escuros me encaram, até que ele se inclina para beijar o meu pescoço.

— Gosto do seu cheiro...

— Liv, você pode dizer que eu não tenho nenhum olhar... — Collin murmura um *foda—se* contrariado com o comentário da May antes de se afastar e caminha em direção ao escritório da Sra. Claire. Olho para a frente e encontro dois pares de olhos me encarando, por um momento viajo e imagino se Emma e Noah terão discussões parecidas com essa.

Collin

— Você está ocupada? — pergunto quando entro no escritório da Sra. Claire. Emma e Noah estão dormindo agarrados um ao outro no sofá cama do outro lado da sala, ando até eles e ajeito o cobertor para que eles não sintam o frio do ar condicionado.

— No momento estou livre, há algo que queira falar? — Olho para as crianças uma última vez antes de sentar na mesa a sua frente.

— Como você conheceu Livie? — Ficamos em silêncio por alguns segundos, até que ela tira seus óculos e cruza suas mãos sobre a mesa.

— O que você realmente quer saber? — Sua atitude muda, e percebo que ela não vai aceitar nada além da verdade. Olhando diretamente para seus olhos decido ir direto ao ponto.

— Por qual motivo você deixou uma garota de vinte anos, criando duas crianças, trabalhar quase onze horas por dia? — Minha pergunta parece pegá-la de surpresa, e sua atitude muda para a defensiva.

— Livie tinha tudo o que precisava, além de que, o salário era suficiente para mantê-los bem e confortável.

— Isso não responde a minha pergunta.

— Você a conhece há quanto tempo? Dois meses, três meses? Se você a conhece suficientemente bem saberia que ela nunca aceitaria uma esmola, ela sempre trabalhou o suficiente para se sustentar, antes mesmo de se mudar com os dois — ela faz um gesto para Noah e Emma antes de voltar a falar. — Desde o Ensino Médio ela está com a gente, o emprego, o apartamento, nós praticamente....

— Se você a conhecesse suficientemente bem, saberia que ela estava gritando por ajuda, se vocês olhassem realmente para ela saberiam que sua alma estava escurecendo em sua própria escuridão. Mas nós dois sabemos que aquela garota não vai pedir ou implorar por ajuda.

— Você é muito bom no que faz, não é mesmo Collin? — Sorrio e inclino a cabeça para o lado quando seus olhos acedem em compreensão. —

Minha garota está segura com você então. — Ela levanta e anda em direção a estante atrás dela e pega uma pasta branca, e me entrega. — Ele me procurou meses depois que eu a contratei, no início imaginei que ele era apenas um velho doido obcecado por ela, por causa dos desenhos, mas então ele me mostrou isso. O local onde estamos não pertence mais a mim, e sim a Livie.



Capítulo 32

Collin

— Por quanto tempo vocês guardariam o segredo? — Olho para os papéis, os mesmos que encontrei na minha última investigação sobre Livie.

— Livie precisaria completar 25 anos antes de herdar tudo que é seu por direito, ou se casar. Mas o processo burocrático contra Davidson duraria uma vida, então seu avô Jimmy quis garantir que ela tivesse uma garantia, caso a batalha fosse perdida.

— O quanto você sabe sobre a vida dela?

— Apenas aquilo que permitem me contar. — Com um pequeno dar de ombros ela volta a se sentar e me analisar. — Confesso que errei em deixá-la se sacrificar tanto, mas o meu medo era que ela recuaria ainda mais se eu insistisse. — Aceno concordando, antes de devolver os documentos.

— Obrigado por mantê-los seguros durante todo esse tempo. — Olho para as crianças dormindo profundamente.

— Quando ela veio morar aqui, estava nevando muito, seus olhos estavam enormes e ela olhava ao redor como se estivesse sendo seguida. Livie carregava Emma enrolada em um cobertor velho e Noah estava vestindo um casaco que já tinha visto dias melhores, assim como seus tênis, mesmo assim eles estavam protegidos do frio. Mas sabe o que Livie estava vestindo? — Nego e aperto os braços da cadeira me preparando para o que estava prestes a ouvir. — Sua calça tinha alguns rasgos e não era porque estava na moda, e sim porque estava muito desgastada. Sua camiseta era tão fina que nem sei como ela não pegou um resfriado, mas o pior era que seus pés estavam cobertos apenas por um chinelo. Não sei de onde ela veio, mas ela estava com apenas um chinelo. Todo seu corpo estava tremendo, mas quando eu a pedi para entrar para se esquentar ela só disse que precisava mantê-los aquecidos, enquanto procurava um apartamento. Quando a chamei para dentro e entreguei um copo de chocolate quente enquanto preparava os das crianças, Livie dividiu o dela com os dois pequenos, e assim que ela me

viu trazendo as mamadeiras seus olhos se encheram de lágrimas, mas apenas uma desceu pelo seu rosto. Ela nunca me contou o que realmente aconteceu naquele dia, mas dias depois ela se mudou para o apartamento no andar de cima. — Claire volta a colocar os óculos e inclina seu corpo para trás. — Livie foi a única que se manteve segura.

Livie

— Estou prestes a colocar os dois de castigo se não calarem a boca.
— Carl cobre a boca com a mão para disfarçar o sorriso, e May cruza os braços sobre o peito ao mesmo tempo em que se afasta de Carl. — Nem Noah e Emma são tão irritantes — murmuro sobre minha respiração quando a observo se afastar.

— Ela só não sabe perder.

— Estou ouvindo, Carl! — May grita da cozinha, assim que ela passa por nós trazendo a bandeja com o almoço de algum cliente, Carl dá um pequeno tapa na sua bunda fazendo seus olhos o fuzilarem, ele apenas continua sorrindo sem se afetar por sua reação. Aos poucos o silêncio vai reinando e eu o encontro me encarando, seus olhos acompanham cada movimento que faço.

— O que você...

— Só estou tentando entender a garota que sequestrou o coração do meu melhor amigo.

— Não...

— Eu o conheço desde que entramos no ensino médio, não éramos realmente próximos, mas todos sabiam quem era ele. Posso garantir que ele não é o mesmo que conheci há dez anos.

— Por que você está falando isso? — Olho em seus olhos, tentando entender o porquê desse assunto agora.

— É bom compartilhar esse sentimento com meu amigo, não gostava de vê-lo sozinho. — O sorriso travesso continua no seu rosto mesmo depois dele encher a boca com alguma guloseima que encontrou nos potes em cima do balcão. Quando abro a boca para responder, ele me interrompe. — O nosso garotão está vindo. — Olho para o lado e vejo Collin saindo do escritório carregando Emma e Noah nos braços, eles parecem bastante sonolentos, mas ao mesmo tempo felizes por estarem com Collin. Ele coloca Noah em cima do balcão e senta com Emma em seu colo.

— Como você conseguiu acordá-los sem um escândalo maior? — Puxo Noah para os meus braços provocando cócegas no seu pescoço, fazendo-o rir. Ele me mostra sua mão esquerda que tem um pequena mancha vermelha, provavelmente algum machucado.

— Eles acordaram assim que cheguei perto deles.

— Nosso encantador de crianças — Carl zomba e Collin suspira.

— Você vai ficar aqui ou quer que eu te deixe no apartamento.

— Acho melhor eu ir, tenho que preparar as crianças para a casa da Mary. — Coloco Noah no chão e pego a nossa bolsa ao meu lado, quando estou prestes a chegar na porta May me agarra e me entrega o livro, olho para o Carl que apenas observa nossa troca balançando a cabeça antes de voltar a se entupir de doces. — Obrigada — sussurro e volto a andar atrás de Collin. Assim que chego no carro, prendo Noah na cadeirinha e Collin me ajuda a subir.

— Como está sua perna. — Olho para minha perna, depois para ele me perguntando seriamente se ele quer falar sobre ela, mas ao mesmo tempo feliz por não citar o que nós fizemos hoje de manhã.

— Acho que em poucos dias. — Esfrego minha perna não sentindo mais o inchaço ou peso de dias atrás.

— Bom, você se sentirá melhor sem ela...

— Sim, com certeza — concordo, porque já não aguento mais o peso dela.

— ... quando meu corpo estiver em cima de você. — Seu comentário me faz girar a cabeça em sua direção, apenas para encontrá-lo olhando para o retrovisor, volto minha atenção para o para brisa à minha frente e aperto minhas mão repetidas vezes tentando controlar minha respiração.

— Não pareceu tão desconfortável hoje. — Mordo meu lábio quando me arrependo imediatamente do que eu falei, olho para ele com o canto do olho e o encontro sorrindo para mim. O carro para e ele me puxa para um beijo.

— Prometo que vai ser muito melhor. — Enquanto continuo

paralisada por suas palavras, ele começa a soltar as crianças das cadeirinhas de segurança, no momento que volto a raciocinar Collin está segurando Emma e segura minha cintura para me ajudar a descer. Pego Emma dos seus braços, e seguro a mão de Noah, ele lembra para eu não esquecer de interfonar para o para o segurança se precisar de algo, aceno concordando e deito minha cabeça em seu peito, ele beija meus cabelos antes de se afastar e falar com Emma e Noah. — Cuidado. — Começo a andar em direção a entrada sem olhar para trás.

Collin

— Você estava certo. Jimmy é o avô de Livie, agora só precisamos encontrá-lo. — Entrego um copo de café para Nico e sento na cadeira atrás da minha mesa.

— Se Davison é tão perigoso quanto parece, não me espanta que ele tenha fugido. Você teve notícias do pai adotivo da Livie?

— Não, mas espero que ele continue longe dela. Livie não tem a menor ideia com que tipo de pessoas está lidando. — Suspiro, levando minhas mãos ao cabelo.

— Mas agora ela nos tem, podemos ter demorado, mas chegamos. — A sensação de paz preenche meu peito pela declaração de Nico. A tranquilidade de saber que minha família estará segura mesmo se algo acontecer comigo é reconfortante.

— Mesmo assim isso não me tranquiliza. Nós sabemos apenas os fatos, mas a verdadeira razão ainda é uma incógnita. — O dossiê sobre a vida de Livie está na minha frente, no entanto, ele parece apenas papéis em branco, o fator principal para tudo é uma lacuna gigantesca.

— E se formos atrás da mãe dela?

— Não tenho tanta certeza de que ela está viva se formos considerar o motivo que a levou a fugir. — Nico acena concordando, seus dedos batem contra a mesa, o único som no meu escritório.

— Então o nosso foco é apenas Davison?

— Infelizmente sim. — Nico levanta e acena em direção ao dossiê.

— Posso ficar com isso?

— É todo seu. — Assim que a porta fecha, volto a trabalhar em mais dos meus casos, agora com Livie e as crianças na minha vida, a ideia de abandoná-los para entrar em alguma missão não traz mais a mesma satisfação de antes. Minimizo a tela do computador e olho para a imagem dos três como proteção de tela, Livie está sentada em uma das cadeiras de praia da casa de Mary, com Emma em suas pernas, enquanto sorri para Noah sentado no chão

ao seu lado.

É incrível como uma única imagem consegue se sobrepor sobre todas as outras necessidades.

Livie

— O que as pessoas vestem em uma festa de moto clube? — Inclino a cabeça olhando para meu guarda roupa escasso. Noah e Emma estão sentados no chão do quarto montando legos enquanto falo com May ao telefone, faz menos de duas horas que Collin nos deixou no apartamento, alimentei as crianças, assistimos Frozen pela décima nona vez, e agora estou tendo uma crise de ansiedade me perguntando por que não comprei roupas melhores que Jeans e moletons.

— Minissaias ou calças de couro? — A resposta de May é tão insegura quanto meus pensamentos. Mesmo se eu tivesse uma calça de couro, não acredito que elas combinariam com minha bota imobilizadora.

— Acho que preciso de ajuda — murmuro olhando para minha perna, no momento em que o arrependimento me acerta em cheio.

— Eu vou até você, só não entra em pânico... ai. — Escuto um barulho no fundo e alguns palavrões. — Estou chegando!



Capítulo 33

Livie

— A situação é pior do que eu pensava. — May está de pé em frente ao meu guarda-roupa enquanto estou jogada na cama revendo cenários que podem e vão dar errados.

— Você não deveria ter algo sexy para vestir? — pergunto com o último fio de esperança me mantendo sã, nesse momento eu só queria ser Noah ou Emma, onde a única preocupação é encontrar a peça certa para encaixar.

— Eu sou uma garota do Texas, o máximo que você vai encontrar são botas e chapéus. — Suspiro e cubro minha cabeça com o travesseiro. — Por que você estava escondendo o ouro? — Espio por detrás do travesseiro e encontro May segurando o vestido que eu lutei duramente para esconder.

— Oh não, eu não vou usar isso. — Tento pegar o vestido da sua mão, mas ela o afasta de mim.

— Por que não? Ele é lindo. — O vestido preto com estampa florida.

— *Será que eu posso ter seu nome? — Meus olhos que até então estavam no chão levantam para seu rosto.*

— *Livie. — Minha voz sai calma mesmo que todo meu corpo esteja tremendo.*

— *O meu é Collin. — Meus olhos se fecham mais uma vez e pronuncio seu nome em silêncio. Seu nome é familiar, só que não me lembro de onde. Ele passa a ponta dos seus dedos no meu rosto e um pequeno tremor percorrer meu corpo.*

— Eu estava usando essa roupa quando encontrei Collin pela primeira vez — digo ainda encarando o vestido.

— Não, não estava...

— Na noite que você me convidou para a boate, foi a primeira vez

que nos encontramos, ele foi a razão de não ter te procurado, estava muito ocupada fugindo dele. — Sua boca abre e fecha algumas vezes, seus olhos estão cerrados e ela coloca a mão na cintura.

— Sua vadia — ela sussurra para que as crianças não possam ouvir. — Foi por isso que você ficou toda estranha quando ele apareceu na lanchonete. — Aceno e ela joga o vestido na minha direção. — Tenho um sapatilha que vai combinar perfeitamente, agora vai!

— May... — Tento mais uma vez, mas ela apenas me dispensa com a mão. Ando com relutância até o banheiro, olhando para o vestido em minhas mãos. Um simples tecido pode trazer tanta história.

Collin

— Liv? — chamo quando encontro o apartamento vazio. Mary ligou avisando que já tinha buscado Emma e Noah, então eu não precisaria me preocupar em leva-los até ela, quando começo a me preocupar Livie aparece no corredor escuro, assim que nossos olhos se encontram não posso deixar de sorrir ao me lembrar do nosso primeiro encontro. As lembranças da primeira vez em que eu a vi na pista de dança, e a sensação de que ela marcaria minha vida para sempre retornam agora só para garantir que todas as minhas escolhas foram certas.

— Olá — sua voz está preenchida com relutância, quando ando na sua direção ela suspira e mexe na borda do vestido.

— Estou considerando aproveitar nossa noite livre para explorar cada parte do seu corpo. — Ela solta uma respiração trêmula e se inclina na minha direção.

— Gosto da sua ideia. — Sorrio contra sua garganta, mas logo nosso momento é perdido quando meu telefone vibra no meu bolso.

— O quê? — sua voz fica insegura quando me afasto dela e mostro o celular.

— Mark está ligando. — Ela acena uma vez e sua atitude me surpreende totalmente. — Então temos um compromisso mais tarde. — Apoiando seu corpo contra o meu, ela fica na ponta dos pés e mordia meu pescoço levemente, antes de mancar em direção à porta.



O clube está lotado e a música alta nos cumprimenta, seguro a mão de Livie e a arrasto em direção a sala de jogos. O local não mudou muito desde que estive aqui, no entanto, alguns rostos mudaram, e posso até imaginar que Liam não teve muita dificuldade para expulsar alguns membros. Olho para Livie que observa cada detalhe, em alguns momentos seu rosto

enruga quando olha para algumas mulheres transando a seco com seus companheiros, procuro Liam na esperança de que o local onde ele esteja vai estar mais tranquilo do que o restante do clube. Não demoro para encontrá-lo sentado em uma cadeira com Ally em seu colo, ando até eles e aperto a mão de Livie para chamar sua atenção para mim. Ally tem a cabeça contra o ombro de Liam, enquanto ele repousa sua mão sobre o abdômen de sua noiva.

— Vocês demoraram — Mark grita do outro lado da sala, onde está atrás do balcão de bebidas. Ele pega algumas garrafas e copos e traz até nós.

— Eles provavelmente estavam fazendo algo que você não faz — Mandy responde e Livie engasga. Seu rosto fica vermelho e eu a puxo para meu colo. — Eu sou Mandy.

— Livie. — Ela aceita a mão de Mandy e sorri com o canto da boca.

— Tenho certeza de que faço mais do que vocês três juntos. — Mark vira uma dose de tequila antes de oferecer para Livie, que recusa. — Você não está grávida também, está?

— Com certeza não — ela responde e todo seu corpo treme com o riso.

— Boa garota. Nossas meninas aqui foram atingidas pelo raio do amor, agora pequenos ETs estão sugando suas almas.

— Você chamou seu sobrinho de ET? — Ally questiona com a cabeça no ombro de Liam. Mark enverga a garrafa sem responder, e o único sinal que ele a escutou são seus olhos que continuam nela. — Idiota. — Ela avança na sua direção, mas Liam a segura.

— Perigo à vista! — Com um olhar rápido na minha direção ele pede permissão para levar Livie e a arrasta para a pista de dança, ignorando seus gritos de protesto.

— Você vai deixá-la sozinha com ele? — Dex pergunta. Olhamos na direção deles a tempo de encontrar Mark falando com o DJ, há vários gritos de protesto quando a música de rock muda para Sugar de Maroon 5. Livie fica parada no meio da multidão olhando para Mark que começa a dançar ao ritmo da música, ignorando os olhares de repreensão ao redor. Ele segura os

braços de Livie, mas ela nega apontando em direção a sua bota, mas ele a ignora obrigando-a a entrar no ritmo. Aos poucos ela vai se soltando, e Mark sorri satisfeito. Mandy inclina o corpo para trás em uma crise de riso, antes de levantar e correr em direção a eles puxando Ally consigo.

— Por que você a deixou com ele? — Liam questiona. Seus braços estão apoiados contra o joelho e com os olhos focados onde Ally está.

— Livie precisa desse momento, e eu não sei se posso fazer isso por ela.

Livie

— Isso é bom. — Mandy coloca outro coquetel frutado na minha frente, o quarto desde que uma garota sequestrou Mark e o levou de nós. Ally e Mandy bebem suco, enquanto fico com essas bebidas felizes.

— Então, como Collin...

— Mandy! — Ally grita interrompendo o que Mandy está falando. Continuo sugando o líquido pelo canudo, observando a interação das duas. — Você a está embebedando para ela confessar sua vida sexual! — Meus olhos aumentam de tamanho, mas continuo calada focando em terminar minha bebida.

— Não vai me dizer que você não sente curiosidade. — Ally abre e fecha a boca sem conseguir formar uma palavra. — Foi o que pensei. — Mandy sorri para mim, sorrio de volta entregando o copo vazio na espera de um novo. Assim que ela está prestes a me entregar o quinto copo, uma mão intercepta minha bebida, sigo ela com os olhos até que encontro o olhar sério de Collin me encarando.

— Você já terminou com isso.

— Não. — Tento pegar a bebida com as mãos, mas ele coloca em cima da minha cabeça e entrega para o garçom.

— Vamos embora. — Ele me pega nos braços e enrolo minhas pernas ao redor dele. — E você — Collin aponta para alguém atrás de mim —, *me deve* pela noite de vômitos.

— Vai ser um prazer, querido! — o grito de Mandy nos acompanha, coloco meus braços ao redor do seu pescoço e descanso minha cabeça, sentido uma vertigem repentina.

— Só precisava de mais um — murmuro.

— Tenho certeza de que não precisava. — Escuto a porta do carro abrir, antes de ele me colocar sentada em um dos bancos. — Por que não tenta dormir um pouco? — Seus lábios tocam minha testa antes de tudo ficar escuro.

Quando acordo estamos no elevador, peço para ele me colocar no chão, ele me obedece com relutância, aos poucos meu corpo vai estabilizando, mas o peso extra da bota na minha perna faz com que desviar de alguns móveis de torne difícil.

— Por que você não espera sentada, enquanto termino de fechar tudo? — Ignoro sorriso na sua voz dele e sento no sofá sentindo tudo girar a minha volta.

Eu ofereci meus lábios a Gideon e ele os tomou, colando a sua boca suavemente com a minha. Sua língua traçando meus lábios, até adentrar a minha boca, lambendo e provocando. Eu mergulhei no seu corpo quando ele se moveu para deitar-se por cima de mim. Minhas mãos deslizando para cima e para baixo nas suas costas e minhas pernas ao redor do seu quadril.

Eu prendi o lábio inferior dele entre os meus dentes e acariciei com a língua. O rugido que ele soltou do fundo da sua garganta foi tão erótico que me deixou molhada. Minhas costas arquearam quando a mão dele começou a deslizar pela bainha da minha camisa, capturando meu peito nu, rolando o mamilo entre o polegar e o indicador. “Você é tão suave” ele murmurou e beijou todo o caminho até a minha têmpora, afundando o rosto nos meus cabelos.

Começo a sentir meu corpo ficando quente quando lembro do último trecho que li do livro, Collin retorna da cozinha e assim que se aproxima o puxo para o meu corpo.

— O que você está fazendo?

— Preciso de você. — Beijo seu rosto e toda a extensão do seu pescoço, minhas unhas percorrem todo seu corpo, assim que começo a tirar sua camisa, Collin segura minha mão impedindo que eu continue.

— Hoje não, baby.

— Mas... — Olho em seus olhos em busca de algo que possa explicar sua rejeição.

— Quando tiver que acontecer. — Seus dedos tocam meu rosto. — Eu quero você sóbria.



Capítulo 34

Livie

Acordo e a primeira coisa que sinto além da ânsia de vômito é o braço de Collin na minha cintura, ainda com os olhos fechados resmungo e saio da cama. Meu corpo está tão pesado que é difícil andar, então saio me arrastando pelo chão até o banheiro sem nem olhar em direção a bota. O chão frio do banheiro me cumprimenta e abraço o vaso sanitário colocando todo conteúdo do meu estômago nele, no momento em que estou prestes a desmaiar sinto um pano úmido contra minha testa. Resmungo algumas palavras de agradecimento, nada muito legível.

— Vem aqui. — Collin me pega nos braços, deixando meu corpo em cima da pia, encosto minha cabeça contra o espelho e ainda de olhos fechados escuto ele se movendo ao redor, até que ele para na minha frente e começa a amarrar meu cabelo. — Amo os seus cabelos. — Tento sorrir por sua declaração, mas qualquer gesto é doloroso. — Abra a boca. — Faço o que ele diz e sinto ele escovando meus dentes, assim que todo o gosto ruim se foi, enxaguo minha boca e sorrio para ele.

— Amo você — minha voz sai arrastada e minha declaração o faz rir.

— Se para ter o seu amor é preciso apenas uma escova de dente eu teria feito isso mais cedo. — Cerro meus olhos para ele porque é a única forma que consigo olhá-lo. — Levante os braços. — Faço como ele diz e aos poucos minha camisa é tirada do meu corpo. — Segure em mim e cuidado com sua perna. — Enrolo minhas pernas ao redor dele, quando entramos no chuveiro o primeiro jato é frio e Collin o recebe em suas costas, assim que a água começa a esquentar ele vira para que ela caia sobre mim. O jato de água quente acaba relaxando meus músculos doloridos, mas não é o suficiente para acalmar minha dor de cabeça.



— Você vai ficar bem quando eu sair? — Levanto meu braço com minha mão fazendo sinal positivo, minha testa está contra a superfície fria do balcão e mesmo depois da segunda xícara de café eu sinto que posso morrer a qualquer momento. — Isso ainda não é animador. — Com muito esforço levanto a cabeça e olho para Collin, que está vestindo um terno preto.

— Quando as crianças chegarem, com certeza vou melhorar. — Coloco o melhor sorriso no rosto e vejo a preocupação desvanecendo do seu rosto.

— Não deixe de ligar para mim ou para Mark se algo te incomodar. — Aceno e ele beija meus lábios antes de se afastar, assim que escuto o clique da porta desabo no balcão gemendo.

Só consigo realmente despertar quando Noah e Emma chegam, eles não me deixam sozinha por nenhum segundo, sempre beijando e me abraçando, Noah tem várias novidades para contar o tom animado na sua voz me deixa satisfeita e tranquila. Aos poucos o ânimos deles vai deixando-os um pouco exaustos e logo estão tirando um cochilo e aproveito esse momento de paz para terminar a janta. Assim que desligo o micro-ondas a campainha toca, enxugo minhas mãos no pano e caminho até a porta, no momento que a abro o arrependimento por não ter olhado o olho mágico bate na hora. Luke está parado do outro lado, com seu rosto completamente inchado e ensanguentado, há manchas de sangue na camisa azul e as ameaças de Collin na minha mente.

— Você vai me deixar entrar? — Um dos seus olhos está fechado e inchado, seu lábio tem um corte aberto.

Collin

— Você pretende parar? — Nico pergunta sentado ao meu lado no carro, estamos nos preparando para invadir um Cartel de drogas da máfia. O que antes era animador e instigante, hoje só me traz dúvidas se conseguirei sair vivo daqui.

— A ideia de deixar Livie e as crianças sozinhas me corrói todos os dias. — Deito a cabeça contra o encosto do carro, olhando para o estabelecimento a nossa frente.

— Fico feliz que você encontrou sua garota. — É impossível não notar o pesar em sua voz, como se ele sentisse falta algo ou alguém.

— A sua deve estar por aí também. — Tento ser animador, mas ele rejeita a minha ideia.

— Eu já a perdi. — Nico sai do carro, ele ajeita o terno antes de seguir em direção ao armazém. Olho para minha carteira onde a foto de nós quatro está antes de segui-lo.

Livie

— O que você quer aqui? — Sua boca abre, mas logo fecha, como se não esperasse minha pergunta.

— Você deveria repensar se morar com Collin é a opção certa. Ele é capaz de tudo, você acha que é seguro deixar as crianças nas mãos dele? — Luke fala depois de um tempo apontando para o seu rosto, olho atentamente analisando com satisfação cada marca e corte que provavelmente vai deixar alguma cicatrizes no seu, até então, rosto perfeito.

— Dói, não é mesmo?

— Ele já fez isso com você? Você precisa...

— Collin nunca tocou um dedo em mim. — Minha voz está dura e corta suas palavras. — Você fez isso comigo. Expor meus segredos para toda a escola foi como cada corte no seu corpo, no entanto você vai curar, sua pele vai regenerar e logo mais não terá nenhuma cicatriz. Mas eu não vou, porque o que você fez marcou minha alma para sempre, cada palavra, cada olhar, cada toque, ficou marcado em mim e isso não pode ser consertado com antisséptico ou band-aid.

— Eu não sabia...

— Eu não perguntei se você sabia. Mesmo depois de tudo o que nós tínhamos você me traiu, você tinha uma escolha e a fez.

— Collin também a escolheu. — Luke entrega um envelope, olho em seus olhos sentindo cada vez mais nojo de mim mesma por ter perdido tanto tempo com ele, pego o papel antes de ele voltar a falar. — Preciso de você.

— Quão triste é ser você?— minha pergunta o pega desprevenido, seus olhos ficam um pouco atordoados e quando ele tenta avançar na minha direção volto a falar. — Você não sabe o quanto precisei de ajuda nos últimos anos, o quanto confiei em você para me ajudar com meus irmãos, mas a fraternidade e garotas eram mais importantes para você. Não se preocupe, eu entendo completamente. Acontece que agora tudo o que sinto por você é

pena. — Fecho a porta e sento com minhas costa encostada nela. Todo meu corpo é atingido por uma dor horrível ao mesmo tempo em que uma sensação de alívio me domina.

— Desculpa não ter olhado para você o suficiente. — Fecho meus olhos e lágrimas começam a escorrer sobre meu rosto.

— *O que você faria se pudesse fugir? — Olho para as estrelas, considerando a pergunta de Luke de diversas maneiras.*

— *Eu não posso fugir — minha resposta faz com que ele levante a cabeça e me encare. Poderia ter respondido diversos cenários para ele, há uma diferença entre viver e sonhar, e se existe algo que eu sempre soube é que nunca vou poder fugir da minha realidade.*

Olho para o papel em minhas mãos repetindo diversas vezes as palavras de Luke. Bato meus dedos contra o tampo da mesa e olho para o relógio, o que eu acredito ser a décima vez. Já é quase meia-noite e Collin ainda não deu notícias, e nem chegou para jantar como prometeu, as crianças estão dormindo enquanto fico me remoendo imaginando diversos cenários que podem ter acontecido com ele. Assim que estou prestes a ligar para seu celular, escuto o barulho da fechadura e em menos de um minuto Collin aparece na cozinha parecendo completamente abatido e com Mark ao seu lado. Faço uma vistoria pelo seu corpo, e a única parte machucada são os nós dos seus dedos.

— Como você conseguiu isso? — Collin acena em direção ao convite de casamento na mesa. Olho para Mark que levanta as mãos em sinal de rendição antes de voltar para a sala.

— Luke trouxe até mim. — Apenas a menção do seu nome fez seu corpo estremecer e sua mandíbula contrair.

— Aquele desg...

— O que esse convite significa? — Prendo minha respiração assim que ele pega o convite na mesa.

— Você conhece algum Adam Morris. — Nego com um aceno e ele começa a rasgar o pedaço de papel antes jogá-lo no lixo. — Então eu não recebi nenhum convite. Deve ser algum engano. — suspiro aliviada mesmo

com um sinal de dúvida ainda presente. Levanto da cadeira e seguro sua mão quando me aproximo dele, beijo os nós dos seus dedos antes de olhar em seus olhos.

— Espero que esteja doendo mais nele do que em você.

— Você não está chateada? — Nego e o abraço aliviada por sentir o seu cheiro.

— Tenho certeza de que ele fez por merecer. — Aperto seu corpo contra o meu, e ele corresponde beijando o topo da minha cabeça. — Por que você demorou tanto?

— Algumas coisas não saíram como o planejado. Luke apareceu no escritório e precisei explicar ao meu chefe o porquê da confusão. Onde estão as crianças?

— Eles não conseguiram ficar acordados. — Afasto dos seus braços e limpo meu rosto. — Você e Mark vão querer jantar?

— Eu posso fazer isso, por que você não se deita um pouco? Você não se recuperou da noite de ontem. — Ignoro a sensação de que ele está escondendo algo e beijo seus lábios antes de voltar a sentar no banco.

— Tenho algumas coisas para resolver. — Ligo o notebook e o observo por debaixo dos cílios. Um sorriso se forma no canto da sua boca, antes dele começar a mexer ao redor. Depois que ele sai levando os pratos em direção a sala, pego o livro que May me deu e começo a ler.



Capítulo 35

Livie

Seus olhos se abriram, impressionando-me com aquelas íris azuis vívidas. Ele me observou preguiçosa e sedutoramente e fez meu coração pular uma batida. "Você está usando o olhar de foda—me", ele falou lentamente.

— Você está parecendo extremamente fodível — grito quando Collin recita no meu ouvido uma frase do livro. Ele acaba escapando da minha mão e caindo no balcão. Collin cobre sua boca com a mão para encobrir o riso mas seu corpo não coopera. Até que ele se inclina sobre o balcão da cozinha rindo até que as lágrimas saem dos seus olhos.

— Não tem graça. — Franzo minha testa para ele, pego o livro de volta e abraço contra meu peito.

— Sinto muito — ele diz ainda rindo, desço da cadeira e ando até o quarto. Mas ele me para quando me pega nos braços e me coloca sobre o balcão. — Desculpa. — Seu rosto agora está sério e ele me olha com sinceridade. — Onde você conseguiu esse livro? — Ele tenta pegar o livro das minhas mãos mas eu o afasto.

— May achou que seria interessante eu ler. — Evito seu olhar me sentindo de repente estúpida de que eu poderia fazer algo parecido como no livro, na verdade eu estou até um pouco assustada de como eles conseguem fazer certas posições.

— Hum... você gostou de algo em particular? — Sua pergunta me pega de surpresa e engulo em seco antes de olhar em seus olhos.

— Si... sim. — Sua cabeça inclina em direção ao meu pescoço e ele deixa um rastro de beijo até o meu colo.

— Você vai me dizer o que é?

— Eu não sei... — Suas mãos descem da minha cintura para as minhas coxas, ele as separam levemente e se encaixa entre elas. Collin desliza meu vestido até que minhas pernas estão totalmente expostas, ele as desliza de volta para o meu tornozelo, onde retira a bota ortopédica.

— Então? — Sua sobrancelha arqueia e fogo em seus olhos me desconcentra.

— Ela... ela o coloca na boca. — Fecho os olhos, de repente me sentindo uma idiota.

— Você quer fazer isso? — Suas mãos vão para cada lado do meu rosto me obrigando a encará-lo.

— Talvez... — Ele sorri antes de me pegar no colo e me levar em direção ao quarto. Ele me deita na cama e sobe em cima do meu corpo, quando seus lábios tocam o meu o corpo inclina na sua direção. Viro a cabeça, encontrando seu olhar a um centímetro do meu. Seus dedos relaxados no meu cabelo, enquanto olho suas piscinas escuras, minha mente muito nebulosa para pensar.

— Mantenha os olhos nos meus — ele diz suavemente. — Basta ficar olhando para mim. — Faço com diz, só mergulho e me rendo nas sensações, assim como na primeira noite que nos encontramos. Sua mão vai entre minhas pernas e começa a se mover, esfregando de modo suave e lento. — Ninguém pode nos ver — ele diz. — Não há ninguém, além de você e eu. — Balanço a cabeça fracamente, mas minhas pálpebras começam a inclinar-se com a sensação de suas carícias. Oh Deus.

— Mantenha seus olhos em mim, baby — ele me diz.

Pisco várias vezes, focando enquanto sua mão afasta-se, correndo por cima do meu estômago. Seu toque envia arrepios por meus braços, e eu gemo, lutando para manter seu olhar quando sua mão chega ao meu seio. Ele segura-o, amassando tão suavemente e me provocando. Eu o pego olhando para o meu seio, a boca aberta e seu olhar está faminto como se ele quisesse

que aquilo que está em sua mão estivesse em sua boca. Lambendo meus lábios, eu o sinto passar para o meu outro seio, acariciando o mamilo até que esse, também, fique duro.

Borboletas invadem minha barriga, e eu começo a sentir o pulso em meu clitóris palpitar, querendo sua mão lá agora. Seus dedos cavam levemente em minha pele, correndo de volta para baixo do meu tronco e estômago, enviando choques para todos os poros do meu corpo quando ele me pega um pouco mais forte entre as coxas desta vez. Fecho os olhos e arqueio as costas, sentindo sua ereção pulsar debaixo de mim.

— Collin... — Cada toque, cada respiração aumenta a gravidade tomando conta do meu corpo. Estou flutuando, o quarto está girando, e eu não quero sair desse passeio. Virando a cabeça, eu separo meus lábios, procurando os seus. Seus dentes pegam meu lábio inferior, arrastando-o para fora provocativamente. Abrindo os olhos, olho para ele. O instinto me diz para fugir. Voltar para minha concha e permanecer na escuridão. No fácil e seguro. Mas eu não sou a Livie esta noite. Ele não é Collin, e nós não estamos aqui. Nada disso está acontecendo. Ele só hesita por um momento antes de deslizar por debaixo. Eu imediatamente levanto meus braços para me cobrir, uma bola se aloja na minha garganta e meu coração palpitante. Eu o quero, mas ainda estou insegura. Ninguém nunca tinha me visto nua. Ele não está olhando para qualquer lugar, além dos meus olhos quando paira sobre mim.

— Eu quero você. — Ele gentilmente puxa meus braços para baixo, seu olhar está em mim quando ele passa a mão até o centro do meu tronco, deslizando entre os meus seios para o meu pescoço. Ele mergulha, cobrindo meu mamilo com a boca, e eu jogo minha cabeça para trás, gemendo.

— Collin — digo novamente. Coloco minhas mãos em seus braços enquanto ele me segura com uma das mãos e usa a outra para apalpar o seio que estava beijando. Sua boca quente chupa a pele firme, forte, puxando o mamilo e, em seguida, indo por mais, antes que ele comece a se mover. — Isso é tão bom.

Ele rapidamente muda para o outro, deixando sua mão onde estava e me mantendo quente. Ele se arrasta descendo pelo meu estômago, e eu tremo, mergulhando meus dedos em seu cabelo.

— Abra suas pernas — ele diz com a voz rouca. Levanto minha cabeça e meus olhos imediatamente caem entre as pernas dele, vendo-o duro e grosso.

— Uh — Solução. — Não. — Sem olhar para cima ele desce mais baixo e levanta a minha perna pela parte de trás do joelho.

— Tenho que prepará-la, querida. — Ele baixa a cabeça entre as minhas pernas, enterrando sua boca, e eu tento empurrá-lo.

— Não, não faça isso... — Mas com o toque sutil de sua língua minhas pálpebras de repente ficam tão pesadas. Ele a roda um pouco acima da área, esfregando-me com a boca enquanto sua mão circula minha coxa, segurando-a, e seu corpo se estabelece entre as minhas coxas. Lambendo e mordendo, seu ataque é suave no início, faz meu estômago cambalear e fogos de artifício subirem pelas minhas pernas. Eu sinto como se estivesse em um balanço a vinte andares de altura, inclinando-me para trás com meu cabelo voando no ar. Quero mais. Algo mais profundo. Então ele começa a chupar. Tudo. Dentro, fora, e ao redor, beijando minha pele lá e ainda amassando meu peito com uma mão. Eu levanto a minha cabeça, olhando para ele.

— Você é tão apertada aqui. — Ele ofega, mordendo-me gentilmente. — Mas eu vou mudar isso. Eu prometo. — Mordo o lábio enquanto ele olha para mim. — Você gosta disso? — ele pergunta, me lambendo lentamente. Minhas bochechas se aquecem com um rubor e um pequeno sorriso atravessa seu rosto. — Ou disso? — Ele me observa enquanto roda sua língua em volta do meu clitóris outras vezes. Perco a minha respiração, minhas pálpebras vibram. Ele sorri, provocando-me. — Ou talvez isso? — E então ele cobre meu clitóris com os lábios e suga forte, puxando e puxando, o calor de sua boca me tortura enquanto arqueio para fora da cama e gemo.

— Ah — Gemo sem fôlego.

— Tão linda — ele sussurra. — Você está pronta, Liv? — Balanço a cabeça, deslizando minha mão no seu cabelo. Não tenho certeza de que estou pronta para mais. Eu só quero mais. Aproximando-se ele me beija, conseguindo a minha boca aberta e mergulhando sua língua dentro. Gemo, meu corpo assume conforme eu agarro seus quadris e separo as pernas,

levantando os joelhos e deixando-o entrar. Meus mamilos escovam seu peito, e eu empurro, beijando-o de volta com força total. Seu cheiro, sua pele, seu gosto... neste momento estou mudando. Ajoelhado em cima de mim, ele estende a mão entre nós e se posiciona na minha abertura. A ponta empurra para dentro, e a queimadura apertada imediatamente me faz congelar novamente.

— Dói. — Cada músculo se aperta, e estou com medo de me mover.

— Olhe para mim — ele diz. Ergo os olhos trêmulos, olhando para o local plano em seu lábio inferior. — Dobre mais o joelhos — ele me diz. Dobro apenas uma perna deixando a outra esticada, meus dedos se curvando em seus quadris. — Agora, relaxe suas coxas — ele instrui. — Espalhe-a amplamente e deixe-a cair para a cama, ok? Abra para mim. Basta abrir. — Eu deito minhas coxas, joelho dobrado e me espalho para ele. Ele empurra um pouco mais, e eu respiro fundo, mas não tento impedi-lo. Ele para e se inclina para baixo sussurrando sobre meus lábios. — Você está me torturando. Eu quero tanto afundar em você.

— Não está dentro ainda? — Ele se sacode com uma risada.

— Nem tudo. Ainda dói? — Faço que sim. Ainda olhando nos meus olhos ele lentamente afunda mais, e eu começo a sentir-me esticada e cheia e meio estranha. — Prometo que fica melhor. — Ele empurra até o fim, e me bate tão fundo, que meus olhos reviram.

— Collin...

— Liv, Jesus Cristo. — Ele me beija. — Eu adoro a forma como você parece. — Seguro seus quadris enquanto ele mordisca minha boca e garganta e ouvido, mordo meu lábio inferior sentindo a queimação desconfortável e arranhando suas costas descontando toda a dor que estou sentindo. — Ponha uma mão no meu ombro. — Faço o que ele disse e lentamente, ele me puxa. Ele empurra de novo e de novo, e meus joelhos se levantam, sinto calor cobre meu corpo, ele resmunga e bombeia e finalmente empurra tão profundo, afundando em mim e mantendo-se lá conforme ele joga a cabeça para trás.

— Deus, baby. Porra! — Ele cai em cima de mim, nossos corpos e

suor derretendo juntos em calor e euforia. Jesus. Eu sabia o que estava perdendo todo esse tempo, mas... é uma sensação tão inexplicável. Lentamente, minha respiração se acalma, mas eu não me afasto dele ou o roçar de seus lábios no meu pescoço. A realidade iria entrar em breve, e eu desfruto dos últimos momentos. Nós apenas ficamos deitados. Eu amo seu calor e estar perto. Eu amo sentir isso.

— Eu acho que vou manter você. — Seu corpo treme em um riso silencioso, ele deita ao meu lado e puxa meu corpo junto ao dele.



Capítulo 36

Livie

Sinto uma dor desconfortável entre minhas pernas, mas logo é esquecida quando sinto a boca de Collin tocando meus seios, subindo em direção ao meu pescoço e boca.

— Bom dia!! — Ele apoia seu queixo entre meus seios, enquanto me observa.

— Já amanheceu? — Olho ao redor em busca de alguma prova que me faça continuar na cama por mais tempo.

— Temos trinta minutos antes das crianças acordarem, o que você acha do chuveiro agora? — A ideia de ficar na cama é boa, mas ter novas memórias do chuveiro é muito melhor. Aceno concordando, com cuidado ele me pega nos braços e assim que estamos no chuveiro ele me coloca contra a parede, sua língua invade minha boca transformando meu corpo em uma poça líquida, sinto seu comprimento contra meu abdômen. — Você acha que consegue me levar? — A dor ainda está presente, mas a sensação de tê-lo dentro de mim me faz ignorar.

— Quero tentar. — Aos poucos vou sentindo a intrusão do seu membro causando uma sensação desconfortável, sentindo meu desconforto Collin começa a provocar meu clitóris e a sensação de prazer relaxa todo meu corpo fazendo com que a dor desvaneça deixando apenas uma leve queimação.

— Poderia passar o resto da minha vida dentro de você. — Sua boca deixa a minha e cobre um dos meus seios, enquanto seus dedos provocam meu outro mamilo. Suas estocadas são rítmicas com a sucção da sua boca deixando-me em uma espessa névoa de prazer. Aos poucos a ardência vai dando lugar a um formigamento que atinge todo meu corpo. — Pode gozar, baby. Quero sentir você apertando meu pau. — Suas palavras são suficientes para que todo o meu corpo estremeça de prazer, ele continua estocando e quando está perto da sua libertação ele sai de dentro de mim e goza contra minha barriga sorrindo. — Você precisa de uma consulta.



Estou cortando algumas frutas para fazer a vitamina das crianças quando Collin entra na cozinha vestindo uma camisa e calça social. Seu cabelo está molhado e sua barba feita, ele se aproxima de mim por trás e tira a faca da minha mão antes de me levar em direção a sala. Ele mexe no seu celular por alguns minutos, e então uma música começa a tocar. A mesma que nós dançamos pela primeira vez. Ele joga o telefone no sofá e me puxa seus braços. Como minha perna está imobilizada, ele me coloca sobre seus pés e começa a nos guiar no ritmo da música.

— Você vem sempre aqui? — ele pergunta quando nos gira em um giro atrapalhado.

— Eu moro por perto.

— Bom, você vai me dizer onde fica seu quarto?

— Eu não costumo falar com estranhos. — Sorrio contra seu ombro, e ele aperta meu corpo ainda mais contra o seu.

— A sua sorte é que eu não me importo de passar todos os dias do

lado de fora, na sua esquina, na chuva intensa. Sabe por quê? — Nego e ele me surpreende mais uma vez ao recitar o verso da música. — Porque eu sempre vou procurar a garota com o sorriso encantador, e quando encontrá-la eu irei perguntar se ela quer ser amada.

— E se ela disser que sim?

— Então, eu a levarei para jantar e ela nunca precisará dizer adeus. — A música termina e ficamos nos encarando em silêncio. Um turbilhão de emoções passa entre a gente, nada que possa ser descrito. Mudo meus braços para seu pescoço e o puxo na minha direção, quando seus lábios tocam os meus sei que estou fazendo o certo.

Há momentos na vida em que temos que tomar decisões, mas nem sempre escolhemos o certo. Erramos, tropeçamos e a vida nos força a continuar. É como um jogo de tabuleiro, mas dessa vez nós somos as peças. E vai ser o nosso poder que vai fazer com que nós continuemos ou não no jogo. Por muito tempo eu me senti fraca por nunca ter me levantado contra meus pais. Mas cada um tem uma força interior que só aparece em momentos extremos. E a minha renasce a cada dia. Eu e Collin nos conhecemos da forma errada, mas talvez não haja uma forma certa.

A nossa noite ontem foi apenas uma prova de que o que estamos fazendo pode sim dá certo. Procurei em braços errados aquilo que estava faltando em mim mesma, e só quando finalmente encontrei aquilo que estava procurando foi quando a felicidade bateu em minha porta. Eu não precisava de Collin para ser feliz, apenas precisava me aceitar, e quando o fiz tudo pareceu certo, até mesmo confiar meu corpo e minha alma para alguém, porque nada do que ele fizesse para mim iria mudar o que eu sou. Aprendi também que ser feliz não significa ser alegre todos os momentos da sua vida, mas saber aproveitar cada momento. É necessário aproveitar cada momento, todos eles, mesmo os de choro e tristeza, porque são eles que vão nos ajudar a amadurecer e se preparar para o mundo cruel.

Quando dizem que não somos capazes, devemos apenas sorrir, ninguém pode dizer que não. Afinal, só nós sabemos os nossos limites. O importante é viver a vida da melhor maneira possível, sorrindo, chorando mas se for para chorar, chore mesmo, não tenha medo. Não é uma lágrima que vai te fazer menos forte. Se for para errar, que erre. Pois logo após vem o acerto.

Curta todos os momentos e nunca deixe de sorrir e o principal: VIVA seus sonhos. E enfim, encontre a felicidade, ela está ao seu lado, apenas olhe para ela.



Semanas depois

— Tem certeza que estamos fazendo isso certo? — pergunto olhando ao redor. May, Ally, Mandy e eu estamos em um clube para a nossa noite de meninas. Depois que Ally chegou no apartamento de Collin com Mandy, ela não me deixou recusar essa nossa noite. Como eu não conhecia muito bem elas, além da última noite há duas semanas em que estava completamente bêbada, chamei May que praticamente pulou pelo convite. Agora sem a bota ortopédica, pensei que seria divertido sair com elas. Só que desde que quando chegamos aqui estamos sentadas em uma mesa bebendo refrigerante. Tirando Ally e Mandy que reversavam entre água e coquetéis frutados sem álcool por causa da gravidez. Pelo menos May está fazendo a diferença por nós três, desde que chegamos ela vem tentando acabar com o estoque de bebidas do bar. Ela está tão concentrada que quase não tira os olhos da sua bebida.

— Nos filmes parece tão legal — Mandy fala, enquanto May entorna uma dose de tequila. Ally olha ao redor e ela não parece tão animada como no início.

— Como as pessoas conseguem gostar disso? É só suor, álcool e sexo. — Ally estremece depois de olhar um casal se pegando no canto escuro próximo a nossa mesa.

— Eu consigo fazer isso no meu quarto sozinha com Dex. — Mandy cruza os braços sobre o peito e inclina a cabeça observando o casal.

— Eu também — May fala pela primeira vez desde que chegamos aqui. Ela suga o resto do líquido em seu copo e começa a fazer aquele barulho irritante, arranco o copo da sua mão e ela sorri, bêbada. — Mas não com Deeeex... — As palavras saem arrastadas.

— Você está olhando! — Ally grita para Mandy que apenas encara o casal como se estivesse em um museu.

— O quê? Estou casada! Aprender táticas novas nunca é demais. — Ally reposiciona seus óculos em seu rosto e olha novamente para o casal com o canto do olho, antes de estremecer.

— Minha filha não pode ver pornografia tão jovem. — Ally esfrega a barriga colocando a cabeça em suas mãos.

— Ela ver o pênis do Liam toda vez que ele enfia em você. — Mandy chupa o canudo da sua bebida. Eu engasgo com minha bebida, e Ally tem os olhos arregalados para Mandy.

— Você diz isso para o Liam e eu te mato. — Mandy apenas rir. E eu olho para May que entorna mais uma dose de tequila.

— Yep! — Ela joga seus braços para cima. O peso do seu corpo faz com que o banco incline para trás e a leve junto.

— May! — Nós três gritamos e abaixamos ao seu lado e ela começa a rir.

— Machucou? — Suspiro de alívio e sento no chão ao seu lado.

— Alguém quer pizza? — Ally pergunta e quando concordamos, ajudamos May a se levantar e seguimos em direção a pizzeria ignorando os grandes homens vestidos com jaquetas de couro.



Capítulo 37

Livie

— Pizzaria? — Collin começa a rir quando conto como foi nossa noite das meninas.

— Mas fomos expulsas depois que May vomitou em uma das atendentes, então tivemos que terminar de comer na calçada.

— Como vocês conseguiram isso? E eu aqui preocupado que iria perder a minha garota para algum adolescente.

— Não tinha como um adolescente chegar perto da gente, quando os Hulks vestidos de couro estavam no nosso pé. — Collin ri ainda mais e eu reviro olhos.

Tiro os meus sapatos e jogo minhas roupas em uma pilha confusa perto da porta do banheiro enquanto Collin se mantém rindo. Seu riso se perde quando ele percebe o meu estado atual de quase nudez. Ele levanta do colchão, caminhando na minha direção. Um arrepio quente corre em cada um dos meus nervos como um pavio de bomba. Ela explode em algum lugar entre as minhas coxas, enviando faíscas de adrenalina para o resto do meu

corpo. Ele suspira, me circulando com os braços cruzados nas minhas costas. O quarto está escuro, muito escuro, e eu estava desorientada pela longa noite e o fato de que seu toque mexia com a minha cabeça.

— Abra suas pernas. — Minha pele está em fogo e abaixo minha cabeça, olhando para os nossos pés.

— Segure o armário apertado, não queremos você machucada. Eu não

quero que você acerte alguma coisa. — Sua mão cobre minha garganta quando

ele me puxa para o seu rosto. Se já houve uma boa noite para fazer algo com Collin, esta seria ela. Inferno, eu quero experimentar o que as outras meninas estavam tendo. Principalmente desde que ele me mostrou na primeira vez que ele me tocou. Agarro a borda da cama, mordendo meu lábio inferior.

— Você está bem com isso?— Ele provoca em meu ouvido. Arqueio as costas para atender mais de seu corpo, ele coloca a mão enorme em um dos copos do meu sutiã, massageando e puxando meu mamilo.

— Diga—me que você quer isso. — Seus dentes mordem minha orelha enquanto move sua mão para o meu estômago, os dedos ásperos acariciando a minha pele. Sua boca viaja para baixo do meu queixo, parando a polegadas de meus lábios. — Diga-me que você está pronta, que você não quer que eu pare. — Ele belisca a ponta do meu queixo sedutoramente, e minha cabeça cai para trás, para o seu peito. De repente, o quarto estava tão quente que eu mal conseguia respirar.

— Quero você. — Gemo quando seus dentes afundam no meu pescoço. — Não pare. — Eu mal sussurrei, o meu autocontrole evaporando.

Collin cai de joelhos atrás de mim, ignorando o meu apelo silencioso para ele manter provocando meus mamilos. Sua cabeça desaparece entre as minhas coxas, e então ele inclina a cabeça para trás, pressionando os lábios para cima, sobre a minha roupa íntima. Ele beija minha abertura através do algodão. Um tremor atravessou meu corpo da cabeça aos pés. Sua cabeça com seus cabelos pretos contrastando com minha pele branca, a boca tão quente, tão perto...

— Então é isso... — Seu dedo longo arrastou entre as minhas pregas,

ao longo da minha calcinha. — Estava me esperando todo esse tempo. — Balanço a cabeça positivamente. Sua boca estava lá novamente, entre as minhas coxas. Aperto meus olhos fechados, sentindo minhas pernas tremendo. Desesperada... Querendo... Caindo na luxúria.. Um passo trás e moí minha virilha contra o seu rosto. Collin me girou, segurando a minha cintura, para encará-lo. Ainda de joelhos, beija cada um dos meus ossos púbicos, com as mãos firmes para me manter no lugar.

Ele aperta a boca no meu centro. Lançando sua língua para fora, ele me explora, cada pedaço de mim, construindo minha antecipação. Senti uma piscina de umidade dentro de mim e inclinei-me para o armário atrás de mim, tentando ficar de pé. Foi só então que sua boca procurou e encontrou o meu feixe de nervos sensíveis e chupou, longo e forte, construindo e liberando a pressão como se ele estivesse bombeando uma droga deliciosa em mim. Agarro seus cabelos, puxando, rogando a continuar. Meu corpo formiga. Meus dedos curvam no chão frio. Reviro os quadris para a frente, balançando em seus braços fortes que me envolviam pela minha cintura, querendo, buscando, ansiando por mais.

— Calma — ele fala com as mãos passando pelo meu corpo. Estômago, quadris, coxas... — Senhor, eu perdi de comer sua boceta — ele suspirou em mim. — E você é tão deliciosa e apertada.

Collin come-me viva, fazendo barulhos luxuriosos por toda parte. Pequenos grunhidos e gemidos que me dizem que ele estava gostando tanto quanto eu, sugando a minha parte sensível e bombeando sua língua dentro e fora de mim. Ele coloca uma das minhas coxas por cima do ombro, enterrando a cabeça mais profunda entre as minhas pernas, e eu jogo minha cabeça para trás e grito seu nome. Ele para de chupar e desliza sua língua em mim, dentro e fora, dentro e fora. A minha visão nublada, meu corpo treme todo. Mesmo que a sensação fosse louca, ele também sentia que estava brincando com meu corpo e recusava-se a levá-lo ao topo. Ele estava me provocando, mas cada vez que eu me aproximava do limite, quando um orgasmo ameaçava me arrancar de dentro para fora, ele abrandou. De propósito.

— Por favor... — ofego, realmente não sabendo o que eu estava pedindo.

— Por favor, o quê? — ele pede. Essa foi uma boa pergunta. Eu podia ver as estrelas brilhando, mas Collin não me deixava tocar. Incapaz de formar uma frase coerente, continuo puxando seu cabelo quase violentamente. Quando ele pegou o ritmo de bombeamento da sua língua em mim, e eu literalmente vi estrelas. Meus joelhos finalmente cederam e eu dobrei, caindo em cima dele. Ele bateu no tapete bege com um baque.

— Assim é melhor. — Collin coloca as mãos na minha cintura para me enraizar no lugar. — Monte minha cara Baby. Agora... O que você estava dizendo?

— Faça-me gozar. — Respiro mais forte, descaradamente movendo-me contra sua boca. Deus, eu nunca seria capaz de olhar para ele de novo depois de saber que a sua língua estava enterrada tão profundamente dentro de mim. Ele sorri para mim, eu realmente o senti tremendo violentamente contra os meus lábios e foi mais lento, lambendo mais profundamente e suavemente, enquanto empurrava uma mão em meu sutiã, apertando meu mamilo duro.

— Eu te odeio. — Solto um grunhido, ele me empurra de volta para o seu rosto, rindo contra o meu núcleo. Tudo estava se tornando uma grande frustração.

— Deixe-me vir!

— Diga a palavra mágica — ele responde, divertido.

— Idiota. — Jogo minha cabeça para trás, ambos ligados e exasperados. Eu ainda estava montando seu rosto, e tinha a sensação de que ficaria por horas se eu não colocasse um fim a isso. Montando o seu rosto? Minha mente estava imunda em torno deste homem, e eu não tinha absolutamente nenhum filtro enquanto ele não fazia o que eu queria.

— Errou. Tente outra vez... — Ele arrasta a língua ao longo da minha fenda de cima para baixo. — E eu vou deixar você gozar.

— Nem pense nisso... — gemo.

Sua sucção tornou-se mais intensa, meus dedos se cravam em sua pele.

— Implore. — Sua voz rouca preenche o quarto — diga o que você

quer.

Era tentador, mas eu não podia deixar o meu ego ir, o meu pedaço de autocontrole em torno dele.

— Não! — eu respondo novamente.

Ele ri ainda mais aproveitando minha resistência, ele espalha minhas pernas para que eu estivesse aberta na frente dele, pegou meu clitóris em sua boca novamente e esfregou minha entrada com o polegar com deliciosos movimentos para cima e para baixo. Desta vez, eu sabia que estava realmente no limite. Tudo que eu precisava era de mais alguns golpes. Era mágico. Era dar o seu corpo para outra pessoa, sentindo cada um de seus músculos se contraindo deliciosamente, sentindo uma onda de prazer prestes a te ultrapassar como um tsunami...

— Implore — ele exige mais uma vez, e eu sabia que ia ser o último.

— Em seus sonhos.

Seus lábios molhados deixa minha pele enquanto ele arrasta seu corpo para que ele pudesse beijar meus lábios, inserindo a língua na minha boca e girando-o provocativamente, obrigando-me a sentir o meu gosto.

— Isso foi divertido. — Sua voz gutural me fez cócegas, e eu me senti despedaçada. Eu queria vir tão mal. — Agora vamos ver quanto tempo você pode ficar sem me implorar para me ter profundamente em você. Um fato sobre mim, baby: Eu amo um desafio.

— E eu amo quebrá-los — falo em resposta.

Ele levanta, deixando-me ficar ali no chão, nua, somente em meu sutiã, enquanto saía em direção ao banheiro, deixando-me completamente frustrada e agindo como se nada tivesse acontecido.

— Tudo bem! Você pode ir! Eu posso terminar sozinha! — grito para suas costas. Então quando estou prestes a me levantar do chão, sinto duas grandes mãos debaixo do meu corpo me levantando. Um grito escapa de mim quando ele me coloca sobre seu ombro e me leva em direção ao banheiro. Onde ele finalmente termina o que começou.

Eu ganhei afinal.



Capítulo 38

Livie

— O que você está pensando? — Collin pergunta quando começa a tirar os brinquedos de Noah e Emma do porta-malas, estacionamos há cinco minutos em um parque da cidade e agora Noah pula impientemente em seus pés ansioso para correr ao lar livre, Emma apenas morde a orelha do seu urso sem a menor preocupação.

— Não acho que seja uma boa ideia. — Ele bate o porta-malas e pulo com o barulho, as crianças e eu nunca tivemos um momento como esse, até meses atrás ter uma hora ou duas para brincar no chão do nosso apartamento era o ponto alto, mas ficar ao livre junto com outras crianças e outras mães é algo... peculiar.

— Você não precisa ser tão medrosa — sua provocação faz meu rosto franzir para ele que apenas sorri quando pega Emma dos meus braços. — As crianças precisam de ar puro e Rachel me prometeu que seria seguro, ele coloca a bolsa sobre seu ombro antes de pegar minha mão na sua, segura a de Noah e andamos até o parque, ao contrário do que imaginava ninguém fez um alvoroço em nos ver e pela primeira vez respirei, aliviada. Noah se soltou da minha mão e saiu correndo em direção ao balanço, Collin o chamou de volta e o repreendeu por ter desobedecido nossas ordens de se afastar. Depois que ele pediu desculpas, Collin me entregou Emma e o acompanhou até o balanço. Sorri para os dois andando e Noah praticamente o arrastando, sentei em um banco com Emma e a coloquei em pé na minha frente, há alguns dias ela começou a querer ficar em pé.

Collin começou a segurar seu corpinho enquanto ela tentava tocar o chão, deixando a bolsa no banco me levanto e começo a fazer o mesmo que Collin. Ela vai se acostumando aos poucos a tocar o chão e seus passinhos agoniados me fazem sorrir, levanto-a novamente e começo a beijar seu pescoço.

— Menina Livie. — Giro assustada ao escutar a voz do Sr. Jimmy, há uma pequeno sorriso em seus lábios quase imperceptíveis. — Sorrir

combina com você.

— Obrigada — respondo constrangida e aperto Emma mais forte contra meus braços.

— Onde está Noah? — Aponto em direção aos balanços ainda assustada por ele saber seus nomes, quando olho para ele seus olhos estão preenchidos por um brilho diferente, algo que nunca apareceu desde o primeiro dia que o atendi no café. — Posso confiar algo a você?

— Eu não...

— Por favor, você não vai renegar algo a um moribundo, vai?

— Você vai confiar na perda da cidade? — rebato. Minha pergunta o faz rir, um riso grave e fraco.

— Livie querida. Queria tanto te dizer a verdade, mas o momento certo ainda não cheg....

— O que você quer dizer com isso? — Ele tira uma pasta preta de trás das suas costas e me entrega. — Você só pode ler isso quando tudo parecer perdido.

— Não estou entendendo. — Sorrio, mas é inseguro e trêmulo.

— Espero tomar um café em breve com você, mas você precisa está sentada do outro lado da mesa. — Sem mais outra palavra ele vira de costas.

— Sr. Jimmy!

— Apenas quando estiver perdido! — Ele grita antes de entrar em um carro preto, fico encarando-o até que sinto alguém me tocando. Olho para o lado e encontro Collin com o olhar preocupado e o rosto franzido.

— Quem era?

— Sr. Jimmy do restaurante, ele me entregou isso. — Balanço a pasta e pondero abrir.

— O que é isso?

— Eu não sei, ele disse que era para abrir apenas quando tudo parecesse perdido. — Collin fica calado, olhando para a direção em que Jimmy foi embora.

— Então é melhor você guardá-lo por um bom tempo. — Sorrindo ele beija meus lábios antes de me puxar de volta para o balanço com Noah. Guardo a pasta na minha bolsa e volto a brincar com as crianças.



— Eu me escrevi para a Universidade. — Estamos deitados no sofá assistindo um filme qualquer. Noah e Emma estão dormindo em seus quartos tranquilamente, enquanto tiramos esse tempinho para a gente.

— Isso é ótimo. — Ele beija a curva do meu pescoço e brinca com os meus dedos. — Você já escolheu o que quer fazer?

— Serviço Social. Não vai ser fácil começar agora, mas Rachel me disse que poderia me ajudar na adaptação e Mary se disponibilizou a cuidar das crianças. Espero que não se importe. — Eu ainda não me acostumei com essa situação. É estranho ter alguém para dividir.

— É claro que eu não me importo, baby. Nós somos pais deles agora, você não está mais sozinha. — Um barulho na babá eletrônica chama a nossa atenção e logo em seguida um choro alto da Emma faz com que Collin pule sobre o sofá e vá em direção ao quarto, com as pernas trêmulas começo a me levantar para ir atrás dele. Mas o barulho da campainha me atrapalha, abro a porta sem olhar o olho mágico e encontro apenas uma caixa com um bilhete em cima. A curiosidade fala mais alto, leio o bilhete e de repente o mundo despenca aos meus pés.

Mantenha distância dele.

Ass: Carly

Com as mãos trêmulas começo a desembulhar a caixa e quando olho para o conteúdo um grito desumano saí da minha boca.

Collin

Entro no quarto de Emma e encontro a babá eletrônica no chão, pego Emma nos meus braços para acalmar seu choro e ando até o quarto de Noah que dorme tranquilamente. Quando estou retornando ao quarto de Emma o grito histérico de Livie chamando meu nome me faz correr de volta para a sala com Emma ainda nos meus braços. Nada me prepararia para ver o estado de Livie sentada no chão chorando copiosamente agarrada ao coelho de Emma.

Aproximo-me dela e quando seus olhos encontram os meus o medo dentro deles me destrói. Olho para o chão e três dedos humanos cortados estão no chão. Há uma caixa caída ao lado dela e um papel. Livie continua paralisada no lugar e eu a puxo para meus braços, ela continua sem reação então eu a levo até o sofá onde a coloco sentada com Emma em seus braços e corro para o quarto de Noah. Ele continua dormindo, então o carrego nos braços e volto para a sala. Quando chego Livie está agarrada a Emma que já parou de chorar ao contrário de Livie.

— Livie? — Ela balança a cabeça, olhando para um ponto distante, enquanto seu corpo treme em soluços. — Baby, eu preciso que você os leve para o nosso quarto e fique com eles enquanto eu chamo a polícia. — Ela volta a negar. Tomando o máximo de cuidado para não acordar Noah, ando ao seu lado e levanto seu rosto até o meu.

— Eu preciso...

— Ela esteve... aqui... no quarto... dela.... — sua voz trêmula me corta, e eu percebo que fui imprudente com nossa segurança. — Eu não vou voltar para aquele quarto. — Eu entendo o medo dela, então deito Noah ao seu lado e pego o cercadinho na sala e levo até a cozinha de trás do balcão. Volto para a sala e pego Noah nos braços e volto a falar com Livie.

— Vamos para a cozinha. As crianças podem dormir no cercadinho de Emma enquanto eu falo com a polícia. — Ela começa a negar mas eu continuo. — Não vai ser bom *pra* eles ficarem perto ou escutarem o que está acontecendo. — Livie não fala mais nada e seguimos em direção a cozinha. O cercadinho é grande e os dois cabem facilmente dentro. Emma que ainda

está acordada sorri quando vê seu irmão dormindo no seu lugar e engatinha até ele antes de deitar e colocar a mãozinha em seu braço. Livie senta no chão ao lado deles, observando—os.

— Ela não está morta — seu sussurro é doloroso e eu me abaixo ao seu lado.

— Eu vou cuidar de tudo. — Ela acena e seu olhos se desviam para Emma e Noah dormindo. Antes de voltar para a sala, eu pego uma manta no quarto para ela e coloco sobre seus ombros. Ela não reconhece a minha presença, e eu tenho medo do quanto isso pode tê-la afetado. Ligo para Carl e explico a situação e peço para que ele traga a May para ficar com Livie. Volto para a sala e observo os dedos ensanguentados de um homem. Pego o coelhinho de Emma e vejo algumas manchas de sangue nele.

Que merda está acontecendo?



— Ela não está morta? — Carl pergunta quando ler o bilhete. A nossa equipe está espalhada ao redor do apartamento procurando provas, menos na cozinha, onde Live, May e as crianças estão. Eles recolheram os dedos e o coelho de pelúcia para as análises. Carl toca o bilhete com luvas para evitar que mais impressões digitais prejudiquem na hora de identificação. — Você viu o corpo dela sendo enterrado, certo?

— Não, é impossível que ela esteja viva. Alguém está brincando com a Liv.

— Alguém que quer vocês longe. — Nico diz e eu não preciso pensar muito para saber quem é.

— Ele quer a Livie fora da cidade para ter direito ao testamento, se Livie sair da cidade ela perde totalmente os seus direitos.

— O que você pretende fazer? — Carl pergunta.

— Eu preciso de provas para colocá-lo na cadeia.

— Nós terminamos tudo por aqui — Will fala quando passa por

mim segurando a maleta com os materiais.

— Você consegue tudo até amanhã?

— Antes do sol nascer — afirma. Ele é um dos melhores em investigação criminalista junto com Nico e eu sei que nada vai sair errado. Acompanho-os até a porta. Ignorando o olhar de Carl caminho até a cozinha e encontro Livie dormindo nos braços de May. Ela tem as costas contra o balcão e seus braços estão sobre os ombros de Livie que tem a cabeça apoiada em seu ombro. May sorri levemente para mim e seus olhos estão vermelhos.

— Você pode me ajudar a levá-los para o quarto? — pergunto a Carl quando aceno para as crianças. Ele acena e com cuidado pego Noah nos braços, de alguma forma Livie sente a movimentação e sua mão segura meu braço. Seus olhos estão inchados e assustados e cheios de perguntas.

— Preciso levá-los para o quarto.

— Nosso quarto? — A minha intenção não era essa, mas o olhar em seu rosto me faz confirmar. Ela levanta e nos segue de perto quando colocamos Noah e Emma no meio da cama. Livie se deita ao lado e coloca seu braço protetoramente em cima deles. Deixando os três sozinhos, saio com May e Carl e os levo até a saída. Volto para o quarto e pego Livie nos braços.

— Não... — Ela tenta voltar para a cama, mas eu mantenho meu aperto mais firme.

— Shhh...você está suja de sangue. — Ela olha para sua roupa e as lágrimas voltam a transbordar.

— O que está acontecendo? — Começo a tirar sua roupa, enquanto ela mantém um aperto firme nos meus braços. Mesmo depois de remover a bota, ela ainda não tem firmeza suficiente em sua perna.

— Estão tentando te assustar, mas eu não vou deixar ninguém tocar você. — Ela começa a limpar as lágrimas colocando sua armadura de volta.



Capítulo 39

Livie

Com os olhos bem abertos passo a noite acordada contando a elevação dos peitos de Emma e Noah, quando meus olhos estavam pesados demais para confiar. Eu colocava minha mão sobre seus corações, podem me chamar de paranoica mas quem não estaria receosa se alguém estivesse ameaçando seus bens mais preciosos? Emma e Noah são minha vida, eu acordo, respiro, levanto todos os dias por eles. O que me prende nesse mundo tão cruel são eles, eu não tenho motivos suficientes para sorrir, mas eles são os meus motivos. Eles são o que faltavam na minha vida. Depois de quase morrer após ter meus pulsos cortados e começar a sofrer agressões sem medidas, eu me perguntei diversas vezes porque eu sobrevivi. Até que minha mãe retornou para casa do hospital e praticamente jogou Noah em meus braços, seu pequeno corpo se contorcia em meus braços e seu rosto estava vermelho de tanto chorar. Naquele momento eu não sabia como cuidar de uma criança, eu olhei desesperada para minha mãe, mas ela me expulsou do sofá e tomou a garrafa de cerveja e o cigarro do meu pai e me ignorou o resto do dia.

Quando pedi ajuda ao meu pai ele ameaçou jogar o pequeno feto no lixo se eu não fizesse parar de chorar. Eu não queria que aquele pequeno escandaloso de cabelos pretos e rosto enrugado fosse para o lixo, então eu o levei até as portas do fundo e sentei com ele na calçada fria. Quando desenhei a forma dos seus lábios com os dedos, e ele agarrou meu dedo com a boca eu comecei a decifrar seus sinais. Ele estava com fome e eu precisava alimentá-lo, peguei o resto de leite na geladeira e fiz uma pequena bugiganga com o frasco de ketchup. Aquilo lhe fez mal e eu paguei um preço caro quando fui trocar sua fralda.

Quando conseguiu fazê-lo parar eu fui até a biblioteca pública e pesquisei coisas básicas no computador para bebês, então voltei para casa, peguei um pouco do salário que recebi com a panfletagem nas férias e fui ao supermercado. A partir daquele dia eu vivi em função dele, até que Emma chegou e nos tornamos três. Noah mesmo tão pequeno me ajudou com ela. E assim sobrevivemos até que Collin chegou em nossas vidas. Quando o sol começou a refletir pela cortina, eu me levantei e deixei os meninos sozinhos na cama. Tomei um banho rápido e troquei de roupa, eles continuavam dormindo tranquilamente então coloquei apenas alguns travesseiros ao redor e fui para a cozinha. Collin estava sentado no balcão ainda vestindo as roupas de ontem, uma caneca de café estava na sua frente e ele parecia tão abatido quanto eu.

— Bom dia! — Abraço meu corpo com os braços me sentindo de repente fria. — Desculpa por ter colocado na cama...

— Como você está se sentindo? — ele diz quando caminha até mim.

— Eu estou com medo. — Collin me puxa para seus braços em um abraço apertado.

— Estou aqui por você. — Puxo seu corpo para mais próximo do meu e ficamos abraçados, até que seu celular volta a tocar e ele afasta. — Preciso ir trabalhar... — A dúvida em sua voz é notável e eu o liberto.

— Eu vou ficar com as crianças. — Mordo meu lábio inferior e ando até a geladeira para começar a preparar o café da manhã.

— Prometo não demorar. — Collin beija minha cabeça antes de ir

em direção ao quarto. Balanço a cabeça para afastar a memória de ontem. É tão angustiante quando uma cena se passa várias vezes na sua cabeça e você não pode fazer nada para impedi-la. A imagem daqueles dedos vão ficar para sempre na minha memória. Não é a primeira vez que falam para me afastar de Collin. Mas ele é novo na cidade então nada explica o interesse de mantê-lo afastado de mim.

— Dia — Noah diz quando entra na cozinha esfregando seus olhos com as mãos, seu cabelo está espetado em todas as direções o que me lembra de ter que marcar um dia para cortá-lo. Ele está crescendo tão rápido que seu aniversário de três anos está quase chegando.

— Bom dia, bebê. — pego-o no colo e ele coloca a cabeça no meu ombro. Sua mãozinha fica debaixo do seu queixo e suspira. — Dormiu bem? — Ele nega com a cabeça.

— *Sono* ruim — sua voz tão pequena parte meu coração e eu sento com ele em um dos bancos e ele se aperta ainda mais em mim.

— *Me conta* como foi o sonho. — Balanço minhas pernas para niná-lo como quando ele era pequeno. Noah fica quieto por um bom momento antes de começar a falar.

— O homem malvado. — Ele pressiona suas mãozinhas contra o nariz, como se algo o tivesse sufocando.

— Apertou seu nariz? — falo com mais calma que eu possa conseguir para que ele não se assuste. Noah concorda e pressiona sua mão contra seu nariz imitando o gesto.

— Você sentiu algum pano? — Quando ele concorda, sinto como se o mundo tivesse me derrubado. Ele estava mais próximo deles do que eu pensava. Ele tocou neles com suas mãos imundas. Fico balançando seu corpo enquanto canto o refrão da música Lullaby do Nickelback, para que ele saiba que nunca estará sozinho.

Collin entra na cozinha com Emma em seus braços, seus olhos estreitam quando encontram Noah em meus braços triste, normalmente ele é um menino sorridente pela manhã. Ele coloca Emma no cadeirão e pega Noah nos braços, que envolve o pescoço de Collin com seus pequenos braços.

— O que aconteceu, homenzinho? — Collin me olha preocupado.

— Ele teve um sonho ruim com o homem mal — Respiro fundo para evitar que minha voz quebre. — Ele apertou um pano contra seu nariz. — Mordo meu lábio inferior quando Noah enxuga uma lágrima que caiu do seu rosto.

— Homem malvado? — ele pergunta confuso e começa a balançar Noah nos braços quando nota as lágrimas.

— Nosso pai. — O rosto de Collin acende em compreensão. - Foi só um sonho, não é Collin? — uma pergunta que tem muito mais que um significado.

— Sim, foi só um sonho. — Ele fala para Noah, mas balança a cabeça para mim. — Seu sono estava tão pesado ontem. — E quando a compreensão me bate um soluço escapa e eu preciso tampar o som com minha mão para não assustar Noah. Meu corpo começa a tremer pelos soluços e eu me viro e começo a guardar a louça para que eles não me notem chorando. Quando não consigo me controlar ando até meu quarto, onde curvo meu corpo de tanto chorar. Dei tudo o que ele pediu, então por que continua atrás de mim?

Um toque de celular chama a minha atenção. Quando aproximo do celular do Collin sobre o criado mudo, meu coração se parte quando olho para a mensagem de Kristen nele.

Ansiosa para te ver no casamento.

— Liv... — Collin entra no quarto e olha para o celular, quando tenta me tocar desvio do seu toque.

— Kristen? — Ele tenta me tocar mais uma vez, mas eu me afasto. — Há quanto tempo?

— Não é o que você está pensando. — Enxugo meu rosto molhado e cruzo meus braços contra meu peito.

— Há quanto tempo? — Ele passa suas mãos sobre o cabelo parecendo angustiado.

— Nossos pais vão se casar — sua resposta causa um rasgo no meu

peito que eu tento controlar tomando algumas respirações profundas.

— O convite que você recebeu?

— Não era para você saber, eu não... — Não aguentando mais olhar para seu rosto, ando em direção a cozinha onde pego Emma da cadeirinha e puxo Noah em direção a sala. Pego a bolsa deles no sofá e saio em direção a porta.

— Aonde você vai? — Collin pergunta quando vem até mim, mas eu o paro com um olhar.

— Eu preciso ficar sozinha.

— Você não...

— Ela destruiu os anos que eram para ser os melhores da minha vida. Ela fez me sentir um lixo quando eu só deveria sentir orgulho de mim mesma. Ela tomou algo que era só meu, e agora ela vai ser uma parte da sua vida. E... — minha voz treme pelas lágrimas não derramadas. — Eu não estou pronta para compartilhar você.

— Então não compartilha — Sua resposta faz as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

— Eu não sei se posso. — Saio do apartamento sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.



Capítulo 40

Collin

Paro meu carro na esquina do restaurante enquanto observo Livie e as crianças saírem do táxi. Assim que entram no restaurante eu mando uma mensagem para Livie.

Collin: Volta para casa.

Fico alguns minutos olhando para o celular antes de dirigir em direção ao trabalho. Encontro Nico parado em frente à mesa de café, no momento que nossos olhos se encontram faço um sinal para o meu escritório. Assim que fecho a porta Nico começa a falar:

— Não tinha uma digital na cena no crime, a não ser as suas e da Livie. As câmeras não captaram nada, porém recebemos uma denúncia de um corpo encontrado perto de um clube de luta ilegal. E adivinha? — Nico fala quando senta em frente à minha mesa.

— O quê? — Ando pela sala apertando meus punhos tentando tirar a

tensão do meu corpo.

— Era o corpo do Frankie. — Olho para ele por alguns minutos tentando digerir a informação.

— Isso é impossível. — Volto a sentar e encaro o rosto do Nico. — Frank esteve no apartamento. Noah disse que ele apertou seu nariz com um pano. — A mandíbula de Nico contraí com a menção de Noah ter sido drogado com Clorofórmio.

— Filho da puta — Nico rosna. — O sangue no urso é uma prova de que o corte tinha sido recente, a perícia ainda está analisando o lugar. Não tinha sangue no local, então quem o matou tirou o corpo do local do crime.

— Você acha que o Davison pode ter feito isso? — Nico dar de ombros antes de responder.

— Começamos a investigação por lavagem de dinheiro e corrupção, nesse meio tempo descobrimos que ele mantém uma filha bastarda escondida, que provavelmente tentou mata-la. Tudo aponta para ele. Mas não sabemos até onde ele está envolvido, ou porque usaria a Carly como um fator.

— Se ele mantinha Frank na lista de pagamento, então ele sabe sobre a ligação de Livie com Carly. Mesmo assim isso não explica o motivo de usar uma garota morta como uma forma de ameaçá-la.

— Ele pode estar querendo mexer psicologicamente com Livie, afinal o foco dele é expulsá-la da cidade. Certo? — Concordo e apoio meu queixo nas mãos.

O pai de Davison deixou uma procuração para Livie, deixando uma boa parte de sua herança para ela. No entanto, um dos termos da documentação é que Livie nunca saia da cidade, e Davison quer justamente isso. Assim ele pode tomar tudo que pertence ao seu pai. O fascínio por essa herança foi o motivo de denunciar Livie para o conselho tutelar, ele sabia que Livie não ia conseguir apoio nesta cidade fazendo com que ela precisasse procurar ajuda em outro local quebrando a cláusula de um documento inexistente para ela.

— Preciso falar com ela. — Apoio minha cabeça em minhas mãos sentindo uma dor se formando na parte de traz dos meus olhos. Depois que

Livie saiu, eu a segui até a lanchonete e pedi para que Mark ficasse por perto. Por mais que eu quisesse ir atrás dela, eu não acho que ela queira me ver depois de tudo o que aconteceu ontem. O problema com Kristen só tornou tudo mais complicado. Sei que errei em não contar a ela o que aconteceu, mas a vontade de protegê-la era maior. — Você pode manter isso em segredo até termos certeza?

— Não vai ser a primeira vez que vou burlar uma prova. A segurança de Livie precisa ser redobrada. Ainda não sabemos com o que estamos lidando.

— Livie me odeia — confesso.

— Qual é o problema de vocês? Vocês possuem as garotas perfeitas na mão e as deixam voar como se fosse fácil encontrá-las. Você e Liam vivem fazendo merda, quando poderiam apenas facilitar as coisas para as mulheres de vocês. — Olho para ele pela primeira vez, e essa sua atitude chama a minha atenção pela primeira vez. Nico nunca foi o bom rapaz, ele sempre tem uma garota diferente em seus braços mesmo que seja na mesma noite, se duvidar até na mesma hora. — Eu já tive minha garota, mas eu a deixei ir. Então, não repitam o meu mesmo erro. É algo que você não pode se perdoar.

— Eu não quero deixá-la ir, mas tudo parece sempre piorar. Ontem teve as ameaças, hoje ela viu a mensagem de Kristen no meu celular...

— Como ela sabia que era de Kristen? — Nico me interrompe com outra pergunta.

— Salvei o número dela para que eu parasse de atender achando que era alguém importante.

— Inteligente, mas idiota ao mesmo tempo. — O seu comentário só faz com que eu me sinta ainda pior, olho para o meu celular esperando qualquer mensagem de Mark. — Por que ela está atrás de você?

— Rejeitei os últimos dez convites de casamento, parece que Stephanie agora tem uma aliada.

Livie

— O que você está fazendo aqui? — Claire pergunta quando me ver carregando as bolsas e as crianças para dentro do seu escritório. Ela me olha por cima dos seus óculos e a caneta na sua mão para no meio do caminho.

— Vou voltar a trabalhar. — Espalho um pano no chão e jogo os brinquedos sobre ele antes de colocar as crianças nele.

— Não lembro de ter autorizado...

— Eu só preciso de um tempo, preciso de um momento meu para lembrar de que ainda estou viva. — Sinto os meus olhos queimando pelas lágrimas não derramadas. Enxugo a única lágrima que cai e saio do seu escritório sem que ela responda. Encontro May atrás do balcão, ela deve perceber minha situação porque não faz nenhuma pergunta e apenas me abraça.



O tempo passa se arrastando, o café está vazio e May está com a cabeça enfiada em um de seus livros. Enquanto eu fico olhando para a porta da entrada à espera de alguém. Uma certa pessoa que está destruindo meu coração. Olho para a mensagem no meu celular sem ter a menor ideia do que responder, meu coração acelera quando o sino anuncia a entrada de alguém. Mas quem entra não é a pessoa que eu quero, e sim Mark. Sua cara está séria como eu nunca vi e isso me assusta. Ele se aproxima do balcão a passos largos e bate com as mãos contra o balcão.

— Que merda você está pensando? — sua pergunta me pega de surpresa e por mais que seu tom de voz me assuste eu me mantenho firme.

— Eu não sei do que você está falando.

— Ah, não? Você recebeu uma ameaça ontem, invadiram seu apartamento e você sai sozinha com duas crianças como se fosse mais um dia florido. Collin está preocupado...

— Acredito que Collin ficaria muito feliz em se livrar de mim. — Não aguentando mais olhar para a acusação em seus olhos começo a limpar o balcão. Meu corpo se retraí quando sua grande mão toca a minha parando os meus movimentos.

— Eu não ficaria feliz. — Seu rosto ameniza quando volta a falar.

— Você pode dizer para o seu amigo que eu e as crianças estamos bem. Tenho certeza de que ficar aqui é muito melhor que naquele apartamento. — Tento ir para a cozinha, mas sua mão segura meu braço.

— Será que podemos conversar? — Considero suas palavras por um segundo, olho a comoção que se formou ao redor e aceno levemente. Mark me leva para o lado de fora e encosta na sua moto, sua cabeça inclina para trás encarando algum ponto qualquer no céu, olhando-o assim ele parece completamente diferente do homem que conhecemos, como se carregasse o mundo nas costas e não tivesse a intenção de compartilhar com ninguém. — Têm algumas coisas que você precisa saber sobre Collin.

— Do que você está falando?

— Collin já contou sobre sua infância? — Nego com a cabeça, ele volta a falar. — Para mim também não, mas precisei investigar quando ele chegou ao clube. Não poderia deixar alguém estranho entrar na minha família, então descobri que o jovem policial tinha alguns esqueletos no armário.

Collin

— O pacote está seguro, mas ela não parece muito feliz. Eu não gosto de ver meu pacote triste, então resolva essa merda. — Mark não me dá chance de responder e desliga o telefone. Nico pergunta se era Mark quando inclino minha cabeça para trás na cadeira.

— Pelo menos ela está bem — ele rebate e joga meu celular na mesa. Uma batida na porta nos interrompe e Nico manda entrar, os minutos seguintes são os piores da minha vida. Stephanie, a mulher que passei os últimos anos da minha vida evitando.

— Que merda você está fazendo aqui? — O corpo de Nico entra em alerta, mas relaxa quando não vê nenhuma ameaça na nossa visitante.

— Filho — Stephanie tem a coragem de parecer emocionada com suas lágrimas falsas —, eu mudei. — Olho para os olhos da mulher que fez a minha infância um verdadeiro inferno. A mulher que deveria me amar e me proteger dos monstros debaixo da cama, na verdade era o próprio monstro. Nico saiu da sala em algum momento sem que eu percebesse.

— O que você faz aqui?

— Você não respondeu minhas mensagens... — Balanço a cabeça e passo a mão pelo meu rosto.

— Porque não tenho nada para falar com você. — Meu tom é frio, assim como o meu coração se sente em relação a ela.

— Você sempre foi meu garoto de ouro, mas você vivia com aquela garota rebelde e você precisava mudar. Ela não fazia bem para você.

— Aquela garota me salvou de você, aquela garota te salvou de mim. Você não entende que não há nada entre a gente além dessa merda de sangue que corre nas minhas veias? Você não pode culpar Carly, quando você nunca se preocupou em me amar. Eu não era suficiente para você, certo? — Ela ainda tem a coragem de enxugar as lágrimas falsas que escorrem pelo seu rosto. — Se fosse biologicamente possível eu o retirava o

seu sangue do meu corpo e trocava pelo do Mary. Ela sim é minha mãe.

— Adam...

— Meu nome é Collin a partir de hoje. Nada que veio de você me importa mais. — Levanto da mesa, mas sua confissão me para.

— Então eu fico feliz de ter afastado aquela prostituta de você, alguns contatos certos e agora ela está sendo comida pelos vermes. Sua boa garota não passava de uma prostituta, na primeira oferta ela correu para os meus braços e nunca recusou nenhum cliente. Nem mesmo antes de morrer.

— *Amigos para sempre? — Carly pergunta quando prende um colar de silicone com um pingente no meu pulso. Hoje é o nosso último dia juntos, ela e sua mãe vão se mudar e em breve eu estarei me alistando para o exército.*

— *Nós ainda podemos fugir — digo esperançoso olhando para seu rosto. Seu cabelo preto voa ao redor do seu rosto enquanto olha para frente. Ela parece tão serena e pensativa. Desde que se mudaram para o trailer ao lado do meu, nós nos tornamos inseparáveis. São quase sete anos de amizade e nunca ficamos muito tempo longe um do outro. Eu não sei se estou pronto para me separar dela.*

— *Você só precisa me deixar ir. — Seus olhos focam nos meus e por mais que eu sinta meu peito apertar eu faço exatamente o que ela me pediu. Eu a deixe ir. E ela finalmente conseguiu se libertar desse mundo cruel.*



— Você precisa se acalmar! — Nico grita quando meu punho se choca contra a grade da cela que me separa de Stephanie. — Você quer que eu chame a Livie?

— Ela não pode me ver assim. — Recuo da grade, mas minhas mãos apertam meus cabelos, enquanto tento tirar aquelas palavras da minha cabeça.

— *Então eu fico feliz de ter afastado aquela prostituta de você,*

alguns contatos certos e agora ela está sendo comida pelos vermes.

Volto a socar a parede até que meus dedos sangram. Não posso acreditar que depois de tudo o que aconteceu comigo Carly ainda acreditou em Stephanie.

— Como ele está? — A voz de Livie chama a minha atenção e seu rosto assustado me faz cair de joelhos. — Abre a cela. Abre a porra da cela! — Ela corre até mim, seus olhos analisam cada parte do meu corpo antes de se ajoelhar na minha frente.

— Hey — sua voz é suave e ela parece insegura de me tocar. — Isso parece dolorido.

— Eu não sinto nada. — Ela pega minhas mãos machucadas em suas pequenas mãos e esfrega o polegar na palma da minha.

— Você sente isso? — Olho para onde nossas mãos estão unidas e aceno, ela leva minhas mãos até seu seio. — Você sente meu coração? — Aceno novamente. Ela se aproxima de mim e toca meu coração. — Eu sinto o seu. — Um sorriso inseguro aparece em seu rosto. E eu apenas encaro seu rosto, enquanto me pergunto como eu consegui que ela fizesse parte da minha vida. Como algo tão brilhante pode se encantar com minha escuridão. — Você ainda está aqui.

— Ela a matou. Eu a matei.

— Não, não, não. — Ela repete várias vezes até de sentar no meu colo. Deito minha cabeça na curva do seu pescoço. — Você não tem culpa, todos temos uma escolha e ela fez a dela. Ela fez suas próprias escolhas.

— Ela era a minha melhor amiga. Eu falhei. Stephanie sempre esteve certa, eu não fui o suficiente para ela, nem para Carly e não sou o suficiente para você — minha voz sai rouca.

— Nunca repita isso. Você é suficiente, você é suficiente para mim. Você é meu marido, meu amigo e o pai dos meus filhos. Seu único defeito é esquecer que também temos escolhas, e ela tinha a dela. Carly era livre. Ela não queria que ninguém a apreendesse, ela precisava viver e onde quer que ela esteja, deve estar feliz agora, ela finalmente estar livre. Assim como você deveria estar. — *Eu preciso que você me deixe ir.*

Então finalmente a liberto, e agradeço por ela ter feito parte da minha vida. Suspiro fundo algumas vezes sentindo o peso das correntes que me prendem a ela se soltando, puxo Livie contra mim no momento que meu corpo treme de alívio.

— Como consegui você? — pergunto.

— Você ficou.



Capítulo 41

Livie

Seguro a mão de Collin quando Nico finalmente o liberta da cela. Quando estamos indo em direção a saída passamos em frente a uma sala de interrogatório. A mulher lá dentro chama a minha atenção e no momento que seus olhos me encaram, eles são tão frios e há apenas escuridão neles. Desvio meu olhar e abraço Collin.

Depois que Carl me ligou dizendo que Collin precisava de ajuda eu não pensei duas vezes antes de ir atrás dele. A conversa com Mark sobre a infância de Collin e quando Carl me contou que a mãe dele tinha confessado que estava envolvida no assassinato da Carly, só poderia imaginar como ele poderia estar perturbado, eu também estava pela morte de Carly ter sido apenas uma vingança pessoal de uma mulher louca, mas seu estado era muito pior. Assim que entrei na cela e nossos olhos se encontraram, naquele momento desde a primeira vez que nos encontramos, finalmente nos conhecemos, em uma cela escura e do nosso próprio jeito. Toda raiva que senti naquela manhã desapareceu, meu ciúme não valia a pena diante daquela cena. Mark também me ajudou a abrir os olhos quando me falou um pouco

mais sobre a infância de Collin e como a sua mãe biológica o obrigava a injetar heroína nela, além de torturá-lo com palavras, fazendo-o acreditar que não era o suficiente como filho e culpando-o por tudo de ruim na vida dela. Finalmente compreendi o motivo de Collin querer resolver tudo sozinho. Quando entramos no carro obrigo Collin a dirigir até o hospital para verificar se sua mão está lesionada antes de voltarmos para o restaurante. Ele continua aéreo e assim que pega Emma e Noah nos braços, seus olhos se fecham e uma lágrima desliza pelo seu rosto. Levamos as crianças para o carro para finalmente irmos para casa. Noah começa a falar, enquanto Collin conversa como se estivessem debatendo algo sério. Um sorriso cresce em meu rosto e cubro minha boca com o punho, ao mesmo tempo que olho para a passagem através da janela do carro.

O percurso até o prédio é rápido e logo estamos no apartamento, Collin entra primeiro para verificar a segurança antes de liberar nossa entrada. Levo as crianças para o quarto, onde jogo alguns brinquedos no chão e verifico as janelas para garantir se estão seguras, depois de satisfeita vou para o quarto e encontro a porta do banheiro fechada. Fico alguns minutos diante dela considerando minhas opções, e finalmente decido entrar. Collin está sentado na banheira com a cabeça baixa e o corpo curvado, sem pensar duas vezes entro na banheira junto com ele. A água molha minha roupa, mas não é minha prioridade nesse momento. Passo minhas mãos por suas costas sentindo as cicatrizes contra minha palma. Seu corpo fica rígido por alguns minutos antes de relaxar. Abraço seu corpo e deito minha cabeça contra suas costas.

— Obrigado — ele diz simplesmente antes de levar minha mão a boca e a beijá-la. Às vezes não precisamos de palavras e um simples abraço é o suficiente para nos salvar.

Collin

— O que você está fazendo acordado a essa hora, homenzinho?
— Noah sai de seu quarto, seus olhos mal se abrem e seus pés se arrastam pelo chão segurando seu cobertor, antes de se sentar no sofá ao meu lado. Ele boceja e esfrega os olhos. Seus olhos se abrem e ele me dá um sorriso doce. Envolver meu braço ao seu redor, puxando-o para perto. Depois do meu encontro com Stephanie hoje cedo, Livie e eu fomos ao hospital para examinar minhas mãos que estavam sangrando, apenas com uma leve luxação e depois voltamos ao restaurante onde buscamos as crianças. Passamos o final da tarde juntos, em família, enquanto eu tentava não transparecer o quão perturbado estava. Assim que as crianças dormiram, Livie me levou para o quarto onde permanecemos abraçados até o sono chegar, mas o meu nunca veio. Então a deixei sozinha na cama e fui para a sala. Carl me ligou dizendo que Stephanie tinha sido liberada, porque não tínhamos provas suficientes sobre a ligação direta dela com o assassinato de Carly, e o FBI trabalha com provas. Então fiquei apenas me perguntando como um monstro pode estar solto. Até que Noah apareceu.

— Amo você, papai — ele sussurra. E deita a cabeça no meu braço. Meus olhos se fecham enquanto tento encobrir minha emoção.

— Eu também te amo, filho. — Deito no sofá e o coloco em cima de mim, ele enrola seu punho debaixo do queixo e suspira. Beijo o topo da sua cabeça e fecho meus próprios olhos, e o sono finalmente chega.

Livie

Acordo com a cama vazia ao meu lado, olho para a porta do banheiro aberta antes de levantar e ir para a sala. Quando passo pelo sofá a cena mais linda me chama atenção. Collin está deitado de costas no sofá, enquanto Noah está deitado de bruços sobre seu peito. Collin mantém seus dois braços ao redor dele para garantir sua segurança. Ando até eles com cuidado, e assim que começo a afastar o braço de Collin, ele acorda me assustando. Seus olhos estão em alerta e assim que ele me encontra seu corpo relaxa.

— Eu vou levá-lo para o quarto.

— Ele me chamou de pai. — Suas palavras me pegam de surpresa e congelo no lugar. Os olhos de Collin brilham com lágrimas e ajoelho ao lado deles. Passo minhas mãos em seu cabelo.

— Você é o pai deles agora. Obrigada por trazer minha família de volta. — Desde o dia em que nos casamos naquele hospital, eu o culpei de alguma forma. Mas na verdade, ele apenas trouxe minha família de volta. E no final me salvou.



Horas mais tarde Collin precisou sair para uma chamada de emergência, levei as crianças para o meu quarto e comecei a escolher minha grade curricular para os próximos semestres. Até que um barulho na cozinha chama a minha atenção na esperança de Collin ter chegado mais cedo, mas meu mundo para quando encontro a porta da sala escancarada e um homem ferido no chão.

— Corre — ele sussurra e faço o que ele diz quando escuto o barulho de passos.

Corro de volta para o quarto, meus pés escorregando no chão liso. Noah me olha com interesse quando me vê, tranco a porta e arrasto a cômoda

até ela.

— Mamãe? — Noah me chama e levanta do chão.

— Na banheira, baby. — Pego Emma na cama junto com o celular antes de nos trancar no banheiro. Disco o número do Collin, ele não atende na primeira e meu corpo pula quando escuto um barulho de tiro, Noah tampa os ouvidos e se encolhe no canto da banheira, Emma contrai seu rosto e eu sei que ela está prestes a chorar. Quando estou prestes a ligar para May, Collin atende e mesmo que eu queira ser forte por mim e pelas crianças na hora que eu escuto sua voz a minha começa a tremer.

— Tem... alguém... aqui. — A linha fica muda e de repente ele começa a gritar ordens. Uma gritaria começa e depois de alguns segundos ele volta a falar comigo.

— Escuta, Livie. Ele não vai te machucar. — Sua voz está firme. Quero acreditar nele, mas quando o barulho recomeça eu já não sei o que pensar. — Ele não vai tocar em você. — Aceno mesmo que ele não possa ver. O barulho se torna mais forte e Emma começa a chorar e eu me surpreendo quando Noah vai para o meu colo e abraça Emma. — Fica na linha, eu estou voltando para casa.

Collin

— Seguimos as pistas erradas, porra! — grito para minha equipe. — Ele está no meu apartamento com Liv. Ligue para James e peça para ele explicar como o filho da puta chegou perto da minha família.

Meu corpo treme em uma raiva inexplicável, eu preciso focar nela porque se eu substituir por medo não vai ser bom para ninguém. Livie continua falando comigo e escuto o choro de Emma ao fundo, eu só posso imaginar o quanto eles devem estar assustados e me odeio ainda mais por ter permitido isso. Davison nos enganou distribuindo pistas erradas e caímos como amadores. Como uma porra de amadores.

Livie conversa ao fundo com as crianças, mas eles continuam chorando.

— Liv, você pode colocar no viva-voz? — Carl dirige pela avenida a quase 150 km/h e eu seguro no apoio do carro enquanto converso com eles.

— No viva-voz? — sua voz é pequena e ela está tremendo.

— Isso, baby. No viva-voz. — Escuto o barulho de interferência e depois o choro de Emma fica mais acentuado.

— Oi, meninos. — Fecho meus olhos e tento imaginar o rostinho deles, o cheiro deles.

— Papai...? — a pergunta de Noah me pega desprevenido, chupo uma respiração para acalmar o turbilhão de emoções.

— Sim, é o papai. — Minha voz está recheada de emoção e é incrível o quanto essa pergunta esvaneceu um pouco da minha escuridão. — Eu sei que você está com medo, mas estou chegando. Ninguém vai machucar vocês.

— Papai...— Noah chora e meus próprios olhos enchem de lágrimas.

— Não chora, pequeno guerreiro. Respira fundo. — Ele faz o que eu digo, sua respiração treme, mas ele se mantém firme. — Muito bem. Seu aniversário está chegando, baby. Você já pensou no seu presente?

— Si... sim — ele continua conversando, mesmo que as palavras enrolem, e continuo distraído. Quando chegamos em frente ao prédio pulo do carro antes dele parar.

Livie

Collin mantém uma conversa com Noah e sua voz foi o suficiente para acalmá-lo, Emma parou de chorar e tenta pegar o telefone. De repente o telefone fica mudo, escuto um barulho forte na porta do quarto e meu corpo estremece, fecho meus olhos e mordo meu lábio para não chorar. Puxo Emma e Noah para mais próximo de mim quando a porta do banheiro se abre com um baque. Levanto meu rosto e na hora que meus olhos se encontram com os de Collin, as lágrimas caem pelo e soluços escapam do meu corpo. Ele está de uniforme e suas mãos estão ensanguentadas. Seu olhar percorre nossos corpos e avança na nossa direção. Collin entra na banheira e me coloca entre suas pernas e seus braços nos circulam.

— Eu disse eles que nunca mais iam te tocar. — Abraço as crianças contra meu peito, enquanto nossos corpos tremem com soluços de alívio. Inclino minha cabeça para trás e Collin beija meu pescoço e nos aperta ainda mais.

Talvez Collin seja sim o mocinho, ele só não precisa saber disso.



Capítulo 42

Livie

Dois dias se passaram desde que invadiram nosso apartamento pela segunda vez. Collin disse que foi apenas uma tentativa de assalto, mas eu sei que não está me contando a verdade. Ele vem andado ocupado nos últimos dias, mas se recusa a sair do apartamento. Passa as madrugadas acordado, e quase não olha em nossos rostos. Eu sei que há muito mais que isso, mas eu também tenho medo de saber a verdade. Então, eu apenas tento seguir minha vida normal.

— Eu preciso te dizer uma coisa, mas eu estou com medo de te machucar. — Ele afasta alguns fios de cabelo do meu rosto quando deita ao meu lado da cama.

— Eu sou uma garota forte. — Suas mãos correm debaixo da minha camisa até que elas estão na minha cintura.

— Você se lembra da caixa? — Aceno porque é impossível esquecer o objeto dos meus pesadelos. — Foi enviada por seu pai.

— Por que John enviaria algo do tipo? — Tenho certeza de que

meus olhos aumentaram de tamanho.

— Encontramos um corpo de um homem nas redondezas e era do John. — Mordo meu lábio para que a dor me mantenha na realidade e consiga acompanhar o raciocínio de Collin, mesmo que no momento tudo pareça uma grande confusão... John não era um bom pai, mas eu nunca desejaria a morte dele. Ele tem o meu sangue. Olho nos olhos dele e algo me diz que ele não terminou. E quando ele começa a falar, vem aquela sensação de ter o mundo tirado de seus pés. A sensação de estar perdida no meio de tudo, enraizado no mar de escuridão sem poder sair, e de repente respirar se torna doloroso.

— Não consigo entender.

— Sua mãe engravidou de Davison, pouco tempo depois foi demitida, ela manteve um caso com ele, até que conheceu John. Ele era um dos seguranças de Davison na época, mas foi demitido por ser um viciado, juntando com sua mãe você já pode imaginar o que aconteceu. Davison tentou convencer sua mãe a fazer o aborto, mas os três sabiam que você seria a garota de ouro e fizeram de tudo para extorquir o dinheiro de seu pai. Até que Jimmy, o seu avô paterno descobriu e tentou encontrar você, foi justamente na época em que tentaram te matar, Davison parou de pagá-los porque não queria que Jimmy descobrisse, mas como você sobreviveu ele se sentiu na obrigação de voltar a pagá-los. Com o testamento de Jimmy deixando todos os seus bens para sua neta, Davison começou a fazer tudo para tirá-la da cidade, se você saísse de Boston todos os bens iriam para ele. Mas se você morresse, eles iriam para um instituição de caridade.

— Mas Kristen? — pergunto realmente confusa.

— Ela não é filha biológica de Davison. — Afasto do seu toque sentindo meu cérebro a beira de um colapso. — Ele a adotou depois que a largaram na porta da sua casa, ou algo do tipo, mesmo tendo o mesmo sobrenome que ele, Jimmy especificou que queria uma herdeira de sangue: você. Quando invadiram o apartamento naquele dia, eles estavam em busca da procuração que Jimmy deixou para você.

Puxo uma respiração, mas ela não vem, quando tento novamente eu sinto como se tivesse me sufocando. Coloco minhas mãos na garganta

quando a busca por ar se torna difícil, olho para Collin em desespero.

— Shh... estou aqui. Agora respire. — Nego com a cabeça porque eu não consigo respirar. — Você consegue, olha. — Ele pega sua mão e coloca no seu peito e toma uma respiração. — Você pode sentir isso? É só respirar.

Collin

Ver Livie se perder em um ataque de pânico só aumentou meu ódio ainda mais por Davison. Ela não reagiu bem ao saber que o prefeito era seu pai, e que sua mãe quase a matou com John apenas para conseguir mais dinheiro. Dinheiro que nunca foi usado para o benefício de Livie. Quando consegui que ela respirasse novamente, ela caiu em um sono profundo, as vezes ela murmurava e se debatia. Mas quando eu a abraçava ela se acalmava. May e Carl trouxeram Noah e Emma e agora nós três estamos levando o almoço para Livie no quarto. Noah ficou encarregado de levar o suco, enquanto eu seguro Emma e a bandeja com seu prato. Ela ainda está dormindo, coloco a bandeja aos seus pés e tiro o copo de suco das mãos de Noah. Assim que ele tem as mãos livres, começa a subir na cama até que está deitado ao lado da mãe. Suas pequenas mãos tocam o rosto de Livie e começam a traçar as linhas do seu rosto.

— Ma ma. — Emma aponta para Livie na cama.

— Sua mãe vai precisar de vocês. — Ela olha para minha boca e por mais que ela não possa compreender o que eu estou falando, inclina e joga seu corpinho em direção a sua mãe.

— Os meu pequenos monstrinhos estão aqui? — a pergunta de Livie arranca um sorriso de Noah que se joga nela. Emma tenta engatinhar, mas ela não tem muito avanço por causa do edredom que enrola nas suas mãos. Então eu a pego e a coloco perto da sua mãe, facilitando seu trabalho.

— Nós trouxemos comida — anuncio e mostro o prato que preparamos. Ela faz cócegas em ambos antes de levantar e coloca cada um sentado ao seu lado. Ela sorri, mas não chega aos seus olhos. Eu sei que ela não está bem, mas minha pequena guerreira nunca deixaria que essas crianças desconfiassem de algo. Coloco o prato no seu colo e ela começa a comer, às vezes ela compartilha seu prato com Emma e Noah. Observo os três e me pergunto como era vida deles antes de mim. Emma se afasta de Live e engatinha até meu colo, ela pega minha mão e começa a mexer nos meus dedos. Livie olha para nós e sorri com o canto da boca, não é um grande sorriso. Mas é um sorriso.



Acordo no dia seguinte com o toque irritante do meu celular.

— O que é? — toco no meu lado para sentir o corpo da Livie, mas apenas encontro os lençóis frios.

— Nós temos um problema — Carl fala. Ando ao redor do apartamento e me desespero quando não encontro Livie. — A Livie acabou de invadir o gabinete do prefeito.

Livie

Escolha...

1 .ato ou efeito de escolher.

2. preferência que se dá a alguma coisa que se encontra entre outras; predileção.

Eu fiz uma escolha quando sai escondida do apartamento e vim até o gabinete do prefeito. Meu pai. Assim como ele fez uma escolha ao não me escolher.

— Senhorita, você não pode entrar aí. — Tiro o capuz que cobre a minha cabeça e quando o prefeito desvia a atenção do homem de terno sentado a sua frente, olha para mim. O seu rosto frio me analisa antes de um sorriso irônico nascer em seu rosto.

— Esse não é lugar para você. — Ele me dispensa com um olhar e volta a falar com o homem que ainda não olhou para mim. A raiva me consome e eu aperto meus punhos sem nem me importar com a plateia.

— Você é o meu pai... Você é o meu pai e me deixou sozinha. Você é meu pai e me deixou dormir com fome. Você é meu pai e me deixou com frio. Você é o meu pai e deixou tocarem em mim. Você é o meu pai e me deixou com eles. Você é o meu pai e permitiu que eles me marcassem. — Levanto a manga do moletom e mostro as cicatrizes que vão permanecer para sempre comigo. Cicatrizes que vão me julgar para sempre. — Você é meu pai e... — Um soluço escapa da minha boca quando ele se mantém inerte olhando para mim. — Você me deixou.

— Você é um erro. O erro mais caro e nojento que eu já cometi. Eu nunca vou me perdoar por ter te deixado viver, eu deveria ter enfiado aquela prostituta da sua mãe em um clínica de aborto quando você estivesse morta. EU QUERIA VOCÊ MORTA! — Soluços balançam meu corpo e meus braços pendem ao meu lado. — A minha única filha é e sempre vai ser a Kristen, e você nunca vai ser nada mais que um pedaço de lixo. Um lixo que John deveria ter matado quando eu paguei! —

Meu corpo treme em soluções quando olho em seus olhos e vejo a sinceridade neles. A semelhança entre a gente é palpável, até o mesmo tom de cabelo. Seco as lágrimas com a manga do meu moletom antes de voltar a falar e me aproximar da sua mesa com um pequeno sorriso no rosto, encontrando forças de algum lugar.

— Então fico feliz em ter te decepcionado, por ter continuado viva enquanto você morria aos poucos dentro do seu próprio ódio. — Sorrio e Davison avança na minha direção.

— Davison Mitchell, você está preso por tentativa de homicídio, lavagem de dinheiro, corrupção e por apenas existir. — A voz de Nico enche o ambiente e pela primeira vez eu finalmente olho para o homem que estava sentado agora apontando uma arma para Davison que para no meio caminho e olha perplexo entre nós dois.

— Baby? — Collin invade o escritório assim como mais seis homens armados. — Eu estou aqui. Eu estou aqui. — Ele me pega e caio em seus braços.

Uma confusão se forma no escritório e Collin me leva até o seu carro, onde choro, grito e bato contra seu corpo.

— Eu não sou um lixo — falo quando consigo recuperar o fôlego. — Eu não sou um lixo. Eu nunca deixei tocarem nos meus filhos, eles não passaram fome ou frio, eu... eu os amei. Eu não sou um lixo.

— Você não é um lixo, baby. Você é uma mãe, uma mulher. Você é minha Tinker Bell e minha luz. Você me guiou para a minha família. — Suas palavras me fazem chorar ainda mais e quando levanto meus punhos até meu rosto... A pele irregular e desforme me para, uma cicatriz que vou me lembrar para sempre.

— Eu preciso tirar isso. — Começo a arranhar meu pulso, minhas mãos deixando a minha pele avermelhada.

— Liv, não faz isso. Liv! — Ele segura minhas mãos nas suas e eu o olho desesperada.

— Eu preciso me livrar delas! Eu preciso... eu preciso me livrar delas. — Tento tirar minhas mãos das de Collin, mas ele não deixa. Sua boca

se choca contra a minha e eu dou tudo de mim nesse beijo. Minha dor, minhas lágrimas, minha raiva e uma parte de mim.

— Não vou deixar você sozinha, nunca mais vou deixar você afundar.



Capítulo 43

Livie

— Não sei se quero fazer isso. — Olho para a entrada da delegacia desde que chegamos há poucos minutos, Collin conseguiu fazer eu me recompor e não soltou minha mão em nenhum momento desde que saímos do gabinete do governo. As confissões de Davison vão fazer com que ele seja preso em flagrante e eu preciso prestar queixa para confirmar as acusações, mas a última coisa que quero é está ligada a esse homem novamente.

— Você não precisa fazer, mas vai ser uma garantia a mais que ele vai pagar por aquilo que fez com você. — Sua voz está calma e a ponta dos seus dedos tocam minhas cicatrizes delicadamente. Tomo mais algumas respirações e decido descer do carro.

Assim que entramos na delegacia um pequeno alvoroço se instala em alguns cantos e Collin me leva até seu escritório, ele me faz sentar em sua cadeira enquanto vai em busca de mais informações. Olho para o retrato com nossa foto e sorriso, o primeiro sorriso verdadeiro do dia.

— Sabia que você estaria aqui. — Levanto a cabeça e encontro

Kristen parada na frente do escritório. Olhando-a agora ela não parece tão perfeita. — Eu te odeio. — Sua confissão me faz engolir em seco, mas não tira nenhuma reação de mim. — Mesmo você sendo apenas um lixo de trailer conseguiu a atenção do melhor garoto da cidade, e até mesmo a herança que pertence a mim.

— O dinheiro é meu por direito — falo levantando da cadeira. — Se alguém pertence ao lixo, acho que deve ser você, acredito que foi a única largada na porta da casa de alguém. — Sua boca se abre provavelmente para falar algum insulto, mas eu não dou espaço para ela continuar. — Você sabia o tempo todo que era o meu lugar, não é mesmo? É por isso que você fez sua missão de vida me diminuir, você estava o tempo todo protegida por ele, mas e agora? Ele não vai estar mais lá para você, você não é nada sem ele. — Seus olhos se enchem de lágrimas e ela tenta esconder com sua autossuficiência. — Eu tenho pena de você. — Minhas palavras a pegam de surpresa, sua boca abre e fecha mas nenhuma palavra sai, então ela simplesmente sai correndo da sala.

Quando finalmente estou sozinha desabo sobre a cadeira e cubro meu rosto com as mãos. O meu pesadelo finalmente está tendo um fim.



— Tem alguém querendo falar com você. — Collin entra no quarto onde estou sentada no chão brincando as crianças, seu rosto está apreensivo, mas não de uma forma ruim.

Desde o meu encontro com o prefeito Collin tem andado cuidadoso comigo, não sei o que ele realmente espera de mim, mas é como se estivesse preocupado que eu descobrisse mais coisas. Eu não comentei sobre o meu encontro com Kristen, não quis adicionar mais confusão para nossas vidas, principalmente agora que estamos nos ajustando. Ainda sem falar nenhuma palavra ele me acompanha até a cozinha onde encontro Jimmy sentado com uma xicara de café na mão.

Olho para Collin me sentindo extremamente traída, mas ele apenas me empurra em direção ao meu avô. Dou pequenos passos até que paro na

sua frente, com relutância começo a puxar o banco em frente o balcão para sentar antes de sentar na sua frente. Assim que nossos olhos se encontram, ele empurra uma xícara de café para mim.

— Nosso primeiro café como o prometido. — Seus olhos estão mareados de lágrimas e noto um pequeno tremor em suas mãos. Sorrio e levo a xícara até os lábios sentido seus olhos em mim. — Minha neta, você sabe quanto tempo tenho esperado para te chamar assim? — Nego levemente. — Desde o dia em que pedi minha primeira xícara de café.

Era o meu segundo dia como garçoneiro, minhas mãos estavam tremendo pelo nervosismo e pela atenção indesejada que estava recebendo dos clientes. Então Jimmy fez apenas um comentário desagradável sobre não estragar seu jornal, e por incrível que pareça isso me relaxou, desde então ele se tornou meu cliente favorito, porque era o único que não tinha julgamento nos olhos.

— Por que você não me contou?

— Não era seguro para você, mas duas semanas depois eu comprei o restaurante para você. Se algo acontecesse comigo, você tinha algo só seu. — Sinto meus olhos aumentando de tamanho com sua declaração. — Aquela senhora... a Claire, ela é muito boa em guardar segredo. — Desvio meu olhar para o líquido escuro na minha xícara quando tudo começa a fazer sentido. Como Claire sempre quis me pôr a par de tudo o que acontecia no restaurante. — Como poderia te visitar muitas vezes comecei a fazer esses desenhos. — ele empurra uma pasta preta na minha direção e quando abro há vários desenhos meus e das crianças, em alguns deles estou sorrindo, em outros com um olhar distante e apenas um deles é de quando nos encontramos no parque.

— Eu não sei o que fazer — confesso depois que desvio minha atenção dos papéis em minha mão.

— Como assim?

— Eu passei tanto tempo sozinha que não sei como é ter um avô, para o que eles servem. — Sinto meu rosto corar de vergonha por ter divagado em voz alta, mas minha confissão o faz sorrir.

— Acho que podemos começar por um abraço, e talvez amanhã eu

lhe traga chocolates. O que acha?

— Eu adoraria. — Levanto e lhe dou um abraço, sentindo o aconchego da minha nova família.



EPÍLOGO

Livie

Não fazia parte dos meus planos ser irmã mais velha de dois irmãos, também não fazia parte dos meus planos ter dois pais drogados, ou ter uma mãe fugitiva que me deixou com a guarda de duas crianças. Mas o que eu também não esperava era me casar e ganhar uma nova família. Sempre imaginei que minha vida seria solitária, apenas eu e as crianças até que elas crescessem e decidissem viver a própria vida. Nada disso fazia parte dos meus planos, mas de alguma forma tudo isso aconteceu.

Três meses se passaram desde que eu colaborei para a prisão de Davison, o FBI me apelidou de agente mirim, já vinham o investigando há alguns anos, mas eles não tinham ideia de que ele estaria ligado a algo muito maior que corrupção e suborno.

Quando entrei no seu escritório naquele dia, Nico estava tentando pegar uma confissão dele, mas com a confissão sobre a minha tentativa de assassinato ele perdeu todas as suas chances de recorrer, Davison não tinha mais saída, então ele confessou que seu pai tinha deixado uma herança para suas netas. Com sua vida política entrando em declínio ele precisava da

herança para manter sua vida privilegiada. Como Kristen não tinha direito sobre o dinheiro, pois ela não é realmente sua filha verdadeira, ele começou a recorrer as suas ameaças a John para me levar a fugir, e assim poderia recorrer ao testamento. Mas seu plano falhou quando eu continuei no mesmo lugar mesmo depois de tudo o que aconteceu.

Com ele preso e agora falido, os advogados me procuraram para oficializar a documentação, recusei porque eu não preciso do dinheiro dessas pessoas quando posso fazer o meu próprio. Mas Collin me convenceu a aceitar e juntos estamos criando um lar para crianças carentes.

O mundo de Carly.

Junto com Mary começamos a atender crianças carentes que são vítimas de qualquer tipo de violência. Lá é o local onde elas podem se permitir sonhar e planejar, assim como Carly fazia. Ainda não estamos cem por cento, mas estamos trabalhando nisso. Claire e Will viajaram para suas férias de casal depois que a lanchonete foi oficialmente passada para o meu nome. Tanta coisa mudou desde que Collin apareceu na minha vida, o que parecia ser o fim era apenas o início.

Nós realmente formamos uma família, nossa vida não é perfeita, mas não precisamos da perfeição quando temos um ao outro. Collin me pediu em casamento novamente, quando ele se ajoelhou na sala da nossa nova casa e disse com os olhos cheios de lágrimas.

Você é a mulher dos meus sonhos. Você quer casar comigo e se tornar a mulher da minha vida?

Nesse dia estava levemente ensolarado e ele me perguntou se poderia me levar para um lugar especial, acenei e o acompanhei até a garagem. Quando chegamos lá Collin tentou durante quinze minutos me convencer a subir na moto, recusei veemente alegando que não estava pronta para deixar Noah e Emma órfãos, mas ele apenas sorriu e me beijou. Meu sangue ferveu com raiva por estar sendo o motivo do seu sorriso, mas assim que pediu para confiar nele, eu o fiz.

Agarrada a ele como se minha vida dependesse disso, seguimos em direção a um bairro de classe média alta. As casas pareciam com a da Mary, e meu coração encheu de alegria imaginando que um dia poderia dar essa

mordomia a Emma e Noah. Collin parou em frente a uma casa de dois andares que parecia mais um castelo comparado aos outros lugares que morei, desci da moto com cuidado e analisei cada detalhe da casa e jardim, era tão grande que uma família de cinco moraria ali e sobraria espaço.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntei sem desviar meus olhos da casa.

— Gostou? — Collin disse abraçando meu corpo por trás. Balancei a cabeça levemente sentindo algo estranho preencher meu coração. — Você só precisa dizer uma palavra para essa casa ser nossa. — Viro de uma vez para olhar para ele e tenho certeza que meus olhos estão arregalados.

— Nossa? Minha, sua e das crianças? — pergunto meio eufórica. Quando ele acena pulo em seus braços com um sorriso meio choroso e enrolo minhas pernas ao seu redor murmurando vários obrigadas. Ele caminha comigo ainda agarrada a ele e me leva para dentro da casa, o lugar é ainda maior do que eu imaginava, desço dos seus braços e caminho em direção à lareira, meus dedos tocam levemente a superfície lisa e eu não posso acreditar que tudo isso está prestes a ser meu. Fecho os olhos, imaginando as crianças brincando e crescendo ao redor. Volto a olhar para Collin e o encontro ajoelhado segurando uma caixinha aberta com um anel dentro, tem uma pedrinha vermelha no centro e inconsciente toco a aliança no meu dedo.

— No dia que te conheci, eu senti algo inexplicável dominar meu corpo. Era um sentimento novo e tão intenso que eu não consegui dar conta, passei minha vida toda sozinho e quando te vi era como se tudo estivesse completamente perfeito, como se você fosse a peça que faltava no meu quebra-cabeça. Naquele momento eu não queria admitir que uma garota, que estava prestes a bater em outra era a certa para mim, então te encontrei no bar e você era a visão perfeita naquele momento, meu erro foi não te reconhecer, porque se isso tivesse acontecido nossa vida teria sido diferente. Quando Carly morreu deixaram apenas um único bilhete dizendo que você tinha uma ligação com a morte dela, eu nunca entendi o por que, mas depois de um tempo os sinais foram ficando mais claros e se ela não tivesse morrido eu não teria você. — Lágrimas escorrem livremente pelo meu rosto e não me importo em pará-las. — Você trouxe luz a minha vida, algo que nunca imaginei poder ter até que quase perdi você. — Collin abaixa a cabeça e

retira o anel da caixinha. — Eu quero você, não só porque você me deu dois filhos lindos, mas porque você me mostrou o que há de melhor na vida. *Você é a mulher dos meus sonhos. Você quer casar comigo e se tornar a mulher da minha vida?*

Eu não preciso dizer que aceitei. Fizemos uma cerimônia pequena, e posso dizer que Mary ficou encantada com Jimmy. Esse meu novo relacionamento com Jimmy é um tanto peculiar, apesar do nosso laço sanguíneo continuamos nos tratando como velhos amigos do café, apenas ocasionalmente ele manda chocolates ou marcamos para tomarmos uma xícara de café. Depois de finalmente conhecê-lo posso dizer porque sou tão distante emocionalmente.

Além da construção do mundo de Carly, comecei o meu primeiro semestre na universidade. Collin, Emma e Noah me acompanharam no primeiro dia, apesar do receio por tudo o que aconteceu na minha vida durante anos, consegui enfrentar bem essa nova etapa, mesmo tendo voltado cinco vezes para o carro antes chegar à porta, só para correr de novo para conforto da minha família, mas antes que eu pudesse fazer isso pela quinta vez Collin trancou as portas do carro e acenou com as janelas do carro fechadas, Noah como uma boa miniatura de Collin imitou todos os seus gestos me obrigando a seguir meu caminho.

O primeiro dia não foi tão ruim quanto imaginei, e conhecer novas pessoas foi como experimentar uma comida nova pela primeira vez. Recomeçar do zero era tudo o que eu precisava.

Depois de algumas semanas, Collin e eu finalmente visitamos o túmulo de Carly. Ela era tão jovem e cheia de vida. Nos poucos meses que ficamos juntas ela me confessou seus sonhos, seus planos. Ela merecia mais, ela merecia a vida e não uma morte tão cruel. Fico no carro observando Collin ajoelhado em frente ao túmulo no mesmo momento em que uma mulher se aproxima dele, eles conversam por alguns minutos e assim que começo a me aproximar deles, ela vai embora deixando-o sozinho, ele abaixa a cabeça e mexe no colar ao lado da foto sorridente de Carly.

Collin

— Obrigado por ter feito os anos da minha vida menos dolorosos, e por ter trazido minha família até mim. — Prendo minha última lembrança dela no seu túmulo, o colar que ela me deu em nossa despedida. Nosso tempo juntos foi tão curto, mas para mim foi como um século.

— *Anthony me perguntou se você era a minha namorada. — Olho para Carly esperando sua reação, enquanto tomamos sorvete na rua. Todo dinheiro que consigo no ferro velho é para que Carly e eu possamos ter momentos como esse.*

— *O que você disse? — Seus olhos estão focados em não deixar nenhuma gota de sorvete escorregar da casquinha.*

— *Eu disse que não.*

— *Ah! — Ela parece levemente desapontada, mas acho que é só impressão minha, porque logo ela volta ao seu estado normal. — Nós vamos sair na próxima semana. — A viagem de Carly é um assunto que tenho evitado desde que ela anunciou, a ideia de ficar sem ela é dolorosa.*

— *Ainda podemos fugir — ofereço mais uma vez, mesmo sabendo sua resposta.*

— *A última coisa que quero fazer é conhecer sua futura mulher antes de morrer, moto man.*

De alguma forma ela acabou conhecendo Livie.

— Quando você trocou a moto pelo carro, moto man? — Levanto a cabeça e encontro os olhos mais vivos me encarando de volta. Seu cabelo antes na cintura, agora está sobre os ombros, seu rosto não está mais magro e há uma cicatriz na sua bochecha a marca de toda agressão que ela sofreu.

— Ela está apenas guardada para momentos especiais — Carly acena levemente e olha em direção a onde Livie está sentada no carro, ela queria que eu me despedisse corretamente de Carly. Não a garota viva e respirando na minha frente, e sim aquela que todos achavam que estava morta, até encontrar o avô de Livie e descobrir tudo o que eles fizeram.

Todas as provas colocadas contra Livie foi uma forma de nos aproximar, Carly não morreu naquela noite, ela forjou sua morte com a ajuda de Jimmy. Davison chegou a descobrir sobre os dois e foi por isso que enviaram os dedos de John com um bilhete assinado por Carly, eles não me contaram realmente como se conheceram, e nem fiz questão de investigar, mesmo que no fundo eu esteja realmente feliz por ela ter tido uma segunda chance, assim como eu tive...

— Por que você fez isso? — falo antes de conseguir me conter.

— Eu precisava pagar minha dívida com os dois por ter os abandonados. Vocês se conheceram, certo? — Aceno concordando. — Então o meu trabalho está feito. — Ela sorri, o mesmo sorriso que me cumprimentou no dia que nos conhecemos. Uma brisa forte passa por nós, e seus olhos se fecham. — Eu nunca quis ir realmente... — Passos se aproximam de nós, olhamos para Livie se aproximando. — Mas eu nunca fui sua para ficar. — Com um último aceno ela vira de costas e desaparece em meio as árvores e túmulos.

— Quem era? — Livie pergunta, enquanto observa Carly desaparecer.

— Apenas uma viúva. — Livie vai saber a verdade um dia, mas no momento prefiro cumprir minha promessa a Jimmy.

Livie

— Quando finalmente estivermos livre, você vai aprender a aproveitar uma brisa no seu rosto. — Carly resmunga quando segura meus braços firmemente me impedindo de sair da chuva que nos atinge.

— Isso é uma tempestade e não uma chuva! — grito quando tento olhar para seu rosto através da chuva torrencial.

— Apenas viva! — ela levanta os braços para cima e roda na chuva, o seu riso se perde em meio ao som forte da chuva.

— Ela dizia que a brisa era uma forma de nos mostrar que estamos vivos — falo para Collin ao mesmo tempo em que encaro a foto de Carly no túmulo.

— Ela estava certa. — Ele beija o topo da minha cabeça e nos afastamos do seu túmulo, Collin olha em direção onde a viúva saiu antes de me puxar para mais perto do seu corpo. Minha mente voa por alguns segundos me questionando se Carly está feliz onde quer que ela esteja.



Você já imaginou uma festa de crianças em clube de motociclistas? Eu também não, eu nem imagino eles perto de crianças. A não ser Mark, mas ele é um caso a se considerar.

A ideia do aniversário de Noah ser no clube foi de Mark, e quando Collin concordou eu me assustei. Mas ele já passou quase um ano morando com eles, com certeza ele deve os conhecer melhor já que não colocaria a segurança deles em risco. Todos estão reunidos ao redor da piscina, inclusive a família de Collin, Claire, Williams, e o lugar não parece tão sombrio quanto imaginei.

Desvio minha atenção para o portão assim que Nico entra no clube, ao mesmo tempo em que vejo Rachel correndo para dentro da casa. Vou atrás dela e a encontro recolhendo as coisas de Jake.

— Onde você está indo? — Rachel ignora a minha pergunta e começa a arrumar sua bolsa e a do Jake como se estivesse fugindo.

— Eu preciso ir. — Ela passa por mim em direção ao corredor, mas retorna quando Nico passa por nós distraído, falando ao telefone. — Merda! — Rachel abaixa a cabeça e eu tenho a pequena impressão de que ela pode está se escondendo atrás de mim.

— O que está acontecendo? — Seus grandes olhos verdes me encaram antes de olhar por cima do meu ombro.

— Nico é o pai de Jake.

— Como? Ele não é um jogador de futebol americano.

— Eu menti. Eu não queria que ele soubesse, eu não queria ser a garota que atrapalha os sonhos do namorado. Eu não queria que ele precisasse escolher. — Antes que eu tenha uma reação Rachel corre em direção aos fundos e pega Jake do parquinho, uma confusão se estende pelos gritos dele. Jake se debate no seu colo e todos observam atônitos sua reação.

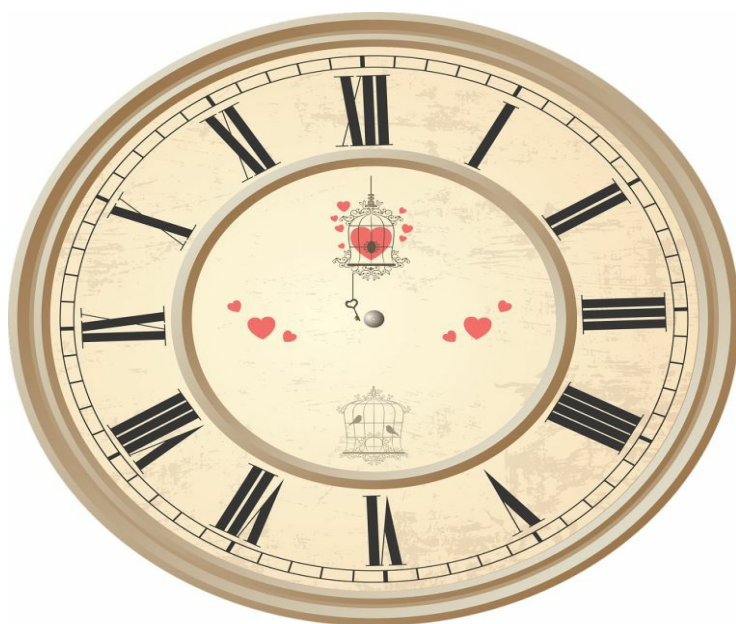
Antes dela chegar ao portão Nico sai da casa, seu olhar cai sobre Rachel e depois sobre Jake.

— Rachel, que merda é essa?

FIM



Próximo Livro



INCONSEQUENTE — Série Silence Angels 3

Prólogo

Mark

O destino é uma merda, e ele sabe disso.

— Olha o que temos aqui. — A voz irritante de Cash faz meus olhos desviarem do corpo inerte e sangrando no chão. Fazer negócios com Cash não é nossa melhor opção, principalmente quando ele não tem o menor problema em deixar seus rastros jogados no chão com um buraco na cabeça. — Vamos lá, porra. Levanta! — Faço um sinal para Frank remover o corpo do chão e ando até Cash que está apontando uma arma para um garoto magricelo. Seu rosto está coberto por um capuz velho, Cash aperta o cano da arma contra o queixo do garoto. — Quem te mandou aqui? O quanto você viu? — O silêncio dele me surpreende, qualquer pessoa com bom senso estaria gritando por sua vida, mas ele apenas encara Cash.

Cash empurra com mais força e antes que ele possa puxar o gatilho eu engato minha arma e aponto na sua direção.

— Solte o garoto e se afasta.

— O quê? — Cash ironiza com um sorriso até que todos a sua volta apontam suas armas para ele. Olhando ao redor ele pressiona a arma mais vez antes de se afastar, mas antes joga o garoto no chão.

— Pronto. Ele está livre. — Guardando a arma na parte de trás da calça ele caminha até sua moto e o resto do seu grupo o segue.

Meu primeiro pensamento foi derrubá-lo com um soco, mas minha terapeuta não ficaria feliz com isso.

— Vocês podem ir, avisem a Liam o estrago que Cash fez.

— Tem certeza de que não quer ajuda com ele? — Frankie aponta o pequeno rato que tenta se levantar com uma de suas mãos pressionando suas costelas.

— Eu posso lidar com ele. — Volto minha atenção para o garoto que

se encolhe. — Qual é o seu nome? — Ele não reconhece minha voz. Quando estico a mão para tocá-lo, ele bloqueia com um golpe, seus olhos finalmente encontram os meus e eu me perco nos azuis mais profundos. Antes que eu possa dizer alguma coisa ele sai correndo, eu fico parado apenas observando seu corpo sumir nas sombras.

Continua...



Agradecimentos

Então chega o momento em que precisamos agradecer... Quero agradecer primeiramente a Deus por ter me permitido sonhar e ter transformado esse meu pequeno sonho em realidade, por ter segurado minha mão diversas vezes e me guiado em direção ao computador todas as vezes em que pensei em desistir.

Quero agradecer a Mariana, minha parceira de crime por ter ficado ao meu lado mesmo escutando os meus lamentos e sempre me incentivando a ter calma e paciência. Sem você *May* não existiria.

Obrigada, Clara. Por ser a voz da razão quando não consigo pensar.

Não posso deixar de agradecer as minhas Little Angels, que estão comigo desde Incapaz e se mantiveram firmes e pacientes aguardando ansiosamente por Mark...Calma, garotas, ele está chegando.

Para finalizar... Só comecei a escrever porque queria dar vida a personagens que não fossem perfeitos. Mesmo que a literatura seja feita para conhecer novos mundos, quero que as pessoas se encontrem e não se sintam sozinhas. Porque vocês não são as únicas que passam por problemas, ou

dificuldades, o que vocês estão sentindo não é algo de outro mundo e em algum lugar do mundo alguém está passando por isso também. Você. Não. Está. Sozinho. E no final o que importa é não desistir mesmo que você não tenha o boy, ou família para te levantar... Você tem você, e é isso que mais importa. Não desista de você.

She Will Be Loved Maroon 5

*Procure a garota com o sorriso partido
Pergunte a ela se ela quer ficar por um tempo...*

[1] SAT, a versão americana do ENEM